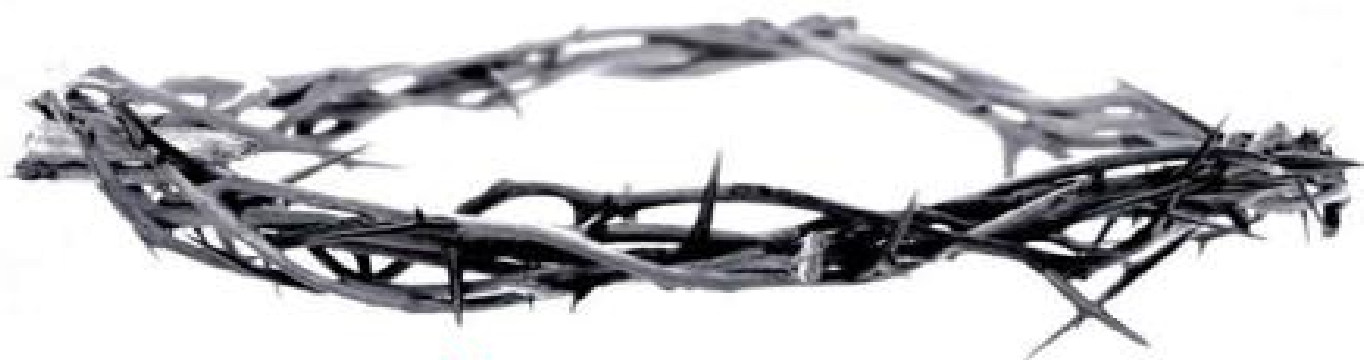


MAIS DE 2 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



OS ÚLTIMOS PASSOS DE JESUS

Um fascinante relato histórico da
vida e dos tempos de Jesus

BILL O'REILLY
E MARTIN DUGARD



SEXTANTE

OS ÚLTIMOS
PASSOS DE
JESUS



OS ÚLTIMOS
PASSOS DE
JESUS

BILL O'REILLY
E MARTIN DUGARD



SEXTANTE

Título original: *Killing Jesus*
Copyright © 2013 por Bill O'Reilly e Martin Dugard
Copyright da tradução © 2015 por GMT Editores Ltda.

Publicado mediante acordo com Henry Holt and Company, LLC, Nova York.



tradução: Fabiano Morais
preparo de originais: Rafaella Lemos
revisão: Hermínia Totti e Tereza da Rocha
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Macmillan Publishers Ltd. / Shutterstock
adaptação de capa: Miriam Lerner
adaptação para eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O77u O'Reilly, Bill
Os últimos passos de Jesus [recurso eletrônico] / Bill O'reilly, Martin Dugard
[tradução de Fabiano Morais]; Rio de Janeiro: Sextante, 2015.
recurso digital

Tradução de: Killing Jesus
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-431-0190-3 (recurso eletrônico)

1. Jesus Cristo – História. 2. Vida cristã. 3. Livros eletrônicos. I. Dugard, Martin. II. Título.

15-19280

CDD: 232
CDU: 27-31

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax.: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br
Site.: www.sextante.com.br

*Este livro é dedicado
a todos os que amam o próximo
como a si mesmos*

N O T A A O L E I T O R

No começo...

Dizer que Jesus de Nazaré foi o homem mais influente de todos os tempos é quase chover no molhado. Cerca de 2 mil anos depois de ele ter sido brutalmente executado por soldados romanos, mais de 2,2 bilhões de seres humanos tentam seguir suas lições e acreditam que ele é Deus. Os ensinamentos de Jesus moldaram o mundo e continuam a fazê-lo até hoje.

Muito já se escreveu sobre Jesus, o filho de um humilde carpinteiro, mas pouco se sabe a respeito dele. Naturalmente, temos os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, porém eles às vezes parecem contraditórios entre si e foram escritos a partir de um ponto de vista espiritual, não como um registro histórico da vida de Jesus. Quem Jesus foi de fato e o que exatamente aconteceu com ele são temas polêmicos que muitas vezes geram discussões acirradas.

Com este livro, Martin Dugard e eu não pretendemos sugerir que sabemos tudo a respeito de Jesus. Mas sabemos muito e lhe contaremos coisas que você provavelmente nunca ouviu. Nossa pesquisa se revelou ao mesmo tempo fascinante e frustrante. Há enormes lacunas em nosso conhecimento da vida de Jesus, e por vezes só nos resta deduzir o que aconteceu tomando por base as melhores evidências disponíveis. Na medida do possível, procuramos nos basear em obras clássicas. Nossas fontes principais estão listadas no final do livro. Quando não sabemos o que aconteceu ou quando acreditamos que a evidência que estamos citando não é 100% garantida, deixamos isso claro.

Os romanos mantiveram registros formidáveis desse período e alguns historiadores judeus da Palestina também registraram por escrito os acontecimentos na época. O problema é que foi somente nos últimos momentos da curta vida de Jesus que ele se tornou o centro das atenções do

poder instituído. Até então, ele era só mais um judeu lutando pela sobrevivência em uma sociedade hostil. Apenas seus amigos davam importância ao que Jesus estava fazendo.

Esses amigos transmitiram muitas informações verbalmente, e por isso temos a narrativa dos Evangelhos. Mas este não é um livro religioso. Não falaremos de Jesus como o Messias, mas apenas com um homem que fascinou uma região remota do Império Romano e conquistou inimigos muito poderosos ao pregar uma filosofia de paz e amor. Na verdade, o ódio de que Jesus foi alvo e tudo o que ele causou podem por vezes chocar o leitor. Esta é uma história violenta que se passa tanto na Judeia quanto em Roma, onde os imperadores eram também considerados deuses por seus fiéis seguidores.

Martin Dugard e eu somos católicos apostólicos romanos e estudamos em colégios religiosos. Mas também somos historiadores, e nosso principal interesse é contar a verdade sobre figuras importantes. Não temos a intenção de converter quem quer que seja a uma causa espiritual.

Para entender o que Jesus conquistou e como ele teve que pagar por isso com a própria vida precisamos compreender o que estava acontecendo à sua volta. Nessa época, Roma dominava o mundo ocidental e não admitia dissidências. A vida humana valia muito pouco. A expectativa de vida era de menos de 40 anos, e você não chegaria nem perto dessa idade se por acaso atraísse a ira da classe dominante romana. Em 1949, o jornalista Vermont Royster fez uma excelente descrição desse período:

Havia opressão – porque... de que valia um homem senão para servir a César?

Havia perseguição a homens que ousassem pensar de maneira diferente, que ouvissem vozes ou lessem manuscritos estranhos. Havia escravidão de homens cujas tribos não fossem originárias de Roma, desdém por aqueles que não tivessem um semblante familiar. E, acima de tudo, havia desprezo pela vida humana. O que era, para os poderosos, um homem a mais ou a menos em um mundo tão populoso?

Então, de repente, havia uma luz no mundo e um homem da Galileia que dizia: deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

E a voz da Galileia, que desafiaria César, ofereceu um novo reino em que todos os homens poderiam andar de cabeça erguida e

não teriam que se curvar a ninguém, apenas perante o seu Deus... Então fez-se a luz no mundo e os homens que viviam na escuridão ficaram com medo e tentaram ocultá-la de modo que a humanidade continuasse acreditando que a salvação estava em seus líderes.

Mas o que aconteceu foi que, durante algum tempo e em vários lugares, a verdade de fato libertou os homens, por mais que aqueles que vivem na escuridão tenham se ofendido e tentado apagar a luz.

E esses últimos venceram (pelo menos a curto prazo): Jesus foi executado. Mas a incrível história por trás dessa luta mortal entre o bem e o mal nunca foi contada por inteiro. Até agora. Este é o nosso objetivo.

Bill O'Reilly
Long Island, Nova York

L I V R O I



O mundo de Jesus

C A P Í T U L O U M

Belém, Judeia

Março, 5 a.C.

Manhã

A criança que viverá apenas 36 anos está sendo caçada.

Soldados fortemente armados da capital Jerusalém estão marchando em direção a essa pequena cidade, determinados a encontrar e matar o pequeno menino. Trata-se de um grupo composto de mercenários estrangeiros vindos da Grécia, da Gália e da Síria. O nome da criança, que eles desconhecem, é Jesus, e seu único crime é o fato de alguns acreditarem que ele será o próximo rei do povo judeu. O monarca atual – um déspota à beira da morte, metade judeu, metade árabe, chamado Herodes – está tão decidido a garantir a morte desse bebê que deu ordens para seu exército executar todas as crianças do sexo masculino com menos de 2 anos em Belém.^[1] Nenhum dos soldados sabe quem são os pais da criança ou a localização exata de sua casa, daí a necessidade de matar todos os bebês na pequena cidade e nas áreas vizinhas. Somente isso poderá assegurar o extermínio do potencial rei.

É primavera na Judeia, o auge do período de reprodução das ovelhas. A estrada de terra sinuosa conduz o exército através de bosques cerrados de oliveiras e pastores cuidando de seus rebanhos. Os soldados calçam sandálias, trazem as pernas nuas e usam saiotos chamados de *pteruges* para cobrir seus quadris. Os jovens suam em bicas debaixo das placas de armadura que cobrem o peito e dos elmos de bronze que protegem a cabeça e as laterais do seu rosto.

Os soldados conhecem muito bem a notória crueldade de Herodes e sabem que ele está disposto a matar qualquer um que tente ameaçar o seu trono. Mas não há nenhum questionamento moral a respeito do assassinato de

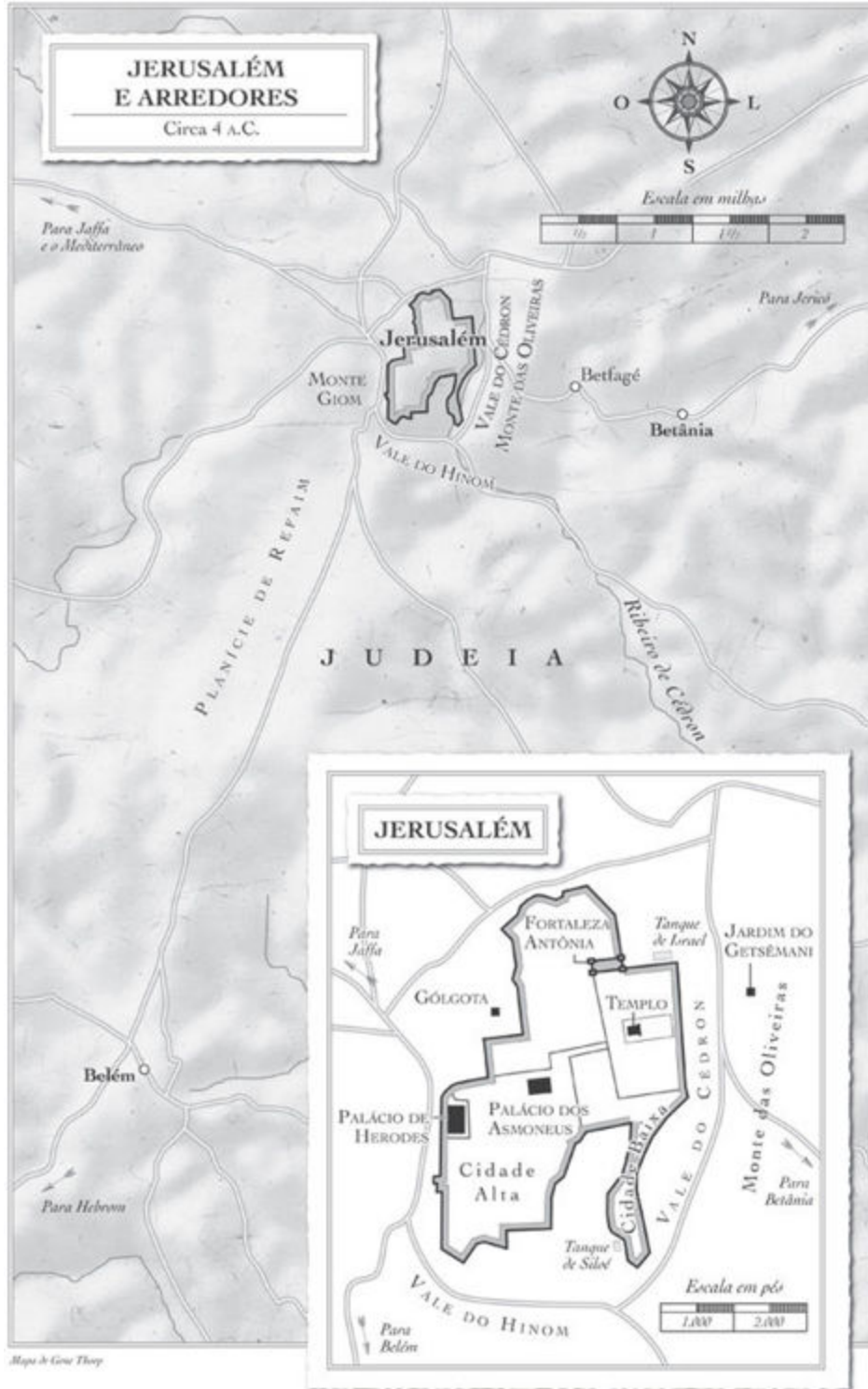
crianças.^[2] Os soldados tampouco se perguntam se terão coragem de arrancar um bebê aos prantos dos braços da mãe e executá-lo. Quando chegar a hora, cumprirão as ordens e farão o trabalho – caso contrário, serão mortos imediatamente por insubordinação.

É com a lâmina da espada que eles planejam matar os bebês. Todos os soldados estão armados com as versões judias das armas afiadas preferidas pelas legiões romanas, *pugio* e *gladius*, e trazem-nas presas à cintura. O método de execução, no entanto, não se limitará a punhais e espadas. Se quiserem, os soldados de Herodes também poderão usar uma pedra para esmagar a cabeça dos bebês, atirá-los em massa de um precipício ou simplesmente fechar os punhos em volta de seu pescoço e estrangulá-los.

A causa da morte não faz diferença. A única coisa que importa é que, rei dos judeus ou não, o bebê deve morrer.



Enquanto isso, em Jerusalém, o rei Herodes olha por uma janela do palácio em direção a Belém, aguardando ansiosamente a confirmação do massacre. Nas ruas calçadas de pedras abaixo dele, o rei nomeado pelos romanos vê os mercados lotados, onde comerciantes vendem de tudo, desde água e tâmaras até quinquilharias para turistas e cordeiro assado. A cidade murada com cerca de 80 mil habitantes aglomerados em menos de 2,5 quilômetros quadrados é um ponto de interseção no Mediterrâneo Oriental. Com um simples olhar à sua volta, Herodes consegue ver camponeses da Galileia em visita, mulheres sírias em trajes suntuosos e os soldados estrangeiros que ele paga para lutarem suas batalhas. Esses homens são combatentes excepcionais, mas não são judeus nem falam uma só palavra em hebraico.





O massacre dos inocentes de Herodes

Herodes suspira. Em sua juventude, jamais teria ficado parado diante de uma janela preocupado com o futuro. Um grande rei guerreiro como ele teria ordenado que seu cavalo de batalha preferido fosse selado para ele mesmo cavalgar até Belém e matar a criança. Mas ele agora é um homem de 69 anos. Obeso e com incontáveis problemas de saúde, encontra-se fisicamente impossibilitado de sair do palácio, quanto mais montar a cavalo. Seu rosto inchado é emoldurado por uma barba que se estende desde a base do queixo até o pomo de adão. Hoje, ele veste um manto real roxo em estilo romano sobre uma túnica de seda branca com mangas curtas. Normalmente, Herodes prefere perneiras de couro macio tingidas de roxo. Mas, no momento, até o roçar do mais suave tecido em seu dedão do pé inflamado poderia fazê-lo gritar de dor. Assim, o homem mais poderoso da Judeia manca pelo palácio descalço.



Herodes, o Grande supervisionando a expansão do Templo

Mas esse é o menor de seus problemas. O rei dos judeus – como gosta de ser chamado esse convertido não praticante – também sofre de doença pulmonar, disfunção renal, vermes, problemas cardíacos, doenças sexualmente transmissíveis e um tipo terrível de gangrena que fez seus órgãos genitais apodrecerem, deixando-os pretos e infestados de larvas – o que explica por que ele não pode montar em um cavalo, quanto mais cavalgá-lo.

Herodes aprendeu a viver com seus incômodos e dores, mas esses alertas sobre um novo rei em Belém o estão deixando temeroso. Desde que os romanos o instituíram como governante da Judeia mais de 30 anos atrás, ele frustrou inúmeros complôs para tirá-lo do poder e travou muitas guerras para defender seu reinado. Assassinou todos os que tentaram tomar seu trono e chegou a mandar matar aqueles de que apenas suspeitava. Seu poder sobre os súditos é absoluto. Ninguém na Judeia está a salvo das execuções de Herodes. Ele já ordenou mortes por enforcamento, apedrejamento, estrangulamento, fogo, espada, animais ferozes, serpentes, espancamento e uma espécie de suicídio público em que a vítima é forçada a se jogar de algum edifício alto. A única forma de execução que nunca usou é a crucificação, a mais lenta e humilhante das mortes, na qual o condenado é açoitado e depois pregado nu em uma cruz de madeira diante das muralhas da cidade, ao alcance da vista de todos. Os romanos são os mestres dessa arte brutal e a utilizam quase que exclusivamente. Herodes nem sonharia em enfurecer seus superiores em Roma se apropriando de sua forma favorita de assassinato.

Herodes tem 10 esposas – ou, melhor, *tinha*, antes de executar a impetuosa Mariana por supostamente tramar contra ele. Para não deixar por menos, também ordenou a morte da mãe da esposa e de dois filhos seus, Alexandre e Aristóbulo. Dali a um ano, ele viria a matar mais um filho homem. Não é de espantar que corresse boatos de que o grande imperador romano César Augusto teria dito abertamente: “É melhor ser um porco de Herodes do que seu filho.”

Mas essa nova ameaça, embora venha na forma de uma simples criança, é a mais perigosa de todas. Há séculos os profetas judeus vêm prevendo a chegada de um novo rei para governar seu povo.^[3] Eles profetizaram cinco acontecimentos específicos que confirmarão o nascimento do novo Messias.

O primeiro é uma grande estrela que vai despontar no céu.

O segundo é o fato de que o bebê nascerá em Belém, a pequena cidade em que o grande rei Davi nasceu há mil anos.

A terceira profecia é que a criança também deve ser descendente direta de Davi, o que pode ser facilmente comprovado graças aos meticulosos registros genealógicos do Templo.

A quarta é que homens poderosos virão de longe para adorá-lo.

Por fim, a mãe da criança deve ser uma virgem.^[4]

O que mais perturba Herodes é que ele sabe que as duas primeiras profecias são verdadeiras.

Ficaria ainda mais aflito se soubesse que todas as cinco já se concretizaram. A criança é da linhagem de Davi; homens poderosos vieram de longe para adorá-la e sua mãe adolescente, Maria, jura que ainda é virgem apesar da sua gravidez.

Ele também não sabe que o nome da criança é Yeshua ben Yosef, ou Jesus, que significa “o Senhor é a salvação”.

Herodes é informado do nascimento de Jesus pelos viajantes que vieram adorar o bebê. Esses homens são chamados de Magos e passam pelo castelo para prestar homenagens ao rei antes de seguirem caminho e fazer o mesmo com Jesus. São astrônomos, adivinhos, sábios, estudiosos dos textos religiosos mais importantes do mundo. Entre esses livros está o Tanakh,^[5] uma coleção de narrativas, profecias, poemas e cânticos que contam a história do povo judeu. Os estrangeiros atravessam quase 1.600 quilômetros de um deserto hostil, seguindo uma estrela de brilho extraordinário que desponta no céu todos os dias antes do amanhecer.

– Onde está o recém-nascido rei dos judeus? – indagam eles com firmeza logo que chegam à corte de Herodes. – Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo.^[6]

Espantosamente, os Magos carregam baús repletos de ouro e das resinas aromáticas mirra e olíbano. Esses sacerdotes são homens cultos, eruditos, que enxergam a vida de forma analítica e racional. Herodes só pode concluir que ou os Magos enlouqueceram, por se arriscarem a ter tamanha riqueza roubada no deserto vasto e sem lei da Pártia, ou realmente acreditam que essa criança é o novo rei.

Furioso, Herodes convoca seus conselheiros religiosos. Como um homem laico, conhece pouco as profecias judaicas e insiste em que esses sacerdotes e professores da lei religiosa lhe digam exatamente onde encontrar o novo rei.

A resposta é imediata:

– Em Belém, na Judeia.

Os professores que Herodes interroga são homens humildes que vestem toucas e túnicas simples de linho branco. Já os sacerdotes barbudos do Templo são muito diferentes. Vestem trajes elaborados, compostos de toucas de linho branco e azul com bainha dourada sobre a testa e túnicas azuis adornadas com franjas e borlas vistosas. Sobre essas túnicas usam capas e algibeiras enfeitadas de ouro e pedras preciosas. Suas vestimentas normalmente os distinguem do restante da população de Jerusalém. No entanto, mesmo em seu estado lamentável, o rei Herodes é de longe o homem mais imponente do recinto. Ele continua a pressionar os professores e os sacerdotes, pedindo uma resposta:

– Onde está este suposto rei dos judeus?

– Em Belém, na terra de Judá.

Eles então citam textualmente as palavras do profeta Miqueias, proferidas cerca de sete séculos antes:

– Pois de ti virá o líder que, como pastor, conduzirá Israel, o meu povo.

Herodes manda que os Magos sigam seu caminho. Seu último decreto real antes de eles partirem é que os viajantes encontrem a criança, voltem a Jerusalém e revelem sua exata localização, para que ele possa ir até lá adorar pessoalmente esse novo rei.

Os Magos, no entanto, não se deixam enganar. Eles não voltam ao palácio.

Então o tempo vai passando e Herodes percebe que precisa tomar uma atitude. Das janelas de seu palácio fortificado ele pode ver toda a cidade de Jerusalém. À sua esquerda ergue-se o grande Templo, o edifício mais importante e sagrado de toda a Judeia. Posicionado sobre uma plataforma de pedra maciça que lhe dá a aparência de uma cidadela, em vez de um simples local de adoração, o Templo é o símbolo materializado do povo judeu e de sua fé ancestral. Construído originalmente por Salomão no século X a.C., foi derrubado pelos babilônios em 586 a.C. O Segundo Templo foi erguido por Zorobabel e outros sob o domínio dos persas cerca de 70 anos depois. Herodes havia renovado todo o complexo, expandindo o Templo até que tomasse proporções épicas e se tornasse muito maior que o de Salomão. O Templo e seus pátios agora são um símbolo não só do judaísmo, mas do próprio rei cruel.

Por isso é uma ironia que, enquanto Herodes olha aflito em direção a Belém, Jesus e seus pais já tenham viajado duas vezes a Jerusalém para visitar essa grande fortaleza de pedra construída sobre o local em que o patriarca judeu Abraão quase sacrificou seu filho Isaque. A primeira visita ao Templo se deu oito dias após o nascimento de Jesus,^[7] para que ele pudesse ser circuncidado. Nessa ocasião, a criança foi registrada com o nome Jesus, de acordo com a profecia. A segunda visita foi quando ele tinha 40 dias de idade. O menino Jesus foi levado até lá para ser apresentado formalmente a Deus, em observância às leis da fé judaica. Seu pai José, um carpinteiro, comprou um par de jovens pombas para serem sacrificadas por conta dessa ocasião tão especial.

Algo muito estranho e místico ocorreu quando Jesus e seus pais entraram no Templo naquele dia – algo que sugeria que o menino talvez fosse mesmo muito especial. Dois completos estranhos, um idoso e uma idosa – sendo que nenhum dos dois sabia nada a respeito daquele bebê chamado Jesus ou do fato de a vinda dele ser o cumprimento de uma profecia – o viram no outro lado do local de adoração cheio de gente e foram até ele.

Maria, José e Jesus estavam viajando no mais completo anonimato, evitando qualquer coisa que pudesse chamar atenção para eles. O velho, cujo nome era Simeão, acreditava que não iria morrer antes de ver o novo rei dos judeus. Ele pediu para segurar o recém-nascido e Maria e José permitiram. Quando tomou Jesus nos braços, Simeão ofereceu uma prece a Deus, agradecendo-lhe pela chance de ver o novo rei com os próprios olhos. Então entregou o menino de volta a Maria com as seguintes palavras:

– Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, de modo que o pensamento de muitos corações será revelado. Quanto a você, uma espada atravessará a sua alma.

Nesse exato momento, uma mulher chamada Ana^[8] também se aproximou. Ela era uma profetisa de 84 anos, viúva, que passava todas as horas do dia no Templo, jejuando e orando. As palavras de Simeão ainda ecoavam nos ouvidos de Maria e José quando Ana se aproximou e também louvou Jesus. Ela agradeceu a Deus em voz alta por trazer aquele menino tão especial ao mundo. Então disse algo inusitado, afirmando aos pais da criança que seu filho libertaria Jerusalém do domínio romano.

Maria e José ficaram maravilhados com as palavras de Simeão e Ana, lisonjeados com a atenção deles, como quaisquer pais de primeira viagem

ficariam, mas também sem saber o que realmente significava toda aquela conversa sobre espadas e redenção. Eles acabaram o que tinham a fazer e saíram do Templo em direção à fervilhante cidade de Jerusalém, ao mesmo tempo entusiasmados e temerosos quanto à vida que seu filho parecia estar destinado a ter.



Se ao menos Herodes soubesse que Jesus estivera tão próximo – literalmente a cerca de 600 metros do salão do trono –, seu tormento teria chegado ao fim. Mas Jesus e seus pais eram apenas mais três rostos que cruzavam os mercados ruidosos e as ruas estreitas e sinuosas a caminho do Templo naquele dia.

Esse é um templo que permanecerá erguido para sempre como um monumento à grandeza de Herodes – ao menos assim ele acredita. Por ironia, ele nem sequer é bem-vindo entre as suas paredes, graças à sua total falta de devoção ou fé e à crueldade com que subjuga o povo judeu.

Além do Templo, do outro lado do vale do Cédron, ergue-se o Monte das Oliveiras, onde os pastores cuidam de seus rebanhos nas encostas cobertas de pedras calcárias. A festa da Páscoa se aproxima, trazendo dezenas de milhares de peregrinos hebreus, vindos de todo o reino de Herodes, dispostos a pagar um bom preço por aqueles carneiros para que sejam oferecidos em sacrifício no grande Templo.

Em muitos aspectos, o massacre dos bebês em Belém não é diferente. Eles estão sendo sacrificados pelo bem do reinado de Herodes – o que é o mesmo que dizer que estão sendo assassinados em nome do Império Romano. Sem Roma, Herodes não é nada, apenas um fantoche que deve seu poder unicamente àquela república brutal e onipotente. É seu direito e dever disseminar a opressão romana, pois esse reino não é como nenhum outro sob o punho de ferro de Roma. O povo judeu é uma civilização milenar fundada a partir de um sistema de crenças contrário ao romano, que adora várias divindades pagãs em vez de um deus único.

Herodes é o mediador desse relacionamento instável. Os romanos o responsabilizarão por qualquer problema causado por um suposto novo rei dos judeus. Não irão tolerar um governante que não tenha sido escolhido por eles. E se os seguidores desse novo “rei” incitarem uma revolução, os

romanos, sem dúvida, intervirão imediatamente para esmagar com brutalidade essa voz dissidente. É melhor Herodes cuidar pessoalmente disso.

Ele não consegue ver Belém do palácio, mas a cidade fica a menos de 10 quilômetros de distância, do outro lado de algumas colinas verdes. Herodes não pode enxergar o sangue que banha suas ruas nesse exato instante nem ouvir o choro das crianças aterrorizadas e seus pais. Enquanto olha pela janela do palácio, sua consciência está tranquila. Que os outros o condenem pelo assassinato de mais de uma dezena de bebês. Ele dormirá sossegado à noite, sabendo que a matança é pelo bem de seu reino, pelo bem da Judeia e pelo bem de Roma. Se César Augusto for informado do massacre, ele certamente entenderá: Herodes está fazendo o que precisa ser feito.



Jesus e sua família escapam por pouco de Belém. José desperta de um sonho apavorante e tem uma visão do que está por vir. Ele acorda Maria e Jesus na calada da noite e eles fogem. Os soldados de Herodes chegam tarde demais e massacram os bebês em vão, cumprindo a profecia feita 500 anos antes pelo profeta contestador Jeremias.^[9]

As Escrituras trazem muitas outras profecias sobre a vida de Jesus. Pouco a pouco, mas de forma incontestável, à medida que a criança se torna um homem, essas previsões também se confirmam. O comportamento de Jesus fará com que ele seja considerado um revolucionário, conhecido em toda a Judeia por seus discursos surpreendentes e ensinamentos fora dos padrões. Ele será adorado pelo povo judeu, mas irá se tornar uma ameaça para aqueles que lucram às custas da população menos favorecida: os sacerdotes, os escribas, os anciãos, os governantes da Judeia – que não passam de marionetes de Roma – e, sobretudo, o Império Romano.

E Roma não tolera ameaças. Graças aos exemplos de impérios como os dos macedônios, dos gregos e dos persas, que vieram antes deles, os romanos aprenderam e dominaram as artes da tortura e da perseguição. Revolucionários e qualquer um que arranje problemas são tratados com rigor e crueldade para que outros não se sintam tentados a imitá-los.

O mesmo acontecerá com Jesus e também será a confirmação de uma profecia.

Porém todas essas coisas ainda estão por vir. Por ora, Jesus ainda é um bebê, criado e amado por Maria e José. Ele nasceu em um estábulo, foi visitado pelos Magos e recebeu seus presentes suntuosos, mas agora está fugindo de Herodes e do Império Romano.[\[10\]](#)

C A P Í T U L O D O I S

Roma

15 de março de 44 a.C.

11 da manhã

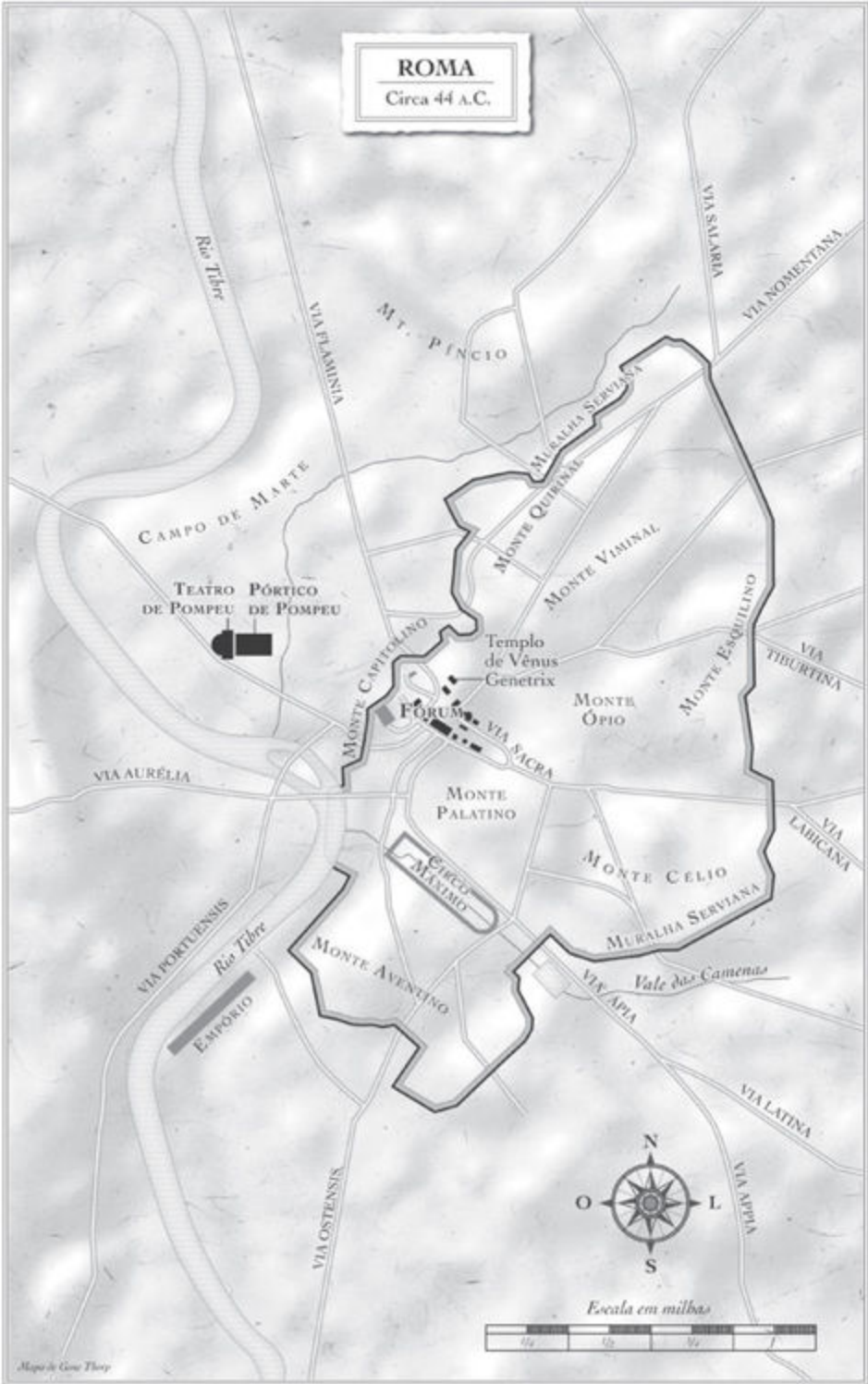
O ditador que tem apenas mais uma hora de vida chega montado nos ombros de escravos. Júlio César está sentado com todo o conforto em sua liteira, vestido à sua maneira habitualmente elegante: um cinto folgado, uma toga de lã roxa sobre uma túnica de seda branca e uma coroa de folhas de carvalho na cabeça, que serve não só para atestar seu heroísmo como para esconder a calvície que o incomoda. Nos últimos tempos, César desenvolveu uma preferência por botas vermelhas de cano alto, mas esta manhã seus pés estão calçados com sandálias.

Ele mal consegue pensar na reunião com o senado romano, para a qual já está atrasado. Os pensamentos que mais ocupam sua mente são os boatos a respeito de uma morte – a sua. Mas, naturalmente, César não faz ideia de que, desta vez, os rumores sobre seu fim iminente se mostrarão mais do que verdadeiros.

Júlio César é o homem mais poderoso do mundo; ele não só mudou o número de dias por ano como em breve terá o mês de seu nascimento e o calendário inteiro renomeados em sua homenagem. Hoje é o equivalente a quarta-feira na semana judaica de sete dias. Os romanos, entretanto, adotam um ciclo de oito dias e usam apenas letras para designá-los, em vez de lhes dar nomes. Assim, hoje é apenas “G”. Eles também acreditam que devem atribuir um número a cada nascer do sol, de modo que este é o 15º dia de Martius do ano 44 a.C., no recém-inaugurado calendário juliano de César.

A data também é conhecida como os Idos de Março. E, como logo escreveria Cícero, o grande orador e advogado romano: “Os Idos mudaram

tudo.”



Com 55 anos, Divus Julius – “Júlio, o Deus”, como o senado romano irá proclamá-lo mais tarde – está sendo carregado por toda a cidade de Roma. Faz um calor agradável e, a certa distância, as pessoas observam César passar, admiradas. Ele é um homem de altura mediana, mas de extraordinária determinação, e como imperador romano conquistou, invadiu ou fez alianças com as regiões que no futuro serão chamadas de Espanha, Grã-Bretanha, França, Egito e Itália.

Sua vida pessoal é contraditória. Apesar de comer pouco e beber ainda menos, César é perdulário em outros aspectos – como quando ordenou a construção de uma nova vila apenas para, assim que as obras foram concluídas, demoli-la por achar que ela não havia ficado perfeita. E, enquanto muitos homens romanos controlam a libido por acreditarem que sexo demais pode sugar sua virilidade, ele não possui tais escrúpulos. Calpúrnia é sua terceira esposa, mas ele já teve muitas amantes, entre as quais a ambiciosa Cleópatra do Egito.



Júlio César

Agora, recostado em sua liteira, o musculoso estadista-guerreiro reflete sobre o tema do assassinato – o seu próprio. Amigos, adivinhos e até sua amada esposa – que César levou para a cama pela primeira vez quando ele tinha 40 anos e ela era uma virgem de 16 – o alertaram de que algo terrível vai acontecer hoje. Foi Calpúrnia quem o fez se atrasar esta manhã. Na noite passada, ela teve um sonho muito real de que ele seria assassinado, e implorou a César que não fosse ao senado. Sob circunstâncias normais, ele teria ignorado esses presságios, mas nos últimos dias seus informantes o advertiram em caráter de urgência sobre uma conspiração para matá-lo. Entre dar importância àqueles alertas e ignorá-los, César escolheu a segunda opção – e até fazia piada deles.

– Qual é a melhor forma de morrer? – perguntou Lépido, braço direito de César, duas noites atrás durante o jantar.

– Sem nenhum aviso – retrucou o ditador.

Durante boa parte da manhã, César se permitiu dar ouvidos aos temores de Calpúrnia. Chegou até a enviar uma mensagem ordenando o cancelamento da reunião. Mas então Décimo Bruto, o grande general que havia esmagado a esquadra veneziana durante as Guerras da Gália, foi à casa de César e implorou que ele ignorasse os pesadelos de sua esposa. Ele lembrou-lhe de que o governante em breve terá que ir à Pártia, a região a oeste da Judeia onde as legiões romanas haviam sofrido uma de suas piores derrotas na Batalha de Carras, cerca de 10 anos atrás. O objetivo de César é subjugar os pártios – que vêm dos desertos montanhosos que compõem a região que no futuro será conhecida como Oriente Médio –, dando prosseguimento à expansão global do domínio romano.

A data marcada para a viagem é 18 de março, daqui a apenas três dias. César pode ficar meses afastado, talvez um ano inteiro. Portanto, é fundamental que ele se reúna com o senado para resolver qualquer questão pendente. Bruto também sugere que pode haver uma bela surpresa à espera de César. Há um mês, os 900 membros do senado o nomearam ditador vitalício. Agora Bruto está insinuando que eles talvez também o coroassem rei esta manhã, o que o transformaria no primeiro monarca a governar Roma em quase 500 anos.



Os cidadãos romanos vivem em uma república desde que Lúcio Tarquínio, o Soberbo foi deposto em 509 a.C., e são tão avessos à monarquia que a palavra *rex* – “rei”, em latim – é considerada repulsiva. Porém, à medida que se aproxima sua reunião com o senado, César tem cada vez mais certeza de que o povo não pensa o mesmo a respeito dele. Há muito tempo ele vem se dedicando a manter as massas felizes. Uma de suas estratégias para isso é garantir que entretenimentos populares estejam ao alcance de todos, distraíndo-os de qualquer crítica que possam ter ao governo. Agora mesmo, por exemplo, enquanto César vai de sua casa, na Via Sacra, para o senado, que fica além do *pomerium*, a fronteira sagrada de Roma, ele pode ouvir o clamor das multidões na grande arena do Teatro de Pompeu, onde elas se reúnem para assistir a uma batalha sangrenta de gladiadores.

O Teatro de Pompeu foi construído pelo maior rival de César e batizado em sua homenagem. A estrutura em colunas é feita de pedra e concreto e se destaca dos teatros de madeira que há tanto tempo fazem parte da vida romana. Trata-se de uma obra arquitetônica grandiosa e complexa – tão monumental que nos 700 anos de história de Roma nunca houve um espaço dedicado ao entretenimento maior ou mais avançado do que esse. Uma das metades é composta pelo anfiteatro em forma de *D*, onde ocorrem

espetáculos populares como peças e lutas de gladiadores. Batalhas encenadas com elefantes já foram realizadas ali, assim como combates muito reais entre homens e leões.

Seus jardins possuem canteiros de flores deslumbrantes e arcadas decoradas com fontes e estátuas, além de serem parcialmente cobertos, para que as pessoas possam se abrigar da chuva ou do sol. A outra parte desse “teatro” é o grande salão com piso de mármore. Fresco e silencioso, esse é o local onde se reúne o senado romano. César poderia ter trocado o nome do complexo após a execução de Pompeu, mas denegrir a memória de seu rival não teria nenhuma utilidade política. Portanto, ainda é o nome de Pompeu que adorna essa estrutura magnífica, e uma gigantesca estátua de mármore do general derrotado observa o pórtico do grande salão, como se ouvisse tudo o que o senado tem a dizer.

O povo de Roma se aglomera alegremente ao redor da liteira de César enquanto os escravos o carregam em direção ao Campo de Marte, uma área plana ao longo do rio Tibre onde as legiões romanas se reúnem antes de marcharem para a guerra. Certa vez, para garantir sua popularidade entre as tropas, César ofereceu a cada um dos soldados um escravo particular, retirado das fileiras dos gauleses recentemente derrotados pelos romanos em batalha. Os legionários nunca se esqueceram desse presente e o retribuem demonstrando seu apoio incondicional ao soberano. Então, ao contrário de muitos governantes, César não teme por sua segurança. Chegou inclusive a transferir os 2 mil soldados que serviam como sua guarda pessoal e não tem medo de andar livremente pelas ruas de Roma, para que todos vejam que ele não é um tirano.

– Prefiro morrer a ser temido – dizia ele.

Quando chega ao seu destino no Teatro de Pompeu, César encontra um rosto familiar na multidão.

– O dia contra o qual você me alertou chegou – exclama César para Espurina, o adivinho que teve a ousadia de prever que um destino terrível recairia sobre o líder do império neste exato dia.

Espurina tinha suas visões ao observar as vísceras de ovelhas e galinhas sacrificadas. A deusa Vênus Genetrix é a divindade particular de César, que dedicou um grande templo em sua homenagem, mas, esta manhã, religião e superstição lhe parecem ser de pouca valia. Ele traz um sorriso confiante no rosto, que logo desaparece quando Espurina profere sua resposta.

– Sim – grita o harúspice etrusco acima do clamor do povo leal de Roma, que se amontoa ao redor da liteira de César. Ele está muito seguro de sua previsão e não tem medo de ser repreendido pelo que está prestes a dizer: – Ele chegou, mas ainda não terminou.

César ouve essas palavras, mas não oferece resposta. Segurando sua toga roxa contra o próprio corpo com o braço esquerdo, ele desce da liteira, esperando em breve tornar-se rei de Roma.



Mas não haverá coroação. Em vez disso, os assassinos o aguardam dentro do senado. Eles não são soldados nem cidadãos indignados, mas os autoproclamados “Libertadores”: dezenas dentre os amigos mais próximos e aliados mais leais a César, homens de estatura e origem nobre, de sua total confiança, com os quais ele dividiu inúmeras refeições e vitórias no campo de batalha. Esses senadores corruptos estão incomodados com o poder cada vez maior de César e seu desejo de ser rei. Essa ascensão garantiria não só a autoridade do soberano por toda a vida, mas também que ela fosse transmitida ao herdeiro de sua escolha após sua morte. Nem mesmo o fato de ele ter recusado uma coroa que seu bom amigo Marco Antônio tentara recentemente colocar em sua cabeça é suficiente para tranquilizá-los. Foi com esses pensamentos em mente, além das dúvidas torturantes quanto a se teriam ou não coragem para executar o assassinato planejado, que os senadores insurgentes passaram a manhã inteira aguardando em seus assentos no senado, com *pugiones* recém-afiados escondidos debaixo das dobras grossas de suas togas.

Os Libertadores estão em minoria – apenas 60 homens entre 900 – e, se perderem a calma, é muito provável que sejam presos, executados ou exilados. César é conhecido como um homem benevolente, mas também não tarda a se vingar, como no dia em que ordenou a crucificação de um bando de piratas que o havia raptado. “Benevolente” nessa ocasião significou que os carrascos passaram a lâmina afiada de um *pugio* pela goela de cada pirata antes de pregá-lo à cruz, de modo que sua morte fosse mais rápida.

Alguns dos senadores, como o general e estadista Décimo Júnio Bruto Albino, já lutaram em batalhas e estão bem acostumados a matar. Bruto, como ele é conhecido, foi o senador enviado à casa de César a fim de atraí-

lo para a reunião quando tudo indicava que ele não viria. Foi César quem o nomeou para o cargo de pretor, ou magistrado. Mas a família de Bruto tem uma longa tradição de rejeitar tiranos: no ano 509 a.C., a deposição de Tarquínio, o Soberbo, que representou o fim da monarquia romana, é atribuída a Júnio Bruto. Essa rebelião foi tão fria e calculista quanto o assassinato de César planejado pelos Libertadores.

Outros senadores, como o beerrão Lúcio Tílio Cimbro e seu aliado Públio Servílio Casca Longo, têm as mãos suaves e lisas de oficiais eleitos. Brandir uma lâmina mortal será uma sensação nova para eles.

Assassinar César é a ideia mais ousada – e perigosa – que se pode ter. Não há nenhum outro homem como ele. Na verdade, ele se tornou o maior símbolo vivo do poder e da agressividade de Roma. César consolidou seu domínio sobre a política romana de tal forma que o único resultado provável de seu assassinato seria a anarquia e talvez até mesmo o fim da república.



Mas essa não é a primeira vez que alguém quis ver Júlio César morto. Em Roma, a população de 1 milhão de habitantes é impulsiva e imprevisível. César é conhecido por todos e admirado pela maioria. Desde os 15 anos, quando seu pai morreu de forma repentina enquanto calçava os sapatos pela manhã, ele enfrentou uma sucessão de desafios para alcançar o sucesso. Mas cada obstáculo só serviu para torná-lo mais forte, e a cada vitória arduamente conquistada sua lenda crescia, assim como seu poder.

Mas nenhum momento será tão glorioso, lendário e impactante quanto a manhã de 10 de janeiro de 49 a.C. A essa altura, César é um grande general, um homem de 50 anos que passou a maior parte da última década na Gália, conquistando as tribos locais e construindo para si uma grande fortuna nesse processo. A noite começa a cair. Ele está parado à margem norte do rio caudaloso e parcialmente congelado conhecido como Rubicão. Atrás dele estão os 4 mil soldados fortemente armados da Legio XIII Gemina, o grupo endurecido pela guerra que serviu sob o seu comando durante os últimos nove anos. Roma está 418 quilômetros ao sul. O Rubicão é a linha que separa a Gália Cisalpina da Itália – ou, o que está mais de acordo com a situação atual de César, a liberdade da traição.

A população da Gália foi massacrada pelas guerras de César. Dos 4 milhões de habitantes da região que se estende dos Alpes ao Atlântico, 1 milhão foi morto em batalha e outro milhão foi submetido à escravidão. Após capturar Uxeloduno, uma cidade às margens do rio Dordogne e próxima da comuna de Veyrac dos dias modernos, César cortou as mãos de todos os homens que lutaram contra ele. E durante seu épico cerco a Alésia, nas colinas próximas do que hoje é a comuna de Dijon, ele cercou a fortaleza com 60 mil homens e cerca de 15 quilômetros de fortificações intransponíveis. Tudo isso podia ser visto de cima, das altas torres erguidas por seus engenheiros, de onde os arqueiros romanos podiam lançar uma chuva de flechas sobre as forças inimigas. Para fugirem da cidade sitiada, os gauleses acuados precisariam encontrar uma maneira de atravessar essa zona mortal.

Quando a comida começou a escassear, os gauleses, sob o comando do lendário general Vercingetórix, permitiram que mulheres e crianças saíssem da cidade para que os romanos pudessem alimentá-las. Isso era uma demonstração de bondade dúbia, pois provavelmente as levaria a uma vida de escravidão. Mas para elas era melhor do que morrer de fome dentro da cidade. No entanto, César não deixou que os inocentes alcançassem as linhas romanas. Enquanto seus maridos e pais observavam do lado de dentro das muralhas da cidade, incapazes de chamá-las de volta devido à falta de comida, mulheres e crianças ficaram presas na terra de ninguém entre os exércitos, onde sobreviveram à base de mato e orvalho até morrer lentamente de fome e sede. Como uma ofensa a mais, César se recusou a permitir que os corpos fossem recolhidos a fim de serem enterrados.

Mas a maior atrocidade de César – aquela pela qual seus inimigos no senado romano agora exigiam que ele fosse julgado por crimes de guerra – foi cometida contra as tribos germânicas de Usipetes e Tencteros em 55 a.C. Esses invasores hostis começaram a atravessar lentamente o rio Reno em direção à Gália. Acreditava-se que eles em breve iriam voltar sua atenção para o sul, em direção à Itália. De abril a junho de 55 a.C., o exército de César viajou de sua base de inverno na Normandia até o local onde os agressores das tribos germânicas estavam se aliando aos gauleses contra Roma. Essas “tribos” não eram pequenas comunidades nômades, mas uma força invasora com o equivalente a metade da população de Roma, contando com quase 500 mil soldados, mulheres, crianças e civis que acompanhavam as tropas.

Quando ficaram sabendo que o exército romano se aproximava, os germânicos enviaram embaixadores para negociar um tratado de paz. César se recusou a recebê-los, mandando-os atravessar o Reno de volta. Eles fingiram acatar essa ordem, mas poucos dias depois voltaram atrás e lançaram um ataque surpresa. Enquanto a cavalaria de César dava de beber aos seus cavalos às margens daquele que é atualmente o rio Niers, 800 cavaleiros germânicos foram a galope em sua direção, determinados a matá-los. Sua tática era peculiar – e aterrorizante: em vez de lutarem montados em seus cavalos, eles saltavam das montarias e usavam suas lanças curtas para rasgar a barriga dos corcéis romanos, matando os animais e obrigando os legionários, agora a pé, a fugir em pânico.

César considerou o ataque desonesto, pois ele ocorreu durante um momento de trégua. “Após pedirem paz de forma ardilosa e desleal”, escreveria ele posteriormente, “eles travaram guerra sem qualquer provocação.” Em uma drástica demonstração de força, resolveu lançar seu próprio contra-ataque. Colocando sua cavalaria humilhada na retaguarda, ordenou que os legionários cruzassem em marcha acelerada os quase 13 quilômetros até o acampamento germânico. Dessa vez, foram os romanos que usaram o elemento surpresa. Os germânicos que resistiram foram massacrados, enquanto os que tentaram fugir foram caçados pela cavalaria romana, agora decidida a provar seu valor. Alguns deles conseguiram chegar ao rio Reno, mas se afogaram ao tentar nadar as centenas de metros até a outra margem.

Entretanto, César não parou por aí. Seus homens reuniram toda a população das tribos germânicas que havia restado e promoveram uma chacina: idosos, mulheres, adolescentes, crianças e bebês de colo. A proporção foi de oito germânicos mortos para cada legionário. No geral, os soldados romanos eram homens ilustrados. Sabiam recitar poesia e gostavam de travar debates intelectuais. Muitos tinham filhos e esposas, e não podiam sequer imaginar aqueles que amavam sendo vítimas de tamanha crueldade. Mas eles eram legionários disciplinados, treinados a cumprir ordens. Então usaram o fio de suas espadas e lanças para transpassar corpo após corpo, ignorando os gritos das crianças aterrorizadas, o pranto e os pedidos de misericórdia.

A vingança de César começou como um ato de guerra, mas logo se tornou um genocídio que matou cerca de 430 mil pessoas. E, unicamente para mostrar aos germânicos que viviam do outro lado do Reno que as

tropas dele podiam chegar a qualquer lugar e fazer o que bem entendessem, ordenou que seus engenheiros construíssem uma ponte de uma margem à outra do rio antes intransponível. A obra levou apenas 10 dias. César então cruzou o Reno e lançou uma breve série de ataques, para logo em seguida recuar e destruir a ponte.

Roma é uma república cruel e não oferece misericórdia aos seus inimigos. Mas essas ofensivas brutais passaram dos limites até mesmo para os impiedosos líderes romanos no senado, que pediram a prisão de César. Cato, um estadista conhecido não só pela sua oratória, mas também por sua longa rixa com César, sugeriu que o general fosse executado e sua cabeça, entregue na ponta de uma lança às tribos germânicas derrotadas. Certamente, essas acusações não deixavam de ser merecidas, mas as rivalidades políticas as influenciaram tanto quanto o massacre às margens do Reno. Uma coisa, no entanto, estava clara: os inimigos de César o queriam morto.



Em 49 a.C., quase seis anos após a chacina, a Gália encontra-se totalmente conquistada. É hora de César voltar para casa, onde enfim será julgado por suas ações. Ele recebeu ordens para dispensar seu exército antes de pôr os pés na Itália.

É a lei romana. Ao voltarem da guerra, todos os generais são obrigados a debandar suas tropas antes de cruzar a fronteira de sua província – nesse caso, o rio Rubicão. Isso demonstra que eles estão retornando para casa em paz, e não com planos de dar um golpe de Estado. A recusa em fazê-lo é considerada um ato de guerra.

Mas César prefere a guerra. Ele decide cruzar o Rubicão à sua própria maneira. Júlio César tem 50 anos e está no apogeu de sua vida. Ele passou todo o dia 10 de janeiro protelando este momento, pois, se fracassar, não estará vivo para ver o dia em que completará 51 anos, dali a seis meses. Enquanto seus soldados jogam dados, afiam suas armas ou tentam se manter aquecidos sob o sol fraco de inverno, César toma um banho demorado e bebe uma taça de vinho. São atitudes de um homem ciente de que talvez não possa gozar de tais confortos materiais por longo tempo. Também são uma forma de tentar adiar o inevitável.

Mas César tem um motivo para hesitar. Pompeu, o Grande, seu cunhado e antigo aliado, responsável pela construção do maior teatro de Roma, está à sua espera. O senado confiou a ele o futuro da república e ordenou que detivesse César a qualquer custo. Para todos os efeitos, Júlio César está prestes a iniciar uma guerra civil, um conflito que diz respeito tanto a César e Pompeu quanto a César e Roma. O vencedor ganhará o controle da república romana, e ao perdedor restará a morte certa.



César passa suas tropas em revista. Os homens da Legio XIII estão de prontidão, aguardando seu sinal. Cada soldado carrega cerca de 30 quilos de equipamento nas costas, desde sacos de dormir até panelas e grãos para três

dias. Naquele fim de tarde frio de inverno, eles usam botas de couro, perneiras e capas sobre os ombros para se agasalharem. Viajarão a pé, portando elmos de bronze e cotas de malha de ferro. Todos se protegem com um escudo curvo feito de madeira, lona e couro, além de duas lanças – uma leve e outra mais pesada e letal. Também estão armados com “espadas espanholas” de dois gumes, embainhadas em seus cintos grossos de couro, juntamente com os obrigatórios *pugiones*. Alguns homens estão equipados com atiradeiras, enquanto outros foram designados como arqueiros. Seus rostos são vincados e endurecidos por anos de exposição ao sol e ao vento, e muitos carregam as cicatrizes protuberantes onde uma lança inimiga perfurou seu corpo, ou a longa marca arroxeadada do corte de uma espada inimiga em seu braço ou ombro. São jovens, na maior parte, entre 17 e 23 anos, mas há algumas barbas grisalhas entre eles, pois qualquer cidadão romano pode ser recrutado como legionário até os 46 anos. Jovens ou velhos, todos foram submetidos ao duro treinamento que tornou lendária a resistência física dos legionários romanos. Novos recrutas marcham por horas a fio com uma carga de 20 quilos sobre os ombros, mantendo durante todo o tempo formações complexas como a de cunha, de quadrado oco, de círculo e de tartaruga, ou *testudo*. Todos os legionários romanos precisam aprender a nadar, para o caso de a batalha os obrigar a atravessar um rio. Qualquer deslizamento durante esse treinamento rigoroso resulta em um golpe impiedoso do cajado de um superior nas costas.

Depois que os quatro meses de treinamento básico de um recruta são concluídos, os exercícios rigorosos continuam fazendo parte de sua rotina. Cada homem é obrigado a fazer três marchas de mais de 30 quilômetros por mês, com uma carga pesada sobre os ombros. Uma vez terminadas as longas marchas em formação, a unidade de legionários deve erguer um acampamento fortificado completo, com terraplenos e trincheiras.

É por isso que os homens durões, leais e fortes da Legio XIII são treinados na arte da estratégia militar. Intuitivamente capazes de explorar os pontos fortes e fracos do inimigo, são peritos em cada uma das armas de sua época. Eles vivem da terra, tirando seu sustento de grãos e qualquer carne que consigam obter. Esses soldados já construíram estradas e pontes, entregaram correspondência, recolheram impostos, suportaram os invernos rigorosos da Gália, receberam pedradas de atiradeiras em seus elmos e até fizeram as vezes de carrascos, pregando mãos e pés de escravos fugidos e de desertores de suas próprias fileiras que foram capturados e condenados à

crucificação. Os mais velhos do grupo ainda se lembram da revolta de 71 a.C. Liderados por um rebelde chamado Espártaco, 7 mil escravos se insurgiram, mas foram capturados e crucificados em uma fileira de cruzes com cerca de 380 quilômetros de extensão, que se estendia por quase todo o caminho de Nápoles a Roma.

Esses homens juraram fidelidade a César e admiram sua forma de liderar através de exemplos, suportando as mesmas adversidades e privações que eles durante a campanha. Em vez de acompanhá-los a cavalo, ele prefere caminhar entre seus “camaradas”, como se dirige a seus soldados. César também é conhecido em todos os escalões pelo hábito de recompensar a lealdade das tropas e pelo carisma. Seus homens se vangloriam das muitas mulheres que ele possuiu por toda a Gália, Espanha e Bretanha, e até fazem piada de sua calvície com canções que o chamam de “garanhão careca”. Da mesma forma, César dá aos seus legionários carta branca para irem atrás de mulheres e jogos de azar quando estão de folga: “Meus homens não deixam de lutar bem porque estão cheirando a perfume.”

Mas, no fim das contas, os legionários lutam, acima de tudo, uns pelos outros. Eles treinam juntos, preparam suas refeições juntos, dividem as tendas de couro apertadas e marcham centenas de quilômetros lado a lado. Nada é mais insuportável do que a ideia de deixar na mão um *commilito* (“companheiro de armas”) no campo de batalha. Eles chamam um ao outro de *frater* (“irmão”), e a honra mais elevada que um legionário pode conquistar é uma coroa de folhas de carvalho conhecida como *corona civica*, concedida àqueles que arriscam a própria vida para salvar um companheiro ferido. O fato de Júlio César usar uma coroa dessas demonstra aos soldados que seu comandante não é um mero líder simbólico, mas um homem com quem eles podem contar para lutar ao seu lado com coragem e distinção.



César cruzando o Rubicão

Entretanto, embora seja César quem lidera a legião rumo à batalha, são seus homens que devem enfrentar o inimigo. A compaixão não faz parte de sua profissão. Eles são legionários, incumbidos da tarefa árdua e permanente de garantir que Roma continue sendo a maior potência mundial.

Na escuridão que se aproxima, César se dirige a seu exército, lembrando a seus soldados o que significa atravessar o Rubicão:

– Ainda podemos voltar atrás – diz ele, embora todos os presentes saibam que o momento de recuar já passou há muito tempo. – Mas, assim que cruzarmos aquela pequena ponte, teremos que lutar até o fim.

A Legio XIII não é a favorita de César. Sua preferida é a Décima, mas, como as demais tropas, ela ainda está espalhada pela Gália. Esperar por ela arruinaria seus planos de marchar o mais rápido possível diretamente para o coração de Roma.

Por mais nervoso que Júlio César esteja, vendo que a temperatura continua a cair e os homens tremem de frio em meio à umidade, qualquer medo é neutralizado pela certeza de que cada um dos soldados da Legio XIII é uma máquina de matar.

O problema é que o mesmo pode ser dito dos homens que eles irão combater. César está prestes a jogar romano contra romano, legionário contra legionário, *frater* contra *frater*.

É chegada a hora. César está sozinho, olhando para a margem oposta do Rubicão. Seus oficiais estão reunidos a alguns metros dali, aguardando suas ordens. Tochas iluminam o rosto de todos os soldados da Legio XIII.

– *Alea jacta est* – diz César, citando o dramaturgo grego Menandro para ninguém em especial. – A sorte está lançada.

César e sua legião atravessam o rio em direção à Itália.



O que se segue não é apenas uma guerra civil romana, mas também a primeira guerra mundial da História. Todo o entorno do Mediterrâneo se torna um imenso campo de batalha, suas planícies e seus desertos tomados por legionários, seus mares repletos de navios de guerra transportando os soldados de uma região a outra. O combate é brutal e, em geral, mano a mano. O destino que aguarda os prisioneiros de guerra é a tortura e a morte, o que faz com que muitos, ao perderem uma batalha, cometam suicídio em vez de se entregarem aos vencedores. César conquista Roma em dois meses, mas apenas para encontrá-la abandonada. Tomar Roma não é suficiente: ele precisa alcançar a vitória total. Pompeu está em fuga e César o persegue por todo o Mediterrâneo até o Egito.

Pompeu era um grande general, arquiteto, construtor e um amante prodigioso, tendo sido casado cinco vezes. Durante sua juventude, por três ocasiões ele teve o privilégio de marchar de forma triunfante pelas ruas de Roma após ações militares grandiosas. Ao desembarcar para se reunir com Ptolomeu XIII, o rei adolescente do Egito, Pompeu é apunhalado pelas costas e seu corpo é perfurado diversas vezes. Para que seus assassinos não vejam sua expressão no momento da morte, ele ergue a bainha da toga e cobre o rosto. Seus carrascos logo lhe cortam a cabeça, deixando seu corpo na areia para ser devorado pelas aves de rapina. Achando que o gesto

agradaria a Júlio César, os egípcios lhe entregam a cabeça de Pompeu. César, no entanto, fica arrasado. Ele chora e então ordena que o resto do corpo seja recuperado para que possa receber um funeral romano adequado.



Mas o assassinato de Pompeu não significa o fim da guerra, pois seus aliados e filhos enfurecidos se apressam a sucedê-lo em sua causa. No fim, César irá vencer a guerra civil e assumir o controle da república romana, para grande alegria dos cidadãos comuns, que o reverenciam. Contudo, quatro anos de conflito se passarão antes que esse dia chegue. Nesse meio-tempo, Júlio César comandará suas legiões em lugares que vão desde Farsalos, na Grécia central, passando por Tapso, na Tunísia, até a planície de Munda, na região que corresponde hoje ao sul da Espanha.^[11] Sua lenda só fará crescer.

As conquistas de César, no entanto, não se limitam ao campo de batalha.



O ano é 48 a.C. Assim como Roma, o Egito também é palco de uma guerra civil. De um lado está Cleópatra, com 21 anos. Do outro, seu irmão Ptolomeu XIII, de 13 anos, que é aconselhado por um eunuco conivente chamado Potino. Ptolomeu já conseguiu expulsar Cleópatra de seu palácio na capital litorânea de Alexandria. Quando César persegue Pompeu até Alexandria, o conflito na Itália se interpõe a esses acontecimentos. É Potino quem, no intuito de se aliar a César, ordena que Pompeu, ao desembarcar para tentar uma aliança estratégica com Ptolomeu XIII, seja morto e decapitado na praia.

César, no entanto, fica indignado com o gesto bárbaro de Potino, pois pretendia oferecer clemência a Pompeu. “Nada lhe dava mais prazer”, escreveria futuramente o célebre historiador Plutarco sobre o soberano, “do que o fato de muitas vezes ser capaz de salvar a vida de compatriotas que haviam lutado contra ele.”

César se abriga provisoriamente no palácio real egípcio. Mas, como teme que Potino possa tentar assassiná-lo, passa a maior parte das noites em claro, com medo de pegar no sono. Em uma dessas noites, após se retirar para os seus aposentos, César ouve um barulho à porta, mas, em vez de Potino ou outro assassino, uma jovem entra sozinha em seu quarto. É Cleópatra, embora ele ainda não saiba disso. Ela foi ao palácio às escondidas, utilizando uma entrada à beira-mar, e se esgueirou por seus corredores de pedra sem ser percebida. Seus cabelos e seu rosto estão cobertos; seu corpo está envolto por uma capa grossa e escura. Encantado, César espera que essa estranha se revele.

De maneira lenta e sedutora, Cleópatra mostra o rosto, de lábios carnudos e nariz aquilino. Ela então deixa a capa cair no chão de mármore, revelando que, por baixo, não veste nada além de uma fina túnica de linho. Os olhos negros de César percorrem seu corpo dos pés à cabeça, pois agora conseguem ver muito mais do que apenas os contornos dos seios pequenos de Cleópatra e as curvas de seus quadris. O desejo entre eles é mútuo. Ao relatar esse momento de revelação, um historiador escreverá que “Cleópatra jamais havia sentido um desejo tão forte”.

Cleópatra conhece muito bem o poder da sedução e está prestes a oferecer a César o que tem de mais precioso – com a clara intenção de receber uma grande recompensa política em troca. Sua ousadia rende frutos imediatos. Naquela noite, eles iniciam um dos casos de amor mais ardentes da História, um relacionamento político e romântico que terá efeitos

duradouros em todo o mundo. Antes do amanhecer, César está decidido a restituir Cleópatra ao trono egípcio – justamente como ela havia planejado. Para ele, isso significa uma aliança com a mulher que deve seu reinado ao legado de Alexandre, o Grande, o onipotente conquistador macedônio que ele tanto admira. A confluência de sua dinastia com a de Cleópatra é um afrodisíaco poderoso. Eles falam entre si em grego, apesar de Cleópatra ser fluente em nove línguas. Os dois são disciplinados, perspicazes e carismáticos. Seus súditos os consideram justos e benevolentes, e ambos são capazes de hipnotizar multidões com seu talento para a oratória. Cleópatra e o Egito precisam do poderio militar de César, enquanto César e Roma precisam dos recursos naturais do Egito, em especial de sua abundante produção de grãos. Os dois formariam o par perfeito, não fosse por um simples fato: Júlio César já é casado.



*Cleópatra, amante de César e, posteriormente, de
Marco Antônio*

Não que isso tenha impedido César no passado. Ele já tivera três esposas: uma morreu ao dar à luz, de outra ele se divorciou por ter sido traído, e agora há Calpúrnia. César tem o costume de dormir com as esposas de seus amigos, muitas vezes aproveitando a ocasião para colher informações sobre os colegas. O amor de sua vida é Servília Cepião, mãe do

traíçoeiro Marco Júnio Bruto – que muitos acreditam ser filho ilegítimo de César.

No entanto, o caso amoroso mais notório de César não foi com uma mulher. Há diversos boatos de que, em sua juventude, ele teria se relacionado durante um ano com o rei Nicomedes IV da Bitúnia.^[12] O apelido pejorativo de “Rainha da Bitúnia” ainda persegue César.

No entanto, nenhum dos muitos envolvimento de César gerou um herdeiro. É lendária a quantidade de filhos bastardos seus espalhados pela Gália e pela Espanha; ele teve apenas uma filha legítima, Júlia – que, ironicamente, se casou com seu rival Pompeu –, a qual havia morrido ao dar à luz. Calpúrnia, atual esposa de César, vinha se mostrando incapaz de lhe dar um filho.

Cleópatra, por sua vez, dá à luz um menino em 23 de junho de 47 a.C. Ela o chama de Filopator Filometor César – ou, em sua versão mais curta, Cesarião. Um ano mais tarde, Cleópatra viaja a Roma, onde se instala com a criança, como convidados de César e Calpúrnia, na vila do imperador romano em Trastevere. Quando César é obrigado a voltar à guerra, Cleópatra e a criança ficam para trás com Calpúrnia, que, como é de esperar, odeia a egípcia. César, no entanto, ordenou que Cleópatra permanecesse em Roma, apesar dos boatos que circulavam pela cidade de que talvez ele se casasse com ela um dia. César tornou a situação ainda mais difícil ao mandar que fosse erguida uma estátua de Cleópatra nua no Templo de Vênus, retratando-a como a deusa do amor.

Por motivos que apenas César conhece, ele permite que Cesarião use seu nome, mas se recusa a nomeá-lo seu herdeiro. Em vez disso, seu testamento afirma que, após sua morte, seu sobrinho Otaviano se tornará seu filho adotivo e herdeiro perante a lei.

Mas Cleópatra é uma mulher astuta e implacável. Ela sabe que perderá o controle sobre o Egito assim que seu relacionamento com César chegar ao fim, e já começou a tramar sua traição – um golpe egípcio para tomar o poder em Roma. Só que, para isso, é fundamental que Cesarião seja nomeado herdeiro e sucessor legítimo de Júlio César – e isso implica convencer César a modificar seu testamento.

Ou talvez haja outra maneira: se César for nomeado rei de Roma, ele precisará de uma rainha de sangue azul para consumir um verdadeiro matrimônio real. O plano de Cleópatra é simples: continuar pressionando

César para que aceite ser coroado rei de Roma. Eles então se casariam e seu filho governaria o império como herdeiro legítimo quando César morresse.

Tudo parece correr de acordo com os desejos de Cleópatra. Está claro que a qualquer momento o senado pretende nomear César rei. Isso irá praticamente garantir o casamento dos dois, e então Otaviano deixará de ser uma ameaça para a futura reivindicação de Cesarião tanto ao trono do Egito quanto de Roma.

César, um exímio estadista, está sendo manipulado por uma mulher que tem menos da metade da sua idade e nenhum exército à sua disposição. Milhares de homens morreram na guerra civil de Roma, todos graças a uma tentativa de controlar a república romana. Mas Cleópatra está à beira de realizar a mesma façanha valendo-se apenas da sedução.

O plano é brilhante. Perfeito. Então, é claro, sobrevêm os Idos de Março. Não só não haverá uma república romana quando a batalha pela sucessão chegar ao fim, como também não haverá mais Cesarião.

Tampouco haverá Cleópatra, por sinal.



O “amigo” que dá um passo à frente para conversar com Júlio César enquanto ele desce da liteira e se encaminha para a câmara do senado é Popílio Lenate, um homem que descende de uma linhagem centenária de latifundiários romanos conhecidos por sua crueldade e deslealdade. Portanto, é compreensível que os conspiradores estejam preocupados ao observarem à distância, sem conseguir ouvir o que os dois estão dizendo. Poucos momentos antes, Popílio havia desejado a Marco Bruto boa sorte com a conspiração, mas talvez isso não tivesse passado de um ardil. Os Libertadores notam que o diálogo parece sincero e amigável. Sentem um nó no estômago, temerosos de que Popílio esteja informando César de seus planos. “Incapazes de ouvir o que ele dizia, mas conjecturando com base naquilo de que eles próprios estavam cientes... eles se entreolharam e concordaram, apenas pela expressão em seus rostos, em que não deveriam ficar para serem capturados, mas matar a si próprios [em vez de César]”, escreveria o historiador Plutarco a respeito deste momento.

Popílio termina a conversa beijando as mãos de Divus Julius e se afastando do Teatro de Pompeu. César não parece perturbado. Aliviados,

eles tornam a se acomodar em seus assentos para aguardar a chegada dele.

Do alto, a grande estátua de Pompeu fita César com um olhar severo enquanto ele adentra o senado. Cássio, que é o principal assassino junto com Bruto, vira em direção à estátua e reza, na esperança de invocar a coragem do antigo inimigo de César.

Todos os senadores se levantam quando César chega à câmara. Haviam passado a manhã inteira conduzindo assuntos de Estado, e agora o observam sentar-se em um trono dourado. Quase imediatamente, um grupo numeroso, liderado por Lúcio Tílio Cimbro, se aproxima dele. Não há nada de ameaçador na conduta dos senadores, pois é comum que eles se acerquem para fazer pedidos pessoais – César pode ver claramente que Tílio segura um pergaminho em uma das mãos, mas não nota o punhal que traz na outra.

Ele não tem dificuldade em imaginar o que Tílio deseja. O irmão do senador veterano foi exilado, e a petição é muito provavelmente um pedido de perdão.

O grupo de senadores que se reúne em volta do trono vai crescendo a cada segundo, até César estar cercado por uma pequena multidão. Eles se inclinam para beijar respeitosamente sua cabeça e seu peito, o que faz com que o ditador se afunde ainda mais em seu assento.

César fica furioso com esse comportamento opressivo e se levanta de supetão.

Esse é o momento que os assassinos estavam esperando. Tílio agarra a parte de cima da túnica de César e a puxa para baixo pelos ombros, prendendo os braços do ditador aos lados do seu corpo. Ao mesmo tempo, o Libertador chamado Públio Servílio Casca Longo – ou apenas “Casca” – enterra o punhal no ombro de César. O golpe é fraco, e mal sangra o ferimento, mas a dor repentina que César sente ao ser apunhalado o faz gritar:

– Pérfido Casca – diz César em latim, agarrando firme o cabo do punhal de Casca –, o que fazes?

Quando ele se vira para encarar seu agressor, César vê não só um punhal, mas 60. Ele não sente apenas uma punhalada, mas dezenas. Cada um dos senadores sacou o *pugio* que levava escondido debaixo da toga. César vê rostos de adversários, mas ainda mais rostos de amigos, inclusive o de Décimo Bruto e o de outro Bruto – Marco, o arrogante estoico de 41 anos que, segundo boatos, é também filho de César. Os conspiradores enterram suas lâminas afiadas no ditador indefeso, golpeando-o repetidas vezes.

Tamanho é o frenesi dos senadores que muitos deles acabam por apunhalar uns aos outros por engano, e logo estão todos cobertos de sangue.

Enquanto isso, César tenta reagir.



O assassinato de Júlio César

Mas então Marco Bruto desfere o golpe de misericórdia. Em vez de apontar para o coração ou para a grande artéria do pescoço, seu filho bastardo enterra o punhal na virilha de César. É um assassinato, mas também um ato de emasculação, um gesto destinado a humilhar o homem que se recusou a reconhecê-lo como filho. O sangue deixa a túnica de César encharcada, escorrendo pela pele branca de suas pernas nuas enquanto ele cai de volta no trono.

– Até tu, meu menino? – diz César em desespero, olhando para Marco.

Para evitar que vejam a expressão cadavérica que logo tomará conta de seu rosto, César puxa a bainha da túnica e cobre a cabeça. Uma grande poça de sangue se espalha pelo chão de mármore à medida que o corpo flácido do imperador desliza do trono para repousar aos pés da estátua de Pompeu.

Com a cabeça coberta, ele é levado pela morte. Somente depois de morto é que Júlio César alcança o poder supremo que tanto buscava: o senado romano lhe atribui uma natureza divina e passa a reverenciá-lo postumamente como Divus Julius.

Mas Júlio, o Deus, é um mero mortal, como o seu assassinato claramente demonstra.

C A P Í T U L O T R Ê S

Filipos, norte da Grécia

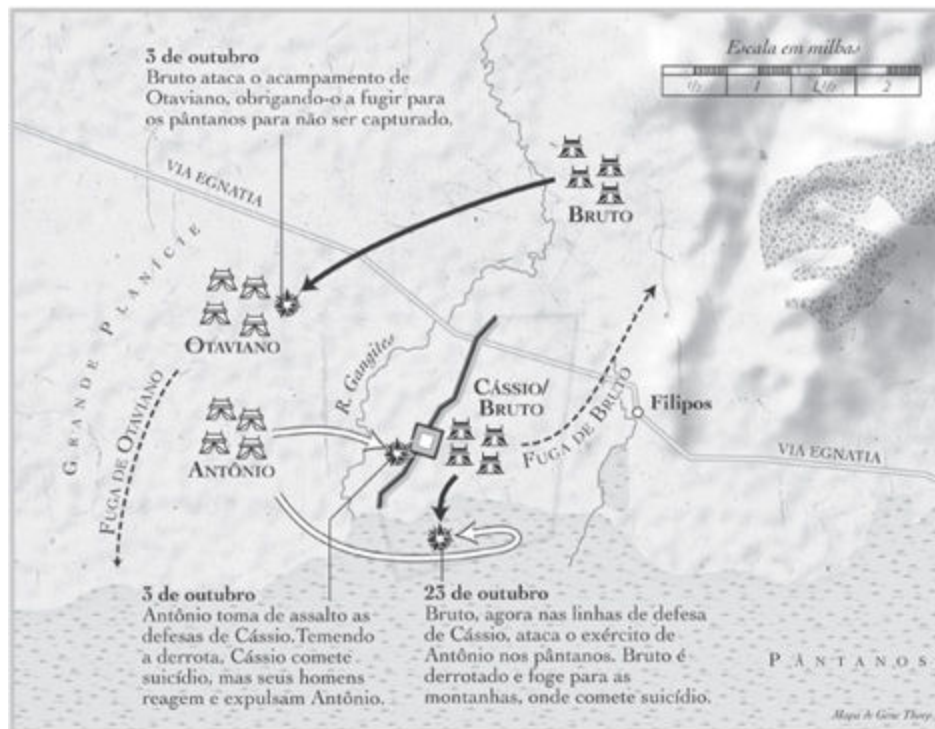
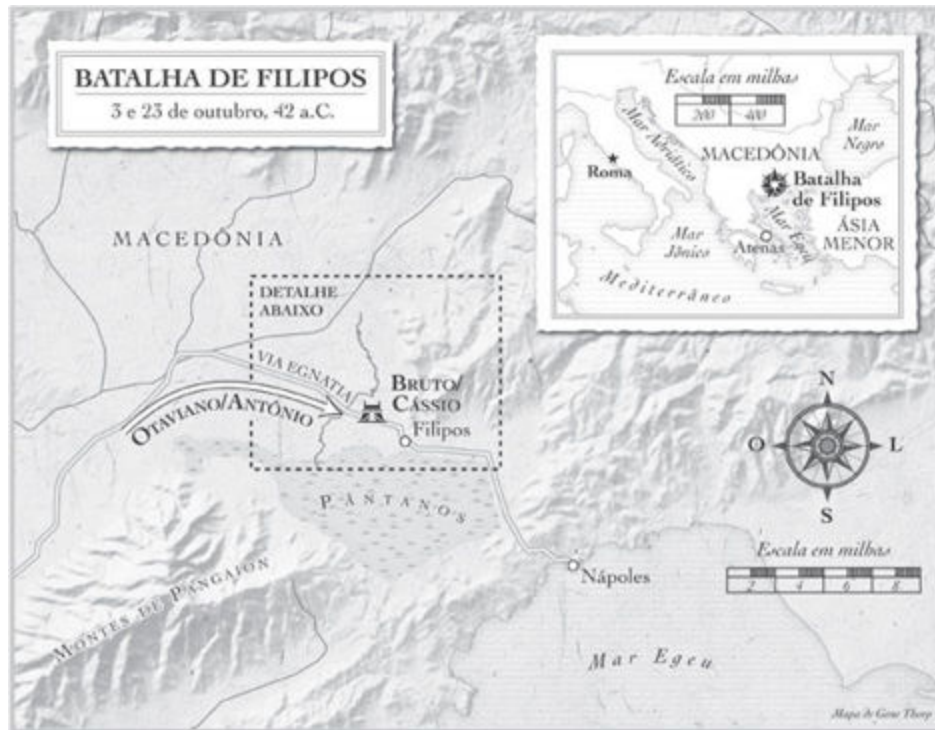
23 de outubro de 42 a.C.

Manhã

O filho de deus acredita que é imortal. No momento, ele também está lutando contra um resfriado muito forte.

Caio Júlio César Otaviano, ou apenas Otaviano, como é conhecido, está doente pelo que parece uma eternidade. O fato de seu exército estar acampado próximo a um enorme pântano não ajuda. Esse jovem que ostenta o pretensioso título *Divi Filius* (“filho de deus”)^[13] aperta seu manto ao redor dos ombros e observa o céu azul, à espera de uma boa notícia para compensar a angústia da sua doença. Duas águias-reais voam em círculos com as garras à mostra, travando um combate em pleno ar. A águia é o símbolo da legião romana, e ver esses predadores duelando às vésperas de sua própria batalha certamente é um presságio. Mas um presságio para quem – para Otaviano ou para os Libertadores que assassinaram seu tio?

Os poderosos exércitos – mais de três dúzias de legiões, 200 mil homens no total – estão frente a frente, separados por essa planície nos Bálcãs flanqueada por montanhas baixas de um lado e o vasto pântano atrás de Otaviano do outro – ideal para plantar trigo ou guerrear. A fumaça de mil fogueiras sobe enquanto os dois lados realizam os preparativos finais para a batalha que vingará a morte de Júlio César, ocorrida dois anos atrás, em Roma, a cerca de 1.300 quilômetros.



O ruído de lâminas de aço sendo amoladas ecoa no ar. Os legionários deixam de lado dardos e flechas ao escolherem suas armas. A luta promete ser homem a homem. Então, em vez das lanças, que são pouco úteis em

combates próximos, os legionários trazem punhais e espadas. Centenas de milhares de legionários experientes de ambos os lados enfiam a bainha de suas túnicas no cinto, para não tropeçarem na corrida em direção à batalha. As montarias da cavalaria aguardam pacientemente enquanto selas são jogadas sobre seu dorso nu, sabendo muito bem o que as espera: o caos.

Aliado de Otaviano, Marco Antônio – o general e estadista pedófilo e beberrão – supervisiona os preparativos exibindo seu porte de guerreiro exemplar, o peitoral largo, a aparência nobre e as coxas grossas e musculosas que são sua principal fonte de vaidade.



César Augusto, o primeiro governante do Império Romano

Ao contrário de Otaviano, que ficará no acampamento durante o combate, Marco Antônio está ansioso pelo momento de se lançar ao campo de batalha e enfrentar o inimigo com a mesma ferocidade de suas legiões.

Otaviano, por outro lado, é um rapaz afetado de 21 anos e saúde frágil que tem um nariz proeminente e maçãs do rosto altas e largas. Seus cabelos são curtos e ele penteia compulsivamente sua franja para o lado. O filho adotivo de César nem sequer comanda seus próprios homens. Ele delegou essa responsabilidade a outro homem da sua idade, um intelectual corpulento com uma paixão incomum por geografia chamado Marco Vipsânio Agripa.

Contudo, o que falta a Otaviano em termos de força física lhe sobra em astúcia e audácia. Desde que descobriu que o testamento de Júlio César o nomeava herdeiro legítimo do ditador, Otaviano se apropriou indevidamente de grandes somas de dinheiro público, aumentou impostos e se autoproclamou Divi Filius. Assegurou-se de que os Libertadores Marco Bruto e Cássio, cujas legiões o aguardavam do outro lado do campo de batalha, fossem declarados inimigos do Estado. Suas propriedades foram confiscadas e eles fugiram de Roma para salvar a própria vida. Depois reuniram um exército na esperança de voltar à capital de forma triunfante. Otaviano e Marco Antônio os perseguiram com suas próprias legiões, alcançando-os nessa planície há cinco meses. Os dois exércitos passaram todo o verão acampados ali, erguendo paliçadas e outras fortificações enquanto se observavam mutuamente, à espera deste dia. Foi um período infeliz para Otaviano, que contraiu uma doença atrás da outra ao longo daqueles meses intermináveis.

Cássio foi a primeira vítima do conflito, três semanas atrás, na primeira batalha entre as duas forças. Temendo sair derrotado da campanha, ele cometeu suicídio para não ter que se sujeitar aos horrores de ser feito prisioneiro. A história de Marco Licínio Crasso, um ex-general que serviu ao lado de Júlio César, faria qualquer homem pensar duas vezes antes de se entregar. Depois de ser derrotado pelos pártios na Batalha de Carras em 53 a.C., ele foi executado recebendo ouro derretido goela abaixo.^[14]

Cássio se deixou cair sobre a própria espada, acreditando que tudo estava perdido. Mas o Libertador estava enganado. Logo depois de seu suicídio, suas legiões alteraram o rumo da batalha e saíram vitoriosas.

Otaviano também quase morreu naquela tarde. Suas linhas foram invadidas durante o contra-ataque de Cássio, e o jovem líder escapou apenas porque se escondeu no pântano enquanto os legionários do adversário saqueavam seu acampamento antes de voltar para as suas próprias linhas. Humilhado por sua covardia e por ter permitido que mais de 15 mil de seus

homens fossem massacrados, Otaviano permaneceu três dias escondido antes de voltar sorratamente para a sua tenda.

Agora, três semanas depois, o toque inconfundível das *tubae* (trombetas) de metal ecoam de uma ponta da planície à outra – um som que faz o coração de qualquer legionário bater mais rápido: o chamado à batalha.

Esta manhã, o covarde terá sua vingança. Otaviano sabe disso porque o combate entre as duas águias acaba de ser decidido. As duas aves majestosas não estavam ali por conta de algum ritual orquestrado e lutaram sobre o campo de batalha por puro acaso. Seja como for, a águia que veio do lado de Marco Bruto agora está despencando do céu, morta pela grandiosa ave de rapina que se lançou ao combate pelo lado de Otaviano.

É um presságio – um bom presságio –, e, como seu falecido tio Júlio, o Divi Filius acredita piamente nele.



Mesmo dois anos depois, a morte de Júlio César ainda afeta quase todas as partes do mundo. Ela pode ser sentida em Roma, onde o caos continua a reinar, assim como no Egito, onde Cleópatra, numa tentativa desesperada e brutal de manter o poder, assassinou os próprios irmãos. As ondas de choque demoram a alcançar a Judeia, mas logo serão sentidas na província da Galileia, mais especificamente no vilarejo de Nazaré, onde um construtor chamado Jacó cria seu filho José.

Jacó é descendente direto de Abraão, o patriarca da fé judaica, e de Davi, o maior rei que a Judeia já conheceu. Trinta e seis gerações separam Jacó de Abraão, e no mínimo 14 o separam de Davi. Porém, apesar de Abraão ser dono de uma imensa fortuna, e de Davi e seu filho Salomão serem ainda mais ricos, a linhagem acabou caindo na penúria. Nazaré, um recanto sossegado e humilde, está muito aquém dos grandes reinos em que viveram aquelas gerações gloriosas. Trata-se de um vilarejo com menos de 400 habitantes e três dúzias de casas, situado em um vale formado pelas colinas ondulantes do sul da Galileia. As casas pequenas^[15] são feitas de rochas calcárias e outras pedras que se espalham pelas colinas. Como construtor, Jacó trabalha tanto com pedras basilares quanto com o carvalho das florestas mais próximas, usado em telhados e na fabricação de móveis.

Quando falta serviço em Nazaré, sempre se pode arranjar algo na cidade cosmopolita de Séforis, a menos de uma hora de caminhada dali.

Como seu pai antes dele, Jacó educa José para seguir os seus passos, ensinando o menino não só a construir, mas também a fazer outras tarefas fundamentais, como prensar vinho e azeite, nivelar uma colina para plantar os alimentos que vão sustentar a família e desviar a nascente mais próxima para usá-la como fonte de irrigação. Mas mais importante do que tudo isso, no entanto, é que Jacó cria seu filho dentro dos preceitos da fé judaica. Pois embora as culturas grega, árabe e romana tenham deixado marcas em Nazaré ao longo dos séculos, na linhagem de Jacó sua devoção ao Deus único e verdadeiro continua inabalada desde os tempos de Abraão, 2 mil anos atrás.

Nem mesmo o grande Júlio César tentou alterar a tradição judaica. O ditador calculista que acreditava na divindade de Vênus e buscava presságios nas entranhas de animais mortos, não em orações, era, para surpresa de todos, um defensor ardoroso da Judeia e do modo de vida judeu – ainda que fosse apenas porque sua localização fornecia uma zona de proteção natural entre a Síria e o Egito. César compreendeu – como a Alemanha nazista o faria 2 mil anos depois – que, para manter um império, é importante permitir que os líderes locais tenham algum controle sobre o próprio destino. Na verdade, os nazistas do futuro iriam se inspirar no princípio básico da ocupação romana: um governante regional nomeado para servir como testa de ferro, uma rede de informantes para neutralizar qualquer rebelião incipiente e a aparência de normalidade apesar do domínio estrangeiro.

A morte de César afetou diretamente a região remota conhecida como Judeia, mesmo que seus cidadãos não percebam isso. Mas a Batalha de Filipos, um momento épico da História mundial, a afetará ainda mais. Uma vez terminada a batalha, nada jamais será como antes para os judeus.



A batalha chegou ao fim. O conflito foi tão sangrento e acirrado quanto muitos temiam, com os homens lutando com unhas e dentes em confrontos mano a mano. O sangue escorre das feridas abertas e dos lugares onde antes havia braços, olhos e mãos. Muitos soldados tiveram seus tendões rompidos, o grande músculo da panturrilha rasgado pela lâmina de uma espada,

impossibilitando-os de andar. Esses legionários terão uma morte lenta no campo de batalha.

Milhares de cadáveres se amontoam no terreno entre as montanhas e o pântano, prestes a serem “depenados” – primeiro pelas hordas de moradores das cidades mais próximas, que irão revistar os mortos em busca de quaisquer objetos valiosos, depois pelos grandes abutres e lobos, que terão um raro banquete.

Os sobreviventes do exército derrotado agora estão acorrentados, mas continuam a resistir. Quando Otaviano chega, eles se põem a zombar dele, demonstrando o mais grosseiro desrespeito.

O general vencido, Marco Bruto, não está entre os sobreviventes – ele convenceu seu escravo a matá-lo com uma só estocada firme de uma espada de 60 centímetros. Bruto será decapitado e sua cabeça será enviada de volta a Roma, enquanto seu corpo será cremado no local da morte.

Antes mesmo do primeiro e longo ressoar das *tubae*, todos sabiam que este dia e esta batalha iriam decidir o futuro da república romana.

E foi o que aconteceu. O sistema em grande medida igualitário logo deixará de existir, dando lugar a um império despótico. E embora ainda falem 11 longos anos para ele chegar à posição mais alta desse reino como seu imperador incontestável, Otaviano conhecerá esse momento de glória da mesma forma que reconhece o de hoje. Ele reinará pelo resto da vida, tornando-se cada vez mais cruel e insensível com o passar dos anos. E assim como Jacó de Nazaré está educando José para seguir seus passos, o novo imperador educará seu enteado, Tibério, para governar com mão de ferro, para que, no dia em que *ele* for nomeado imperador, possa manter o poder de forma implacável – sem tolerar nenhuma oposição, esmagando toda e qualquer revolta e açoitando, despindo e pregando na cruz qualquer homem que represente uma ameaça a Roma.

Inclusive um certo carpinteiro humilde.

Mas, no dia de hoje, outro general caminha entre os vencidos sem ser desrespeitado. Marco Antônio, de 41 anos, anda a passos firmes pela carnificina enquanto os homens de ambos os lados do conflito admiram sua força.

Otaviano e Marco Antônio são os vencedores, mas, naturalmente, o novo império só pode ter um governante. Assim, ao longo da década seguinte, esses dois homens travarão uma longa e sangrenta guerra pelo controle total de Roma. O mundo inteiro será afetado por esse desfecho.



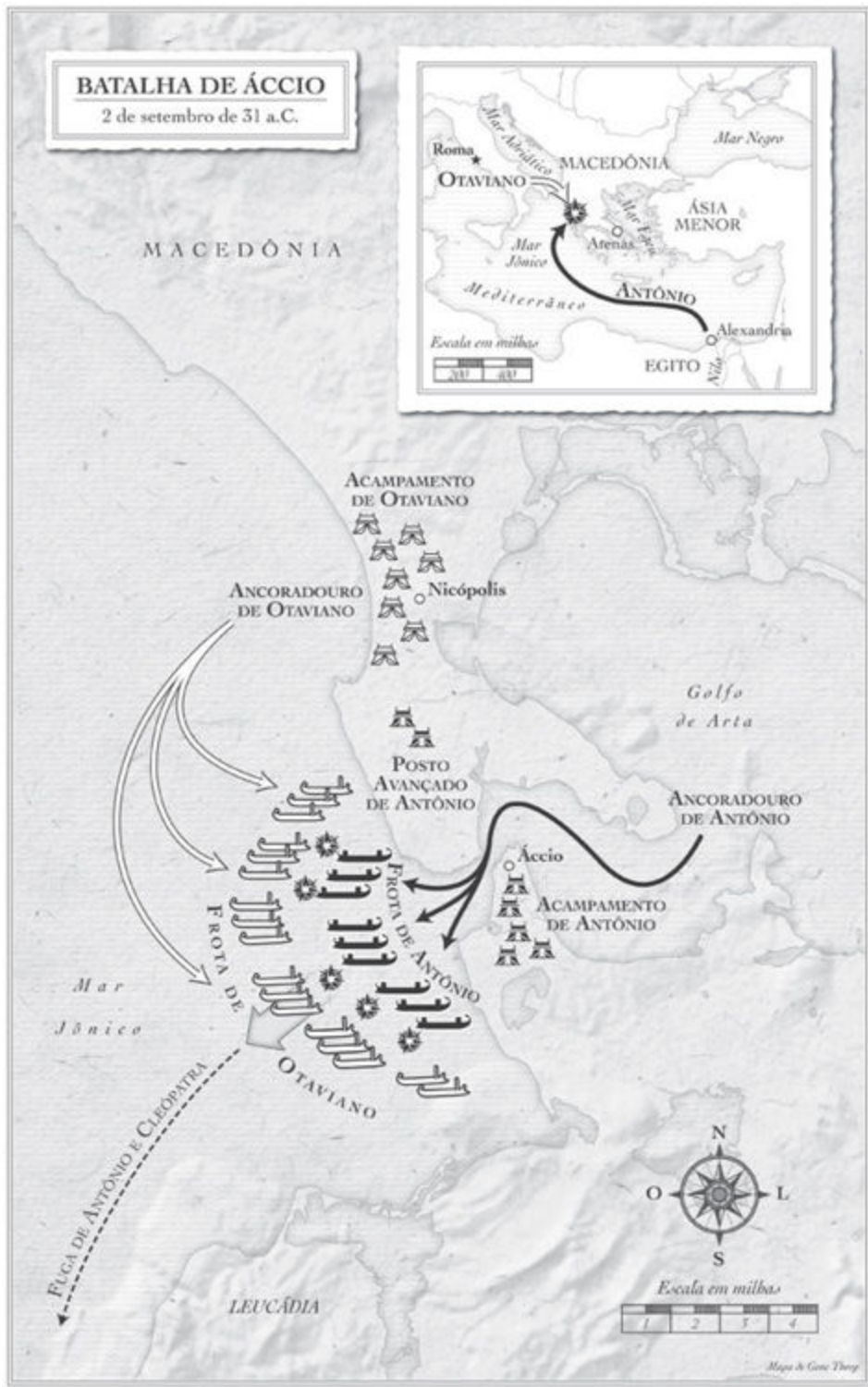
A batalha final ocorrerá no ano 31 a.C., em Áccio, na região costeira da Grécia. Pouco antes do início da batalha, um dos principais generais de Marco Antônio, Quinto Délio, passa para o lado de Otaviano, levando consigo os planos de batalha do outro. Quando isso resulta na destruição de sua frota, as 19 legiões e os 12 mil homens da cavalaria de Marco Antônio desertam.^[16] Caçado e sem exército, ele foge para o Egito com sua amante de longa data Cleópatra, a rainha que havia sido muito poderosa, mas escolheu se aliar ao guerreiro. Furioso, Otaviano os persegue e Marco Antônio comete suicídio com a própria espada para evitar ser levado prisioneiro, morrendo nos braços de sua amante. Cleópatra logo o acompanha, bebendo uma mistura letal de ópio e cicuta.^[17] Ela tem 39 anos na época.

Para garantir o reinado como único e indiscutível herdeiro de seu tio, Otaviano então ordena o assassinato de Cesarião, o filho bastardo de Júlio César com Cleópatra. Cesarião, então com 16 anos, foge para a Índia, mas é atraído de volta ao Egito com a promessa de que será nomeado o novo faraó, o que se revela uma mentira. Os homens de Otaviano estrangulam o adolescente aspirante a faraó, pondo fim ao plano tramado por Cleópatra em sua primeira noite com Júlio César, naqueles anos gloriosos que antecederam o seu assassinato. O ciclo de traições agora está completo.

Assim, o novo Império Romano é comandado por um só homem todopoderoso que acredita ser o filho de deus: Otaviano, que logo passará a responder por um novo nome: Ave César Augusto.

BATALHA DE ÁCCIO

2 de setembro de 31 a.C.



Mapa de Gene Thery

C A P Í T U L O Q U A T R O

Vale do rio Jordão, Judeia

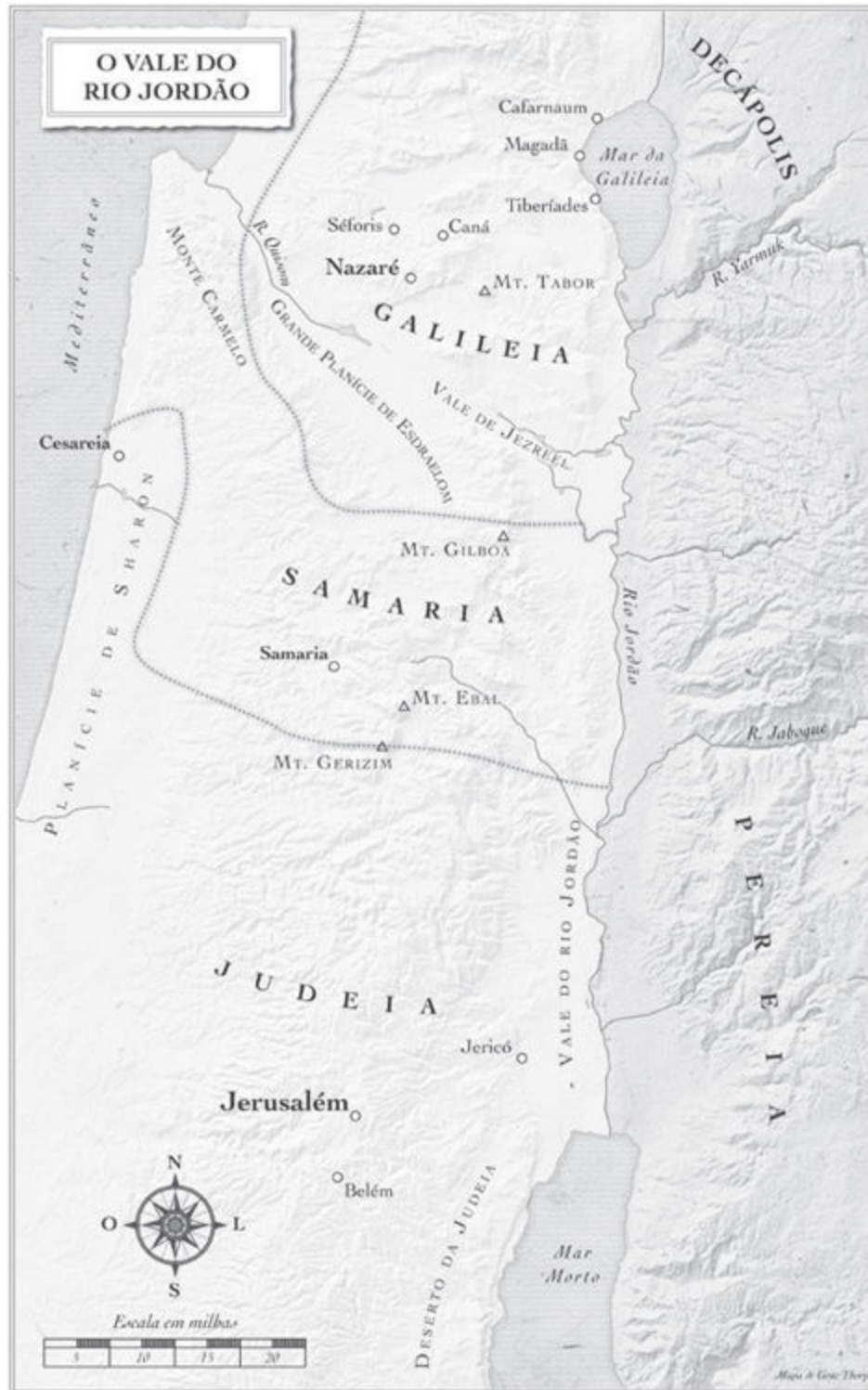
22 de março de 7 d.C.

Meio-dia

A criança que viverá apenas mais 23 anos está desaparecida.

A estrada que sai de Jerusalém rumo ao noroeste é poeirenta e árida, um caminho desolado que desce a colina íngreme até o rio Jordão e o deserto rochoso de Pereia mais além. As sombras são escassas e há poucos lugares para se abrigar do sol. Maria e José caminham junto a uma longa fila de peregrinos que retornam a Nazaré após o festival da Páscoa em Jerusalém, uma jornada que a lei judaica os obriga a fazer todos os anos. O casal deixa para trás uma cidade muito diferente daquela da época do nascimento de Jesus. O rei Herodes morreu há tempos, mas o povo judeu, em vez de estar melhor sem ele (em seus últimos momentos, o governante delirava, brandindo uma faca e ordenando o assassinato de mais um filho), vive uma situação ainda mais precária por conta da morte do tirano.

Sua morte em março de 4 a.C. foi marcada por rebeliões intensas, e a anarquia voltou a reinar assim que o povo de Jerusalém percebeu que o herdeiro de Herodes era uma versão mais fraca e incompetente de seu pai. Mas Arquelau, como era chamado o novo rei, reagiu de forma violenta, demonstrando que poderia ser tão cruel quanto Herodes. O massacre ocorreu durante a Páscoa, a celebração da noite em que o anjo da morte passou ao largo das casas dos judeus que eram escravos no Egito na época dos faraós, matando os primogênitos dos egípcios em vez dos seus. O feriado simboliza a libertação da escravidão que veio em seguida, quando Moisés liderou a fuga de seu povo em busca da terra que Deus lhes prometera.



A Páscoa é uma época em que Jerusalém está repleta de centenas de milhares de fiéis vindos de todo o mundo, e por isso foi tão terrível que Arquelau tenha tido a audácia de reafirmar sua autoridade ordenando que sua

cavalaria investisse contra as multidões que enchiam os pátios do Templo. Brandindo lanças e longas espadas de aço e bronze, os mercenários babilônios, trácios e sírios de Arquelau massacraram 3 mil peregrinos inocentes. Maria, José e Jesus presenciaram o banho de sangue em primeira mão e tiveram a sorte de escapar do Templo com vida. Eles também foram testemunhas oculares da crucificação de mais de 2 mil rebeldes judeus ao redor dos muros da cidade quando os soldados romanos chegaram para sufocar as outras rebeliões. Em franco desrespeito à lei judaica,^[18] os corpos não foram retirados das cruzes e enterrados, mas deixados ali para apodrecerem e serem devorados por cães selvagens e abutres, servindo de exemplo do que acontece àqueles que desafiam o Império Romano.

Roma logo passou a intervir na política da Judeia.^[19] Já no ano 6 d.C., o imperador César Augusto decretou que Arquelau não era um governante adequado e o exilou na Gália. A Judeia agora é uma província romana, entregue a um governador enviado da capital do império. Algumas porções do antigo reino de Herodes ainda estão sob o controle de governantes judeus, mas eles não passam de testas de ferro e não possuem o título de reis, mas de tetrarcas, ou seja, governantes subordinados ao Império Romano. O termo se refere ao fato de que o reino da Judeia de Herodes, o Grande foi dividido em quatro partes desiguais após sua morte. Essas partes foram entregues aos seus filhos: uma a Herodes, uma a Filipe e duas a Arquelau. Após o exílio de Arquelau em 6 d.C., Roma enviou seus próprios governantes para supervisionarem a terra dos judeus.

Jerusalém é governada pela aristocracia local e pelos altos sacerdotes do Templo, que fazem justiça através do Grande Sinédrio, um tribunal composto de 71 juízes com total autoridade para aplicar a lei religiosa judaica – embora, em caso de pena de morte, seja obrigatória a aprovação do governador romano.

Dessa forma, o imperador César Augusto garante que as necessidades de seu império sejam satisfeitas sem ofender a fé judaica. Mesmo assim, ele ainda exige total submissão ao seu poder, uma humilhação que os judeus não têm escolha senão suportar. Isso não quer dizer, no entanto, que eles tenham parado de se rebelar. Na verdade, a região registra mais insurreições do que qualquer outra parte do poderoso Império Romano, um reino vasto que se estende de uma ponta à outra da Europa, atravessando as areias da Pártia e abrangendo quase todo o entorno do Mediterrâneo. A revolta mais grave foi em 4 a.C., quando Jesus tinha apenas um ano. Uma facção rebelde invadiu a

grande fortaleza de Séforis, saqueou o arsenal real, distribuiu armas aos cidadãos e tentou derrubar o governo local. Sob as ordens de César Augusto, Públio Quintílio Varo, o governador romano da Síria, ordenou que a cavalaria massacrasse os rebeldes, incendiasse a cidade de Séforis e escravizasse toda a sua população de mais de 8 mil habitantes.

O povo judeu também começou a boicotar a cerâmica romana. Por mais passivo e sutil que seja esse gesto, ele serve como lembrete diário de que, apesar da opressão, os judeus jamais se permitirão ser totalmente esmagados pelo jugo romano. Pois, enquanto a república romana mantinha distância da política da Judeia durante o governo de Júlio César, o Império Romano domina os judeus de forma cada vez mais opressiva.

Por ora, no entanto, os milhares de fiéis que se espalham pela estrada desolada que se estende até o rio Jordão podem esquecer toda a raiva e o medo que sentem dos soldados romanos que ocupam o quartel próximo ao Templo. A Páscoa já acabou. Eles foram parados diante dos portões da cidade para pagar ao coletor de impostos mais um dos tributos exorbitantes que tornam a vida tão difícil – desta vez, trata-se de um imposto sobre produtos comprados em Jerusalém. Agora, estão voltando para seus lares na Galileia. Os peregrinos marcham em uma enorme caravana para se protegerem de ladrões, sequestradores e mercadores de escravos. Alguns poucos sortudos conduzem um jumento de carga com seus mantimentos, mas a maior parte carrega nos ombros sua comida e sua água. Maria e José não veem Jesus – agora um menino de 12 anos – desde a véspera, mas ele com certeza estará em algum lugar da caravana, caminhando com amigos ou outros parentes.

Esse não é o trajeto mais fácil ou curto para voltar, porém é o mais seguro. A rota mais direta leva menos dois dias de viagem, mas segue pelo norte, através da Samaria, uma região notória pelo ódio racial entre os samaritanos e os judeus, ao longo de desfiladeiros em que bandidos homicidas dão vazão a seu preconceito.

Dessa forma, a caravana está contornando a Samaria, num trajeto que só pode ser descrito como traiçoeiro. Há poucas estalagens ou formas de se conseguir água e comida, e a paisagem se alterna entre desertos e terrenos agrestes e acidentados. Mas grupos numerosos são mais seguros, e os companheiros de viagem de Maria e José não são desconhecidos, pois fazem essa mesma viagem todos os anos. Os membros da caravana cuidam uns dos

outros e de suas famílias. Se uma criança estiver longe dos pais ao anoitecer, ela terá um lugar para dormir e pela manhã será enviada de volta.

Maria e José acreditam que foi isso que aconteceu com Jesus. Ele é uma criança inteligente e carismática que sempre se dá bem com as outras pessoas, então não foi surpresa que não estivesse sentado junto a eles diante da fogueira na noite anterior. Os dois não tinham dúvida de que ele apareceria pela manhã.

Mas a manhã já veio e já passou. Quando notam que o sol do meio-dia está alto no céu, Maria e José se dão conta de que faz muito tempo que não veem Jesus.

Eles atravessam a caravana de uma ponta a outra em busca do filho perdido, cada vez mais preocupados, implorando aos companheiros de peregrinação por alguma pista sobre o paradeiro do menino. Mas ninguém consegue se lembrar de ter visto Jesus desde o momento em que a interminável coluna de viajantes deixou Jerusalém.

Maria e José então percebem que não só perderam seu filho, como provavelmente o deixaram para trás.

Sem alternativa, eles começam a fazer o caminho de volta pela estrada. Irão refazer todos os seus passos até Jerusalém e se submeterão mais uma vez aos romanos, se necessário. Nada é mais importante do que encontrar Jesus.

Seu destino deve ser cumprido, ainda que seus pais aflitos não façam ideia de quão terrível será esse destino.

C A P Í T U L O C I N C O

Jerusalém

23 de março de 7 d.C.

Tarde

Maria e José finalmente terminaram sua longa caminhada de volta a Jerusalém em busca de Jesus. Agora precisam encontrá-lo em algum lugar entre os comerciantes, soldados e turistas exóticos naquela cidade frenética e apinhada de gente.

Enquanto isso, o Filho de Deus – como Jesus chamará a si mesmo pela primeira vez neste exato dia – ouve fascinado um grupo de mestres judeus falando sobre sua fé. Com 12 anos, Jesus de Nazaré está sentado à sombra do grande Templo, em um terraço próximo à Câmara das Pedras Lavradas, onde o onipotente Sinédrio se reúne. Não faz muito tempo, incontáveis fiéis se dirigiram para aquele mesmo local durante a celebração da Páscoa, lotando o terraço e os degraus abaixo dele para tentar ouvir os ensinamentos dos sábios e sacerdotes do Templo. Apesar de sua disposição espiritual, os judeus estavam desconfiados durante todo o tempo, pois sabiam que eram observados de perto pelas tropas romanas do imperador César Augusto, em busca do menor sinal de agitação.

Agora que os peregrinos começaram sua longa jornada de volta para casa e os soldados retornam ao seu quartel na Fortaleza Antônia, os fiéis puderam retomar sua rotina habitual de orações, jejuns, adoração, sacrifícios e ensinamentos nessa cidadela religiosa. É uma atmosfera que o menino nunca havia experimentado antes e que lhe traz grande prazer. Ninguém parece achar estranho que um menino imberbe com roupas simples da zona rural da Galileia esteja sentado sozinho entre aqueles rabinos de barbas grisalhas, com suas túnicas ondulantes e seu conhecimento enciclopédico da

história judaica. Na verdade, o que acontece é o oposto: os sacerdotes e mestres ficam perplexos por Jesus demonstrar tamanha compreensão de conceitos espirituais muito complexos. Eles dão ouvidos às suas palavras e o tratam como um erudito, maravilhados com seus dons extraordinários.



Jesus pregando no Templo

Jesus sabe muito bem que seus pais já começaram a viagem de volta a Nazaré. Ele não é uma criança insensível, mas sua sede de conhecimento e sua vontade de compartilhar suas ideias é tão grande que não lhe passa pela cabeça que Maria e José vão ficar preocupados quando notarem que ele ficou para trás. Jesus tampouco acredita que sua atitude seja um ato de desobediência. A necessidade de mergulhar mais fundo no significado de Deus ultrapassa qualquer outra. Como todos os meninos judeus, quando chegar à puberdade ele deixará de ser considerado uma criança para ser visto como um membro efetivo da comunidade religiosa e, portanto,

responsável pelos próprios atos. Mas Jesus é diferente dos outros meninos da sua idade. Ele não se contenta em aprender a história oral da sua fé e sente um desejo profundo de debater suas nuances e lendas. Essa necessidade é tão grande que mesmo agora, dias depois de seus pais partirem de volta para casa, o menino continua a encontrar novas perguntas para fazer.



Enquanto isso, Maria e José vasculham freneticamente as ruas estreitas e os mercados da Cidade Baixa, temendo o pior. Era possível que Jesus tivesse se afastado da caravana e sido raptado. Essas coisas acontecem. Mesmo assim, eles acreditam que seu filho está em Jerusalém, sem dúvida assustado, sozinho e faminto. Pode ser que os sacerdotes tenham se apiedado dele e permitido que ele passasse a noite no Templo, que possui tantos aposentos. Ou talvez Jesus tenha sido obrigado a se encolher em um beco qualquer, tremendo de frio ao relento. Mas o que é mais desconcertante sobre esse sumiço é o fato de ele ser tão atípico. Normalmente, o menino se comporta muito bem e não causa preocupações a Maria e José.

Eles entram no Templo pelas portas ao sul e então sobem a larga escadaria de pedra que conduz ao Monte do Templo. Chegam a uma praça ampla e tumultuada, onde começam a correr os olhos pelos fiéis em busca de seu filho perdido.

Mas é quase impossível saber onde procurar primeiro. Com o dobro do tamanho do Fórum em Roma, o Monte do Templo é uma plataforma de 3 acres com uma muralha de 400 metros, a 137 metros de altura sobre o vale do Cédron abaixo. Herodes, o Grande construiu toda a estrutura em apenas 18 meses, no mesmo local onde ficavam os antigos templos de Salomão e Zorobabel. A maior parte do Monte é composta de um amplo pátio de pedra a céu aberto conhecido como Pátio dos Gentios, que é aberto tanto a judeus quanto a não judeus. É nele que agora se encontram Maria e José.

Quando não veem sinal de Jesus, eles caminham em direção ao centro do Monte. Ali, como uma ilha de calcário e ouro de 15 andares, ergue-se o Templo. Esse não é apenas um mero local de adoração, mas também um refúgio da repressão da ocupação romana, um lugar onde todos os judeus podem falar livremente e orar a Deus sem medo. Existem pátios separados

para homens e mulheres, quartos para os sacerdotes dormirem quando estão de serviço, escadas, terraços onde os sacerdotes pregam sobre a fé judaica e altares onde cordeiros, pombas e bezerros são sacrificados. Essa é a primeira coisa que qualquer visitante vê ao chegar a Jerusalém após atravessar as colinas ao redor e olhar para baixo em direção à cidade.

O Templo é cercado por um muro baixo que o separa do Pátio dos Gentios. Apenas judeus podem atravessar de um lado para o outro. Para o caso de um soldado romano ou outro gentio se sentirem tentados a passar pelos portões, um aviso lembra que eles serão mortos se decidirem fazê-lo. FORASTEIROS!, diz a inscrição. É PROIBIDO ATRAVESSAR A GRADE DIVISÓRIA AO REDOR DO TEMPLO. AQUELE QUE FOR PEGO COMETENDO ESSA TRANSGRESSÃO SERÁ CONSIDERADO O ÚNICO RESPONSÁVEL POR SUA PRÓPRIA MORTE.

A ameaça é vazia. Qualquer judeu seria executado na mesma hora se ousasse matar um legionário que tivesse atravessado os portões. E, de tempos em tempos, os romanos inclusive enviavam tropas ao interior do Templo só para reafirmar sua autoridade. Mas o alerta ameaçador serve a um propósito. As palavras são um lembrete de que esse é um lugar sagrado e inviolável, construído, de acordo com a tradição, no exato local no alto do monte Moriá onde Abraão quase sacrificou Isaque; onde o rei Davi escolheu erguer o Primeiro Templo; e onde Deus juntou o pó para criar Adão, o primeiro homem. Não há um símbolo maior e mais profundo da fé judaica.



Maria e José atravessam os portões do Templo, deixando para trás o Pátio dos Gentios. Isso só serve para tornar a tarefa ainda mais frustrante, pois Jesus poderia estar em qualquer um dos muitos aposentos internos do Templo – ou em nenhum deles. Eles passam pelas colunatas do Portão Oriental e chegam ao Pátio das Mulheres. Com 71 metros de extensão de cada lado, cercado de quatro candeeiros de 26 metros de altura cada, esse pátio quadrangular pode abrigar até 6 mil fiéis. Poucos dias atrás, no auge da Páscoa, sem dúvida havia muitas mulheres ali. Mas agora o pátio está vazio o suficiente para que Maria e José possam ver que Jesus não está no local.

Eles seguem na busca por um processo de eliminação. Jesus obviamente não está na Câmara dos Leprosos. A Câmara da Lareira abriga os sacerdotes que estão de serviço, dormitórios e escritórios, de modo que é pouco

provável que ele esteja ali. A Câmara das Pedras Lavradas é onde fica a seleta assembleia dos sacerdotes conhecida como Sinédrio, de modo que esse local também deve estar fora de cogitação. Mas Maria e José estão desesperados e dispostos a procurar em toda parte. Eles vasculham o Templo com o mesmo empenho frenético com que haviam varrido os mercados e becos de Jerusalém mais cedo.

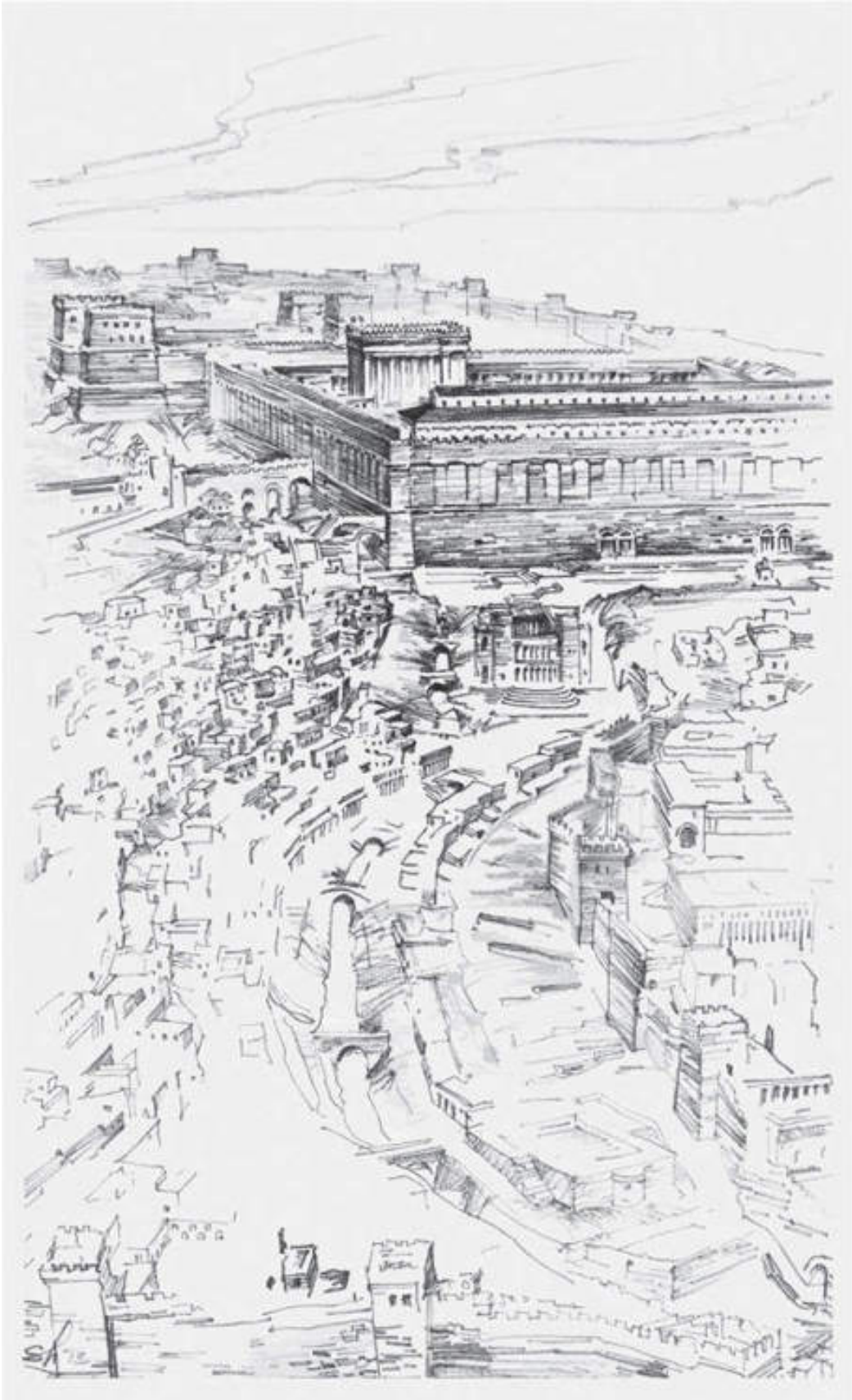
Enquanto Maria e José atravessam os pátios, os sons e cheiros dos animais enchem o ar. Os sacerdotes preparam vacas e carneiros para sua morte cerimonial no altar, esfolam as carcaças e limpam os litros de sangue vertidos quando um dos animais é oferecido a Deus. Esses sacrifícios ritualísticos fazem parte da rotina do Templo. Um animal é abatido para que os pecados de um indivíduo sejam perdoados. Inevitavelmente, o cheiro pungente de sangue toma conta do ar.

Por fim, Maria ouve a voz de Jesus vindo lá de fora, do terraço onde os sábios e escribas pregam as Escrituras aos fiéis durante a Páscoa e outras festividades. Mas as palavras que saem de sua boca não se parecem nada com as do filho que ela conhece tão bem. Jesus nunca havia demonstrado nenhum sinal de possuir um conhecimento tão profundo das leis e tradições judaicas. Maria e José ficam em choque ao testemunhar a desenvoltura com que ele fala sobre Deus.

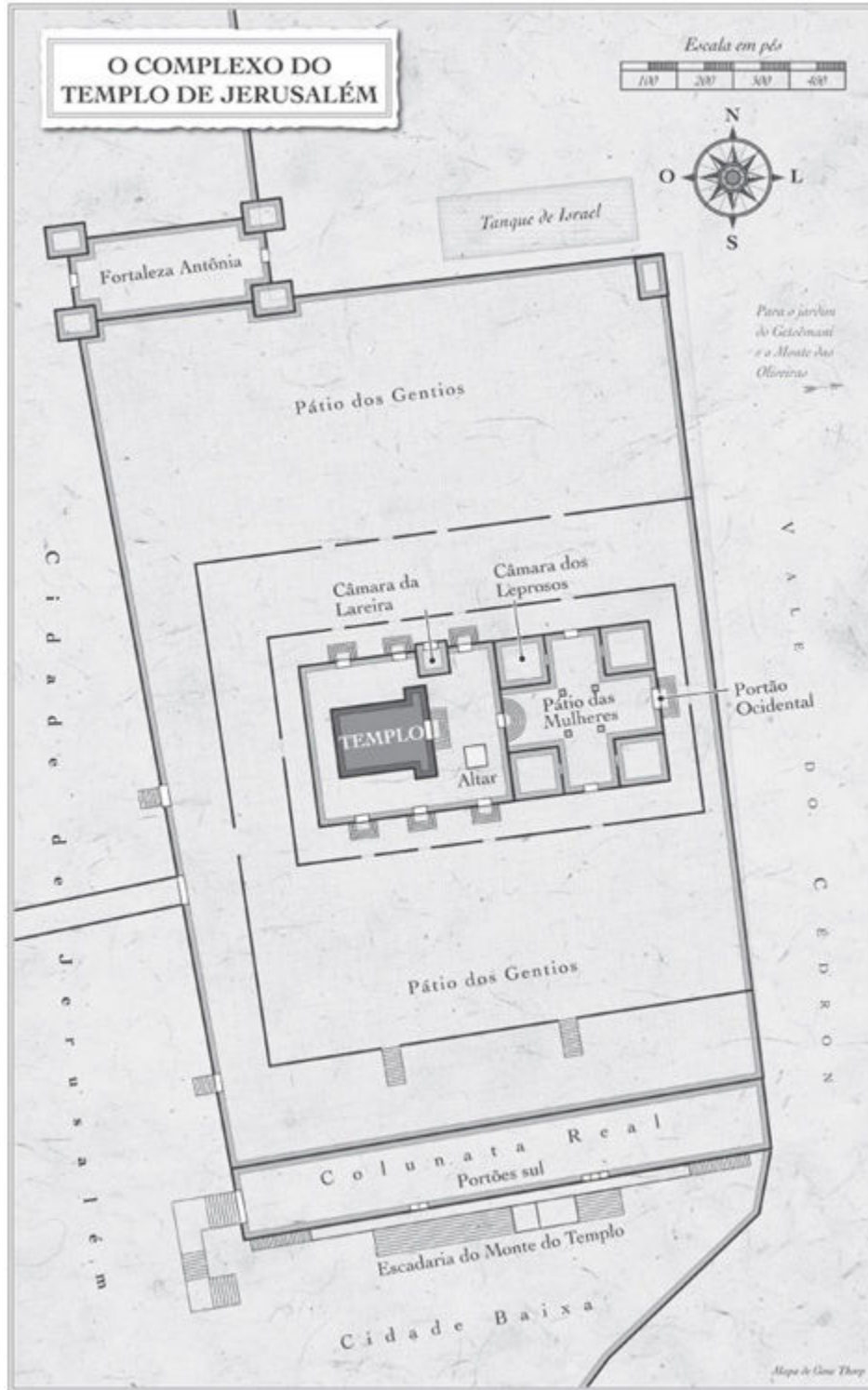
Mesmo assim, eles também estão compreensivelmente furiosos.

– Filho – gagueja Maria –, por que você nos fez isto? Seu pai e eu estávamos aflitos, à sua procura.

– Por que vocês estavam me procurando? – responde ele. Há inocência em suas palavras. – Não sabiam que eu devia estar na casa de meu Pai?^[20]



Templo visto do sul



Se os respeitáveis rabinos do Templo ouvem a resposta de Jesus, não dão sinal disso. Pois se o menino está querendo dizer que Deus é seu pai *de verdade*— de forma literal, e não figurativa —, isso é uma blasfêmia. Uma afirmação de divindade, aos olhos deles, não seria nem um pouco diferente das de César Augusto. Mas o imperador romano não é judeu, portanto não pode ser responsabilizado por sua blasfêmia perante a lei judaica. Caso contrário, sua punição seria a morte, conforme foi transmitido por Moisés, o patriarca do povo judeu.

Entretanto Jesus é judeu. E a lei judaica afirma que, no caso de Jesus haver cometido uma blasfêmia, toda a congregação deve pousar as mãos nele, dar um passo atrás e atirar pedras em sua cabeça e seu corpo jovem e indefeso até ele cair e morrer.

Jesus de Nazaré não está afirmando que José, o carpinteiro e filho de Jacó que está sem ação ao lado de Maria no pátio do Templo, é seu pai. Em vez disso, está afirmando que o Deus único e verdadeiro do povo judeu é seu legítimo pai.

Porém, de acordo com a lei, ele não pode ser culpado de blasfêmia. Como ainda não tem idade suficiente, ele não é responsável pelo que diz. Então pode ser que os rabinos até tenham ouvido sua afirmação audaciosa, mas em seguida respiraram aliviados por saberem que aquele jovem erudito e tão brilhante não corre o risco de ser condenado a uma morte cruel.



Maria e José levam seu filho do Templo, de volta para casa. As estradas são de terra batida e o vilarejo não é protegido dos invasores por muralhas ou outras fortificações. Naquela época, várias famílias compartilhavam a mesma moradia, às vezes dividida por quintais pequenos. Nazaré está situada em um vale formado pelas colinas da zona rural da Galileia. Uma antiga rota de caravana passa a cerca de 10 quilômetros dali, mas nenhuma via principal cruza Nazaré. É uma cidade pequena destinada a permanecer assim, graças não só à topografia, como também ao fato de que a única fonte de água é uma pequena nascente de água doce.

Ainda assim, Nazaré é um lugar maravilhoso para um menino crescer.^[21] Há colinas para escalar, cavernas a explorar e campos nos quais correr. No verão, quando fica tão quente que Jesus dorme no telhado de terra batida da

casa de sua família, figos e olivas crescem nas árvores. A primavera é a época de plantar o trigo que proverá o pão de cada dia. Nazaré fica a apenas 32 quilômetros do mar Mediterrâneo, mas é como se ficasse a mil, pois peixes são quase tão raros na dieta do jovem Jesus quanto a carne vermelha. Portanto, embora não seja uma vida de excessos, sempre há o suficiente: as árvores e os campos produzem trigo, olivas, cebolas, lentilhas e às vezes até um pedaço de cordeiro, e os ovos podem ser escaldados naquele que é o mais valioso de todos os produtos: o azeite de oliva. Ele também é usado para acender lampiões, hidratar a pele e preparar as refeições.

Maria e José são fiéis devotos e se esforçaram ao máximo para transmitir ao filho esse amor a Deus. Uma pequena caixa de madeira contendo um pergaminho foi pendurada no alto da porta de sua casa. Nele está escrito o Shemá, a oração judaica mais fundamental. “Ouça, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é o único Senhor.” A família recita essa oração todos os dias ao acordar pela manhã e depois de trazer os animais para dentro de casa à noite, na hora de dormir. Jesus foi circuncidado, em conformidade com a aliança entre Deus e Abraão. Suas roupas são ornadas com borlas, em respeito ao texto presente no livro bíblico Números,^[22] e ele vai à sinagoga todas as semanas. Lá, Jesus usa um xale de oração e se senta em um banco, com as costas contra a parede no pequeno recinto quadrangular, lendo os textos sagrados e cantando os salmos. É na sinagoga que ele aprende a ler e escrever, pois, durante essa época de ocupação romana, manter as tradições vivas se tornou uma prioridade ainda maior para o povo judeu. Um grupo de professores devotos conhecido como fariseus ajudou a criar um sistema pedagógico nos templos, ensinando hebraico às crianças e iniciando-as na lei judaica.

É lá que Jesus se senta ao lado de seu pai no sábado, cercado por aqueles que se dizem amigos de José. Todos esses homens de Nazaré fizeram a longa caminhada até Jerusalém juntos, como parte da grande caravana da Páscoa, e muitos até se lembram de ter visto Maria, grávida antes do casamento, enfrentando a peregrinação. Eles também se lembram da vergonha que recaía sobre Maria e José naqueles primeiros dias de seu relacionamento, quando foi anunciada a gravidez fora dos laços do matrimônio. Recordam igualmente a lealdade inabalável de José e sua recusa em rejeitá-la. O vilarejo de Nazaré acabaria por seguir seu exemplo, aceitando a união futura do casal. Foi dessa forma que Jesus alcançou a maioria, tornando-se um trabalhador que se dedicava com empenho à fé

judaica, determinado a ter uma vida espiritual, como qualquer outro homem ou mulher de Nazaré.

A história dos judeus é uma sucessão de atos de resistência à opressão dos invasores estrangeiros que conquistaram a terra que hoje é conhecida como Israel. Em certo sentido, a ocupação romana vincula o povo da Galileia a uma tradição de séculos. Assim, a situação cada vez pior sob o domínio de César Augusto é aceita tacitamente, mas com crescente amargura.

Não há nada de excepcional na criação de Jesus. Para os habitantes de Jerusalém – cidade que ele visita todos os anos durante a Páscoa –, seu sotaque carregado da Galileia é perceptível. Ele trabalha seis dias por semana como carpinteiro ao lado do pai, construindo os telhados e portais de Nazaré e erguendo os alicerces da cidade vizinha a Séforis que se encontra em franca expansão. Jesus parece fadado a continuar ali para sempre, constituindo família e levantando sua própria casa na encosta de uma colina.

Mas o jovem Jesus logo deixará sua pequena cidade. A santidade e o esplendor de Jerusalém parecem chamá-lo. Ele passa a conhecer os cheiros e a música do lugar durante suas visitas anuais, transitando cada vez com mais desenvoltura pelos pontos de referência da região, como o Monte das Oliveiras, o jardim do Getsêmani, o vale do Cédron e o Templo em si. A cada ano que passa, e à medida que Jesus vai se tornando um homem com ombros largos e mãos calejadas de carpinteiro, sua sabedoria e a consciência de sua fé aumentam. Ele desenvolve a serenidade e o grande carisma que lhe são naturais e aprende a falar em público com eloquência.

Ainda assim, Jesus é cauteloso ao se dirigir às massas. Membro efetivo da comunidade religiosa judaica desde os 13 anos, ele sabe que deve responder pelos seus atos e que qualquer afirmação de que é Filho de Deus será considerada blasfêmia e terá como resultado uma execução pública. Os judeus o apedreariam por dizer esse tipo de coisa, e os romanos poderiam matá-lo se ele sugerisse que está em pé de igualdade com seu imperador divino. O apedrejamento, no entanto, pareceria uma morte suave em comparação com as crueldades de que os romanos eram capazes – e que Jesus já havia constatado com os próprios olhos.



Fazia apenas um ano que Judas de Gamala^[23] tinha sido crucificado em Séforis. Jesus e todos os galileus testemunharam esse horror. Judas era um homem instruído, um bom marido e um pai que desejava criar seus filhos em um mundo melhor – uma Galileia governada pelos israelitas, e não por fantoches romanos que esmagavam o povo sob o peso de impostos insustentáveis. Judas viajou pelos vilarejos agrícolas e comunidades pesqueiras da Galileia pregando aos camponeses empobrecidos uma mensagem subversiva: que não pagassem os impostos a Roma nem o dízimo ao Templo em Jerusalém. Ele chegou a fundar uma nova seita dentro da fé judaica, que advogava uma radical teologia de devoção inabalável ao Deus único e verdadeiro dos israelitas. Curvar-se a César Augusto e Roma é pecado, dizia Judas a todos os que pudessem ouvi-lo.

Os romanos talvez houvessem ignorado Judas, considerando-o um mero fanático religioso, se ele não tivesse reunido um exército de camponeses desapropriados de suas terras para tentar derrubar pela violência o governo estabelecido por Roma na Galileia. Essa ação gerou uma reação imediata: Judas deve morrer.

A ordem foi dada por Herodes Antipas, o quinto filho de Herodes, o Grande, que havia caçado o bebê Jesus no passado. Pai e filho tinham feito tudo a seu alcance para brutalizar e despojar o bom povo da Galileia de tudo que tinha.

Naturalmente, César Augusto era o primeiro a levar uma fatia dos impostos arrecadados. Ele havia amolecido desde a juventude. O poder absoluto lhe convinha, e o herdeiro vanglorioso de Júlio César, que tinha sido zombado por sua covardia em Filipos, agora era um monarca de 70 anos, famoso por erguer edifícios e templos suntuosos por todo o império. Ele inclusive nutria certa admiração pelos judeus e sua reverência às tradições. Augusto vivia de forma suntuosa, porém não ostensivamente degenerada. Esse pendor para os excessos e a perversidade recairia sobre Tibério, seu filho adotivo e herdeiro.

Mas foi César Augusto quem permitiu que Herodes, o Grande governasse a Judeia durante quase quatro décadas e dividiu pessoalmente o reino após a morte do tirano, entregando o controle da Galileia a Herodes Antipas.

Os soldados de Antipas logo capturaram Judas de Gamala e começaram o processo de crucificação despindo-o no pátio do palácio.

Uma multidão foi autorizada a entrar para que todos pudessem testemunhar o martírio de Judas. Entre os presentes estavam seus filhos, Jacó

e Simão. Mal sabiam os rapazes que também estavam destinados a serem crucificados um dia por tentarem vingar a morte do pai.

Os soldados de Antipas forçaram Judas de Gamala a se ajoelhar de frente para um poste baixo. Ele foi amarrado com as mãos sobre a cabeça. Dois soldados sacaram seus chicotes de cabo curto, cujas três tiras de couro possuíam bolas de chumbo e lascas de osso de carneiro nas pontas. Eles pararam diante de Judas, prontos para fustigarem suas costas com as tiras de couro, um de cada vez, desferindo os golpes com toda a força. A cada chicotada, as tiras de couro rasgavam pele e músculo, enquanto o chumbo e as lascas de osso deixavam feridas mais profundas. Isso causava hemorragias internas. Como todos os aspectos da execução romana, o desnudamento e as chibatadas tinham um propósito específico: a nudez pública servia para humilhar Judas, enquanto o açoite quebrava seu espírito para que ele não oferecesse resistência ao ser jogado no chão e pregado na cruz. A crucificação no estilo romano não era apenas uma forma brutal de assassinato; era também um processo para destruir mental e fisicamente a vítima – quer fosse homem, mulher ou criança. Judas não seria nada além de uma casca vazia quando chegasse sua hora de ser pendurado na cruz.

A lei judaica diz que um homem só pode ser açoitado 39 vezes – “quarenta menos um”, conforme está escrito. Mas com os romanos as coisas não são assim – ou, no caso de Herodes Antipas, com os mercenários gentios que fazem as vezes de soldados romanos. Esses não judeus podiam açoitar um homem quantas vezes quisessem. A única exigência era que a vítima fosse capaz de carregar a trave da cruz até o local da crucificação. Então, por mais que os soldados contassem cada uma das vezes que o *flagrum* descia contra as costas, as pernas e a cabeça de Judas, estava claro que ele receberia muito mais do que 39 chicotadas. Ele não era um criminoso comum. Era um traidor cujo crime tinha sido “exortar a nação a reivindicar sua liberdade”, conforme escreveria o grande historiador Josefo. Mais importante ainda, Judas buscara libertar o povo da Judeia da tributação injusta aplicada por Roma e Herodes. Ele havia comparado os impostos abusivos a uma forma de escravidão, conclamando seus conterrâneos judeus a se erguerem contra os opressores.

Judas gritou de agonia quando um dos soldados desferiu outro golpe com as tiras de couro contra a sua carne. Mas ele sabia que não devia maldizer seus carrascos, pois isso só serviria para lhe render mais chicotadas. Então

suportou a tortura calado. Em questão de instantes, Judas já estava coberto de sangue.

No Império Romano, um condenado podia ser executado de várias formas: enforcado, queimado vivo, decapitado, colocado dentro de um saco cheio de escorpiões e depois afogado, ou crucificado. Apesar de todas as opções serem terríveis, a última é de longe considerada a pior de todas. E mesmo sendo a crucificação tão disseminada pelo Império Romano a ponto de ser praticada por um tetrarca como Herodes Antipas, essa era uma morte tão horrível que era proibido executar cidadãos romanos dessa maneira.

Sem forças, Judas de Gamala fica caído, se esvaindo em sangue após receber as chicotadas. Depois os soldados trazem uma tora de madeira bruta e a atiram no chão. Apesar do sangue que escorre por suas costas, Judas é forçado a se levantar. A tora cheia de farpas, conhecida como *patibulum*, é erguida pelos carrascos e depositada sobre seus ombros. Essa é a trave mestra de seu crucifixo e, como todos os condenados, Judas deve carregá-la para além dos muros da cidade de Séforis até o local em que um poste vertical fincado no chão forma a segunda parte da cruz a que ele será pregado e deixado para morrer. Suas pernas são quebradas para que a tortura se torne ainda mais pavorosa. Ele ficará pendurado em plena vista dos milhares de habitantes de Séforis, incapaz de conter a urina e as fezes que vão manchar a cruz e aumentar ainda mais sua humilhação. Judas estaria morto ao cair da noite – se tivesse sorte.

A história da execução de Judas se espalha pela Galileia. Mas ele não é o único a ser perseguido. Havia inúmeros outros aspirantes a profetas que acreditavam ser possível dar fim à ocupação romana através da violência. Todos pagaram com a vida por essa audácia. E então foram esquecidos, de modo que poucos nas gerações seguintes se lembravam da história de Judas de Gamala.



A Galileia é a província mais ao norte da região chamada de Canaã pelo patriarca Abraão. Um dos netos do patriarca era um homem chamado Jacó, que também respondia pelo nome de Israel e gerou os descendentes que passariam a ser conhecidos como israelitas. No futuro, o território

controlado por Roma que era conhecido como Judeia na época viria a receber esse mesmo nome.

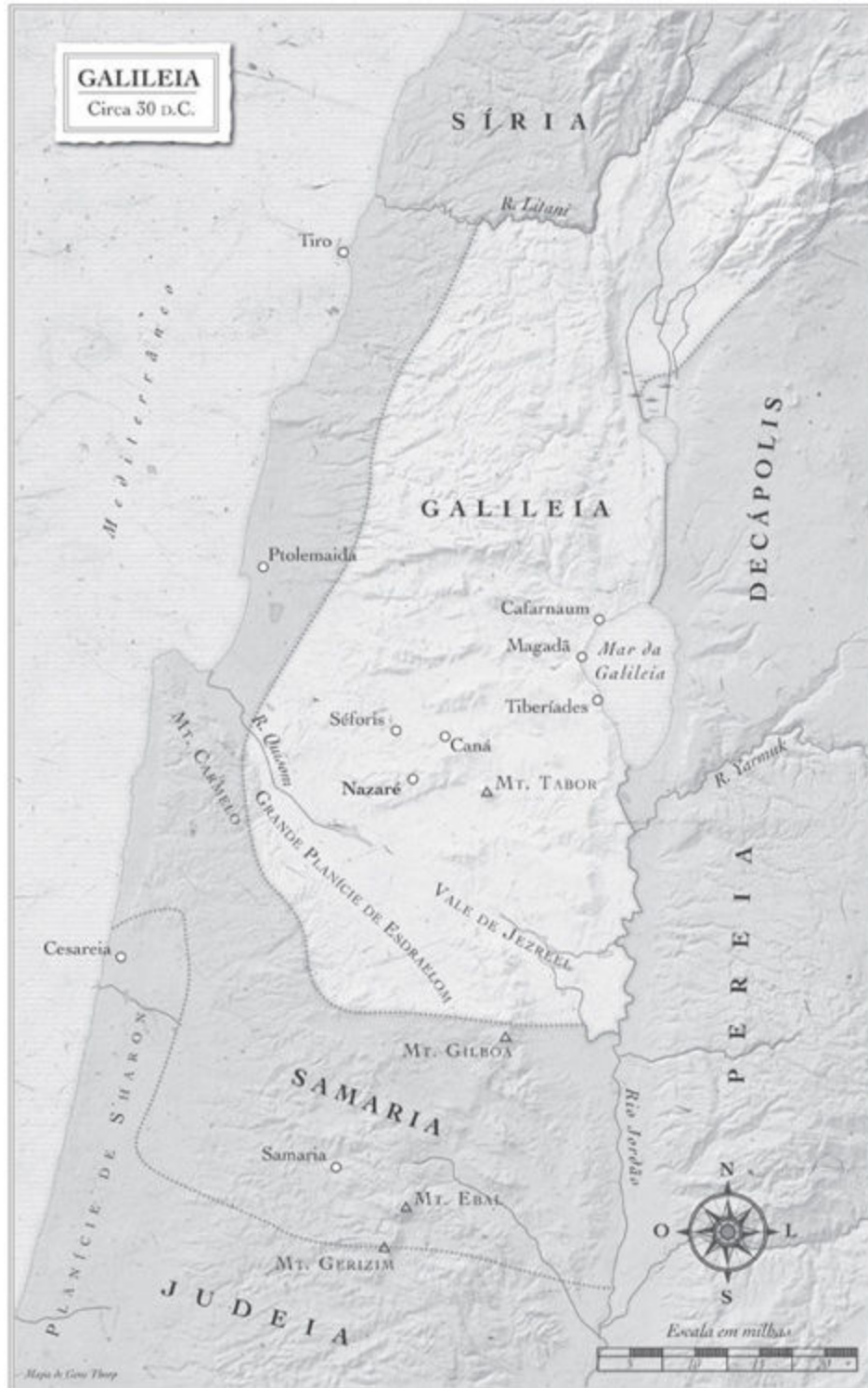
Dois “mares” marcam as fronteiras da Galileia: o Mediterrâneo e o grande lago geralmente chamado de mar da Galileia, repleto de vilas de pescadores, como Cafarnaum. A Síria fica ao norte e a oeste, enquanto a Samaria se estende ao sul. É uma paisagem despovoada, com colinas, amplas planícies, vilarejos e camponeses que cuidam das terras que receberam como herança.

Desde que voltara à Galileia 10 anos antes, Herodes Antipas se dedicou a reconstruir a cidade de Séforis. Antipas transformou a cidade revitalizada em seu lar e está determinado a torná-la ainda mais suntuosa do que Jerusalém. A partilha do império de seu pai entre ele e seus irmãos significa não apenas que a Judeia é uma nação dividida, governada por três pessoas – Antipas na Galileia, seu irmão Filipe onde atualmente fica a Jordânia, e seu irmão Arquelau no sul, em Jerusalém –, como também que, pela primeira vez na História, o governante da Galileia mora ali. Isso faz com que Séforis se torne um eixo cosmopolita da região, em contraste com o estilo de vida agrícola e a paisagem rural da Galileia. É nessa cidade que o nazareno José encontra trabalho constante graças aos intermináveis projetos de construção de Antipas. Construindo algumas das novas e complexas mansões da cidade, rebocando paredes ou instalando o piso de mosaicos da basílica, há serviço de sobra naquela vasta e reluzente metrópole de calcário empoleirada no topo de uma colina.

Séforis é tão grande que possui dois mercados, um na cidade alta e outro na cidade baixa. Tudo que um homem possa querer está à venda ali: vidros, cerâmica, peixe seco, cebolas, ervas, gado e até mesmo sexo, caso esteja disposto a se desviar furtivamente do burburinho e adentrar o silêncio das vielas.

Como Jerusalém, Séforis é murada, e caravanas de jumentos surgem diante dos portões da cidade todas as semanas implorando para entrar e vender seus produtos. É uma cidade como nenhuma outra na Galileia. Desde o repovoamento e sua ressurreição, ela abriga médicos, advogados, artesãos, cobradores de impostos e artistas que apresentam mímicas e espetáculos cômicos em seu teatro. Mas o preço a pagar pela construção de uma metrópole tão maravilhosa é alto. Graças a Antipas, Séforis também abriga muitos daqueles que perderam suas propriedades agrícolas devido aos impostos abusivos. Sem solo para cultivar ou um lugar para chamar de lar,

eles se aglomeram nas zonas mais pobres da cidade, roubando, prostituindo-se ou mendigando para ganhar a vida. Então, por debaixo do verniz de progresso e sofisticação, estão a decadência e a miséria dessa autointitulada “joia da Galileia”.



Por mais que Séforis seja a imagem da prosperidade, muitos na Galileia passam fome.



José e Maria, assim como a maioria dos judeus, vivem com medo de Herodes Antipas. Com uma barba negra cobrindo a ponta do queixo e um bigode fino sobre a boca, o governante parece um típico vilão. Seu pai, Herodes, o Grande, tinha graves falhas de caráter, mas também realizou grandes progressos. O mesmo não se pode dizer de Antipas, um homem inexperiente que nunca passou necessidade e sempre soube que receberia um reino nas mãos.

Nascido na Judeia, Antipas foi educado em Roma, cidade pela qual tem adoração. Ele demonstra sua deferência a César Augusto e a Roma não só cobrando impostos absurdos dos judeus, como também ordenando um método romano de execução a todos aqueles que ousam desafiá-lo.

A revolta dos galileus contra Roma vem crescendo há décadas. O povo tem sido esmagado por impostos em cima de impostos. Antipas é, em todos os sentidos, “um amante do luxo”, e usa os recursos do povo tanto para reconstruir Séforis, quanto para manter seu estilo de vida suntuoso. E quanto mais luxo ele necessita, mais altos ficam os impostos.

Dinheiro de verdade é escasso. Todo judeu adulto do sexo masculino deve pagar em moedas a taxa anual de meio siclo ao Templo. Agricultores podem pagar o restante dos tributos em figos, azeitonas, azeite ou grãos, e não têm como evitar os impostos, porque precisam ir a Séforis para vender sua colheita. O odiado coletor de impostos está sempre por perto quando eles chegam ao seu destino. A vida dos pescadores não é mais fácil, pois esses precisam pagar por uma licença especial, além de oferecer uma parcela da pesca do dia pelo direito de lançar suas redes ao mar ou atracar em um porto.



Herodes Antipas

Nenhum homem é mais desprezado do que o coletor de impostos, que não só extorque dinheiro daqueles que têm muito pouco, como maltrata publicamente e até mesmo tortura os que atrasam o pagamento. A tolerância é zero. Aqueles que não podem pagar precisam contrair um empréstimo de grãos e azeite dos silos administrados pelos homens de Antipas. A taxa de juros é exorbitante – de 100% para azeite e 25% para grãos. E deixar de

honrar essas dívidas significa ruína certa. Os camponeses são muitas vezes obrigados a entregar seus filhos como escravos para os credores ou vender suas propriedades e trabalhar a terra como meeiros. Alguns perdem seu lar e sua herança e se tornam mendigos, sendo a dignidade da vida de um dono de terras judeu substituída pela degradação de viver à margem da sociedade.

Existe, entretanto, uma cidade em expansão, com cerca de 40 mil habitantes, para onde muitas dessas pessoas migraram e foram recebidas de braços abertos, apesar de sua condição. O nome desse lugar é Magdala – “Magdalena” para os romanos, “Magdalene” no grego dos Evangelhos – e, ao mesmo tempo que Jesus de Nazaré caminha pelas ruas de Séforis, uma jovem cheia de vida chamada Maria anda pelas ruas de Magdala. Seus pais não têm nada. A inocência de Maria será inevitavelmente destruída nos confins miseráveis daquela cidade sem lei. Ao crescer, ela se tornará uma prostituta e fará tudo o que for preciso para sobreviver, embora sonhe com um futuro melhor neste mundo.



Como José é um carpinteiro habilidoso, ele pode pagar seus impostos. E, na realidade, a maioria das pessoas na Galileia consegue fazer o mesmo – mas com muito esforço. Muitos galileus são subnutridos por não lhes sobrar comida suficiente para se alimentarem. E enquanto sofrem de fome, seus cabelos caem e tanto seus músculos quanto sua esperança definham, uma raiva silenciosa cresce dentro deles. Porém, em vez de culpar Roma ou César Augusto, o povo da Galileia começa a dirigir seu ódio uns contra os outros, deixando de emprestar grãos ou azeite a seus amigos e parentes por medo de que seu próprio estoque não lhes chegue e ignorando a tradição judaica de perdoar as dívidas. A comunidade camponesa unida que se sustentara por tantas gerações, passando pelo domínio dos gregos, dos persas e dos assírios, começa a ruir sob o controle de Augusto e Antipas.

As grandes lendas do povo judeu falam sobre heróis de sua fé erguendo-se para derrotar invasores estrangeiros. O povo anseia pelos dias gloriosos do rei Davi, tantas centenas de anos atrás, quando os judeus eram seus próprios mestres e Deus era a força incontestável e mais poderosa de todo o cosmos. Os habitantes da Galileia são livres-pensadores. Sua crença inabalável em que no final eles irão controlar seu próprio destino é um dos

motivos pelos quais a exortação de Judas de Gamala para que eles se sublevassem contra Roma teve um impacto tão profundo.

Nessa crença há esperança. As atribulações na região e a crueldade de Roma fizeram ressurgir a fé no poder do Deus judeu, ao qual eles oram, pedindo que lhes traga salvação, força e alívio. Esse é o mundo em que vive o jovem Jesus de Nazaré. Essas são as orações que ele ouve todos os dias. A promessa da libertação provinda de Deus é um raio de luz que consola o povo oprimido da Galileia. Um dia, se eles resistirem, Deus irá enviar alguém para fazer justiça, como o fez com Abraão, Moisés, Daniel, Sansão e Davi.

Dez anos após a morte de Herodes, o Grande, os habitantes de Nazaré, o vilarejo de Jesus, assim como os de toda a região, esperam ansiosamente um novo rei dos judeus.



Não se sabe até que ponto Jesus é afetado por toda essa turbulência em sua cidade. Ele cresce e se torna um homem forte, que respeita seus pais. José morre em algum momento entre os 13 e os 30 anos de Jesus, deixando os negócios da família em suas mãos. Jesus continua dedicado à mãe, e ela ao filho. Porém, ao completar 30 anos, Jesus de Nazaré sabe que ficar em silêncio já não é uma opção.

É chegada a hora de cumprir o seu destino.

Essa é uma decisão que irá mudar o mundo.

E que também levará Jesus à sua dolorosa morte.

L I V R O I I



Eis o homem

C A P Í T U L O S E I S

Rio Jordão, Pereia

26 d.C.

Meio-dia

João Batista está submerso até a cintura no rio frio e turvo, esperando pacientemente que o próximo peregrino atravesse a água e chegue ao seu lado. Ele olha para o litoral, onde um grande número de fiéis faz fila às margens lamacentas do rio Jordão, ignorando o calor enquanto esperam passar pela imersão ritual que irá lavar seus pecados.

Os fiéis são em sua maioria trabalhadores pobres. Estão encantados com João e seus ensinamentos radicais. O jovem de cabelos longos, pele queimada de sol e barba desgrenhada disciplinou-se a viver sozinho no deserto, sobrevivendo com uma dieta de gafanhotos, que lhe dão proteína, e mel, que lhe dá energia. Sua roupa não é a toga elaborada dos fariseus arrogantes que o observam da margem do rio, mas uma túnica grosseira feita de pele de camelo, presa com firmeza em volta da cintura por um cinto de couro simples. João é celibatário; sua paixão é dedicada a Deus e somente a Deus. Alguns o consideram excêntrico, outros um rebelde, e muitos acham ríspida sua forma direta de falar, porém todos concordam que ele teve a ousadia de lhes prometer algo que nem Roma nem os sacerdotes podem oferecer: esperança. Assim, os fiéis vieram cobrar essa promessa.

O fim do mundo como o conhecemos está próximo, prega João. Um novo rei virá fazer justiça. Entre na água e limpe-se de seus pecados, ou esse novo governante ungido – esse “Cristo” – irá puni-lo da forma mais horrenda possível. É uma mensagem ao mesmo tempo religiosa e política, que desafia diretamente o Império Romano e a hierarquia do Templo judeu.

João estende o braço ao próximo peregrino que se aproxima. Mas antes que possa batizar o homem, um coletor de impostos exclama na margem:

– Mestre, o que devemos fazer?

Ele fala em nome de sua profissão, sabendo muito bem que é desprezado por extorquir dinheiro judeu para um rei pagão em Roma.

– Não colem nada além do que foi estipulado – responde João.

Há pouca sombra às margens do Jordão, e os fiéis vinham esperando pacientemente pela oportunidade de serem submergidos na água fria do rio. Mas, apesar do desconforto, todos ouvem com atenção o que João tem a dizer.

– E nós, o que devemos fazer? – pergunta um soldado.

É do conhecimento de todos que muitos soldados cometeram atos condenáveis em nome de Tibério, o perverso e odiado novo imperador.

A resposta de João, entretanto, não é condenatória.

– Não pratiquem extorsão nem acusem ninguém falsamente; contentem-se com o seu salário.

Batista torna a voltar sua atenção para o homem parado ao seu lado no rio. Ele ouve atentamente enquanto o homem confessa seus muitos pecados. Então, ora para ele:

– Eu os batizo com água. Mas virá alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno sequer de desamarrar as correias das suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo.

Apenas um escravo receberia a tarefa de desamarrar as sandálias de um homem, de modo que essas palavras são poderosas, uma imensa demonstração de respeito. Enquanto o peregrino assente, João pousa uma das mãos no centro das costas do homem e o faz baixar lentamente em direção à água, mantendo-o submerso por alguns segundos e erguendo seu tronco em seguida. O peregrino, aliviado, seus pecados agora perdoados, atravessa a correnteza lenta de volta à margem. Antes de ele alcançar a beira do rio, outro fiel já se aproxima para experimentar a mesma sensação.

– Quem é você? – indaga com firmeza uma voz vinda da margem.

João estava esperando por isso. A pergunta feita em tom arrogante vem de um sacerdote, enviado de Jerusalém para avaliar se João estaria cometendo heresia. O homem santo não está sozinho, tendo feito a viagem em companhia de outros fariseus, saduceus e levitas.^[24]

– Eu não sou o Cristo – exclama João em resposta.

Os sacerdotes sabem que ele se refere ao novo rei judeu, um homem como Saulo e Davi, os grandes governantes de gerações passadas que foram escolhidos por Deus para liderar os israelitas.

– E então, quem é você? – pergunta um deles. – É Elias?

João já havia ouvido essa comparação antes. Assim como ele, Elias era um profeta que pregava que o fim do mundo estava próximo.

– Não – responde João com firmeza.

– Quem é você? – torna a perguntar o sacerdote. – Dê-nos uma resposta, para que a levemos àqueles que nos enviaram.

João prefere invocar as palavras do profeta Isaías, um homem cujo nome significa “o Senhor salva”. Ele vivera 800 anos antes e diz-se que seu martírio foi ser serrado ao meio por conta das muitas profecias audaciosas que fez. Em uma dessas previsões, Isaías disse que um homem viria contar ao povo sobre o dia em que o mundo chegaria ao fim e Deus surgiria na Terra. Esse homem seria “a voz do que clama no deserto”, pedindo que “façam um caminho reto para o Senhor”.^[25]

João havia orado e jejuado por vários dias. Ele acredita piamente que é o homem sobre quem Isaías escreveu. Mesmo que sofra uma morte terrível, ele se sente obrigado a viajar de cidade em cidade, contando a todos que o fim do mundo está próximo e que, para se preparar, eles devem ser batizados.

– Quem é você? – voltam a perguntar os sacerdotes, elevando o tom de voz, ficando mais irritados e insistentes.

– Eu sou a voz que clama no deserto – responde João.



Os sacerdotes do Templo não são os únicos oficiais que observam João Batista de perto. Da nova capital Tiberíades, construída em uma escala ainda mais grandiosa do que Séforis, Herodes Antipas enviou espiões ao rio Jordão para vigiar cada passo dele. João Batista é o principal assunto na Galileia, e Antipas teme que esse evangelista carismático acabe levando o povo a se rebelar contra ele.

Antipas está preparado para lidar com João da mesma maneira que lidou com Judas de Gamala há quase 20 anos. Mas a mensagem não violenta de João o torna uma ameaça muito maior. A vida na Galileia se tornou ainda

mais difícil desde a execução de Judas. A decisão de erguer Tiberíades às margens ensolaradas do mar da Galileia uma década depois de reconstruir Séforis aumentou o fardo tributário dos galileus. Como em todos os projetos arquitetônicos de Antipas, ele não poupou gastos. Os camponeses da Galileia têm que pagar ainda mais impostos para cobrir esses custos.

O nome Tiberíades foi dado à nova cidade em homenagem ao imperador romano que sucedeu o falecido César Augusto. Tibério havia sido um grande general no passado, defendendo Roma dos bárbaros germânicos. Mas uma vida de infortúnios pessoais o transformou em um homem horrível. Ele não conhece limites. Um de seus divertimentos é nadar com “peixinhos” escolhidos a dedo, meninos nus cuja função é persegui-lo pela piscina imperial e mordiscá-lo entre as pernas.

Dentre as inúmeras depravações do imperador, essa é a menos grave, mas Antipas sabe que não está em posição de condená-lo moralmente. Mesmo após mais de duas décadas de poder, ele governa unicamente segundo as ordens de Roma. E, além disso, Antipas tem seu próprio histórico de depravações. Ele se divorciou de sua esposa e se casou com a esposa do irmão, uma atitude abominável aos olhos do povo judeu.

De modo que, além de planejar matar João Batista – um homem cujo único crime é falar abertamente de sua paixão pela vinda do Senhor –, Antipas batizou a capital da devota província judaica em homenagem a um pagão de 68 anos que realiza orgias em sua casa particular e elimina seus inimigos atirando-os de cima de um penhasco de 300 metros de altura.

E, embora Antipas se recuse a condenar moralmente Tibério, o homem cruel que controla seu destino, Batista não possui os mesmos pudores.



Em Jerusalém há uma aliança inquietante entre fé e política, e essa relação profana também segue os passos de Batista.

Desde que Augusto declarou Arquelau, filho de Herodes, o Grande, incapaz de governar 20 anos atrás, quatro outros governadores romanos estiveram no controle da Judeia.

O quinto acaba de chegar. Seu nome é Pôncio Pilatos.



Enquanto João Batista prega às margens do rio Jordão e Jesus de Nazaré está prestes a quebrar os anos de silêncio autoimposto a respeito de sua identidade, Pôncio Pilatos desembarca na cidade fortificada de Cesareia para ocupar o cargo recentemente vagado por Valério Grato.

Pilatos vem da Itália central e é membro da classe equestre e ex-soldado. Corpulento e arrogante, é casado com Cláudia Prócula, que o acompanha até a Judeia. Trata-se de uma nomeação desanimadora, pois a Judeia é conhecida por ser muito difícil de governar. Mas, caso seu marido se destaque nesse posto diplomático remoto, os poderosos de Roma talvez possam garantir a transferência de Pilatos para um lugar melhor.

Pilatos não é amigo dos judeus. Um de seus primeiros decretos oficiais é ordenar que as tropas romanas em Jerusalém decorem os estandartes^[26] com bustos do imperador Tibério. Quando o povo protesta contra essas imagens, que são ídolos proibidos pela lei judaica, Pilatos toma a decisão de ordenar que seus soldados cerquem os manifestantes e desembainhem a espada como se pretendessem começar um ataque. Os judeus nem sequer cogitam recuar. Em vez disso, inclinam-se para a frente e estendem o pescoço, deixando claro que estão dispostos a morrer por tudo aquilo em que acreditam.

É a primeira vez que Pilatos vê com os próprios olhos o poder da fé judaica. Ele ordena que seus homens retrocedam e os estandartes são removidos.

Pilatos então desenvolve uma nova estratégia para lidar com os judeus: decide formar uma complicada aliança com o sacerdote mais poderoso do Templo de Jerusalém. Caifás vem de uma família de sacerdotes e vive em uma casa luxuosa na Cidade Alta. Ele possui total poder sobre a vida religiosa em Jerusalém, inclusive no que diz respeito à aplicação da lei judaica – mesmo que isso signifique condenar um homem ou uma mulher à morte.

É claro que, embora ele possa proferir esse tipo de sentença, é o governador romano quem decide se ela será executada ou não.

Pilatos é um romano pagão. Caifás é judeu. Eles adoram deuses diferentes, comem comidas diferentes, têm diferentes expectativas para o futuro e falam línguas diferentes. Pilatos está sob o comando de um imperador divino, enquanto Caifás está sob o comando de Deus. Mas os dois

dominam a língua grega e acreditam que têm o direito de fazer tudo o que for preciso para permanecerem no poder.

Dessa forma, a política e a fé mantêm a Judeia numa camisa de força. E agora é Caifás quem desempenha o seu papel nessa parceria, enviando um grupo de autoridades religiosas para avaliar com um olhar crítico o ministério de João Batista.



– Raça de víboras! – exclama João para os sacerdotes do Templo que vieram até a beira do rio para questioná-lo. – O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo.

Todos os olhos se voltam para as autoridades religiosas estupefatas e depois fitam João novamente, à espera do que ele dirá em seguida. Embora todos saibam que alguns desses homens eruditos são extremamente hipócritas, ninguém ousa criticá-los em público. Porém João, de forma desafiadora, exige que os fariseus e saduceus sejam batizados ou queimem no fogo eterno.

Os clérigos ficam chocados com as palavras de João, mas não dizem nada.

João volta a dar atenção aos numerosos fiéis que vieram para ser batizados. Camponeses, artesãos, coletores de impostos e soldados – todos respeitam seu estilo de vida monástico, assim como sua franqueza e seu vigor. Há uma independência destemida em seu comportamento que muitos querem imitar. Ele parece imune às ameaças de Roma. Alguns na multidão estão curiosos para saber se João paga seus impostos – e, se não, o que acontecerá com ele.

Acima de tudo, o que cada um dos presentes se pergunta no fundo do coração é se o próprio João não seria o Messias sobre o qual ele prega.



A resposta vem no dia seguinte.

João está mais uma vez parado nas águas do Jordão. O vilarejo de Betânia está atrás dele, na margem oposta. Como de hábito, o dia está quente e os fiéis aguardam em longas filas para serem batizados.

Ao longe, João nota que um homem vem andando em direção ao rio. Assim como ele, Jesus de Nazaré tem cabelos longos e barba. Ele usa sandálias e uma túnica simples. Seus olhos são claros, e seus ombros, largos como os de um trabalhador. Ele parece mais jovem que João, mas não muito.

De repente, uma pomba pousa no ombro de Jesus. Ele não faz menção de espantá-la, e a pomba parece contente em permanecer ali.

Essa pomba muda tudo.^[27] Neste momento, a ira que tantas vezes parece alimentar as palavras de Batista desaparece. Ela é substituída por seu assombro ao perceber que sua visão se tornara realidade. Sob os olhares da multidão de peregrinos, João se aproxima de Jesus, boquiaberto.

– Vejam! É o Cordeiro de Deus. Eu vi o Espírito descer dos céus como pomba e permanecer sobre ele. Eu não o teria reconhecido se aquele que me enviou para batizar com água não me tivesse dito: “Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e permanecer, esse é o que batiza com o Espírito Santo.” Eu vi e testifico que este é o Filho de Deus.

Os fiéis se colocam de joelhos e pressionam o rosto contra a terra. Jesus não reage a esse gesto de adoração, mas também não faz nada para desencorajá-lo. O Nazareno simplesmente entra na água e se coloca ao lado de João, esperando para ser batizado.

João está perplexo.

– Eu preciso ser batizado por *ti*, e tu vens a mim?

Jesus não esclarece sua identidade. É um simples carpinteiro, um construtor que trabalhou a vida inteira. Ele memorizou os salmos e as Escrituras, paga seus impostos e toma conta de sua mãe. Para o observador comum, ele não passa de um entre tantos trabalhadores judeus. Não há nenhum sinal óbvio de sua divindade.

Na cultura judaica, autoproclamar-se Deus é um crime capital. Então, falando baixinho com João Batista, Jesus declara sua identidade. Inclinando a cabeça para aceitar a água do batismo, Jesus diz a João:

– Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça.

João pousa uma das mãos nas costas de Jesus e o submerge lentamente na água.

– Eu o batizo com água para arrependimento – diz João ao mergulhar Jesus na correnteza.

Ele então o ergue.

– Eu vi e testifico que este é o Filho de Deus – grita João.

“Filho de Deus” é um título de realeza, indicativo de que aquele assim chamado é o Messias. Trata-se do título que foi atribuído ao rei Davi. Acredita-se que, quando o Messias voltar, ele será o rei dos judeus, assim como Davi, o monarca perfeito. As pessoas ao redor compreendem “Filho de Deus” como um título davídico, o ungido, que vem assumir o papel de governante e rei.^[28]

A multidão permanece ajoelhada enquanto Jesus volta à margem e segue seu caminho. Ele se dirige ao deserto para jejuar por 40 dias e 40 noites. Essa é uma jornada que ele faz espontaneamente, sabendo que precisa confrontar e derrotar toda e qualquer tentação para purificar sua mente e seu corpo antes de pregar publicamente sua mensagem de fé e esperança.

O trabalho de João Batista está concluído. Mas, junto com isso, seu destino foi selado.



João é o tipo mais raro de profeta: um homem que viveu para ver suas previsões se tornarem realidade. As pessoas ainda desejam ser purificadas de seus pecados através do batismo, e grandes multidões continuam a segui-lo aonde quer que ele vá. Seu séquito, na verdade, torna-se cada vez maior. E embora já não exista mais a necessidade de profetizar a vinda de um novo Cristo, João possui um dom excepcional para a oratória. Ele não é o tipo de homem que se cala diante de imoralidades e injustiças. Então, quando descobre que Herodes Antipas se divorciou de sua esposa e violou a lei religiosa judaica desposando a ex-mulher de seu irmão, ele não consegue ignorar o fato. Em suas viagens pelo campo, João Batista censura o tetrarca abertamente, onde quer que esteja, voltando a população contra o seu governante.

Antipas ordena que os espiões que vinham vigiando João o prendam. Ele então é acorrentado e, depois de ser forçado a marchar 24 quilômetros pelo deserto escaldante, finalmente uma visão surge diante dos seus olhos. É a fortaleza no topo da montanha em Machaerus. João é obrigado a subir a pé

os mais de 900 metros até a cidadela, cercada por todos os lados de ravinas. Antipas pretendia que esse castelo fosse impenetrável. Ele teme ataques da Arábia, que fica a leste, de modo que aprimorou essas fortificações naturais erguendo muralhas de 18 metros de espessura e torres de 27 metros de altura em cada canto. “Além disso”, escreverá um dia o historiador Josefo sobre o projeto de Antipas para Machaerus, “ele equipou a cidadela com uma grande quantidade de lança-dardos e outras máquinas de guerra, empenhando-se em guarnecê-la de tudo que pudesse contribuir de alguma forma para a segurança de seus habitantes pelo mais longo dos cercos.”

A vista do palácio, que fica no centro da estrutura fortificada, é deslumbrante. Se João houvesse tido a oportunidade de apreciá-la, conseguiria ter visto as curvas escuras e estreitas do seu amado rio Jordão serpenteando pelo vale distante mais abaixo. Talvez João tenha até parado para dar uma última olhada enquanto era conduzido pelos grandes portões de madeira que dão para o interior da cidadela. Mas os portões se fecham rápido demais atrás dele. Ainda acorrentado, ele é levado ao salão do trono de Antipas, onde se apresenta, insolente e destemido, diante daquele homem que se diz rei dos judeus. E mesmo quando recebe a chance de se retratar, João se recusa a fazê-lo.

– Não te é permitido viver com a mulher do teu irmão – diz ele ao governante.

A mulher em questão, Herodias,^[29] está sentada ao lado de Antipas. Ao fazer essa acusação, João condena não apenas o marido, mas a esposa também. Apesar disso, Herodias nota que o tetrarca teme o profeta e não tem coragem de ordenar sua morte. Mas Herodias é uma mulher paciente e sabe que encontrará uma maneira de obter sua vingança. Como aquele selvagem imundo ousa insultá-la dessa forma?

João acaba por ser jogado nas masmorras de Machaerus e deixado para apodrecer ali até que Antipas decida libertá-lo – ou Herodias ordene sua morte.

Enquanto isso, começa a surgir uma ameaça muito maior contra Antipas. Jesus de Nazaré agora deu início a uma jornada espiritual, uma missão que irá desafiar os homens mais poderosos do mundo.

C A P Í T U L O S E T E

Villa Jovis, ilha de Capri

26 d.C.

Noite

Muito longe da Galileia, o romano que se considera enteado de deus se mantém afastado de tudo. A vida em Roma tem sido dura para Tibério Júlio César Augusto – pelo menos ele assim considera. O rei então se exilou naquela fortaleza no topo de uma montanha na ilha de Capri para passar o resto de seus dias de forma prazerosa e reservada. Reclinado em seu quarto, ele observa criadas nuas e meninos copulando na sua frente. Eles foram escolhidos a dedo por sua beleza e trazidos dos confins do Império Romano contra a sua vontade a fim de praticar atos sexuais para deleite do “bode velho” – como Tibério, agora com 68 anos, é chamado pelas costas. Há dias em que essas crianças são obrigadas a se vestirem de Pãs e ninfas para então correr pelo jardim real oferecendo-se umas às outras e aos convidados do imperador.

Esta noite os participantes da orgia permanecem dentro do vasto palácio, com seu piso de mármore, suas estátuas eróticas, obras de arte e a vista deslumbrante para o mar Mediterrâneo abaixo. Caso falte imaginação à performance dos meninos e meninas ordenados a se submeterem ao imperador entediado e bexiguento, manuais egípcios de sexo explícito estão ao alcance da mão para serem consultados.

Os jovens amantes não conseguem deixar de olhar de soslaio para Tibério. Se tudo correr bem, ele se juntará ao grupo, talvez selecionando um dos meninos ou meninas adolescentes para o seu próprio prazer. Mas se eles fracassarem e se Tibério não considerar suas peripécias estimulantes, o imperador não irá simplesmente abandonar o recinto. Ele fará algo muito

pior. O mais provável é que jogue seus corpos do “Salto de Tibério”, o penhasco de 300 metros de altura que se estende ao longo do palácio. Dessa altura, não faz diferença para a vítima aterrissar no mar ou nas rochas que se projetam pelo golfo de Nápoles. É impossível sobreviver à queda.

Essa é exatamente a intenção de Tibério. Perverso, da mesma forma que gosta de sexo e de observar os jovens, ele também tem prazer em assistir às vítimas implorarem aos gritos por sua vida.

A verdade é que quase todos os participantes de hoje à noite sofrerão o terrível destino de serem jogados de cima do penhasco. Tibério não suporta a ideia de que os rumores sobre sua devassidão cheguem a Roma, e a melhor maneira de garantir o silêncio dessas crianças é matá-las depois de usá-las.

Mas os jovens amantes não sabem disso. Eles acreditam que um dia sairão vivos de Villa Jovis e retornarão para os vilarejos de onde vieram. Então se dedicam à tarefa como se a vida deles dependesse disso, sucumbindo a todo capricho e qualquer desejo do vil Tibério.

Enquanto isso, o imperador envelhecido – um homem que um dia conheceu a felicidade e o amor verdadeiros – está reclinado em uma pilha de travesseiros, com uma taça de vinho sempre à mão, o olhar vidrado e a pele salpicada de eczemas e furúnculos. Tibério é um homem sem consciência.



Talvez o motivo de seu exílio em Capri tenha sido a morte de seus dois filhos. Ou a presença insuportável de sua mãe, a ardilosa Lúvia, viúva do grande César Augusto. Ou, quem sabe, o bando detestável de solicitantes que o assediavam todos os dias em Roma, implorando desesperadamente por esse ou aquele favor. Também pode ter sido o medo de ser assassinado, uma vez que as intrigas palacianas sob a forma de tenentes contrariados, esposas rejeitadas e sobrinhos distantes que cobiçavam seu trono pareciam cada vez mais numerosas, dia após dia.

Ou então foi algo bem simples, como o fato de Tibério estar cansado de ouvir as pessoas comentando pelos cantos que ele bebia demais. Havia muito que ele vestia o manto reservado àqueles que nascem para uma vida inteira no poder, com todas as expectativas e cobranças que isso implica. Seja qual for o motivo, ele escapou para um castelo no topo da montanha na

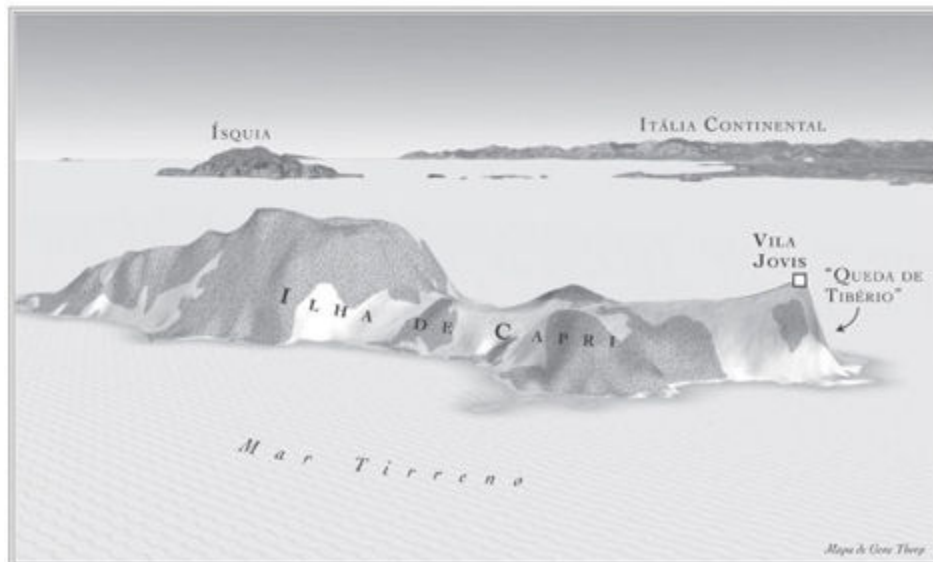
bela ilha de Capri, sobre as águas cintilantes do Mediterrâneo, de um azul-turquesa sobrenatural, onde ele pode comer o que quiser, dormir com quem quiser, beber quanto quiser e governar Roma a distância.

Para saber qual destino os deuses lhe reservam, Tibério trouxe consigo o homem em quem confia acima de todos: Trásilo, o astrólogo real. Além dos banhos, das cisternas, do grande salão, das suítes privativas e do farol que Tibério construiu para tornar a vida em Capri o mais confortável possível, ele também construiu o observatório que permite a Trásilo interpretar as estrelas todas as noites.

É claro que, se Trásilo decepcionar Tibério por conta de algum erro ou manipulação de informações, sua longa queda até o mar não será diferente daquela sofrida pelos jovens escravos sexuais.

Pois não é de hoje que Tibério sabe que não pode confiar em ninguém. Ele nasceu dois anos após a morte de Júlio César, cujo nome foi incorporado ao seu. Quando sua mãe se divorciou de seu pai biológico para se casar com o homem que um dia seria conhecido como Augusto, Tibério, na época com 3 anos, acabou por se beneficiar dessa traição. O imperador romano logo o adotou como filho e ele andou pelas ruas de Roma na carruagem de Augusto durante a celebração pública que marcou a vitória sobre Marco Antônio e Cleópatra.

O menino teve uma criação privilegiada, recebendo uma educação clássica e destacando-se em oratória e retórica. Aos 20 anos, já comandava exércitos. Estrategista brilhante e guerreiro destemido, Tibério era conhecido por seus sucessos no campo de batalha – mas também por seu temperamento sombrio e taciturno e pela acne grave que cobria seu rosto. De volta a Roma, ele encontrou o amor e se casou com uma jovem de sangue azul chamada Vipsânia. Eles tiveram um filho, Druso Júlio César, e logo sua esposa ficou grávida outra vez, mas Augusto interveio de forma cruel. Em um ato que transformaria drasticamente a vida de Tibério, o autoproclamado filho de deus ordenou que ele se divorciasse após oito anos de casamento e desposasse sua filha recém-viúva, Júlia. Quando se opôs ao divórcio, Tibério se viu ameaçado: caso não acatasse a ordem, sofreria uma punição severa. Inconsolável, Vipsânia perdeu o bebê.



Tibério ficou arrasado, mas obedeceu ao imperador. Pouco depois, ele encontrou por acaso sua amada nas ruas de Roma e não conseguiu se conter, debruçando-se em lágrimas e implorando publicamente por perdão. Quando

a notícia chegou a Augusto, ele exigiu que Tibério nunca mais dirigisse a palavra a Vipsânia.



Imperador Tibério

E assim morreu a humanidade de Tibério. A partir desse momento, teve início sua vida de crueldade, devassidão e embriaguez. O homem que antes estudava retórica e amava a mãe de seu filho ficou emocionalmente destruído. Ele jamais voltaria a agir com benevolência. Mas esse

comportamento não incomodava sua nova esposa, Júlia, que entregou-se ela própria à libertinagem. Como tinha predileção por anões, quando Tibério partiu novamente para a guerra – dessa vez na Gália –, ela passou a manter um anão por perto a todo o momento para o seu prazer imediato. Júlia possuía uma grande beleza, o que tornava mais fácil para ela satisfazer seus desejos. Participava de orgias, prostituía-se sem nenhum pudor e exibia publicamente seu desprezo por Tibério. E o pior de tudo: quando Tibério retornou da Gália, descobriu que Júlia transformara sua casa em um bordel.

Até mesmo Augusto ficou estarecido. Ele concedeu o divórcio a Tibério, mas o homem que viria a se tornar imperador nunca voltou a se casar.

Profundamente envergonhado, Tibério, já beirando os 40 anos, se exilou na ilha grega de Rodes. Lá, ele começou a beber em quantidades ainda maiores e estabeleceu um padrão de comportamento cruel que manteria até o dia de sua morte. Cometia assassinatos de forma rotineira, chegando a ordenar a decapitação de um homem cujo único crime foi errar um cálculo matemático.

Nos últimos anos de seu reinado, Augusto levou Tibério de volta a Roma, preparando-o para se tornar imperador. Não havia nenhum outro candidato adequado. Tibério aceitou esse desafio de bom grado. Após a morte de Augusto no ano 14 d.C., ele ordenou a execução de qualquer possível aspirante ao trono. Durante 12 longos anos, Tibério lutou contra o senado e supervisionou o império de maneira competente e habilidosa. Mas as mortes repentinas e inexplicáveis de seu filho adotivo Germânico^[30] e de seu filho biológico Druso,^[31] aos 33 e 34 anos, respectivamente, foram a gota d'água.

Farto das intrigas de Roma, Tibério ordenou que fossem feitas renovações e melhorias nas vilas de Augusto na ilha de Capri. Isso incluiu a construção de “recantos de devassidão” e das piscinas especiais em que ele agora nada pelado com jovens rapazes. Seus servos são autorizados a raptar crianças e Tibério chega a empregar um homem conhecido como “Mestre dos Prazeres Imperiais”, cuja única função é garantir fornecimento de carne fresca ao imperador.

No meio disso tudo, Tibério continua no controle do vasto Império Romano. Do topo de uma montanha, a salvo de planos de assassinato e cercado apenas por aqueles que ele pode matar a seu bel-prazer, Tibério Júlio César Augusto promulga os decretos morais e legais que vão

determinar o destino de milhões. Esses decretos afetarão especialmente os administradores romanos.

Pôncio Pilatos, recém-nomeado governador romano da Judeia, sabe que seu futuro pessoal e profissional depende de manter o degenerado imperador feliz. Apesar de seu estilo de vida pagão, Tibério admira os costumes religiosos dos judeus por considerá-los os súditos mais devotos do império no que se refere a respeitar a santidade do sábado. Ele envia a Pôncio Pilatos uma ordem sobre como tratar a população da judeia: “Não mude nada que já esteja sancionado pelos costumes, mas considere aliados sagrados tanto os próprios judeus quanto suas leis, que garantem a ordem pública.”

Dessa forma, Pôncio Pilatos honra essa “aliança sagrada” estreitando seus laços com o sumo sacerdote Caifás, a autoridade simbólica da fé judaica e o homem mais poderoso de Jerusalém. De acordo com as ordens de Tibério, Pilatos não deve interferir nos assuntos que se referem à lei judaica.

Essa é uma ordem da qual Pilatos se lembrará muito bem.



Herodes Antipas, que agora beira os 50 anos, compreende que a lealdade a Tibério é de vital importância. Ele passou muito tempo em Roma, versando-se nos modos e costumes da capital do império e absorvendo a paixão dos romanos pela literatura, pela poesia e pela música. Apesar de ser judeu, Antipas se veste como um aristocrata romano, usando o traje semicircular conhecido como toga no lugar das túnicas simples judaicas.

Durante seu período em Roma, Antipas aprendeu a temperar sua comida com molho de peixe fermentado, o preferido dos romanos – um condimento conservado em salmoura, de gosto forte, que disfarçava o sabor azedo dos alimentos estragados por falta de refrigeração. Ele assistiu a corridas de bigas no Circo Máximo e, certamente, deve ter tomado uma escrava como amante. Em Roma, a prostituição é legalizada e está sujeita a impostos. O único motivo de vergonha para um cidadão romano do sexo masculino era ser o parceiro passivo em um relacionamento homossexual, e é por isso que o suposto caso de Júlio César com o rei da Bitúnia nunca foi esquecido por seus inimigos.

Antipas tem grande poder sobre os camponeses judeus, mas está sujeito às ordens de Roma. E jamais deve fazer comentários negativos sobre qualquer atitude de Tibério – por mais que os judeus estejam a cada dia que passa mais descontentes com o domínio romano. Seu temor ao imperador também o impede de realizar qualquer reforma que possa beneficiar o povo judeu. Entre a cruz e a espada, Antipas mantém a boca fechada e acumula o máximo de riqueza possível.



O Império Romano pode ser vasto, mas todas as estradas construídas pelas legiões, assim como as rotas marítimas entre Roma e seus muitos postos avançados percorridas diariamente, significam que os boatos se espalham depressa. Criadas fazem fofoca e logo todos já estão sabendo sobre o comportamento aberrante e violento de Tibério. Ele mata por capricho, assassinando famílias inteiras por qualquer suposto deslize. Viola até mesmo as crianças mais jovens. Vingam-se das mulheres que o desprezam – mesmo que sejam da nobreza, por nascença ou por matrimônio – permitindo que seus servos as estuprem.

Mas Antipas não é Tibério. O governante da Galileia tem muitos defeitos – entre eles a vaidade e a covardia –, mas seu comportamento em nada se compara ao do imperador romano. Porém, como não poderia deixar de ser, a depravação moral de Tibério exerce sua influência nefasta até nas mais remotas províncias, erodindo valores como disciplina e justiça. Embora o imperador jamais vá até a Judeia para ficar cara a cara com Jesus de Nazaré ou com os peregrinos da Páscoa que enchem Jerusalém todos os anos, cada ordem dada pelo novo governador romano Pôncio Pilatos tem por objetivo conquistar a aprovação de Tibério. O mesmo se aplica a Antipas, como ficou claro quando ele batizou sua nova e deslumbrante cidade no mar da Galileia em homenagem ao todo-poderoso imperador.

Assim é a vida no Império Romano, cuja lenta decadência rumo à ruína já se iniciou. Há pouca justiça ou nobreza de caráter entre a classe dominante. Por isso os camponeses judeus procuram um salvador, o homem que lhes foi prometido pelos profetas. Durante um tempo, alguns pensaram que João Batista poderia ser esse salvador. Mas agora ele está apodrecendo na prisão.

No momento, fala-se discretamente sobre um novo homem, muito mais poderoso do que João. Jesus de Nazaré está prestes a chegar.

C A P Í T U L O O I T O

Jerusalém

Abril, 27 d.C.

Dia

*Jesus traz um chicote enrolado no punho enquanto sobe os degraus rumo aos pátios do Templo. Os peregrinos da Páscoa estão ao seu redor. Centenas de milhares de fiéis judeus mais uma vez viajaram longas distâncias – vindos da Galileia, da Síria, do Egito e até mesmo de Roma – para celebrar o ponto alto do ano judaico. Não que eles tenham escolha: deixar de visitar o Templo durante a Páscoa é uma das 36 transgressões que resultam na punição divina chamada *karet*, que significa ser espiritualmente “desligado” de Deus. Aqueles que a cometerem terão morte prematura ou sofrerão algum outro castigo conhecido apenas pelo Senhor.^[32] Portanto, como tem feito todas as primaveras desde criança, Jesus de Nazaré seguiu viagem para Jerusalém.*

A comoção espiritual que se espalha pela cidade é extraordinária, com tantos judeus se reunindo para celebrar abertamente sua fé e cantar louvores a Deus. Agentes do Templo restauraram as estradas de terra que conduzem à cidade para deixá-las em boas condições depois das chuvas fortes de inverno. Áreas de túmulos estão indicadas com clareza, para que nenhum peregrino toque acidentalmente em algum deles e acabe por se tornar impuro. Poços especiais são abertos para que todos possam se purificar com o banho ritual antes de entrar na Cidade Sagrada. *Mikvot* (piscinas de purificação) são escavadas nas rochas e revestidas de argamassa, e nelas os peregrinos mergulham para se lavar.

O próprio Jesus faz uma última parada para se banhar em uma *mikvah* antes de chegar a Jerusalém. Dentro das muralhas da cidade, ele vê centenas

de fornos de argila temporários que foram construídos para que cada peregrino tenha um lugar para assar seu sacrifício antes da cerimônia do Sêder, o banquete tradicionalmente realizado naquela primeira noite de Páscoa. Ele ouve o balido de ovelhas à medida que pastores e seus rebanhos se aglomeram nas ruas estreitas, tendo acabado de descer das colinas após o fim da época de reprodução. E Jesus consegue imaginar perfeitamente o som das trombetas de prata e das vozes harmoniosas do coro dos levitas que ecoarão pelos pátios internos do Templo pouco antes de um cordeiro inocente ser abatido para o sacrifício da Páscoa. Um sacerdote recolherá seu sangue em uma tigela dourada e então o salpicará pelo altar enquanto o cordeiro é pendurado em um gancho e esfolado. As orações de ação de graças de Hallel^[33] serão proferidas em seguida, e cantos de aleluia se espalharão pelos pátios do Templo.

Assim é a Páscoa em Jerusalém. Ela tem sido desse jeito desde a reconstrução do Templo, e a cada ano é única em sua glória e nos relatos pessoais – mas os rituais permanecem os mesmos.

Agora, ao entrar no Pátio do Gentios, Jesus está prestes a realizar um gesto ousado, provocativo e revolucionário.

Esta Páscoa não será como nenhuma das que vieram antes dela. Ela será lembrada por toda a História pelas palavras de raiva que serão ditas. Desenrolando seu chicote, Jesus se prepara para iniciar seu ministério.



O ambiente semiaberto do Templo cheira a sangue e gado. Mesas cheias de moedas se estendem por uma das paredes, sob a sombra dos toldos do Templo, controladas por homens ardilosos conhecidos como *shulhanim*, os “cambistas”. Em longas filas, os forasteiros esperam sua vez de trocar suas parcas economias na forma de moedas cunhadas por agentes romanos. As moedas de Roma são enfeitadas com imagens de deuses ou retratos de imperadores, mas devem ser convertidas em shekels,^[34] a moeda corrente de Jerusalém. Em respeito à lei judaica que proíbe a idolatria de imagens gravadas, essas moedas especiais são decoradas com imagens de plantas e outras ilustrações que não retratam figuras humanas. Também conhecido como “moeda dos tributos ao Templo”, o shekel é menosprezado por muitos

peregrinos por ser a única forma de pagamento aceita para o tributo anual ou para a compra de animais para os sacrifícios rituais.

Os cambistas cobram taxas de câmbio abusivas pelo privilégio de converter o dinheiro local em shekels e os sacerdotes do Templo também lucram com esse esquema. Nos pátios internos do Templo, há enormes cofres cheios de shekels e de moedas estrangeiras trocadas todos os anos pelos peregrinos. Frequentemente o Templo empresta esse dinheiro a camponeses que precisam de ajuda para pagar seus impostos, cobrando taxas de juros exorbitantes. Livros-razão no interior dos grandes cofres do Templo mantêm registros de todas as dívidas, e aqueles que não podem pagá-las estão sujeitos às mais terríveis humilhações: podem perder suas casas, suas terras e seus animais ou podem ser condenados a uma vida de escravidão ou rebaixados à classe dos “impuros”. Os bairros pobres da Cidade Baixa de Jerusalém estão repletos de famílias que foram expulsas de suas terras por não terem sido capazes de quitar suas dívidas com o Templo.

Assim, embora a Páscoa seja um feriado de fé e devoção, o dinheiro também tem grande influência. Quase 4 milhões de judeus vão a Jerusalém todos os anos. Isso significa um maior rendimento para os comerciantes e estalajadeiros locais, mas os sacerdotes do Templo e seus mestres romanos recolhem a maior parte do lucro por meio dos impostos e das conversões monetárias. Eles conseguem ainda mais dinheiro quando os pobres precisam comprar um cordeiro ou pomba para o sacrifício obrigatório de Páscoa. Se durante a inspeção do animal um sacerdote encontrar a menor mácula que seja, o sacrifício será considerado impuro e o camponês será obrigado a comprar outro animal. Não é de espantar que as pessoas nutram uma raiva silenciosa ao fazer negócio com os sacerdotes do Templo. Muitas delas queriam poder queimar os livros-razão e saquear os cofres – e dali a quatro décadas será exatamente isso que os filhos e filhas de Israel farão.

Mas, nesta semana de Páscoa, essa revolta ainda está muito longe de acontecer. Por ora, Jesus sobe ao Pátio dos Gentios e abre caminho até a ampla praça a céu aberto. Desde o seu batismo e o tempo que passou jejuando no deserto, seu ministério tem sido discreto.

Jesus de Nazaré não tem exército nem riquezas. Ele não carrega uma espada. Não possui um quartel-general nem a estrutura necessária para sustentar um movimento. Até o momento, nada em seu comportamento demonstrou uma índole rebelde e combativa. Sua maior aparição pública desde que foi batizado por João foi sua ida com a mãe a um casamento no

vilarejo de Caná, na Galileia. Se Jesus pretende iniciar uma revolução revelando-se como Deus, qualquer plano nesse sentido é desconhecido dos demais. Ele não pregou uma só mensagem em público nem desafiou Roma ou os sacerdotes do Templo – e tampouco parece interessado em fazê-lo.

Mas agora, enquanto passa pelas mesas repletas de moedas e vê o povo da Galileia desamparado diante daqueles cambistas gananciosos e dos sacerdotes arrogantes que os supervisionam, Jesus perde a cabeça. O ritual da conversão monetária durante a Páscoa não sofreu qualquer alteração desde sua infância, mas desta vez ele se sente compelido a fazer algo contra essa óbvia injustiça.

O Nazareno não costuma se irritar – e muito menos ter acessos de fúria. Na verdade, ele normalmente transmite uma serenidade impressionante. Então, quando Jesus se lança audaciosamente em direção às mesas dos cambistas, aqueles que o conhecem ficam alarmados. Ele se aproxima com passos vigorosos e uma expressão determinada no olhar.

As mesas são de madeira e seus tampos estão cobertos de marcas e vincos por conta dos milhares de moedas que foram arrastadas para a frente e para trás em cima deles. As moedas possuem tamanhos e formatos diferentes, por isso não se mantêm empilhadas com facilidade. Assim, os cambistas se veem sentados diante de enormes montes de dinheiro. O vil metal brilha sob o sol forte de Jerusalém.

Por mais pesadas que sejam essas mesas, isso não desencoraja Jesus – não depois de 20 anos carregando madeira e pedras ao lado de seu pai. Ele coloca as duas mãos debaixo da mesa mais próxima, virando-a em seguida. Uma pequena fortuna em moedas voa pelos ares. Enquanto os *shulhanim* gritam de raiva, perplexos, e as moedas rolam pelo pátio de pedra, Jesus já está diante da mesa seguinte e da próxima.

Ninguém nunca viu algo parecido. O comportamento de Jesus é um ato de loucura, o tipo de coisa que pode levar um homem à morte. Enquanto a multidão assiste boquiaberta à cena, Jesus brande no ar o chicote feito de corda. Ele vai das mesas dos cambistas para o local onde bodes e ovelhas estão sendo vendidos e estala seu chicote, o que faz os animais saírem correndo. Depois se dirige às gaiolas das pombas, que também são vendidas para o sacrifício, e abre suas portinholas para libertá-las.

E ninguém tenta impedi-lo.

A potência de Jesus é tamanha que nem mesmo o homem mais forte ousa atravessar seu caminho. Homens, mulheres e crianças fogem diante dele e de

seu chicote.

– Tirem estas coisas daqui! – grita ele para os cambistas e para os vendedores de animais. – Parem de fazer da casa de meu Pai um mercado!

Esses homens, que até poucos instantes atrás exerciam poder absoluto sobre os peregrinos, ficam acuados, com medo de que Jesus volte seu chicote contra eles. Os cambistas veem suas fortunas espalhadas pelo chão, mas não fazem menção de apanhar as moedas de volta. Os animais correm à solta pelo Pátio dos Gentios – vacas, bodes e ovelhas galopando sem rumo pela multidão, adiando seu encontro com a faca de seus carrascos.

Os pátios são tão vastos que o acesso de fúria de Jesus não é ouvido pelos sacerdotes e adoradores que estão no interior do Templo. Muitos desses fiéis que não o viram dispersar os animais ficam surpresos ao se verem cercados por pequenos rebanhos. Mas os pobres e oprimidos que testemunharam o gesto desafiador de Jesus sabem que presenciaram algo muito especial. Eles continuam ali, sem conseguir se mover, assistindo avidamente àquele espetáculo pungente e inesperado.

De repente, um círculo de peregrinos e oficiais do Templo se forma em volta de Jesus, que segura firme seu chicote em uma das mãos, como se os desafiasse a impedi-lo.

– Que sinal milagroso o senhor pode mostrar-nos como prova da sua autoridade para fazer tudo isso? – indaga com firmeza um cambista.

Apesar da comoção, os soldados não entram em cena para conter o tumulto. É melhor deixar esse lunático se explicar.

– Destruam este templo! – ordena Jesus. – E eu o levantarei em três dias.

Agora eles têm certeza de que se trata de um louco.

– Este templo levou 46 anos para ser edificado, e o senhor vai levantá-lo em três dias? – zomba um dos cambistas.

Entre os presentes está Nicodemos, um fariseu devoto e membro do conselho de juízes dos judeus, que observa Jesus com interesse e aguarda sua resposta.

Mas Jesus fica calado. Ele sabe que suas palavras não convencerão os corações e mentes no Templo.

Ninguém fica em seu caminho quando ele deixa o Pátio dos Gentios e segue para o Templo. Atrás dele ouve-se o retinir de prata e bronze à medida que os cambistas correm para pegar de volta suas moedas. Os vendedores de animais apressam-se em capturar suas mercadorias. Os peregrinos continuam maravilhados com o que acabaram de testemunhar. Há tempos muitos deles

sonhavam em cometer um gesto tão ousado de revolta social. O sotaque da Galileia, as vestes simples e o físico de trabalhador deixam claro que Jesus é como eles. Para alguns, aquele homem é um herói. E suas atitudes serão tema de conversas em toda parte.^[35]



A noite em Jerusalém é um momento de celebração silenciosa, em que peregrinos se reúnem nas praças locais e se retiram para dormir nas estalagens. É costume entre os habitantes da cidade abrir as portas de casa para os viajantes e fazê-lo de bom grado. Mas não há espaço para todas as centenas de milhares de peregrinos, de modo que é possível ver diversas fogueiras espalhadas pelas colinas íngremes e pelos vales nas cercanias. Desde os boques cerrados no Monte das Oliveiras, passando pelo vale do Cédron e descendo em direção à cidade velha de Davi, que fica logo ao sul do Templo, famílias e amigos estendem seus cobertores e sacos de dormir para passar a noite sob as estrelas.

Entre eles está Jesus. Ele retornou várias vezes ao Templo durante sua estadia para a Páscoa, pregando no local conhecido como Pórtico de Salomão. Aquele é seu lugar preferido no Templo, e mesmo quando não está ouvindo os mestres ou se juntando a eles para transmitir seus próprios ensinamentos sobre o reino de Deus, ele muitas vezes permanece ali, caminhando e aproveitando o ambiente. Para onde quer que ele vá, multidões se juntam ao seu redor, fazendo perguntas e escutando com reverência suas respostas.

Jesus causou uma impressão profunda em muito pouco tempo. Sua investida dramática contra os cambistas parece ter rendido bons frutos.

O Nazareno se sente confortável em público. Ele gosta de estar entre as pessoas e fala com eloquência, frequentemente contando histórias para ilustrar seus ensinamentos. Poder compartilhar sua mensagem é libertador depois de tantos anos de silêncio autoimposto, e seu carisma e sua gentileza naturais só fazem com que seus ouvintes queiram ouvir sempre mais. Mas não é de espantar, sobretudo depois de seu comportamento ultrajante em relação aos cambistas, que os oficiais do Templo tenham começado a observá-lo de perto. Os fariseus, obcecados com os mínimos detalhes da lei judaica, estão particularmente atentos. Eles veem Jesus com ceticismo e

gostariam de ter mais informações antes de tirarem suas conclusões em termos religiosos.

Agora, ocultado pela escuridão, o fariseu Nicodemos, um poderoso membro do conselho de juizes dos judeus, se aproxima do Nazareno. Ele decidiu abordá-lo à noite porque não se sentiria à vontade dizendo o que pensa nos pátios do Templo à luz do dia, onde até o mais reles dos camponeses poderia ouvir suas palavras. Nicodemos também sabe que esse é um bom horário para que eles não sejam interrompidos.

– Mestre – começa a falar Nicodemos com deferência, dando um passo em direção à luz das chamas. Se Jesus está surpreso ao ver um fariseu de posição tão elevada saindo da escuridão, não deixa transparecer. – Sabemos que ensinas da parte de Deus – prossegue ele, falando em nome dos demais fariseus.

– Digo a verdade: ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo – responde Jesus, expressando a teologia predominante em seus ensinamentos. Ele vem dizendo a todos os que se disponham a ouvir que uma pessoa precisa renascer espiritualmente se quiser ser julgada com benevolência por Deus.

Esse é um conceito inédito para os fariseus.

– Como alguém pode nascer, sendo velho? – pergunta Nicodemos, estupefato. – É claro que não pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e renascer!

– O que nasce da carne é carne – responde Jesus –, mas o que nasce do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: é necessário que vocês nasçam de novo.

Nicodemos está totalmente confuso.

– Como pode ser isso? – torna a perguntar.

– Você é mestre em Israel e não entende essas coisas? – pergunta Jesus, assumindo uma retórica que geralmente usa quando se dirige a outros mestres do Templo. Se por acaso se sente desconfortável ao censurar os líderes religiosos mais poderosos de Jerusalém, não deixa transparecer. – Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele.

Nicodemos está ao mesmo tempo intrigado e frustrado. Ele é um homem dedicado à lei religiosa estabelecida. Mas Jesus está lhe dizendo que Deus é

uma questão de amor, não de regras, e que o Filho de Deus veio para salvar o mundo, inclusive insinuando que essa é a *sua* verdadeira identidade. O Nazareno fala também sobre renascimento, como se isso fosse humanamente possível. Em vez de responder às perguntas de Nicodemos, Jesus está gerando ainda mais questionamentos.

– Quem pratica a verdade vem para a luz – conclui Jesus –, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus.

Nicodemos já ouviu os ensinamentos de Jesus nos pátios do Templo, então sabe que o Nazareno gosta de falar usando alusões e parábolas. Não fica claro se “vem para a luz” é uma referência à sua própria aparição sob a luz do fogo esta noite. Como as demais afirmações, isso lhe dá muito que pensar.

Enquanto volta sozinho para Jerusalém, colina acima, Nicodemos se vê fascinado por Jesus e seus ensinamentos – de tal forma que está fadado a se lembrar dele por toda a sua vida.^[36]



Os homens de Nazaré recitam o Shemá, suas vozes se misturando em uma só:

– Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com todas as suas forças.

É sábado, e o Shemá marca o começo do louvor neste dia. Jesus já voltou de Jerusalém e agora está sentado com a cabeça descoberta na mesma sinagoga de Nazaré em que prestou louvores durante toda a sua vida. O lugar é pequeno e quadrangular, com bancos de madeira encostados em cada parede. O Templo em Jerusalém, com seus sacerdotes, cofres e sacrifícios de animais, é o centro da vida judaica. As sinagogas locais, entretanto, são o líquido vital da fé, um lugar íntimo onde os fiéis se dedicam à adoração e aos ensinamentos, revezando-se para lerem dos pergaminhos em que as Escrituras estão gravadas. As sinagogas são tão importantes para a fé judaica que há mais de 400 delas em Jerusalém, o que permite aos fiéis se reunirem em um ambiente menos formal do que o Templo em si. Nas sinagogas, não há sacerdotes ou clérigos, não há uma liturgia padronizada, e

todos podem desempenhar o papel de rabino, ou “mestre”. Tampouco há dinheiro sobre as mesas.

Jesus se junta ao coro à medida que os homens de Nazaré erguem suas vozes para entoar os versos dos Salmos. Ele conhece todos ali desde criança, assim como eles o conhecem e à sua família.

Mas Jesus está diferente. Já não se contenta em ser um mero carpinteiro, e, desde que voltou de Jerusalém, passou meses viajando pela Galileia, pregando nas sinagogas. Ele se tornou uma figura popular, aclamado aonde quer que vá pela profundidade e a perspicácia de seus ensinamentos. Há boatos de que ele cometeu o “pecado” de se dirigir aos samaritanos. Ainda mais desconcertante é o fato de que ninguém consegue explicar como esse homem sem conhecimentos médicos curou uma criança à beira da morte na vila de pescadores de Cafarnaum. Assim, ver Jesus sentado no meio daquela congregação em Nazaré se transformou num acontecimento, e dá para sentir a expectativa no ambiente quando ele se levanta para ler as Escrituras.

Um dos presentes entrega a Jesus as palavras do profeta Isaías.

– O Espírito do Senhor está sobre mim – lê o Nazareno em hebraico –, porque ele me ungiu para pregar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor.

Jesus se mantém de pé, traduzindo para o aramaico as palavras que acabou de ler. Assim, aqueles que não são fluentes em hebraico podem entendê-las. É costume ficar de pé enquanto se lê e se sentar para pregar. Jesus então volta a se sentar e recosta-se contra a parede, ciente de que todos os olhos estão voltados para ele.

– Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir – informa Jesus com serenidade.

A plateia fica em choque. Esse foi um momento crucial. A passagem que Jesus leu se refere a um libertador ungido, um homem ao mesmo tempo profético e messiânico. Ele virá para salvá-los. E Jesus está dizendo que o texto se refere a ele e àquele exato momento.

– Não é este o filho de José? – perguntam retoricamente, pois todos já sabem a resposta; as palavras são apenas um lembrete para que Jesus não se esqueça do seu lugar: sua família não é a mais rica da cidade nem ele é o mais inteligente entre eles. Ele é o filho de José, nada mais do que isso. Aos seus olhos, o fato de Jesus se enaltecer como o homem enviado por Deus

para pregar as boas-novas é ofensivo. Nem mesmo os membros da família de Jesus acreditam que ele seja esse homem.^[37]

Mas Jesus não se deixa intimidar. Ele já esperava por essa reação.

– Digo a verdade – afirma ele. – Nenhum profeta é aceito em sua terra.

E prossegue com um longo discurso em que argumenta que as palavras que acabou de ler se referem especificamente a ele. Jesus então faz duas referências extremamente polêmicas a Elias e Eliseu, profetas que foram rejeitados pela nação de Israel.^[38] A plateia conhece as histórias deles e capta a mensagem na mesma hora. No fundo, Jesus está dizendo àqueles homens que já sabe há muito tempo não só que é o Filho de Deus, mas que o fato de eles rejeitarem essa afirmação fará Deus lhes voltar as costas. Jesus usa palavras como *fome*, *viúvas* e *lepra*, enfurecendo a sinagoga inteira.

Ignorando que estavam em um local de adoração, alguns se levantam de um salto e se preparam para atacar Jesus. Agindo rápido, ele foge pela porta, mas os homens o perseguem. Aqueles que há poucos instantes estavam orando agora se unem para bloquear qualquer rota de fuga. Jesus é obrigado a recuar até o limite da cidade, onde um alto penhasco oferece uma vista impressionante da Galileia.

Os homens estão determinados a atirá-lo para a morte. E parece que isso vai acontecer, pois Jesus está desamparado. Porém, no último minuto, ele se vira para encarar seus detratores. Colocando-se ereto e endireitando os ombros, ele finca os pés no chão. O Nazareno não é uma figura ameaçadora, mas tem uma presença imponente e se mostra completamente destemido. As palavras que diz em seguida nunca chegarão a ser escritas, tampouco os insultos que os homens continuam a lançar contra ele serão registrados. No fim, a multidão vai embora e Jesus sai ileso.

E segue seu caminho.^[39]



Jesus revelou sua identidade três vezes: para o público em Jerusalém; para Nicodemos, o fariseu; e no ambiente reservado da sinagoga de sua própria cidade, para as pessoas que lhe eram mais próximas. Três vezes ele declarou ser o Filho de Deus, e essa afirmação é uma blasfêmia que pode levá-lo à morte. Ele não pode retirar o que disse, da mesma forma que

jamais poderá voltar à vida humilde e tranquila que conheceu antes. Não há como voltar atrás. Nazaré não é mais seu lar e ele não é mais um carpinteiro.

Jesus nunca irá escrever um livro, compor uma canção ou pintar uma tela. Mesmo assim, 2 mil anos à frente, após sua mensagem ter sido espalhada para bilhões de pessoas, mais livros, canções e obras de arte terão sido dedicados a ele do que a qualquer outro homem na História.

Mas, por ora, o Nazareno está completamente sozinho, exilado da vida que um dia conheceu, destinado a vagar pela Galileia pregando palavras de amor e esperança.

Essas palavras um dia trarão bilhões de seres humanos para sua causa espiritual, mas elas não serão suficientes para convencer os homens poderosos que, nesse momento, têm a vida de Jesus em suas mãos.

Para eles, o Nazareno é um homem marcado.

C A P Í T U L O N O V E

Cafarnaum, Galileia

Verão, 27 d.C.

Tarde

Os barcos de pesca da região acabaram de retornar de uma longa jornada de um dia e uma noite no mar, e muitas pessoas se reúnem nos mercados ao longo da orla de Cafarnaum. Pavimentado com pedras negras de basalto vulcânico, como as do quebra-mar de 2,5 metros que o sustenta, o passeio da orla está repleto de pescadores que separam os peixes puros dos impuros antes de fazerem a contagem oficial para o cobrador de impostos.^[40] Grandes tanques de água doce estão cheios de peixes vivos. Mateus, o coletor de impostos da região, avalia a pescaria do dia no posto fiscal da orla e em toda parte se espalham clientes ansiosos para comprar os peixes mais frescos para a refeição da noite. O que não for vendido hoje será enviado para Magdala a fim de ser secado, salgado e, logo em seguida, acondicionado em cestos e exportado para todo o Império Romano.

Há mais de dois séculos a pesca é a principal atividade da cidade de Cafarnaum à beira do mar da Galileia, com seus barcos e redes ocupando cada centímetro dos 30 metros entre os píeres de pedra e o quebra-mar. Algumas das embarcações são balsas destinadas a levar passageiros de forma rápida e descomplicada até Magdala ou ao longo dos cerca de 13 quilômetros até Gergesa. A maioria, no entanto, é para a pesca. Há mais de uma dezena de vilas de pescadores às margens do lago de Genesaré, como é também conhecido o mar de água doce, mas nenhuma é mais movimentada do que Cafarnaum – nem mesmo a mais nova criação de Antipas, a cidade de Tiberíades. Por isso um destacamento de 100 soldados romanos foi

implantado ali para garantir que todos os impostos sejam coletados conforme a lei.

Portanto, parece que Jesus veio ao lugar certo, se está em busca de uma plateia – e ele está. Porém o único problema é que Cafarnaum, na verdade, é movimentada demais. Ninguém conseguirá ouvi-lo em meio ao retinir dos pesos de chumbo das redes de pesca sendo largados sobre o calçamento de pedra e ao regateio entre vendedores e clientes. Os próprios pescadores estão exaustos depois de horas jogando suas redes de linho ao mar e puxando-as de volta para dentro de seus barcos com as próprias mãos. Eles não estão no clima para um sermão religioso.

Jesus não se deixa abalar por isso. Ele se detém para olhar de uma ponta à outra da longa fileira de píeres que parecem dedos apontando para o mar, analisando com atenção os vários barcos de pesca. Ele está à procura de um barco e de um homem em particular.

Cada embarcação possui um pé de mastro para velejar e remos para quando o vento está fraco. Os barcos são feitos de madeira e fortalecidos por emendas em espiga e fura,^[41] usadas no lugar de pregos, e pelas balizas grossas, feitas à mão, que se estendem ao logo do interior da embarcação, logo abaixo do convés. O tamanho-padrão é de 9 metros de comprimento, 2,5 metros de largura e 1,20 metro de altura. A proa é pontiaguda, enquanto a popa é arredondada. Os carpinteiros navais da região usam cedro para o casco, carvalho para a estrutura e pinheiro-de-alepo, pilriteiro, salgueiro e olaia, de acordo com a necessidade. São embarcações sólidas, feitas para suportar os ventos imprevisíveis da região, que podem causar uma tormenta nas águas plácidas do mar da Galileia em questão de instantes.

Os próprios pescadores são ainda mais sólidos, com mãos e braços grossos, cobertos de calos graças a uma vida inteira lançando e puxando redes. O sol enrijeceu e bronzeou a pele de seu rosto. O bronzeado se estende por todo o corpo, pois aqueles que pescam com tarrafas (em vez de usar redes maiores, como as de arrasto ou os tremalhos, que possuem múltiplas camadas) precisam muitas vezes saltar para dentro d'água para apañar a pesca, de modo que preferem trabalhar nus.

Jesus limita sua busca a dois barcos vazios. Ele já havia conhecido seus donos e agora pode vê-los lavando e estendendo as tarrafas de 6 metros de largura enquanto se preparam para a próxima viagem. Os dois homens desfazem os nós, desembaraçam a trama e substituem os pesos de chumbo que porventura tenham se soltado. Embora não saiba quase nada sobre

pesca, Jesus se aproxima do píer com confiança e entra em uma das embarcações vazias. Ninguém o impede.

Ao voltar o olhar para o litoral, ele vê o telhado central proeminente da sinagoga da cidade a um quarteirão da água. Ela é mais alta do que as casas e os edifícios administrativos da orla, o que o faz lembrar que os cidadãos de Cafarnaum adoram Deus e têm mestres como ele em alta estima.

Um pescador de 20 e poucos anos se aproxima do barco. Simão, como é conhecido, é um homem simples, sem instrução e impulsivo. Ele conhece Jesus graças a um encontro que tiveram no verão, quando ele e alguns outros estavam pescando tilápias nas fontes termais que se estendem pelo litoral, perto de Tabgha. Na ocasião, Jesus chamara Simão e seu irmão André para o acompanharem enquanto ele pregava sua mensagem pela Galileia e salvarem almas tornando-se “pescadores de homens”. Embora a princípio Simão tivesse aceitado esse chamado para o evangelismo, ele também precisava cuidar de sua mulher e de sua sogra. A tarefa de ser um dos discípulos de Jesus e espalhar sua mensagem era difícil de conciliar com a necessidade de ganhar a vida. Seu compromisso com Jesus havia enfraquecido.

Mas agora Jesus está de volta, parado diante dele em seu barco.

Simão não o manda embora. Ele apenas pergunta o que Jesus deseja. Jesus diz a Simão que afaste o barco do píer e lance âncora a poucos metros do litoral. O som das vozes se propaga com facilidade pela superfície do lago, de modo que ele sabe que será ouvido por todos se começar a pregar de um ponto sobre as águas.

Simão está exausto. Está de pé há 24 horas, navegando seu pequeno barco pelo lago e atirando suas redes de pesca sem descanso. Suas costas estão doloridas de tanto se inclinar sobre a lateral da embarcação para puxar as redes de volta. Ele já entrou e saiu do mar continental inúmeras vezes, sem sucesso. Precisa beber água e fazer uma refeição decente. Precisa também de uma cama macia. Mas, acima de tudo, precisa pagar seus impostos, e a noite passada não ajudou nada nesse sentido, pois ele não apanhou nenhum peixe.

Talvez Simão não tenha nada melhor para fazer no momento ou talvez não consiga suportar a ideia de voltar para casa de mãos vazias e encarar a esposa e a sogra. Talvez tenha a esperança de que o Mestre vá dizer algumas palavras que possam aliviar seu fardo. Ou talvez esteja apenas se sentindo culpado por renegar o compromisso que havia firmado com ele. Seja qual

for o motivo, Simão desfaz o nó que prende o barco ao ancoradouro, puxa a corda e se afasta do píer.

Jesus permanecera de pé durante todo esse tempo. Mas, quando o barco de Simão alcança uma posição em que Jesus possa ser ouvido por todos os presentes, ele se senta, assumindo a postura tradicional de pregação.

Graças a Simão e seu barco, Jesus logo está oferecendo suas palavras reveladoras a toda a orla de Cafarnaum. Como sempre, as pessoas são cativadas por seu carisma. Uma a uma, elas param o que estão fazendo para ouvi-lo.

– Vá para onde as águas são mais profundas – diz Jesus ao pescador cansado quando termina de falar. – Lance as redes para a pesca.

– Mestre – responde Simão –, esforçamo-nos a noite inteira e não pegamos nada.

Conduzir seu barco para as águas profundas é a última coisa que Simão quer fazer, mas ele também se sente incapaz de dizer não.

Então, com Jesus sentado serenamente no meio da embarcação, Simão hasteia a pequena vela e aponta o barco para as águas mais profundas do mar da Galileia.



Em questão de instantes, Jesus e Simão estão apanhando tantos peixes que as redes começam a ceder. O enorme volume de carpas, sardinhas e tilápias ameaça emborcar o barco pequeno de Simão, e ele é obrigado a acenar para que Tiago e João, sócios em sua cooperativa de pesca, venham ajudá-lo.

Mas Simão não está exultante como deveria: está apavorado. Desde o primeiro momento em que Jesus pisou em seu barco, algo de profundamente espiritual na presença dele lhe causou desconforto. Simão se sente profano, ainda mais depois de ouvir os ensinamentos de Jesus sobre a penitência e a necessidade de se purificar de todos os pecados. Simão quer aquele homem longe da sua vida o mais rápido possível. Ele cai de joelhos sobre o monte de peixes que se contorcem e implora que Jesus o deixe em paz.

– Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!

– Não tenha medo – diz Jesus a Simão. – De agora em diante você será pescador de homens.



E é assim que Simão – rebatizado por Jesus como Pedro, que significa “rocha” – se torna seu primeiro discípulo. Pedro não sabe explicar por que Jesus escolheu justo ele – e não o rabino local, ou um dos mestres mais piedosos de Cafarnaum, ou mesmo algum dos pescadores mais devotos – para esta honra. Outros logo se juntarão a ele, até mesmo Mateus, o odiado coletor de impostos de Cafarnaum, que supervisiona o recolhimento de tributos para Herodes Antipas.

Já no início do ano 28, Jesus terá selecionado 12 homens para segui-lo e receber seus ensinamentos como discípulos, para que possam um dia sair sozinhos pelo mundo pregando sua mensagem.

Quatros dos apóstolos – Pedro, André, Tiago e João – são pescadores. Jesus escolheu especificamente homens dessa profissão porque ela exige que eles saibam se comunicar em aramaico, hebraico, grego e um pouco em latim, o que lhes permitirá falar para um grupo maior de potenciais seguidores.

Todos são da Galileia, com exceção de um. Ele vem de uma cidade chamada Queriotote – ou “Iscariotes”, como futuramente o nome será traduzido para o grego nos Evangelhos. Seu nome é Judas. Ele fala com o sotaque rebuscado da região sul da Judeia e é tão eficiente lidando com dinheiro que é escolhido para ser o tesoureiro do grupo no lugar de Mateus. Jesus o seleciona para fazer parte de seu grupo de 12 discípulos^[42] e se refere abertamente a ele como um amigo. Mas um dia isso irá mudar.

A Galileia é uma região pequena, estendendo-se por cerca de apenas 48 quilômetros por 64. Suas cidades são interligadas por uma série de caminhos ancestrais e estradas romanas^[43] percorridas diariamente por mercadores, peregrinos e viajantes. Cafarnaum é uma escolha inteligente como base de operações, uma vez que a comunidade de pescadores envia constantemente seus produtos para mercados distantes, e aqueles que ouvirem Jesus falar na cidade e em suas cercanias irão espalhar a notícia de seu ministério quando viajarem para lugares como Tiro e até Jerusalém para vender seus cestos carregados de peixe salgado. Multidões começam a encontrá-lo nos dias em que Jesus sai de Cafarnaum para pregar. Ele não está sempre em trânsito, pois seus discípulos ainda têm emprego e família para sustentar. Mas à medida que os meses passam e sua popularidade cresce, a quantidade de pessoas que se reúnem para ouvi-lo aumenta cada vez mais. O Nazareno

prega em sinagogas e espaços abertos, em casas particulares e ao longo do litoral. Homens e mulheres abandonam seus trabalhos para ouvi-lo falar, e grandes aglomerações se reúnem para escutar a simples mensagem transmitida por Jesus sobre o amor e a esperança de Deus.

Entretanto, nem todos o adoram. Seria improvável que um homem sozinho pregando uma mensagem tão pacífica fosse visto como um problema por Roma ou seu testa de ferro, Antipas. O governador romano, Pôncio Pilatos, tem um palácio em Cesareia, que fica a apenas um dia de viagem de Cafarnaum. Graças aos espiões romanos, ele já foi informado sobre um rebelde judeu em potencial. Os espiões de Herodes Antipas também estão vigiando Jesus de perto e acreditam que ele é comparsa e sucessor de João Batista. As autoridades religiosas judaicas de Jerusalém e da Galileia, em especial os fariseus legalistas, estão atentos, em busca de qualquer violação da lei religiosa, no intuito de desacreditar seus ensinamentos. Zombam dele por beber vinho com pecadores e por escolher como discípulo um coletor de impostos tão odiado quanto Mateus. E quando rumores sobre curas sobrenaturais realizadas por Jesus começam a circular pela Galileia, as autoridades religiosas ficam ainda mais alarmadas.

Mas Jesus não se deixa intimidar.

Em vez disso, reafirma sua mensagem. Para o povo pobre e oprimido da Galileia, o sermão que ele fará em breve na encosta de uma montanha nos arredores de Cafarnaum definirá a sua luta de tal maneira que jamais será esquecida.



– Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus
– começa Jesus. – Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.
Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos. Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.

Jesus está sentado, fazendo com que sua voz potente espalhe essas palavras por toda a multidão ali presente. Há fariseus entre os ouvintes, e

eles sem dúvida ficam pasmos quando Jesus transmite sua própria interpretação da lei religiosa. O que começa como uma mensagem destinada a lembrar os homens e mulheres da Galileia de que a situação em que se encontram não vai durar para sempre logo se torna um longo discurso poético sobre adultério, assassinato, falsos juramentos, caridade, amar os inimigos e até, para espanto geral, desafiar os poderes estabelecidos.

Jesus está dizendo àquelas pessoas que elas devem entregar suas questões a Deus. Para os galileus, que se sentem oprimidos e desamparados, é como se essas palavras rejuvenescessem seus corações.

– Vocês, orem assim – diz-lhes Jesus.

O silêncio é total. A multidão se inclina para a frente, empenhada em ouvir suas palavras.

– Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.

Está tudo ali. Tudo aquilo com que um camponês da Galileia pode se identificar no que diz respeito à vida sob o domínio romano: a necessidade de confiar em Deus, a preocupação com o sustento diário, a luta constante para se ver livre de dívidas e, finalmente, um lembrete de que, no meio desta vida cruel, sucumbir à tentação de mentir, roubar, dormir com a mulher do próximo são passos em falso que só o afastarão cada vez mais de Deus.

Estão todos perplexos quando Jesus termina de falar. O sermão tem menos de 2 mil palavras. Contudo, há um grande poder em sua concisão. “O Sermão da Montanha”, como passará a ser conhecido, é provavelmente o discurso mais importante da História.

A multidão segue Jesus pela encosta da montanha abaixo naquele dia, atravessando a grama alta da primavera e contornando pequenos blocos de calcário, passando pelas viçosas plantações de trigo e acompanhando-o de volta até Cafarnaum.

Ao chegarem lá, logo após entrarem na cidade, algo surpreendente acontece: o oficial militar romano responsável por Cafarnaum se declara um seguidor de Jesus.

Jesus fica admirado. Essa declaração poderia significar o fim da carreira daquele homem ou levá-lo à morte. Mas ele se volta para o centurião e diz com emoção:

– Digo a vocês a verdade: não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé.



Três meses depois do Sermão da Montanha, Jesus está na casa de um fariseu da região. Ele fora convidado para jantar e debater seus ensinamentos. Simão, o fariseu, não gosta de Jesus. Por mais que o tenha convidado para jantar, ele demonstra seu desprezo ao se recusar a ser um bom anfitrião. Embora Jesus tenha atravessado 6,5 quilômetros de estradas empoeiradas de Cafarnaum até Magdala, Simão não lhe trouxe água para lavar a poeira dos pés, conforme reza o costume, e tampouco o recebeu com um beijo respeitoso na face ou o ungiu com azeite de oliva quando ele chegou.

Existem cerca de 6 mil fariseus em toda a Judeia, e sua alcunha significa “os apartados”, em referência à maneira como eles se mantêm separados dos demais judeus. Não há uma classe média entre a aristocracia do governo e os mestres religiosos. Agricultores, artesãos e comerciantes constituem a classe baixa. Os fariseus, que se autoproclamam guardiões da lei religiosa judaica, acreditam que sua interpretação das Escrituras é incontestável. O que pregam nas sinagogas é considerado verdade. Mas agora Jesus decidiu interpretar as Escrituras por conta própria e isso é uma grande ameaça para a elite governante, uma vez que o povo da Galileia vem ouvindo Jesus cada vez com mais entusiasmo. Então Simão, o fariseu, convidou o Nazareno para uma reunião com seus amigos, como uma armadilha para tentar fazer com que ele diga alguma blasfêmia.

Uma jovem entra no recinto silenciosamente. Ela é uma prostituta que já havia ouvido Jesus falar. Foi convidada por Simão como parte de seu plano ardiloso para testar o Nazareno. A situação é obviamente constrangedora, pois é raro uma mulher de má reputação ir à casa de um fariseu sagrado. Não obstante, Maria de Magdala^[44] – ou Maria Madalena, como entrará para a História – agora está de pé atrás de Jesus. Em suas mãos, ela traz um jarro de alabastro muito caro, cheio de perfume. Ninguém pergunta onde ela conseguiu o dinheiro para comprá-lo.

Todos sabem como Maria ganha a vida, pois há poucos segredos nos pequenos vilarejos e cidades da Galileia. Mas Maria acredita no amor e na

aceitação pregados por Jesus. Agora, tomada pela emoção, ela se inclina para derramar o óleo aromático em seus pés. Só que, antes mesmo de abrir o jarro, começa a soluçar. As lágrimas de Maria escorrem livremente e sem pudor, seu rosto colado aos pés do Nazareno, que ainda está coberto de poeira da estrada devido à sua jornada até a casa do fariseu.

Maria continua a chorar, suas lágrimas se misturando ao perfume que ela passa em Jesus. Ela então seca os pés dele com seus longos cabelos, enquanto os beija como sinal de amor e respeito.

Jesus não faz menção de detê-la.

“Se este homem fosse profeta”, pensa Simão, o fariseu, “saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: uma pecadora.”

– Simão, tenho algo a dizer a você – declara Jesus enquanto Maria abre o jarro e derrama mais perfume sobre os seus pés. O aroma é inebriante e pungente, enchendo o recinto com sua doçura floral.

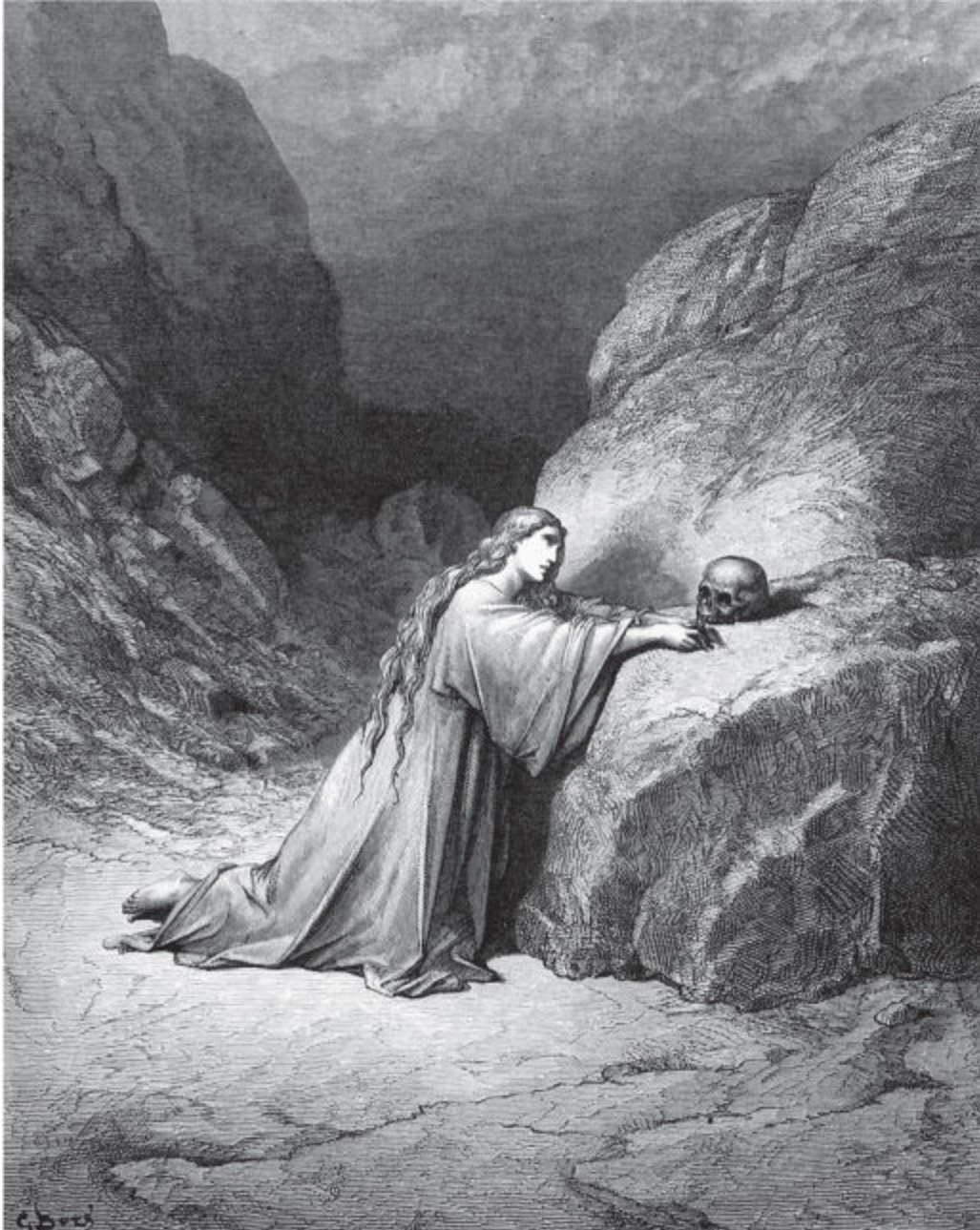
– Diz, Mestre – responde Simão com brandura.

– Vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que entrei aqui, não parou de beijar os meus pés – diz Jesus ao fariseu. – Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume nos meus pés. Portanto, eu digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados; pois ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama.

Jesus olha para Maria, que ergue os olhos para fitar seu rosto.

– Seus pecados estão perdoados – diz Jesus.

Se Simão está à procura de uma chance para apanhar Jesus em uma armadilha teológica, este é o momento. Pecados só podem ser perdoados por meio da oferta de sacrifícios. Aos olhos dos fariseus, nem mesmo os batismos feitos no rio Jordão podem perdoá-los oficialmente. E agora Jesus está dizendo que *ele* tem a autoridade de expurgar os pecados.



Maria Madalena

Os amigos de Simão que vieram jantar esta noite estão perplexos com as palavras de Jesus, especialmente por ele tê-las falado na presença de um fariseu tão proeminente.

– Quem é este que até perdoa pecados? – perguntam-se os convidados.

– Sua fé a salvou – diz Jesus a Maria de Magdala. – Vá em paz.

Ela vai, mas não por muito tempo. Maria não é escolhida por Jesus para servir como um de seus 12 discípulos, mas os segue em suas viagens e nunca mais volta a viver como antes. No fim, ela será uma importante testemunha dos últimos dias de Jesus de Nazaré.^[45]



Os últimos dias de João Batista chegaram. Há dois longos anos ele se encontra nas masmorras de Machaerus. As celas úmidas são escavadas na encosta rochosa das colinas e, na verdade, algumas não passam de cavernas. O chão, o teto e as paredes são feitos de rochas impenetráveis. Não há janelas em sua cela. A única luz entra pelas pequenas frestas na porta de madeira grossa. A ombreira retangular da porta é emoldurada por pedras esculpidas sem cuidado, empilhadas umas sobre as outras e seladas com cimento. É um lugar solitário e silencioso, úmido e frio, onde é difícil manter a esperança após meses e meses dormindo no chão. A pele dele está pálida por jamais sentir o calor da luz solar. Vez por outra é possível sentir o cheiro das ervas aromáticas que Antipas plantou entre o castelo e a cidade mais abaixo, mas o aroma logo é soprado para longe pelo vento do deserto, levando consigo a fugaz sensação de beleza. Essa prisão é o inferno na Terra e vem afetando a mente de João. Ele já começa a duvidar de sua fé inicial de que Jesus é o Messias. Espera desesperadamente receber notícias do Nazareno e ter sua confiança renovada por ele.



Aprisionado, João Batista manda seus discípulos em busca de Jesus

O próprio João Batista atraiu muitos discípulos, embora também tenha exortado homens a voltarem para suas plantações e fazendas em vez de segui-lo pelo deserto. Mas pelo menos dois desses homens foram visitá-lo e agora ouvem atentamente enquanto João os envia em uma missão.

– Perguntem a ele – diz o Batista –, “És tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?”.

Os meses de isolamento deram a João tempo para refletir sobre seu ministério. Ele ainda é jovem, não tem nem 40 anos. Porém, quanto mais tempo permanece preso, mais parece provável que termine por ser executado. João dedicou a vida a falar às pessoas sobre a vinda do Messias, e agora ele se questiona se isso tudo não terá sido em vão. Talvez Jesus seja apenas mais um grande mestre ou um homem como ele, que tem o intuito de pregar sobre a vinda de Deus. Os discípulos de João levaram notícias dos

grandes sermões de Jesus e das multidões que o procuram, não importa quando ou onde ele fale. Eles contaram a João que Jesus não tem medo de comer e beber com coletores de impostos e prostitutas e que alguns desses pecadores se redimiram após escutarem suas palavras de redenção. Disseram também a João que Jesus curou os enfermos e fez homens completamente surdos de nascença voltarem a ouvir de repente.

Mesmo assim, João não está seguro. Ele já viu o que acontece quando homens comuns se deixam cativar por líderes espirituais carismáticos. Eles ficam eufóricos e irracionais. Passam a atribuir toda sorte de milagres à presença desse líder, concentrando-se mais no homem em si do que em Deus. E, quer esses fenômenos ocorram ou não, isso é indiferente para João. A única coisa que importa para ele é o reino dos céus e saber quando o Messias virá ao mundo.

Então João envia seus mensageiros. É difícil imaginar um lugar mais remoto e desolado que a fortaleza de Machaerus, situada no topo de uma montanha que, por sua vez, fica no meio de um deserto. O isolamento é brutal.

As semanas passam. Machaerus fica a apenas quatro dias de viagem da Galileia. João ora enquanto aguarda pacientemente por mais notícias sobre Jesus.

Ele ouve, enfim, o arrastar de sandálias diante da porta da masmorra. Seus discípulos estão de volta, trazendo uma mensagem muito específica de Jesus.

– Ele nos disse: “Voltem e anunciem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas-novas são pregadas aos pobres; e feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa.”^[46]

João está aliviado. Essa é a confirmação que ele ansiava por ouvir. Agora pode enfim encontrar alguma forma de paz enquanto apodrece em seu cárcere. Jesus está mais uma vez afirmando ser aquele que João anunciou publicamente que ele era: o Messias.

Mas ainda há mais. Os discípulos, entusiasmados, também contam a João que Jesus não só fez alusão à sua própria concepção imaculada, conforme profetizada pelas Escrituras, mas também estendeu um elogio afetuoso a João, um lembrete para que ele se mantenha firme. Isso aconteceu enquanto ele pregava um de seus sermões e os discípulos de João estavam por perto.

Na verdade, eles estavam prestes a ir embora quando Jesus fez questão de que ouvissem as seguintes palavras:

– O que vocês foram ver no deserto? – perguntou ele aos seus ouvintes em relação a João. – Um caniço agitado pelo vento?^[47] Um homem vestido com roupas finas? Ora, os que vestem roupas esplêndidas e se entregam ao luxo estão nos palácios. Afinal, o que foram ver? Um profeta? Sim, eu digo a vocês, e mais que profeta. Esse é aquele a respeito de quem está escrito: “Enviarei o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti.” Eu digo que entre os que nasceram de mulher não há ninguém maior do que João.



Outro ano passa. Certa noite, através das grossas paredes de pedra da sua cela de prisão, João ouve sons de música e dança. Antipas convidou os homens mais poderosos da Galileia – oficiais de alta patente, comandantes militares e todos os seus amigos ricos – a se juntarem a ele em Machaerus para um banquete em comemoração ao seu aniversário. Dentro do palácio, homens e mulheres jantam em salões diferentes, conforme reza o costume. Na câmara em que Antipas se reúne com os homens, ele pede que lhe tragam alguma distração e então assiste, fascinado, a sua enteada Salomé entrar no grande salão e apresentar um espetáculo solo de dança exótica. A bela adolescente de cabelos negros esvoaça lentamente pelo salão, movendo os quadris de forma sedutora ao som das batidas de tamborins e címbalos. Os homens estão em transe e não conseguem tirar os olhos dela. Eles soltam urros de aprovação quando a música termina. Antipas está particularmente encantado.

– Peça-me qualquer coisa que você quiser, e eu lhe darei – diz ele para Salomé.

A proposta, no entanto, não para por aí. Sabendo quão cativados pela bela Salomé seus convidados tinham ficado, Antipas quer fazer um gesto grandiloquente para impressioná-los.

– Seja o que for que me pedir, eu lhe darei, até a metade do meu reino.

Salomé é jovem, mas também é esperta. Ela sai correndo do salão para pedir o conselho de sua mãe.

– Que pedirei? – pergunta Salomé.

Este é o momento pelo qual a vingativa Herodias vinha esperando. Ela diz à filha:

– A cabeça de João Batista.

Salomé não hesita e imediatamente corre de volta ao salão de banquete. Fitando os olhos de seu padrasto, ela diz em voz alta:

– Desejo que me dê agora mesmo a cabeça de João Batista num prato.

[48]

Antipas fica chocado. Ele é um homem versado em intrigas políticas, pois esse é um jogo que sempre fez parte da sua vida. Foi criado em um lar no qual o pai era capaz de matar os próprios filhos ao menor sinal de deslealdade. Sua experiência o salvou de ser executado. Mas agora ele está sendo manipulado e ludibriado por sua própria esposa.

Matar um homem do povo poderia lhe trazer graves consequências. Apesar de seu gosto por perversões, vícios e outros prazeres, Antipas ainda é um judeu – mesmo que apenas ligeiramente devoto. Ele possui fé suficiente para se questionar se tal atitude não resultaria em um castigo divino. E, de fato, 10 anos depois de Batista ser executado, o historiador judeu Josefo proclamará que Antipas perdeu seu reino devido a uma punição de Deus pelo assassinato de João Batista.

Mas, por outro lado, ele fez um juramento. Voltar atrás diante daqueles homens colocaria sua palavra em dúvida. Quando porventura precisasse fazer uma promessa a algum desses convidados, ninguém jamais acreditaria nele.

Então João Batista ouve o rangido da porta de sua cela. Um carrasco carregando uma espada de lâmina grossa e afiada entra sozinho. Sob a luz do luar, ele obriga João a se ajoelhar. Batista está resignado ao seu destino. O carrasco então ergue sua arma bem alto sobre a cabeça, fazendo-a descer com violência.

João não sente o peso da lâmina de aço maciço que separa sua cabeça de seu corpo.

A voz daquele que clama no deserto está agora silenciada.

Agarrando a cabeça de João pelos cabelos, o executor a coloca em um prato e a entrega para Salomé e sua mãe.



Herodias enfim obteve sua vingança contra Batista. Mas se ela (ou Antipas) pensa que a morte de João dará fim ao fervor religioso que está varrendo a Galileia, está muito enganada. João pode ter incitado emoções fortes ao purificar os fiéis de seus pecados, mas outra presença está desafiando as autoridades de maneira jamais vista.

Jesus de Nazaré tem mais um ano de vida.

C A P Í T U L O D E Z

Galileia

Abril, 29 d.C.

Dia

Jesus se tornou uma vítima de sua própria fama, e a cada dia sua vida corre mais perigo. Muitos galileus acreditam que Jesus é o Cristo – o rei terreno ungido que derrubará os romanos e governará seu povo como soberano dos judeus, assim como Davi havia feito mil anos atrás. Por isso, as autoridades romanas estão vigiando o Nazareno ainda mais de perto. De acordo com a lei judaica, um homem que afirma ser rei é culpado de rebelião contra o imperador, um crime passível de crucificação. Sabendo disso, Jesus toma o cuidado de não mais se apresentar publicamente como o Cristo.

O principal governante dos judeus na Galileia, Herodes Antipas, não crê que o Nazareno seja Cristo. Ele acredita que Jesus seja a reencarnação de João Batista. É como se Antipas estivesse sendo assombrado pelo profeta morto, como uma punição por seu assassinato. Herodes se queixa abertamente de Jesus e dos problemas que ele pode causar. E está de novo preparado para tomar medidas extremas com o intuito de solucionar essa questão.

Mas Pôncio Pilatos e Antipas ainda não fizeram sua jogada. Até o momento, Jesus tem se mostrado um homem pacífico. Com exceção do incidente com os cambistas do Templo, nada do que ele fez ameaça aqueles homens ou seu estilo de vida. Jesus nem sequer sugeriu que o povo da Galileia se insurgisse contra Roma. Tampouco disse aos seus numerosos ouvintes que era o rei dos judeus. Assim, o governador romano da Judeia e o governador judeu da Galileia se contentam em observar Jesus de longe.

Não se pode dizer o mesmo das autoridades religiosas. Comandados por Caifás, o sumo sacerdote do Templo, os mestres da lei judaica enxergam Jesus como um perigo muito claro e presente. Caifás conquistara fortuna e poder graças aos tributos pagos ao Templo, ao lucro obtido pelos cambistas e à concessão do Templo para venda de cordeiros para sacrifício. Sua família também é dona de terras que são arrendadas para agricultores nas cercanias de Jerusalém, de tal forma que o que está em jogo em seu caso vai muito além de ensinamentos religiosos.

Assim como um revolucionário armado é uma ameaça militar para Roma, a pregação de Jesus é uma ameaça à autoridade espiritual dos saduceus, dos fariseus e dos mestres e escribas do Templo. Portanto, esses autoproclamados homens de Deus desenvolveram um plano específico para lidar com Jesus: pretendem capturá-lo discretamente e executá-lo o mais rápido possível.

Mas os líderes religiosos se tornariam impuros caso assassinassem o Nazareno a sangue-frio. Tampouco podem pagar alguém para transpassá-lo com uma espada ou estrangulá-lo enquanto dorme. Não, os fariseus precisam se valer de meios tradicionais, e isso significa executar Jesus em razão de alguma violação pública da lei religiosa.

Para encontrar uma ofensa que ele tenha cometido, um grupo seletivo de fariseus e escribas é enviado de Jerusalém à Galileia para observar Jesus pessoalmente. Esses são homens bem versados nas Escrituras. Ninguém melhor do que eles para apontar algum deslize do Nazareno.

Pelo menos é o que creem os líderes religiosos.



As coisas dão errado desde o primeiro momento. Os fariseus e saduceus ficam frustrados a cada tentativa, pois jamais enfrentaram um rival espiritual e intelectual como Jesus. Apesar de todos os esforços desses homens para enfraquecer seu movimento interrogando-o em público, o Nazareno os desbanca em todas as ocasiões, e sua popularidade continua a crescer exponencialmente. O povo da Galileia passa a acompanhar suas viagens tão de perto que todos descobrem qual será seu próximo destino com antecedência e se adiantam a ele para esperá-lo. Histórias sobre Jesus transformando água em vinho, fazendo os aleijados voltarem a andar e

devolvendo a visão aos cegos eletrizaram de tal forma a região que se tornou habitual que quase todos os portadores de doença vão em busca dele, mesmo que isso implique ser carregado por quilômetros para aguardar sua chegada. Os próprios fariseus testemunham um acontecimento que os deixa intrigados. Jesus aparentemente cura um homem cuja mão era gravemente atrofiada em um sábado,^[49] atitude que condenam de forma imediata e pública como uma violação da lei religiosa.

Jesus demonstra sua capacidade intelectual ao se valer da lógica e de trechos das Sagradas Escrituras para derrubar os argumentos de seus opositores.

– É permitido – lembra ele aos enviados do Templo – fazer o bem no sábado.

Dificultando ainda mais as coisas para os homens sagrados, Jesus impressiona os camponeses da Galileia com suas façanhas aparentemente sobrenaturais. Os fariseus ouvem dizer que ele transformou dois peixes e cinco filões de pão em um banquete que alimentou 5 mil pessoas nas montanhas próximas a Betsaida. Ainda mais fantástica é a notícia de que Jesus supostamente teria ressuscitado uma menina morta em Cafarnaum. E o mais extraordinário de tudo: os discípulos de Jesus afirmaram tê-lo visto andar sobre as águas do mar da Galileia, no meio de uma tempestade violenta.

Os fariseus se recusam a acreditar nesses relatos, apesar de terem testemunhado em primeira mão uma cura inexplicável. Entretanto, um número alarmante de testemunhas vem confirmando cada um desses *pela'oth, othoth* e *mophethim*. No futuro, os Evangelhos, escritos em grego, irão traduzir essas palavras hebraicas como *dunameis*, *semeia* e *terata* – poderes (ou força), sinais e milagres. O povo simples da Galileia, que fala aramaico, prefere usar uma simples palavra para descrever os feitos de Jesus: *nes*.^[50]

Os fariseus acreditam em milagres, mas não em Jesus. Diversas vezes ao longo da tradição oral judaica – desde Moisés, passando por Jó e Ester – Deus se revela dessa maneira. Quando eles finalmente colocarem essa tradição oral no papel, dois séculos mais tarde, o Talmude estará repleto de histórias sobre milagres divinos.

Mas Jesus não é Deus, disso os fariseus não têm dúvida. Ele é um agitador, um falso mestre, um charlatão perigoso. Em vez de habitar um palácio celestial, Jesus se abriga na casa simples de seu discípulo Pedro.

Está claro que essa não pode ser a divindade suprema que eles dedicaram suas vidas a contemplar.

Isso os deixa profundamente angustiados. Jesus está minando a autoridade deles. Se não for cortado pela raiz, seu movimento destruirá seu estilo de vida, privando-os de toda sua riqueza e de seus privilégios. Eles não podem permitir isso. Por mais que os fariseus afirmem amar Deus, eles são na maioria homens arrogantes e hipócritas que amam seu status social elevado muito mais do que qualquer sistema de crença religiosa.

Esse é um status do qual os sacerdotes do Templo têm gozado há quase seis séculos. Desde os tempos da dominação babilônica, quando o último rei verdadeiramente judeu foi derrubado do trono, instituiu-se uma lacuna de poder entre o povo judeu.^[51] Homens santos como os fariseus preencheram esse vácuo interpretando ao pé da letra as leis de Moisés. Eles conquistaram o respeito do povo judeu acrescentando centenas de novos mandamentos e proibições à lista original do profeta, transmitindo-os oralmente na forma da chamada Tradição dos Anciãos.

Poucos questionam essas leis, especialmente em se tratando dos camponeses incultos da Galileia. Mas agora Jesus, por meio de suas atitudes e seus ensinamentos, demonstrou que muitos desses mandamentos são absurdos e que o comportamento dos fariseus e saduceus é pior ainda.

É chegada a hora de agir contra o nazareno.



Certo dia de primavera, um fariseu provoca Jesus:

– Por que os seus discípulos transgridem a tradição dos líderes religiosos? Pois não lavam as mãos antes de comer!

Jesus não perde a calma. Começa a responder ao questionamento com outra pergunta, uma técnica que usa com frequência.

– E por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da tradição de vocês?

É abril na Galileia, a época no calendário juliano do Império Romano em que pastores e seus rebanhos povoam as encostas das colinas e os agricultores terminam a colheita da cevada e voltam sua atenção para as grandes plantações de trigo. Jesus e seus discípulos acabaram de comprar uma refeição no mercado e se recolhem para desfrutá-la. Logo um círculo de

fariseus se fecha ao redor deles para condená-los por não terem lavado cerimonialmente as mãos. Esse ritual exige também que copos, pratos e talheres sejam lavados antes da refeição, algo muito mais adequado aos pátios do Templo do que a uma vila de pescadores na Galileia. Como é óbvio, os discípulos famintos não estão dispostos a realizar um procedimento tão demorado.

A princípio, Jesus não diz muito. Os fariseus tomam isso como um sinal para se aproximarem. Um grupo de curiosos se reúne logo atrás deles. Todos formam um círculo compacto ao redor de Jesus e seus discípulos. Para todos os efeitos, ele está encurralado. Não tem para onde fugir – o que é exatamente o plano dos fariseus.

A armadilha está lançada. Os fariseus esperam que dessa vez Jesus fale alguma blasfêmia. Se fizer isso, ele poderá ser condenado. A afirmação que os fariseus mais desejam ouvir, acima de qualquer outra, é uma declaração de divindade, um pronunciamento público por parte de Jesus afirmando que ele é o Filho de Deus – não um rei na Terra, mas um que será exaltado acima dos anjos e estará sentado no trono ao lado de Deus.

Isso basta para que ele seja apedrejado até a morte.

Os líderes religiosos vestem túnicas caras adornadas com borlas azuis muito longas. Eles trazem caixinhas de madeira presas à testa por uma tiara. Dentro de cada uma delas há uma faixa de pergaminho em miniatura com passagens das Escrituras sobre o êxodo do Egito. Tanto as borlas quanto o filactério, como são chamadas essas caixas, têm por objetivo chamar atenção para a santidade dos fariseus e lembrar a todos sua autoridade religiosa.

Mas Jesus não reconhece essa autoridade.

Ele se levanta para se dirigir aos fariseus. O povo da Galileia se aproxima para ouvir o que o Nazareno vai dizer. Esses artesãos e pescadores simples parecem pobres e maltrapilhos em comparação aos fariseus. Jesus, também galileu, está vestido exatamente como eles, com um manto quadrado simples sobre uma túnica, com borlas pequenas e nenhum filactério a vista.

Eles sabem que não é a primeira vez que os fariseus tentam armar um incidente público contra Jesus, e a teatralidade e a astúcia das respostas do Nazareno são bem conhecidas.

– Hipócritas! Bem profetizou Isaías acerca de vocês – diz Jesus, fitando diretamente os fariseus e saduceus. Então o Nazareno cita as Escrituras: – “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.

Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens.”

Jesus é destemido. A força de suas palavras se espalha pela multidão. Há uma ironia profunda em seu sermão, pois embora os fariseus tenham ido julgar Jesus, o seu tom de voz deixa claro que é *ele* quem os está julgando.

– Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens – diz ele, repreendendo seus acusadores. Antes que eles possam retrucar, Jesus se volta para o povo e diz: – Ouçam-me todos e entendam isto: não há nada fora do homem que, nele entrando, possa torná-lo “impuro”. Ao contrário, o que sai do homem é que o torna impuro.



Os fariseus se afastam antes que Jesus possa minar ainda mais sua autoridade. A multidão que permanece ali não deixa os discípulos comerem em paz, de modo que Jesus os leva até uma casa próxima para que eles façam a refeição sem serem incomodados.

Mas os discípulos estão aflitos. Em um ano juntos, eles haviam ouvido e absorvido muito do que Jesus dissera e testemunhado diversos acontecimentos estranhos e impactantes que não conseguem compreender. São homens simples, e não entendem por que Jesus está tão determinado a humilhar os onipotentes fariseus. Essa batalha religiosa que se agrava a cada dia só pode terminar mal para Jesus.

– Sabes que os fariseus ficaram ofendidos quando ouviram isso? – pergunta um deles a Jesus, verbalizando o que já era óbvio.

Então Pedro se pronuncia:

– Explica-nos a parábola – pede ele, sabendo que Jesus nunca diz nada publicamente sem motivo.

Às vezes as palavras do Nazareno são espirituais, outras vezes, contêm uma mensagem política sutil e procuram ser edificantes. Nos últimos meses, Jesus tem entrado em conflito com os fariseus a respeito de tudo, desde comer cevada no sábado até o ritual de lavar mãos – a questão de hoje, que pareceu despropositada a Pedro. Talvez os discípulos estejam ignorando alguma mensagem implícita importante nos ensinamentos de Jesus.

– Será que vocês ainda não conseguem entender? – responde Jesus, exasperado.

E continua:

– Não percebem que o que entra pela boca vai para o estômago e mais tarde é expelido? Mas as coisas que saem da boca vêm do coração, e são essas que tornam o homem impuro. Pois do coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as imoralidades sexuais, os roubos, os falsos testemunhos e as calúnias. Essas coisas tornam o homem impuro; mas comer sem lavar as mãos não o torna impuro.

Judas Iscariotes está entre aqueles que ouvem as palavras de Jesus. Ele é o único discípulo que não foi criado na Galileia, o que o torna claramente um forasteiro no grupo. Isso é inegável. Ele usa as mesmas túnicas e sandálias, cobre a cabeça para se proteger do sol e traz consigo um cajado para afugentar os cães selvagens da Galileia, como todos os discípulos. Mas seu sotaque é do sul, não do norte. Todas as vezes que abre a boca para falar, Judas faz os discípulos lembrarem que ele é diferente.

As palavras que Jesus acaba de dizer o afastam ainda mais do grupo, pois Judas também é um ladrão. Aproveitando-se de seu cargo de tesoureiro, ele rouba regularmente as parcas reservas dos discípulos.^[52] Em vez de permitir que Jesus seja ungido com óleos aromáticos valiosos por seus admiradores, Judas insiste que eles sejam vendidos, e o lucro, depositado na caixa coletiva do grupo – tudo para que possa roubar o dinheiro para uso próprio. Judas vinha mantendo esses roubos em segredo e, como todos os ladrões, carrega sozinho o fardo do seu pecado.^[53]

Agora Jesus está aumentando a vergonha de Judas ao lembrá-lo de que ele não só é um pecador, mas também impuro. Ser moralmente impuro na Galileia não é apenas uma condição espiritual; significa também ser rebaixado para uma classe social diferente. Um homem impuro torna-se um pária, adequado apenas para trabalhos pesados como o curtimento e a mineração, fadado a não ter sua própria terra e a viver na pobreza pelo resto de seus dias.

Judas já viu essas pessoas. Elas estão sempre em grande número nas multidões que seguem Jesus, simplesmente porque não têm nada melhor em que empregar seu tempo, e as palavras do Nazareno muitas vezes lhes oferecem alguma esperança de que a vida delas vai melhorar de alguma forma. Não possuem família, propriedades ou teto sobre a cabeça. Alguns se entregam a uma vida criminosa, tornando-se bandidos e ladrões de estrada, juntando-se em bandos e vivendo em cavernas. Levam uma vida dura e geralmente morrem jovens.

Não é isso que Judas planejou para si. Se Jesus é o Cristo, conforme ele acredita, então está destinado a um dia acabar com a dominação Romana e governar a Judeia. Quando esse dia chegar, o fato de Judas ser um dos 12 discípulos irá garantir a ele um cobiçado cargo de poder no novo governo.

Judas aparentemente acredita nos ensinamentos de Jesus e, sem dúvida, gosta de estar sob o reflexo da fama do Nazareno. Mas seu desejo por riqueza material é mais forte do que qualquer espiritualidade. Ele coloca suas próprias necessidades acima das de Jesus e dos outros discípulos.

Por um bom preço, Judas Iscariotes é capaz de tudo.



Frustrados com sua incapacidade de atrair Jesus para uma armadilha, mas acreditando já possuírem evidências suficientes para detê-lo, os fariseus e saduceus voltam a Jerusalém para apresentar seu relatório. E, embora Jesus não pareça incomodado com a atenção deles, a verdade é que sente um enorme peso sobre os ombros. Mesmo antes da visita daqueles homens, Jesus esperava ter a chance de se refugiar em um lugar solitário para poder se dedicar à reflexão e às orações. Agora ele deixa a Galileia levando seus discípulos consigo. Eles seguem para o norte, em direção ao reino governado por Filipe, irmão de Antipas, mais especificamente, à cidade chamada Cesareia de Filipe. A população de lá é pagã e adora o deus Pã, uma divindade com patas traseiras e chifres de bode e tórax e rosto humanos. Ninguém ali se importará se Jesus disser que é o Cristo, tampouco as autoridades o questionarão sobre as Escrituras. Embora a Cesareia de Filipe fique apenas 54 quilômetros ao norte de Cafarnaum, será como se eles estivessem em Roma.

O verão se aproxima. A viagem de dois dias os leva por uma estrada romana movimentada no lado leste do vale de Hula. Jesus e seus discípulos ficam atentos aos ursos e bandidos hostis, mas a viagem transcorre pacificamente. Na verdade, ela acaba sendo uma espécie de folga para todos. Vencidos os primeiros quilômetros, Jesus já se sente revigorado o suficiente para parar e relaxar sob o sol.

– Quem os outros dizem que o Filho do homem é? – pergunta Jesus aos discípulos, talvez inspirado pelo grande templo em Omrit, dedicado a César

Augusto, um homem que afirmava ser deus, mas, no fim das contas, era tão mortal quanto qualquer outro.

– Alguns dizem que é João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas – é a resposta.

Isto é comum em suas viagens: que Jesus vá semeando ensinamentos pelo caminho ou promova debates intelectuais ao propor uma questão aleatória. Raramente ele se abre com eles.

– E vocês? – questiona Jesus. – Quem vocês dizem que eu sou?

Pedro se pronuncia.

– Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Jesus assente.

– Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não foi revelado a você por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus – diz ele, elogiando o pescador impulsivo, chamando-o pelo nome que Pedro tinha antes. – Não contem a ninguém – acrescenta Jesus para lembrá-los de que uma revelação pública irá fazer com que ele seja detido pelos romanos.

Eles podem estar deixando para trás o poder das autoridades judaicas, mas Cesareia de Filipe é tão romana quanto a outra cidade.

Porém, se os discípulos pensam que Jesus já compartilhou com eles seu maior segredo, estão enganados.

– É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas e seja rejeitado pelos líderes religiosos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei – continua explicando Jesus.

Isso não faz sentido para os discípulos. Se Jesus é o Cristo, então ele deverá governar a terra um dia. Mas como poderá fazê-lo sem o apoio das autoridades religiosas?

E como se isso não fosse desconcertante o suficiente, Jesus faz mais uma afirmação, que aliás será motivo de debate por eras a fio.

– É necessário que ele seja morto – promete Jesus aos discípulos, falando de si mesmo como o Filho de Deus – e ressuscite no terceiro dia.

Os discípulos não fazem ideia do que isso significa.

Tampouco sabem que Jesus de Nazaré tem menos de um ano de vida pela frente.

C A P Í T U L O O N Z E

Jerusalém

Outubro, 29 a.C.

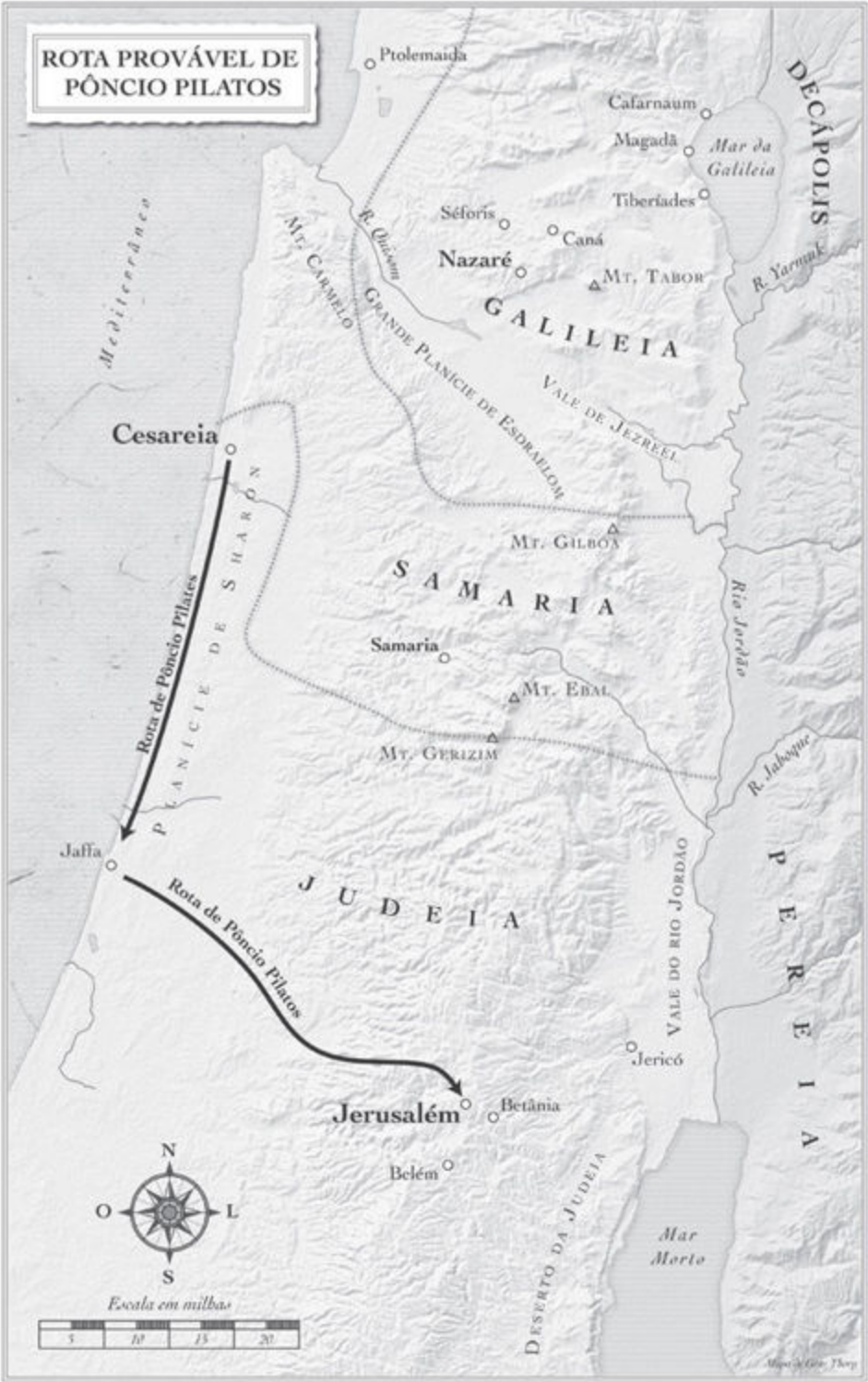
Dia

Pôncio Pilatos está sentado com as costas eretas em seu caminho para Jerusalém. Sua esposa, Cláudia, viaja em uma carruagem próxima à dele, que lidera a caravana através do terreno hostil. Pilatos tem 3 mil homens à sua disposição. Eles não são soldados romanos legítimos, mas a mesma mistura de árabes, samaritanos e forças sírias que um dia defendeu Herodes, o Grande.

A caravana militar de Pilatos partiu da fortaleza litorânea de Cesareia. O governador faz essa viagem três vezes ao ano para os festivais judaicos.^[54] A jornada de 96 quilômetros os conduz ao longo do Mediterrâneo, na direção sul, por uma estrada romana pavimentada. Após uma parada para passar a noite, a rota se afasta do litoral, seguindo por uma estrada de terra pela Planície de Sharon e subindo através das montanhas até Jerusalém.

Pilatos pretende que Roma marque presença na Festa dos Tabernáculos,^[55] uma das três grandes celebrações do calendário religioso judaico. Como a Páscoa, esse feriado envolve a ida de centenas de milhares de peregrinos a Jerusalém para celebrá-lo. Os judeus comemoram 40 anos de peregrinação pelo deserto e fazem um banquete para celebrar o fim da colheita abundante. Pilatos não tem muita paciência para os costumes judaicos. Tampouco acredita que os judeus sejam leais a Roma. O governador fica em uma situação delicada durante esses festivais: se os judeus se rebelarem – como costumam fazer quando se reúnem em multidões tão grandes –, ele será responsabilizado; mas se retaliar com excesso de força, poderá ser chamado

a prestar contas em Roma por desobedecer à ordem de Tibério de que aquele povo seja tratado como “aliado sagrado”.



Assim, Pilatos suporta as semanas de festividades. Ele e Cláudia ficam hospedados no suntuoso palácio de Herodes, o Grande e saem de lá apenas quando é estritamente necessário.

Há três anos Pôncio Pilatos é governador da Judeia. Seu trabalho deveria ser simplesmente o de mediar disputas locais e manter a paz, mas a verdade é que o papel do conquistador é sempre marcado pelo perigo. O filósofo judeu Filo escreverá um dia que Pilatos é “um homem inflexível, obstinado e de temperamento cruel”, e mesmo assim os judeus já conseguiram ludibriá-lo e prejudicar sua carreira. Durante o episódio em que Pilatos ordenou que estandartes romanos enfeitassem o Templo, não só os habitantes de Jerusalém conseguiram que eles fossem removidos, como escreveram uma carta ao imperador Tibério detalhando a indiscrição do governante.

Tibério ficou furioso. Conforme relata o historiador Filo: “Imediatamente, sem nem mesmo esperar pelo dia seguinte, ele escreveu a Pilatos, censurando-o e repreendendo-o mil vezes por sua audácia.”

Este ano a tensão é ainda maior, e Pilatos é o único culpado por isso. Ele teve a ideia engenhosa de construir um novo aqueduto para levar água a Jerusalém, mas seu gesto de boa vontade tinha um grave ponto negativo: o dinheiro das obras deveria vir do tesouro público do Templo. O povo judeu ficou indignado com essa utilização de suas “economias sagradas”, e durante um festival recente um pequeno exército se insurgiu para exigir que Pilatos interrompesse a construção do aqueduto. Eles xingaram o governante quando ele apareceu nas ruas de Jerusalém, encorajados pelo tamanho da multidão, pensando que isso faria com que suas palavras permanecessem anônimas.

Mas Pilatos havia previsto o protesto e mandou que centenas de seus soldados se disfarçassem com as túnicas camponesas dos peregrinos judeus e se infiltrassem entre eles, com ordens de ocultar um punhal ou porrete debaixo das dobras de suas roupas. Quando a multidão marchou em direção ao palácio para protestar de forma mais violenta, esses homens cercaram os manifestantes e os atacaram, espancando e apunhalando os peregrinos indefesos. “Muitos deles foram mortos dessa forma”, escreveria posteriormente o historiador Josefo, “e outros fugiram, feridos. Foi o fim dessa rebelião.”

Para o povo judeu, Pilatos é um vilão. Consideram-no “vingativo e beligerante” e falam sobre “sua depravação, sua violência, seus roubos, seus

ataques, seu temperamento agressivo, suas execuções frequentes de prisioneiros sem julgamento prévio e sua selvageria incessante”.^[56]

No entanto, um dos seus é tão culpado quanto o governante romano.



Pôncio Pilatos seria incapaz de governar o povo judeu sem a ajuda de José Caifás, o sumo sacerdote e líder do supremo tribunal judeu conhecido como Sinédrio.

Caifás é um exímio político e sabe que o imperador Tibério não só acredita que é importante respeitar as tradições judaicas como também mantém o temperamental Pilatos sob rédea curta. Pilatos pode estar no comando da Judeia, mas é Caifás quem supervisiona as operações cotidianas de Jerusalém, fingindo que seus próprios objetivos cruéis são apenas religiosidade e devoção. Poucos em Jerusalém percebem que o mesmo homem que conduz os rituais de expiação dos pecados, e surge nos pátios do Templo durante a Páscoa e o Yom Kippur trajando as vestes cerimoniais mais exuberantes,^[57] é amigo de Roma e do imperador decadente Tibério.

O glamour de sua posição fica ainda mais evidente durante o Yom Kippur, a cerimônia anual do perdão, quando Caifás entra sozinho no santuário interno do Templo conhecido como Santo dos Santos, que se supõe ser a morada de Deus. Para os fiéis judeus, isso o coloca mais perto de Deus do que qualquer outro mortal. Ele então volta para se apresentar aos fiéis que se aglomeram nos pátios do Templo. Dois bodes são trazidos e colocados um em cada lado de Caifás. Como parte do ritual do perdão, o sumo sacerdote deve decidir qual bode será libertado e qual será sacrificado para expiar os pecados do povo judeu.

Esse mesmo homem que se coloca na presença de Deus e garante que os pecados de seu povo sejam perdoados é o sumo sacerdote que não levanta objeções quando Pilatos saqueia as reservas do Templo. Caifás também não diz nada quando os judeus são massacrados nas ruas da Cidade Sagrada. Não reclama quando o governante romano o obriga a devolver as vestes cerimoniais incrustadas de pedras preciosas ao fim de cada festival. Os romanos preferem manter a guarda das vestimentas caras como um lembrete de seu poder, devolvendo-as sete dias antes de cada festival para que elas possam ser purificadas.

Antes dele, os sumos sacerdotes eram meros fantoches de Roma, facilmente substituídos quando cometiam algum ato de insubordinação. Mas Caifás, um membro da facção dos saduceus, desenvolveu uma simples e brilhante estratégia para se manter no poder: ele não se mete nos assuntos de Roma.

Roma, por sua vez, geralmente não se mete nos assuntos do Templo.

Isso ajuda Pilatos a permanecer em seu cargo e faz com que o poder de Caifás aumente cada vez mais.

Os dois homens sabem disso e estão confortáveis com essa situação. Assim, enquanto seus quatro antecessores serviram durante apenas um ano antes de serem depostos, Caifás se mantém como sumo sacerdote há 12 anos – sem sinal de que vá se afastar tão cedo. E a cada ano no poder a ligação entre Roma e o Templo se fortalece, enquanto o abismo entre o sumo sacerdote e os judeus da classe trabalhadora fica cada vez maior.

O fato de Pilatos e Caifás terem mais semelhanças do que diferenças também ajuda. Pilatos pertence à abastada classe equestre romana,^[58] enquanto Caifás pertence a uma linhagem centenária de sacerdotes do Templo. Ambos são homens de meia-idade e casados. Os dois gostam de saborear uma taça de vinho importado ao fim do dia. Quando Pilatos está em Jerusalém, eles moram a poucas centenas de metros um do outro, na luxuosa Cidade Alta, em palácios cuja criadagem é composta de escravos de ambos os sexos. Os dois se consideram homens devotos, embora adorem divindades muito diferentes.

A última coisa de que Pilatos e Caifás precisam é que uma figura messiânica desestabilize esse delicado equilíbrio de poder – e é exatamente por isso que o sumo sacerdote e as autoridades religiosas planejam prender Jesus no instante em que ele puser os pés na Cidade Sagrada.

Os fariseus fizeram sua parte e voltaram com relatos de inúmeras transgressões cometidas pelo Nazareno contra a lei religiosa. O arдил para assassinar Jesus está prestes a ser colocado em prática.



Mas Jesus tem outros planos.

Ele já voltou de sua breve temporada em Cesareia de Filipe e decide permanecer na Galileia enquanto seus discípulos viajam rumo a Jerusalém

para o festival. Os discípulos estão tão ansiosos para que Jesus os acompanhe e anuncie publicamente que ele é o Cristo que tentam aconselhá-lo, algo que nunca haviam feito antes.

– Você deve sair daqui e ir para a Judeia – insistem eles antes de partir. – Ninguém que deseja ser reconhecido publicamente age em segredo. Visto que você está fazendo estas coisas, mostre-se ao mundo.^[59]

– Para mim ainda não chegou o tempo certo – responde Jesus. – Para vocês qualquer tempo é certo. O mundo não pode odiá-los, mas a mim odeia porque dou testemunho de que o que ele faz é mau. Vão vocês à festa; eu ainda não subirei a esta festa, porque para mim ainda não chegou o tempo apropriado.

Os líderes religiosos em Jerusalém conhecem o rosto dos discípulos por conta de sua missão na Galileia durante a primavera. Então, quando os veem na cidade sem Jesus, ficam imediatamente frustrados. Mais uma vez, é como se estivessem sendo ludibriados pelo Nazareno.

– Onde está aquele homem? – perguntam-se os fariseus, analisando os rostos na multidão que se aglomera nos pátios do Templo. – Onde está aquele homem?

Boatos sobre Jesus se espalham quando as festividades começam. Os habitantes dos vilarejos e cidades ao redor de Jerusalém pouco sabem a respeito dele, tendo ouvido apenas rumores sobre o Nazareno. Muitos acreditam que as insinuações acerca de Jesus estejam sendo propagadas pelas autoridades religiosas apenas para retratá-lo como um demônio ou como um charlatão. Os peregrinos da Galileia, entretanto, falam com entusiasmo sobre a bondade de Jesus. Outros, por sua vez, comentam que ele está sendo caçado.

Com o passar dos dias, as especulações se espalham pela cidade. Ninguém tem notícias do paradeiro de Jesus, nem mesmo seus próprios discípulos.

A Festa dos Tabernáculos dura oito dias, e é por volta da metade desse tempo que Jesus chega discretamente aos pátios do Templo. Ele foi a Jerusalém em segredo. Destemido, começa a pregar. Durante os últimos meses, Jesus tem estado envolto em uma aura de tristeza e vem sentindo uma maior necessidade de estar sozinho. Fala cada vez mais na forma de parábolas em seus ensinamentos, sabendo que tais histórias são mais fáceis de guardar na memória e oferecem mais contexto do que simples citações

das Escrituras. Acima de tudo, ele parece estar se resignando quanto à iminência de sua morte, sobre a qual falou com os discípulos.

Mas ainda não chegou sua hora, de modo que agora, ali onde ele pode ser ouvido e visto com facilidade por qualquer fariseu e saduceu, Jesus prega corajosamente sobre a verdade e a justiça. Em questão de instantes, um círculo de peregrinos está diante dele, ouvindo maravilhados enquanto ele compartilha seus pensamentos sobre Deus.

– Não é este o homem que estão tentando matar? – pergunta alguém na multidão.

– Será que as autoridades chegaram à conclusão de que ele é realmente o Cristo? – pergunta outro.

Essa ideia é recebida com ceticismo. Pois é difícil imaginar que o Cristo viria de uma província remota como a Galileia. Ele deveria vir de Belém, a cidade de Davi, conforme foi relatado pelos profetas.

– Mas nós sabemos de onde é este homem.

– Sim, vocês me conhecem – responde Jesus, ouvindo suas palavras. – E sabem de onde sou. Eu não estou aqui por mim mesmo, mas aquele que me enviou é verdadeiro. Vocês não o conhecem, mas eu o conheço porque venho da parte dele, e ele me enviou.

Jesus está prestes a admitir que ele é o Cristo. Os fariseus e sacerdotes enviam os guardas do Templo para prendê-lo por blasfêmia. Mas eles voltam de mãos vazias a Caifás e aos fariseus, incapazes de explicar seu fracasso em cumprir as ordens. Entre esses chefes dos sacerdotes está Nicodemos, o fariseu da Galileia que questionou Jesus quanto à questão do renascimento.

– Por que vocês não o trouxeram? – interpelam os sacerdotes.

– Ninguém jamais falou da maneira como esse homem fala – explica um dos guardas.

– Será que vocês também foram enganados? – perguntam os fariseus.

Estão de tal modo indignados que se esquecem de sua posição no Templo, pois apenas os altos sacerdotes têm permissão para fazer perguntas ali.

Nicodemos dá um passo à frente.

– A nossa lei condena alguém sem primeiro ouvi-lo para saber o que ele está fazendo?

Os demais líderes se voltam rapidamente contra Nicodemos, insultando-o apesar de o fariseu ser um deles.

– Você também é da Galileia? – retrucam com desdém. – Verifique e descobrirá que da Galileia não surge profeta.



Jesus continua a pregar nos pátios do Templo pelo restante do festival.

– Eu sou a luz do mundo – diz ele às multidões. – Quem me segue, nunca andar­á em trevas, mas terá a luz da vida.

E acrescenta:

– Eu vou embora. Para onde vou, vocês não podem ir.

E, logo em seguida, ele desaparece.

Os peregrinos, durante a viagem de volta para os seus lares – quer eles sejam do Egito, da Síria, da Galileia, da Grécia, da Gália ou de Roma –, falam sobre Jesus. Muitos agora acreditam que ele é realmente o Cristo. Outros não têm tanta certeza, mas ouviram em suas palavras que ele foi enviado por Deus e querem desesperadamente depositar sua fé no Nazareno.

Acreditando ou não que Jesus é o Cristo, os judeus de toda parte anseiam pela vinda do Messias. Quando essa hora chegar, Roma será derrotada e sua vida será libertada dos impostos e da miséria. Os soldados leais a Roma já não poderão acuar os judeus como se fossem gado e então apunhalá-los e espancá-los até as sarjetas de sua Cidade Sagrada estarem entupidas de sangue judeu, conforme Pilatos ordenou de maneira tão infame. Para essas pessoas, a esperança é como uma tábua de salvação que lhes dá coragem em face da crueldade implacável de Roma.

Apenas o Cristo pode liderá-los. Os profetas prometeram que esse homem viria. E Jesus certamente insinuou diversas vezes ser o Messias dos judeus. Ele fala sobre seu pai e diz que veio das alturas. Mas ainda não veio a público declarar literalmente: “Eu sou o Cristo.”

Jesus apareceu nos pátios do Templo diversas vezes, desafiando os sacerdotes e fariseus sempre que tinha oportunidade. Ele é impetuoso e confiante, como um líder deve ser. Se ele é o Messias que virá salvar o povo judeu, que se revele então. Alguns já começam a ficar impacientes.

Os menos instruídos entre os peregrinos estão à espera de um pronunciamento verbal de Jesus. Os mais esclarecidos não precisam ouvir essas palavras exatas: estão simplesmente aguardando o momento em que

Jesus chegará a Jerusalém montado em um jumento. Apenas então terão certeza de que ele é o único e verdadeiro Cristo.

“Eis que o seu rei vem a você, justo e vitorioso”, previu o profeta Zacarias 500 anos antes, “humilde e montado num jumento.”



Todos os membros do Sinédrio, sem exceção, conhecem as palavras de Zacarias. Agora estão reunidas, meses depois do fim da Festa dos Tabernáculos, 71 autoridades religiosas poderosas em um salão de reuniões especial conhecido como a Câmara das Pedras Lavradas. Opulento e suntuoso, o tribunal fica próximo da encosta norte do Monte do Templo. Metade dele se encontra dentro do santuário, e metade, fora. Portas conduzem ao recinto de ambas as direções. Como seu nome sugere, ferramentas de ferro foram usadas em sua construção, tornando o salão inadequado para rituais de adoração.^[60]

O Sinédrio é o supremo tribunal religioso dos judeus, um conjunto de homens mais poderosos até mesmo do que o tetrarca Antipas. E, dentro dessa câmara, Caifás é a autoridade máxima.

Pôncio Pilatos já está de volta à segurança de seu palácio litorâneo em Cesareia,^[61] e só retornará a Jerusalém em abril, para a celebração da Páscoa. Dizem que Jesus partiu da Galileia, ninguém sabe para onde. Há testemunhos de que ele voltou a realizar milagres. Segundo um relato espantoso vindo da cidade de Betânia, um homem chamado Lázaro foi ressuscitado pelo Nazareno. E nem sequer tinha morrido há pouco tempo. Ele estava morto havia quatro dias e já tinha sido sepultado quando Jesus supostamente o curou diante de um grande número de pessoas.

O corpo de Lázaro já cheirava a matéria em decomposição quando Jesus ordenou que a pedra que tapava a entrada do sepulcro fosse retirada. Não se tratava, portanto, de uma simples cura, mas de uma exibição de poderes muito além das capacidades de um ser humano normal.

– Aí está esse homem realizando muitos sinais milagrosos – diz um fariseu. – Se o deixarmos, todos crerão nele, e então os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação?

Caifás concorda.

– Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação.

Não é preciso dizer mais nada.



Conscientemente ou não, a vida de Jesus vem cumprindo à risca as profecias judaicas. Ele é judeu de nascença. É descendente direto de Davi. Uma grande estrela surgiu pela manhã no céu no momento de seu nascimento, em Belém. Pode-se argumentar que, depois de adulto e já versado nas Escrituras, ele tenha passado a planejar suas atitudes e seus pronunciamentos para que eles estivessem de acordo com as previsões dos profetas. Agora é o momento do símbolo definitivo: se Jesus escolher ir a Jerusalém durante a Páscoa montado em um jumento, ele estará transmitindo uma mensagem poderosa. Conforme escreveu o profeta Zacarias: “Alegre-se muito, cidade de Sião! Exulte, Jerusalém! Eis que o seu rei vem a você, justo e vitorioso, humilde e montado num jumento, um jumentinho, cria de jumenta. Ele proclamará paz às nações e dominará de um mar a outro e do Eufrates até os confins da terra.”

Cumprir a profecia de Zacarias seria fácil. Há jumentos por toda parte na Judeia. Jesus só precisaria pedir a algum discípulo que lhe trouxesse um.

Aos 36 anos, ele é inteligente o bastante para encenar qualquer profecia que seja. Sua compreensão da fé é profunda e seu conhecimento das Escrituras é enciclopédico.

Mas seria uma insensatez se Jesus chegasse a Jerusalém montado em um jumento. Ele estaria assinando sua sentença de morte. Pois, da mesma forma que os profetas foram muito específicos quanto à maneira como o rei dos judeus viria ao mundo e viveria sua vida, eles também foram claros quanto aos detalhes da sua morte.

Ele será falsamente acusado por crimes que não cometeu.

Será castigado fisicamente.

As pessoas irão cuspir nele.

Ele será despido e os soldados jogarão dados para sortear suas roupas.

Ele será crucificado, suas mãos e pés pregados à cruz – e ainda assim nem um só osso de seu corpo será quebrado.

E aqueles que o amam assistirão a tudo com pesar, mas não poderão fazer nada para impedir seu sofrimento.[\[62\]](#)



É domingo, dia 2 de abril de 30 d.C. Pôncio Pilatos acabou de voltar a Jerusalém e está hospedado no palácio de Herodes, o Grande. Quando chega à cidade, Herodes Antipas, o tetrarca, hospeda-se a um quarteirão de distância, no Palácio dos Asmoneus. Enquanto isso, no palácio onde mora na Cidade Alta, Caifás se prepara para o maior festival do ano.

A semana da Páscoa está prestes a começar.

Os discípulos começam a procurar um jumento.

Jesus de Nazaré tem mais seis dias de vida.

L I V R O I I I



*Desça da cruz se
é Filho de Deus*

C A P Í T U L O D O Z E

Arredores de Jerusalém

Domingo, 2 de abril de 30 d.C.

Tarde

*A estrada de terra que vem da Galileia novamente está congestionada de peregrinos da Páscoa ansiosos por atravessarem os muros de Jerusalém e concluírem sua jornada. O dia está ensolarado, como de hábito nesta época do ano. Os viajantes passam por plantações de tamareiras e pelos antigos palácios de inverno de Herodes, o Grande no oásis viçoso de Jericó. Pequenos vilarejos agrícolas surgirão em seguida, onde pomares, vinhedos e oliveiras crescem paralelamente a plantações irrigadas de legumes e verduras. Muitos dos peregrinos param nesse ponto para o ritual do *mikvah*, purificando-se para os últimos 5 quilômetros de viagem.*

O processo de purificação é fundamental para poderem celebrar a Páscoa de maneira adequada. Ele cria um estado físico e emocional que prepara o fiel para acolher a santidade de Deus – daí a necessidade de chegar a Jerusalém uma semana antes do dia sagrado. Os homens se banharão no *mikvah* e deixarão de fazer sexo com suas esposas até depois da Páscoa por acreditarem que o ato da ejaculação torna seus corpos impuros. Da mesma forma, mulheres menstruadas não poderão se banhar no *mikvah* e também ficarão proibidas de entrar nas dependências do Templo. Tocar um réptil também torna o corpo impuro,^[63] e qualquer um que entre em contato com um cadáver, mesmo que apenas sua sombra chegue a tocá-lo, é imediatamente considerado impuro e impossibilitado de celebrar a Páscoa. Isso, é claro, também se aplica a qualquer um que mate alguém.

Assim, antes mesmo de os peregrinos chegarem a Jerusalém, eles já vêm se preparando mentalmente para a semana que está por vir. Têm em mente a

necessidade do *mikvah* e evitam qualquer contato íntimo que possa despertar desejos sexuais. Antecipando o cheiro de cordeiro assado que irá pairar por toda a cidade de Jerusalém enquanto os banquetes da Páscoa são preparados nos fornos, os peregrinos contam seu dinheiro, preocupados, sem saber como pagarão não só pela comida como também pelos impostos inevitáveis a que estarão sujeitos na cidade. Apesar de terem os pés e as pernas doloridos após caminharem por quilômetros e quilômetros de terreno hostil, os peregrinos se sentem transformados pelo magnetismo de Jerusalém. Já não pensam em suas fazendas que ficaram para trás, ou na cevada que deverá ser colhida logo que eles chegarem de viagem, mas sim na santidade e na pureza.

Logo subirão a colina conhecida como o Monte das Oliveiras e, ao olharem para baixo, verão Jerusalém em toda a sua glória. O Templo reluzirá, branco e dourado, sob a luz do sol, e os muros imponentes do Monte do Templo os deixarão perplexos como sempre. O esplendor do Tempo lhes lembrará de que eles chegaram ao centro da vida judaica.

Já faz quase 50 anos que o Templo foi renovado e expandido, e a primeira Páscoa moderna, celebrada em seus pátios. Mas até para aqueles que são velhos o suficiente para terem estado ali naquele dia, esta Páscoa promete ser a mais memorável da História. E sua chegada a Jerusalém será diferente de qualquer outra antes – ou depois – dela.



– Estamos subindo para Jerusalém – diz Jesus aos seus discípulos enquanto eles se preparam para partir –, e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para que zombem dele, o açoitem e o crucifiquem. No terceiro dia ele ressuscitará!

Se essas palavras perturbam os discípulos, eles não deixam transparecer. Pois a jornada deles já dura vários meses, e não meros dias, como para a maioria dos peregrinos. Após a Festa dos Tabernáculos seis meses atrás, Jesus e os discípulos não voltaram à Galileia. Em vez disso, deram início a uma viagem tortuosa. Sua primeira parada, o vilarejo de Efraim, ficava a apenas 24 quilômetros de Jerusalém. De lá, eles viajaram em grupo para o norte, na direção oposta de Jerusalém, até as fronteiras da Samaria e da

Galileia. E então, chegada a época da Páscoa, deram meia-volta e marcharam para o sul, seguindo o rio Jordão e juntando-se à longa caravana de peregrinos a caminho da Cidade Sagrada.

Os discípulos agora tentam se posicionar da melhor forma possível em seu caminho para Jerusalém. Tiago e João perguntam ao Nazareno se podem ser seus principais assessores no novo regime, fazendo o seguinte pedido: “Permite que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda.” Ao ouvirem isso, os outros 10 ficam furiosos. Eles vinham seguindo Jesus como um grupo coeso há mais de dois anos, abandonando seus trabalhos, suas esposas e qualquer coisa remotamente parecida com a vida que tinham antes. Todos os discípulos esperam poder colher os frutos da glória que virá depois que o novo Messias derrubar o governo romano. Pedro está tão seguro de que Jesus liderará uma ofensiva militar que planeja comprar uma espada.

Mas Jesus não tem planos de travar guerra nem de formar um novo governo. Em vez de repreender Tiago e João, ele se esquivava calmamente do pedido. Então chama os discípulos para junto de si, implorando que eles se concentrem em servir uns aos outros em vez de entrar em disputas por posições e status.

– Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

Mais uma vez, ele está prevenindo sua morte. Os discípulos, no entanto, estão de tal forma concentrados no momento glorioso em que Jesus se revelará como o Cristo que ignoram o fato de que ele está lhes dizendo que morrerá em breve. Os romanos não serão derrubados do poder. Não haverá um novo governo.

Porém a insistência dos discípulos em ignorar isso é compreensível. Jesus geralmente fala na forma de parábolas, e o frenesi em torno do Nazareno é agora fenomenal. A adoração dedicada a Jesus torna qualquer menção à morte inconcebível. A multidão compacta de peregrinos o trata como um membro da realeza, atenta a cada palavra sua e recebendo-o com entusiasmo e reverência. No vilarejo de Jericó, dois homens cegos se referem a ele como “Senhor, Filho de Davi”, alcunha que só pode ser atribuída ao Cristo. Quando Jesus não repreende esses cegos, os discípulos sentem-se encorajados.

Jerusalém fica a apenas 40 minutos de caminhada do vilarejo de Betânia, onde eles param para passar a noite. Hospedam-se na casa de Lázaro e suas

irmãs, Maria e Marta, preferindo não se arriscar a viajar após o pôr do sol e no começo do sábado. Essa será a base do grupo durante a semana de Páscoa, e Jesus e seus discípulos planejam voltar para lá quase todas as noites com a promessa de uma refeição quente e descanso.

O sábado é o dia mais sagrado da semana. Os judeus o chamam de Shabbat, mas o nome romano faz referência ao planeta Saturno.^[64] É um dia de descanso obrigatório na religião judaica, em homenagem ao descanso de Deus após a criação do Universo. Jesus e os apóstolos usam esse tempo para relaxar, preparando-se para a semana que está por vir.

Na manhã seguinte, Jesus escolhe dois discípulos e lhes atribui uma tarefa muito especial.

– Vão ao povoado que está adiante de vocês – ordena ele –; logo encontrarão uma jumenta amarrada, com um jumentinho ao lado. Desamarrem-nos e tragam-nos para mim. Se alguém perguntar algo, digam-lhe que o Senhor precisa deles e logo os enviará de volta.

Então Jesus e os outros 10 discípulos seguem viagem. Sabendo que voltarão à casa de Lázaro à noite, levam pouca bagagem, não havendo necessidade de carregar o saco de mantimentos ou os cajados exibidos pela maioria dos peregrinos.

Multidões se reúnem em volta de Jesus no caminho e suas vozes trazem o sotaque da região de onde cada um vem. Os peregrinos estão entusiasmados com o fato de que sua jornada esteja quase chegando ao fim, muitos deles exultantes por estarem na presença de Jesus de Nazaré.

Logo na outra ponta de Betfagé, os dois discípulos estão à espera. Um deles segura as rédeas de um jumento que nunca serviu de montaria antes. O animal não está selado. Um discípulo retira seu manto quadrangular e o deposita sobre as costas do animal à guisa de sela. Os outros discípulos também despem seus mantos e os estendem no chão num gesto de submissão, formando um tapete sobre o qual o jumento possa passar. Seguindo o exemplo, muitos peregrinos tiram o próprio manto e o estendem no chão. Outros reúnem folhas de palmeiras ou galhos partidos de oliveiras e ciprestes e os balançam no ar com alegria.

Este é o sinal que todos vinham esperando. O cumprimento da profecia de Zacarias.

– Bendito é o rei! – grita um discípulo.

Os demais presentes se juntam a ele, aclamando Jesus e chamando seu nome.

– Hosana – cantam eles. – Hosana nas alturas.

Jesus segue em frente montado no jumento e as pessoas se curvam.

– Salva-nos, Senhor – imploram eles, gratos por Cristo ter finalmente vindo em seu socorro. – Faze-nos prosperar, Senhor. Bendito é o que vem em nome do Senhor.

As palavras de agradecimento são retiradas do Salmo 118, cantado durante a Páscoa. Este é o momento pelo qual aqueles camponeses simples tanto aguardaram. De todos os milhares de peregrinos que partiram da Galileia, esses são os afortunados que poderão contar a seus filhos e netos que testemunharam a chegada triunfante de Jesus Cristo a Jerusalém.

Mas nem todos se curvam. Um grupo de fariseus estava à espera de Jesus e assiste à cena com repugnância. Eles o chamam, dando ao Nazareno a última chance de evitar uma acusação de blasfêmia.

– Mestre – gritam eles –, repreende os teus discípulos!

Mas Jesus se recusa a fazê-lo.

– Eu digo a vocês – fala ele aos fariseus –; se eles se calarem, as pedras clamarão.

Outros que foram informados da presença de Jesus saíram correndo de Jerusalém, espalhando folhas de palmeiras pelo caminho do Nazareno. Esse é um símbolo tradicional de triunfo e glória.

O jumento para no topo do Monte das Oliveiras. Jesus olha ao seu redor. Tendas cobrem a encosta da colina, pois é ali que os galileus mais pobres acampam durante a Páscoa. Logo em frente, do outro lado do Vale do Cédron, Jerusalém chama Jesus e o Templo brilha sob o sol do meio-dia. Um sem-número de peregrinos enche o caminho serpeante que desce até o vale. A trilha de lama e calcário é muito íngreme, e Jesus precisará ter muito cuidado para guiar o jumento encosta abaixo sem ser jogado de cima da montaria.

É chegado o dia. A vida inteira de Jesus o conduziu até este momento, em que ele irá reivindicar o título de “rei dos judeus”.

De repente ele começa a chorar. Talvez seja a ideia de passar a última semana em companhia de seus bons amigos Lázaro, Maria e Marta. Pode ser que esteja prevendo a destruição vindoura daquela grande cidade. Ou talvez ele olhe para Jerusalém sabendo que seu próprio esplendor não durará muito, pois inimigos poderosos aguardam o Nazareno entre os muros da cidade.

Ao longo dos últimos três anos, Jesus tem sido adorado, mas também alvo de ataques e suspeitas. Mesmo seus discípulos, apesar de sua crença profunda em seus ensinamentos, às vezes se importam mais em disputar o poder do que em compreender sua verdadeira natureza e mensagem para o mundo.

Ele explicou muito claramente aos discípulos que é mais do que um Cristo terreno.

Mas eles não compreendem.

Ele lhes disse inúmeras vezes que é um ser divino, o Filho de Deus.

Eles não conseguem compreender esse conceito.

Jesus esclareceu que ele é o Cristo, mas que seu reino não é deste mundo.

Os discípulos não entendem do que ele está falando.

Três vezes Jesus lhes disse que ele irá morrer esta semana.

Mas seus seguidores se recusam a sequer cogitar essa ideia.

Mais frustrante que tudo isso é o medo que Jesus sente de que os discípulos não consigam compreender sua verdadeira mensagem. Esses homens o conhecem melhor do que qualquer outra pessoa. Eles caminharam incontáveis quilômetros ao seu lado, ouviram seus ensinamentos por horas a fio e sentaram-se em sua companhia para orar em silêncio. Mesmo assim, ainda não entendem quem ele realmente afirma ser.



Neste momento de triunfo, Jesus está angustiado. Já repassou mil vezes em sua cabeça as palavras que dirá na Páscoa e o efeito que isso terá em seus seguidores, antigos e recentes. Sabe que suas afirmações de que é um rei o levarão à crucificação. Ele será sacrificado, assim como aqueles incontáveis cordeiros da Páscoa. É apenas uma questão de tempo.

O Nazareno olha o caminho que se estende colina abaixo, através das oliveiras. Ao longe, vê o Getsêmani e, logo adiante, a superfície plana do estreito vale do Cédron. Olhando para além do vale, ele vê aquele mesmo caminho gasto subir em direção aos muros da cidade de Jerusalém. É possível ver com clareza os portões da cidade, assim como os soldados romanos que guardam sua entrada. Jesus vê também as pessoas que saem correndo para adorá-lo, arrancando com entusiasmo galhos de palmeiras das

árvores mais próximas e brandindo-os no ar. Essa demonstração exuberante de respeito o impressiona, pois faz com que se lembre de que muitos acreditam que ele é o ungiado – a encarnação de Moisés e Davi que veio salvá-los e libertá-los de sua servidão.

Mas ele sabe que, embora Moisés e Davi sejam lembrados por suas grandes conquistas, eles também foram rejeitados pela sociedade. Jesus não é um príncipe como Moisés ou um guerreiro como Davi. Ele é um intelectual. Seu domínio é a lógica. Isso é algo que o livro do Deuteronômio já havia previsto: “O Senhor, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um profeta como eu; ouçam-no.”

Mas essa profecia é perigosa. Sua afirmação de que é o Filho de Deus fará de Jesus um lunático, um mentiroso ou uma divindade que cumpre as profecias das Escrituras. Poucos na multidão acreditam que ele seja um desequilibrado ou um charlatão. Mas darão eles o extraordinário salto de fé para acreditar que Jesus é o Deus encarnado?



É hora de seguir em frente. Enquanto os cantos de hosana vêm de todas as partes e os fariseus, que estão por perto, assistem a tudo com seu habitual desprezo velado, Jesus incita seu jumento a andar. Passo a passo, com cuidado, os dois descem o Monte das Oliveiras, cruzam o vale do Cédron e passam por um túnel de adoradores, com Jesus marchando de forma majestosa colina acima e adentrando a grande e dourada cidade de Jerusalém.

C A P Í T U L O T R E Z E

Jerusalém

Segunda-feira, 3 de abril de 30 d.C.

Manhã

Amanhece. Jesus e seus discípulos já estão a caminho, voltando com determinação de Betânia para Jerusalém. O pandemônio da entrada triunfal de ontem na cidade ainda ecoa nos ouvidos do Nazareno. Ele foi adorado pelo povo, que dizia “Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia” quando ele desmontou do jumento diante dos portões da cidade. Foi uma espécie de coroação, uma celebração. Mas, para as autoridades, esse espetáculo é motivo de grande preocupação. Jerusalém não via um acontecimento desse gênero desde que os rebeldes judeus tentaram capturar a cidade no ano 4 a.C. e, outra vez, no ano 6 d.C. Esses rebeldes, naturalmente, pagaram com a vida por sua atitude.

Jesus sabe disso, assim como sabe que o governador romano e o sumo sacerdote judeu estão todo o tempo atentos em busca de rebeldes e subversivos. Também não tem dúvida de que Pilatos e Caifás já foram de alguma forma informados de que o Nazareno chegou à cidade montado em um jumento, inflamando a multidão de peregrinos da Páscoa. Durante o ocorrido, Jesus manteve a serenidade, descendo do animal e subindo imediatamente a grande escadaria que leva aos pátios do Templo. Ele não foi até lá para pregar, mas como um peregrino qualquer da Galileia, aproveitando as atrações, os cheiros e os sons do Templo durante a semana de Páscoa.

Soldados romanos estão dispostos por todo o Pátio dos Gentios, e os guardas do Templo certamente se deram conta da presença de Jesus e da multidão que se reuniu à sua volta. Mas nenhum deles se aproximou para

deter o Nazareno. Prender uma figura pública tão querida poderia causar uma rebelião. Com centenas de milhares de judeus chegando a Jerusalém, até mesmo o menor confronto poderia fugir rapidamente ao controle. Os soldados e guardas estão armados, mas estão em número muito reduzido em comparação à quantidade de peregrinos. Qualquer um que tentasse levar Jesus preso seria massacrado pela turba de camponeses. A indignação diante da prisão injusta de um homem pacífico como Jesus se misturaria à revolta contra os impostos abusivos.

Era fim de tarde quando Jesus deixou os pátios do Templo para voltar a Betânia antes do anoitecer. Ele e os discípulos refizeram seus passos, deixando para trás Jerusalém e os acampamentos no Monte das Oliveiras, onde folhas de palmeira e ramos de oliveira pisoteados ainda cobriam o chão de terra. Por mais que as multidões tenham deixado claro que queriam que ele fosse seu rei e tenham tratado sua chegada como um prelúdio da sua coroação, Jesus não disse nem fez nada que levasse Caifás ou Pilatos a acreditarem que ele estava tramando uma rebelião.

Mas o dia de hoje, segunda-feira, será muito diferente.



Jesus vê uma figueira. Ele e os 12 discípulos estão nas cercanias de Betânia. Como comeu pouco esta manhã, ele se aproxima sozinho da árvore, na esperança de apanhar uma fruta, embora saiba que não é época de figos. Jesus vasculha os galhos retorcidos, mas encontra apenas folhas. Irrita-se com a árvore.

– Ninguém mais coma de seu fruto – diz ele.

A explosão de raiva é atípica e os discípulos a estranham.

Mas Jesus está apenas começando. Mais uma vez, o grupo se encaminha para Jerusalém e vai direto ao Templo. Três anos se passaram desde que ele virou as mesas dos cambistas, mas agora Jesus planeja fazer tudo de novo. Desta vez, no entanto, ele não traz um chicote nem é uma figura desconhecida. O primeiro incidente não foi exatamente esquecido, mas teve tão pouca repercussão que Jesus pôde retomar sua pregação nos pátios do Templo quase na mesma hora.

As coisas estão diferentes agora. Há muito mais em jogo. Jesus de Nazaré está famoso. As pessoas o seguem aonde quer que ele vá. Cada passo

seu é vigiado, enquanto os fariseus esperam que ele cometa algum deslize e a opinião pública se volte contra o Nazareno. O mais sensato para Jesus seria evitar controvérsias, manter-se sereno e deixar que os acontecimentos se desenrolem do mesmo jeito que em qualquer outra Páscoa. Uma exibição pública de fúria seria uma grande tolice.

Mas ele não se importa. Sem nenhum aviso, ele vira uma mesa e lança as moedas pelos ares. Depois outra. E outra. Não há vendedores de ovelhas ou gado desta vez, então Jesus mostra a que veio libertando as pombas enjauladas e virando as mesas dos homens que as vendem. Ele então confronta aqueles que estão fazendo fila diante das mesas, expulsando qualquer um que esteja comprando ou vendendo mercadorias. Ele está furioso, mas não fora de controle. Suas atitudes são metódicas, e cada gesto seu demonstra que ele não teme soldados nem guardas.

Quando o confronto termina, Jesus fica parado em meio ao caos. As moedas estão espalhadas pelo chão. As pombas voam em círculos e aterrissam.

– Hosana! – grita um dos presentes.

– Está escrito! – exclama Jesus para a multidão que agora o cerca.

Os espectadores incluem cambistas revoltados e vendedores de pombas. Há também pais com crianças a tiracolo, como Maria e José com o jovem Jesus tantos anos atrás. Uma quantidade considerável de pessoas na multidão segue o Nazareno.

– A minha casa será chamada casa de oração – diz Jesus, citando Isaías, o profeta que previu grande parte da vida do Nazareno. – Mas vocês estão fazendo dela um “covil de ladrões”.

A parte que se refere aos “ladrões” é retirada de Jeremias, o profeta que foi ameaçado de morte por ousar prever a queda do Templo.

Os guardas estão tensos. Eles sabem que, a essa altura, a prisão de Jesus seria totalmente justificável. Ele prejudicou o funcionamento do comércio e chamou o Templo de “sua casa” – como se fosse Deus.

Mas basta olhar para a multidão por alguns instantes para ver que isso não é recomendável. As pessoas não estão com medo de Jesus; sentem-se fortalecidas por ele. Ele fez algo que eles próprios têm vontade de fazer todas as vezes que estão naquela longa fila para trocar seu dinheiro, observando homens corruptos sugarem uma fatia significativa de seus rendimentos.

Até mesmo as crianças pequenas estão torcendo por Jesus.

– Hosana ao Filho de Davi! – exclama uma delas.

E então, como se fosse uma brincadeira, outra criança grita a mesma coisa. Logo, alguns na multidão imploram para serem curados, bem ali no Templo. Os fariseus, como sempre, estão atentos.

– Não estás ouvindo o que estas crianças estão dizendo? – gritam os chefes dos sacerdotes e os escribas para Jesus, indignados.

A essa altura, os sacerdotes já se juntaram à multidão e observam Jesus com grande aflição. Eles vão contar tudo a Caifás e talvez até mesmo a Anás, o poderoso ex-sumo sacerdote, que é também sogro do atual. Anás, apesar de já estar idoso, é tão ardiloso quanto Caifás e ainda possui grande influência.

Mais cânticos de hosana ecoam pelos pátios do Templo. As crianças não param de clamar.

– Não estás ouvindo o que estas pessoas estão dizendo? – repetem os chefes dos sacerdotes.

– Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos suscitaste louvor – diz-lhes Jesus, citando Davi.

Os líderes religiosos conhecem muito bem o salmo. É um chamado para que Deus se regozije com a adoração das crianças, se erga e então lance um ataque violento contra os poderes da escuridão que o desafiam.

Se a interpretação dos fariseus estiver correta, Jesus na verdade os está comparando a essas forças do mal.

Mesmo assim, eles não ordenam que Jesus seja preso. Tampouco tentam impedi-lo quando ele deixa o Templo, seguido por seus discípulos.

O sol já começa a se pôr, e as primeiras fogueiras para cozinhar a refeição da noite são acesas no Monte das Oliveiras. Jesus e seus discípulos tornam a fazer a longa caminhada de volta para Betânia. Por enquanto, ele é um homem livre.

Por enquanto.



Seiscentos anos atrás, quando Jeremias profetizou que o Templo seria destruído, sua punição foi ser lançado em um poço vazio. Afundado até a cintura na lama, ele foi deixado ali para morrer.

Trinta e dois anos depois, um camponês chamado Jesus ben Ananias também vai prever a destruição do Templo. A princípio, ele será declarado louco, mas sua vida será poupada por ordem do governador romano – mas somente depois de ele ser açoitado até seus ossos ficarem à mostra.^[65]

Porém a época de Jesus é diferente. Ele não é um homem só, mas um revolucionário com um grupo de discípulos e uma legião crescente de seguidores. Seus acessos de raiva no Templo são um gesto agressivo contra os líderes religiosos, e não uma previsão passiva de que o Templo um dia será destruído. Jesus é agora abertamente hostil em relação às autoridades do Templo.

Caifás já viu o que acontece quando uma rebelião política eclode naquele local sagrado e se lembra dos pórticos do Templo em chamas após a morte de Herodes. Ele acredita que Jesus é um falso profeta. O espetáculo do dia de hoje demonstra claramente quão perigoso ele se tornou.

A ameaça deve ser esmagada. Como sumo sacerdote do Templo e autoridade judaica mais poderosa do mundo, Caifás é obrigado pela lei religiosa a tomar medidas drásticas contra Jesus imediatamente. “Se aparecer no meio de vocês um profeta ou alguém que faz predições por meio de sonhos e anunciar a vocês um sinal miraculoso ou um prodígio”, afirma o livro Deuteronômio, “aquele profeta ou sonhador terá que ser morto, pois pregou rebelião contra o Senhor.”

Caifás sabe que Jesus está agindo com muita astúcia ao usar as multidões como forma de evitar sua prisão. O sumo sacerdote, no entanto, está determinado a virar esse jogo a seu favor. Mas, se não quiser correr o risco de se tornar impuro, ele deve agir antes do pôr do sol de sexta-feira e o início da Páscoa.

Essa é a semana mais importante do ano para Caifás. Ele tem um número extraordinário de obrigações e tarefas administrativas a seu cargo para que a celebração da Páscoa ocorra sem maiores incidentes. Roma está observando de perto através dos olhos de Pôncio Pilatos, e qualquer fracasso seu durante este que é o maior de todos os festivais pode resultar em seu afastamento do cargo.

Mas nada é mais importante do que silenciar Jesus.

O tempo está acabando. Faltam apenas quatro dias para a Páscoa.

C A P Í T U L O C A T O R Z E

Jerusalém

Terça-feira, 4 de abril de 30 d.C.

Manhã

A serenidade da casa de Lázaro traz alívio imediato para Jesus e seus discípulos. Depois de um dia inteiro no Templo e da caminhada de 3,2 quilômetros de Jerusalém a Betânia, os homens estão exaustos. A hospitalidade é uma característica fundamental da sociedade judaica, que remonta à época em que o patriarca Abraão tratava todos os seus convidados como se eles fossem anjos disfarçados, oferecendo-lhes refeições fartas de carne de vitela, manteiga, pão e leite. Assim, a casa espaçosa de Lázaro, com seu quintal grande e porta grossa para manter os intrusos do lado de fora à noite, é não só um refúgio para Jesus e seus discípulos como também representa um vínculo vibrante com as raízes da fé judaica.

As irmãs de Lázaro, Marta e Maria,^[66] tratam Jesus com adoração, embora de formas diferentes. Marta é a mais velha. Ela é superprotetora e está constantemente preocupada com o Nazareno. Maria, por sua vez, está encantada com Jesus. Ela se senta aos pés dele e às vezes demonstra seu respeito unguendo-os com óleos perfumados. Cada uma à sua maneira, as duas mulheres o confortam. Elas também fazem questão de que Jesus e seus discípulos tirem suas sandálias e lavem os pés quando chegam de volta todas as noites, para que possam se ver livres de qualquer impureza ou infecção. Um lavatório no porão oferece a Jesus um lugar para despir seu manto e a túnica sem mangas, que vai até seus joelhos, para que Marta e Maria também possam lavá-los.^[67] Ele então toma banho e veste sua outra muda de roupa.

E depois, é claro, Jesus e os demais lavam as mãos antes de se sentarem para comer.

Esta semana, Marta e Maria estão servindo duas refeições por dia. O jantar consiste em pão fresco, azeite de oliva, sopa e às vezes carne ou peixe salgado, com vinho caseiro para acompanhar. O café da manhã é composto de pão e frutas – embora secas em vez de frescas, pois melões e romãs estão fora de época. Como Jesus descobriu na estrada na manhã do dia anterior, as figueiras e tamareiras da região só darão frutos dali há meses.

Não há registro de como Lázaro ganhava seu sustento, mas como Betânia é a principal produtora de grãos de Jerusalém, é muito provável que ele fosse agricultor e proprietário de terras. Lázaro tem a reputação de ser caridoso e poder oferecer conforto e hospitalidade aos seus hóspedes. É costume na região receber viajantes que precisem de um lugar para dormir à noite, mas isso se torna um problema durante a Páscoa, quando famílias inteiras precisam se hospedar por uma semana. Nessas horas, um homem precisa ser um bom avaliador de caráter, pois, embora deva demonstrar hospitalidade, há sempre a possibilidade de estar convidando ladrões e pessoas mal-intencionadas para a sua casa.

Por mais que Lázaro goste sinceramente de estar com Jesus, a presença do Nazareno significa muito mais do que isso. Esse é um homem que goza da confiança e da reverência do dono da casa, a quem ele afirma inclusive dever sua vida.^[68] O fato de Jesus viajar com outros 12 homens adultos, cada qual com um apetite voraz e necessitando de lugar para dormir, é um preço irrisório a pagar pela sua companhia. Além do mais, a enérgica Marta não tem dificuldade em suprir as necessidades de todos aqueles homens.



O dia amanhece. A contagem regressiva para a Páscoa continua enquanto os habitantes de Betânia despertam para um novo dia. Alguns se preparam para o trabalho no campo, enquanto outros planejam a ida a Jerusalém. Como é comum em toda parte, eles começam a manhã com suas abluções diárias. Não há banheiros internos, de modo que homens e mulheres vão para os seus devidos espaços reservados do lado de fora. Um buraco no chão – no qual é imediatamente jogada uma pá de terra – dá conta de suas necessidades. Os dentes são limpos com um ramo curto e macio tirado

diretamente de uma árvore e mascado. Dentro da casa de Lázaro, Jesus e seus discípulos lavam as mãos e comem o pão da manhã antes de partirem para mais um dia nos pátios do Templo.

O grupo logo se reúne a uma fileira de peregrinos. Hoje será o último dia de pregação nos pátios do Templo, e Jesus preparou uma série de parábolas para explicar questões teológicas complexas de modo que até o mais iletrado dos ouvintes possa compreender.

– Mestre, olhe – exclama um discípulo quando eles passam pela figueira que Jesus confrontou no dia anterior. Suas raízes estão secas. – Como a figueira secou tão depressa? – pergunta ele.

– Eu asseguro que, se vocês tiverem fé e não duvidarem, poderão fazer não somente o que foi feito à figueira, mas também dizer a este monte: “Levante-se e atire-se no mar”, e assim será feito. E tudo o que pedirem em oração, se crerem, vocês receberão – responde Jesus.

Durante anos e anos, os discípulos continuarão admirados com o que ocorreu àquela simples árvore. Eles escreverão sobre o episódio com espanto, mesmo décadas depois, e citarão a resposta de Jesus. Embora o Nazareno tenha executado milagres diante de seus olhos, este parece impressioná-los mais que qualquer outro.

Mas a figueira é apenas o começo. Os discípulos se lembrarão dos acontecimentos do dia de hoje pelo resto da vida. Citarão Jesus diversas vezes – não em meras frases, mas em parágrafos e páginas inteiras. As próximas 12 horas serão tão extenuantes que Jesus reservará o dia seguinte para um descanso absoluto. Mas elas também trarão desafios e triunfos maiores do que quaisquer outros que o grupo conheceu até este momento.

A manhã está linda. O sol brilha no céu. O ar fresco de abril está repleto dos aromas viçosos da primavera em flor nas plantações e nos pomares que ladeiam a estrada.

A vida se renova em toda parte, mesmo enquanto a morte se avizinha.



À medida que o grupo se aproxima de Jerusalém, Jesus sabe que um drama está prestes a se desenrolar. Ele percebeu isso no dia anterior, ao ver os líderes religiosos marcando presença à beira de cada multidão, observando-o atentamente enquanto ele interagia com seus seguidores.

Esta semana, esses sacerdotes e fariseus trajam roupas ainda mais exuberantes do que o normal, escolhendo suas vestes mais coloridas e suntuosas para se diferenciarem dos peregrinos maltrapilhos. As vestes sacerdotais são um lembrete de que eles são uma parte fundamental do Templo, não meros visitantes.

Jesus, por sua vez, ainda está vestido como um galileu comum. Ele traja sua túnica inteiriça e, sobre ela, um manto simples. Sandálias protegem seus pés de pedras pontiagudas e gravetos em seu caminho, mas não da poeira. A caminhada de Betânia a Jerusalém muitas vezes o deixa com aparência de sujo em comparação aos fariseus, muitos dos quais possuem lavabos e instalações para banhos rituais em suas casas próximas dali. E, embora seu sotaque possa soar provinciano na cosmopolita Jerusalém, Jesus não faz qualquer menção de esconder seu modo de falar. De certo modo, isso é até uma vantagem, pois muitas vezes leva os líderes religiosos a subestimarem o Nazareno como apenas mais um peregrino da Galileia.



Jesus e os discípulos atravessam os portões da cidade. Seus movimentos estão sendo vigiados de perto pelas autoridades religiosas, de modo que a chegada do grupo é imediatamente notada. Jerusalém está mais ruidosa e festiva a cada dia à medida que os peregrinos chegam de todas as partes do mundo. Vozes em grego, aramaico, latim, egípcio e hebraico enchem o ar. O balido dos cordeiros é outra constante, pois os pastores trazem dezenas de milhares de animais até a cidade para serem degolados na sexta-feira. Essa função será dos sacerdotes, que ficarão horas debaixo do sol quente enquanto o sangue dos cordeiros estará enchando suas túnicas cerimoniais brancas.

Jesus chega aos pátios do Templo. Hoje ele ignora os cambistas e vendedores de pombas. Escolhendo um ponto sob a sombra dos toldos do Pórtico de Salomão, ele começa a pregar. Os líderes religiosos chegam quase no mesmo instante, interrompendo-o.

– Com que autoridade estás fazendo estas coisas? – indaga com firmeza um dos chefes dos sacerdotes, referindo-se às supostas curas que Jesus teria realizado no dia anterior.

Os interrogadores que se apresentam diante do Nazareno não são apenas fariseus ou escribas comuns, mas a elite dos líderes religiosos. Estão ali no intuito de impressionar aqueles peregrinos, que de outra forma estariam hipnotizados por Jesus. O objetivo deles é usar proezas intelectuais para fazer o Nazareno parecer idiota.

– Quem te deu autoridade para fazê-las? – pergunta um segundo sacerdote.

– Eu farei uma pergunta – retruca Jesus com tranquilidade. – Respondam-me e eu direi com que autoridade estou fazendo estas coisas.

Ele havia refletido profundamente e já previa essas perguntas.

Os líderes religiosos falaram com os fariseus que haviam viajado à Galileia no ano anterior e estão cientes da inteligência de Jesus. Mas também acreditam que ele seja inculto e iletrado e imaginam que serão capazes de atraí-lo para uma armadilha teológica. Os sacerdotes aguardam a pergunta de Jesus.

– O batismo de João... – pergunta ele. – Era do céu ou dos homens? Digam-me!

Os líderes religiosos não respondem de imediato. A plateia assiste à cena, apreensiva. De um lado está Jesus; do outro, os autoproclamados homens santos. Os chefes dos sacerdotes confabulam, debatendo o questionamento de Jesus de todos os ângulos possíveis:

– Se dissermos: “Dos céus”, ele perguntará: “Então por que vocês não creram nele?”

Jesus fica calado. Os líderes religiosos continuam a falar entre si.

– Mas, se dissermos: “Dos homens...”

Eles temiam o povo, pois todos realmente consideravam João um profeta.

Jesus continua quieto. Os homens ainda não lhe deram uma resposta, e as pessoas ali reunidas sabem disso. A cada instante fica mais claro que os chefes dos sacerdotes e escribas não são diferentes dos fariseus que tentaram, sem sucesso, ludibriar Jesus na Galileia. Os líderes mais uma vez ficam na defensiva. A armadilha que prepararam para Jesus fracassou.

– Não sabemos – responde finalmente um deles.

– Digo a verdade – responde Jesus diante dos olhos de toda a plateia. – Os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vocês no Reino de Deus. Porque João veio para mostrar o caminho da justiça, e vocês não

creram nele, mas os publicanos e as prostitutas creram. E, mesmo depois de verem isso, vocês não se arrependeram nem creram nele.

A multidão fica perplexa. Os sacerdotes estão mudos de espanto.



A notícia da vitória intelectual de Jesus se espalha pelos pátios do Templo. Agora os peregrinos o amam ainda mais. Falam dele como um verdadeiro profeta e têm esperanças de que ele irá cumprir a promessa de sua chegada triunfante a Jerusalém há apenas dois dias.

O sol sobe cada vez mais alto no céu, e os pátios do Templo seguem sua rotina enquanto Jesus prende a atenção das multidões. Em vez de recuarem após seu constrangimento anterior, os chefes dos sacerdotes e anciões continuam a vigiá-lo.

O Nazareno conta uma parábola sobre um proprietário de terras rico e seus arrendatários problemáticos. A parábola sugere, em sua conclusão, que os líderes religiosos perderão sua autoridade e serão substituídos por outros cuja crença é mais genuína.

Então Jesus conta uma segunda parábola, dessa vez sobre o Reino dos Céus, comparando-o a um casamento em que Deus, o pai do noivo, prepara um banquete farto para os convidados do filho. Ele volta a aludir aos líderes religiosos na última frase, uma crítica que se refere a um convidado que chega sem as vestes nupciais e então tem as mãos e os pés amarrados e é posto para fora da cerimônia.

– Pois muitos são chamados – diz Jesus sobre o Reino dos Céus –, mas poucos são escolhidos.

Essa é uma grande ofensa. A autoridade dos líderes religiosos reside no fato de *eles* serem os escolhidos. Contrariar publicamente essa ideia é uma grave difamação de caráter. Então eles finalmente deixam os pátios do Templo e mudam sua estratégia, enviando os próprios discípulos para travarem uma batalha teológica. Eles são astutos e, em vez de atacarem Jesus, tentam abrandá-lo com bajulações.

– Mestre, sabemos que és íntegro e que não te deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes à aparência dos homens, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade.

A bajulação para por aí. Sabendo que dificilmente conseguirão apanhar Jesus em algum deslize teológico, os discípulos dos fariseus agora tentam incriminá-lo usando Roma.

– É certo pagar imposto a César ou não? – perguntam eles. – Devemos pagar ou não?

– Por que vocês estão me pondo à prova? – retruca Jesus. Ele pede que alguém lhe entregue um denário. – De quem são esta imagem e esta inscrição? – pergunta ele, erguendo a moeda.

– De César – respondem eles.

– Deem a César o que é de César – diz-lhes Jesus –, e a Deus o que é de Deus.

Mais uma vez, a multidão fica perplexa. Embora César seja um nome temido, o Nazareno marginalizou Roma sem ofendê-lo diretamente. O brilhantismo das palavras de Jesus será lembrado por muitas e muitas eras.



Tendo fracassado em sua missão, os discípulos vão embora e logo são substituídos pelos saduceus, uma seita rica e mais liberal do Templo, da qual Caifás faz parte. Eles tentam outra vez penetrar a aura de vulnerabilidade de Jesus com um enigma religioso, novamente sem sucesso.

Em seguida, os fariseus voltam para tentar a sorte.

– Mestre – pergunta o líder deles, um homem conhecido por ser um especialista no campo da lei. – De todos os mandamentos, qual é o mais importante?

De acordo com os ensinamentos dos fariseus, existem 613 mandamentos religiosos. Embora cada um deles traga uma designação que determina seu grau de importância, o fato é que todos devem ser seguidos. Pedir a Jesus que escolha apenas um é uma maneira inteligente de acuá-lo, obrigando-o a defender sua escolha.

Mas Jesus não escolhe nenhuma dessas leis preestabelecidas. Em vez disso, articula um novo mandamento:

– O mais importante é este: Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma.^[69]

Os fariseus ficam calados. Como se opor a esse argumento? Não satisfeito, Jesus acrescenta um segundo mandamento:

– Ame o seu próximo como a si mesmo. Não existe mandamento maior do que estes.

Jesus derrotou as mentes mais brilhantes do Templo. Mas ele não se contenta com essa vitória. Em vez disso, o Nazareno se volta para os peregrinos e condena os sacerdotes:

– Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens – diz ele à multidão. – Eles fazem seus filactérios bem largos e as franjas de suas vestes bem longas; gostam do lugar de honra nos banquetes e dos assentos mais importantes nas sinagogas, de serem saudados nas praças e de serem chamados mestres.

Seis vezes Jesus denuncia a hipocrisia dos fariseus. Chama-os de raça de víboras.^[70] Diz-lhes que eles são impuros. Denuncia-os por se concentrarem em detalhes banais da vida religiosa, como, por exemplo, se devem pagar ou não o dízimo sobre suas ervas e especiarias, ignorando completamente o verdadeiro sentido da lei de Deus nesse processo.

Pior ainda, Jesus prevê que esses homens santos serão condenados ao inferno.

– Jerusalém, Jerusalém – lamenta Jesus, sabendo que seu tempo de pregação chegou ao fim.

O Nazareno vai embora do Templo e só voltará a ser visto em público no momento da sua condenação. Na verdade, ele assina sua sentença de morte ao prever a destruição do Templo:

– Vocês estão vendo tudo isto? – pergunta ele. – Eu garanto que não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas.

Jesus diz essas palavras para os seus discípulos, mas elas são entreouvidas por um fariseu. Essa afirmação será considerada um crime capital.



Pouco tempo depois, Jesus está sentado no topo do Monte das Oliveiras. Há uma semana ele estava nesse exato local, montado em um jumento e chorando. Agora se encontra reflexivo. Com seus discípulos sentados ao seu lado, ele resume sua curta vida. A noite cai enquanto ele diz aos seus seguidores que aproveitassem ao máximo suas vidas, falando em parábolas para que eles compreendam a magnitude de suas palavras. Os discípulos o

escutam, fascinados, mas ficam preocupados diante da previsão de Jesus de que, após a sua morte, eles também serão perseguidos e mortos. Talvez para diminuir o impacto dessa revelação, Jesus divide com eles suas ideias sobre o Reino dos Céus e promete aos discípulos que Deus se revelará para eles e para o mundo.

– Como vocês sabem – conclui ele –, estamos a dois dias da Páscoa, e o Filho do homem será entregue para ser crucificado.



Enquanto Jesus fala, os chefes dos sacerdotes e anciões se reúnem no palácio de Caifás. Estão desesperados. Matar o Nazareno é a única saída. Mas o tempo é curto. Primeiro, Jesus deve ser preso. Após sua prisão, deve haver um julgamento. Entretanto, as leis religiosas afirmam que não deve haver julgamentos durante a Páscoa e que eles não podem ser realizados à noite. Se planejam matar Jesus, ele deve ser detido no dia seguinte ou na quinta-feira e levado a julgamento antes do pôr do sol. A urgência se torna ainda maior por conta da determinação religiosa de que, em caso de pena de morte, uma noite inteira deve se passar antes do cumprimento da sentença.

Caifás sabe muito bem que todos esses detalhes podem ser manipulados. O fundamental neste momento é conseguir que Jesus seja preso. Os outros problemas podem ser solucionados depois. Nenhuma das pessoas que ouviram as palavras de Jesus nos pátios do Templo pode ser alertada, sob risco de haver uma rebelião. Um confronto dessa natureza exigiria a interferência de Pôncio Pilatos e Caifás seria responsabilizado.

Portanto, a prisão deve ocorrer em segredo.

Caifás precisará de ajuda para isso, mas mal sabe ele que um dos próprios discípulos de Jesus planeja entregá-lo.

Tudo que quer é algum dinheiro em troca.

C A P Í T U L O Q U I N Z E

Jerusalém

Quarta-feira, 5 de abril de 30 d.C.

Noite

Judas Iscariotes viaja sozinho. Jesus escolheu passar o dia descansando, de modo que ele e os demais discípulos permanecem na casa de Lázaro enquanto Judas segue para Jerusalém. Faz cinco dias que os discípulos chegaram a Betânia e três desde que Jesus entrou em Jerusalém montado no jumento. Mas ele ainda não anunciou publicamente que é o Cristo nem fez nada que pudesse levar a uma insurreição contra Roma. Entretanto enfureceu os líderes religiosos, o que colocou um alvo tanto em suas costas quanto na dos seus discípulos. “Eles os entregarão para serem perseguidos e condenados à morte, e vocês serão odiados por todas as nações por minha causa”, previu Jesus no dia anterior, quando estavam todos sentados juntos no topo do Monte das Oliveiras.

Judas não aceitou seguir Jesus para ser odiado ou executado. Se simplesmente admitisse ser o Cristo, ele triunfaria sobre os romanos. Sem dúvida as autoridades religiosas estariam dispostas a se aliar a ele se isso acontecesse. Não haveria mais motivo para falar de morte e execução.

Então Judas decidiu forçá-lo a tomar uma atitude.

Ele tomou essa decisão poucos instantes atrás, quando Jesus e os discípulos estavam jantando na casa de um homem conhecido como Simão, o leproso. O grupo repousava nas almofadas ao redor da mesa de jantar, apanhando bocados de comida dos pratos pequenos com a mão direita. Como já havia ocorrido tantas vezes, uma mulher se aproximou de Jesus para ungi-lo com óleo perfumado. Era Maria, irmã de Lázaro, que partiu o gargalo grosso do frasco e derramou o unguento de nardo, um perfume

exótico importado da Índia, sobre a cabeça de Jesus para demonstrar sua devoção.

Judas expressou sua indignação diante de tamanho desperdício de dinheiro. A Páscoa em especial é uma época em que é costume dar dinheiro aos pobres. Dessa vez, ele não estava sozinho: outros discípulos concordaram com Judas, até Jesus colocar um ponto final na discussão.

– Por que vocês estão perturbando essa mulher? – retruca Jesus. – Ela praticou uma boa ação para comigo. Pois os pobres vocês sempre terão consigo, mas a mim vocês nem sempre terão. Quando derramou este perfume sobre o meu corpo, ela o fez a fim de me preparar para o sepultamento.

Novamente, as palavras de Jesus são desconcertantes. Ele se permitiu ser ungido como o Cristo e ao mesmo tempo previu sua morte.

Agora Judas retorna corajosamente a Jerusalém. O cheiro de fumaça das várias fogueiras paira no ar noturno. A Páscoa começa na noite da primeira lua cheia após o equinócio de primavera – sexta-feira.

Judas escolhe seu caminho com cautela pela acidentada estrada de terra. Sua jornada pode ser uma estupidez – e ele sabe disso –, pois pretende ir diretamente ao palácio de Caifás, o homem mais poderoso do mundo judeu. Ele acredita ter uma oferta de grande valor que irá interessar ao líder do Sinédrio.

Todos sabem, entretanto, que ele é discípulo de Jesus, de modo que seu plano pode muito bem levá-lo à prisão. E mesmo que nada disso aconteça, Judas não sabe ao certo se um líder religioso da estatura de Caifás receberá um seguidor sujo de Jesus.

Após atravessar o vale e os portões de Jerusalém, Judas segue pelas ruas abarrotadas de gente até os bairros luxuosos da Cidade Alta. Encontrando a casa de Caifás, diz aos guardas a que veio. Para seu grande alívio, ele não é preso. Em vez disso, é bem recebido no amplo palácio e conduzido até um recinto suntuoso em que o sumo sacerdote está reunido com outros sacerdotes e anciões.

Logo o assunto da conversa é Jesus.

– O que me darão se eu o entregar a vocês? – pergunta Judas.

Se os sacerdotes estão surpresos com esse comportamento, não dão sinal disso. Eles deixam de lado sua arrogância habitual. Seu objetivo é manipular Judas para que ele faça todo o necessário para que Jesus seja capturado.

– Trinta moedas de prata – propõem.

Isso são 120 denários, o equivalente a quatro meses de salário.

Como discípulo de Jesus, Judas passou dois anos vivendo na penúria, raramente tendo mais do que algumas moedas de sobra na algibeira e quase nenhum luxo. Agora o sumo sacerdote está lhe oferecendo uma recompensa generosa para que ele determine um horário e um local, longe dos pátios do Templo, para que Jesus possa ser capturado.

Judas é ardiloso e tramou para que tudo estivesse a seu favor. Ele sabe que, se aceitar o dinheiro, Jesus será preso e então dirá a todos que é o Cristo. Se o Nazareno é de fato o Messias, não terá problemas em se salvar de Caifás e dos chefes dos sacerdotes.

Por outro lado, se Jesus não for o Cristo, ele irá morrer.

Seja como for, a vida de Judas será poupada.

Judas e Caifás entram em acordo. O discípulo traidor promete começar a buscar imediatamente um local onde possa entregar Jesus. Isso significa que ele irá trabalhar em conjunto com os guardas do Templo para providenciar essa detenção. Judas terá que se afastar de Jesus e dos outros discípulos para alertar seus novos aliados sobre o paradeiro deles, o que pode ser difícil.

Trinta moedas de prata são contadas diante dos olhos de Judas. Elas retinem umas contra as outras enquanto caem dentro de sua algibeira. O traidor recebe seu pagamento adiantado.

Judas volta sozinho para Betânia. Ladrões podem estar à espreita nas estradas. Ele se pergunta como explicará sua ausência para Jesus e os demais – e onde irá esconder essa recompensa tão volumosa e tilintante.

Mas Judas encontrará uma maneira, pois acredita piamente que é mais esperto do que seus compatriotas e que merece ser recompensado nesta vida.

Se Jesus é mesmo Deus, logo todos vão saber.

As próximas horas se encarregarão dessa revelação.

C A P Í T U L O D E Z E S S E I S

Cidade Baixa de Jerusalém

Quinta-feira, 6 de abril de 30 d.C.

Noite

Jesus tem muito a fazer, mas o tempo é curto. Ele precisa finalmente definir sua vida para os discípulos. Enquanto as últimas horas que antecedem a Páscoa se aproximam, Jesus planeja organizar uma última refeição com seus seguidores antes de se despedir, pois eles têm sido testemunhas oculares de seu legado. E será deles a responsabilidade de passá-lo adiante.

Embora tudo isso seja de vital importância, algo o faz hesitar: a terrível perspectiva de sua morte iminente.

Jesus tem dificuldade para se concentrar em sua mensagem final para os discípulos. Como todo judeu, o Nazareno conhece os horrores, a dor e a humilhação reservados aos que são condenados à crucificação. Ele acredita piamente que deve cumprir o relato das Escrituras, mas está dominado pelo pânico.

O fato de toda a cidade de Jerusalém estar em polvorosa por conta dos preparativos de última hora para a Páscoa não ajuda nada. Tudo deve estar perfeito para o feriado. Um cordeiro deve ser comprado para o banquete – não um cordeiro qualquer, mas um macho imaculado de um ano de idade. Além disso, todos os lares devem se livrar de qualquer pão fermentado. Por toda a Jerusalém, mulheres varrem o chão e limpam balcões freneticamente, pois uma simples migalha pode trazer impureza para dentro de casa. Na residência de Lázaro, Marta e Maria dedicam-se com afinco à limpeza. Depois do pôr do sol, Lázaro andarà pela casa com uma vela acesa, em uma busca simbólica pelo menor vestígio de produtos fermentados. Não

encontrando nenhum (como se espera), ele vai declarar que seu lar está pronto para a Páscoa.

No palácio onde vive o sumo sacerdote Caifás, escravos e servos vasculham toda a enorme propriedade em busca de cevada, trigo, centeio, aveia ou espelta. Limpam pias, fogões e fornos para se livrarem de qualquer vestígio de levedura. Esterilizam totalmente potes e panelas enchendo-os com água fervente e então jogando um tijolo dentro para que a água transborde e os lave por fora. Talheres são aquecidos até ficarem incandescentes e então jogados um por um em água fervente. Entretanto, não há necessidade de comprar o cordeiro para o sacrifício, pois a família de Caifás é detentora da concessão para a venda desses animais em todo o Templo.

No antigo palácio de Herodes, o Grande, onde Pôncio Pilatos e sua esposa, Cláudia, novamente estão tolerando a contragosto a Páscoa, não há preparativos. O governador romano começa seu dia fazendo a barba, pois traz o rosto liso e os cabelos curtos como reza a moda imperial do momento. Ele não dá muita importância à tradição judaica. Não está interessado na crença milenar de que Moisés e os israelitas foram forçados a deixar o Egito antes que seu pão tivesse tido tempo de crescer, o que fez com que produtos fermentados passassem a ser proibidos na Páscoa. Para ele, haverá *ientaculum*, *prandium* e *cena* (café da manhã, almoço e jantar), que incluirão pão à vontade, geralmente fermentado com sal (em vez de levedura), de acordo com a tradição romana. Se estivesse em seu palácio na Cesareia, Pilatos também poderia saborear ostras e uma fatia de porco assado no jantar, mas essas iguarias não são encontradas (ou não são permitidas) na ortodoxa Jerusalém – muito menos às vésperas da Páscoa. Por sua vez, Caifás e os sacerdotes evitam entrar no palácio de Herodes à medida que a festa se aproxima, por medo de se tornarem impuros na presença dos romanos e de seu estilo de vida pagão. Isso acaba por ser um alívio para Pilatos, pois lhe garante um breve descanso dos judeus e de seus eternos problemas.

Ou pelo menos é o que ele pensa.



Judas Iscariotes observa Jesus em silêncio, com o olhar fixo, esperando que o Nazareno revele seus planos para a Páscoa para que ele possa sair às escondidas e informar Caifás. Seria fácil pedir ao sumo sacerdote que enviasse os guardas do Templo para a casa de Lázaro, mas capturar Jesus tão longe de Jerusalém seria desastroso. Muitos peregrinos veriam o Nazareno sendo levado de volta à cidade acorrentado, o que poderia provocar a rebelião que tanto apavora os líderes religiosos.

Judas está seguro de que nenhum dos outros discípulos sabe que ele traiu Jesus. Então aguarda, ouvindo e esperando o momento em que o Nazareno convocará seus seguidores para lhes dizer que é hora de voltar a Jerusalém. É inconcebível que Jesus não queira retornar à Cidade Sagrada ao menos uma vez mais durante a estadia deles ali. Talvez ele esteja aguardando o fim da Páscoa para começar a revelar que é o Cristo. Se assim for, as Escrituras dizem que isso deve ocorrer em Jerusalém. Cedo ou tarde, ele terá que voltar à Cidade Sagrada.



Próximo ao Templo, na Fortaleza Antônia, a enorme cidadela que serve de base para as tropas romanas, centenas de soldados entram em fila no salão de jantar para sua refeição noturna. Esse quartel é ligado ao Templo pela ala noroeste, e a maioria desses homens montou guarda no dia de hoje, atravessando o portão reservado ao pessoal militar até a plataforma de 13 metros de largura sobre as colunatas que se estendem ao longo dos muros do Templo. De cima, é fácil vigiar os peregrinos judeus enquanto eles se ocupam dos preparativos de última hora para a Páscoa. A semana inteira tem sido caótica para os soldados, que passaram horas de pé sob o sol quente. Mas amanhã será o dia mais difícil de todos. Cordeiros e peregrinos estarão por toda parte, e o fedor de sangue e fezes de animais vindo dos pátios internos do Templo subirá até seus postos. A matança vai durar horas, assim como o espetáculo de homens abraçando carcaças sangrentas de cordeiros contra o peito enquanto deixam às pressas os pátios do Templo para preparar o banquete da noite.

Normalmente, a guarnição militar é composta de pouco mais que 500 soldados e de um número equivalente de pessoal de apoio. Mas, com as tropas de Tibério César vindas de Cesareia para a Páscoa, o número de

legionários subiu para a casa dos milhares – trazendo consigo todas as unidades de apoio complementares e servos particulares para ferrar cavalos, transportar bagagens e carregar água. Por isso o salão de jantar está em polvorosa à medida que os homens se sentam para comer uma entrada composta de legumes temperados com *garum*, o molho fermentado feito de intestino de peixe que não pode faltar nas refeições romanas. O segundo prato é um mingau condimentado com especiarias e ervas. Às vezes há carne, mas tem sido difícil conseguir alguma esta semana. O pão é a base da dieta dos soldados, assim como o vinho ácido feito de uma combinação de vinagre, açúcar, vinho de mesa e suco de uva. Como tudo que é colocado diante daqueles homens famintos, os pratos são consumidos depressa e em grandes quantidades.

Doze soldados se debruçam sobre suas refeições sabendo que não testemunharão apenas a matança de ovelhas no dia de amanhã. Esses são os homens que compõem o esquadrão da morte dos crucificadores, soldados de uma força extraordinária e da mais completa brutalidade, destacados para a árdua tarefa de pregar homens na cruz no estilo romano.

Cada esquadrão consiste em quatro homens conhecidos como um *quaternio*. Um quinto homem, o centurião chamado de *exactor mortis*, supervisiona o trabalho dos quatro primeiros. Amanhã, três equipes de carrascos serão necessárias, pois três homens foram condenados à morte. O açoitamento inicial acontecerá dentro dos muros da cidade de Jerusalém, mas o trabalho pesado de pregar o homem na cruz e içá-lo ocorrerá do lado de fora, em uma colina conhecida como Calvário, ou, como dizem os judeus em aramaico, Gulgata – o Gólgota, como o local entrará para a História. As três palavras têm o mesmo significado: “caveira”, o formato da pequena elevação que serve de palco para as execuções. Enquanto o *quaternio* devora seu jantar, as traves verticais em que cada um dos condenados será pregado já se encontram pousadas no chão ao seu lado. Essas *staticula* estão sempre a postos, à espera da chegada do *patibulum*, a trave horizontal que deve ser carregada pelo condenado.

Na realidade, uma crucificação requer menos de cinco homens. Mas os romanos são exigentes, e obrigam cada carrasco a ficar atento aos seus colegas de *quaternio*, garantindo que não haja nenhum sinal de misericórdia para com o prisioneiro. Um esquadrão da morte menor não seria tão cuidadoso. Assim, esses soldados bem treinados encaram as crucificações

do dia seguinte com seriedade, pois um desempenho abaixo do padrão pode fazer com que eles próprios sejam punidos.



Vista leste do Templo mostrando a Fortaleza Antônia

Um dos homens a serem crucificados é um assassino comum chamado Barrabás. Os outros dois são suspeitos de serem seus cúmplices. Pela manhã, os esquadrões darão início ao ritual que acompanha a crucificação. É um trabalho fisicamente extenuante, e ao fim do dia seus uniformes e corpos estarão banhados de sangue.

Mas os soldados dos esquadrões da morte não se importam. Na verdade, muitos deles gostam do trabalho. São homens brutos e violentos de Samaria e Cesareia, cuja tarefa é enviar a seguinte mensagem: Roma é onipotente. Se violar esta lei, você sofrerá uma morte pavorosa.



A noite cai enquanto Jesus conduz os discípulos de volta a Jerusalém para sua última refeição juntos. Um aliado teve a gentileza de alugar um quarto para Jesus na Cidade Baixa. Ele fica no segundo andar de uma casa próxima ao tanque de Siloé. Uma mesa retangular longa de apenas 45 centímetros de altura ocupa o centro do recinto. Ela é cercada de almofadas em que Jesus e seus discípulos podem relaxar enquanto comem, como é habitual. O cômodo é grande o suficiente para que todos possam se recostar confortavelmente, mas pequeno o bastante para que suas conversas se sobreponham e encham o ambiente com o alarido de uma reunião festiva.

Jesus envia João e Pedro na frente para encontrarem o local e organizarem a refeição.^[71]

Este é provavelmente um momento de tensão para Judas Iscariotes, pois ele enfim sabe que Jesus planeja voltar para Jerusalém, mas não conhece a hora nem o local exatos – e, mesmo que obtenha essa informação, ainda terá que encontrar uma maneira de sair às escondidas para alertar Caifás.



A Última Ceia

Assim que chega ao aposento, Jesus começa a noite com um gesto de humildade, lavando os pés de cada um de seus discípulos com água. Essa é uma tarefa normalmente reservada a escravos e servos, não a mestres venerados da fé. Os discípulos ficam comovidos com essa demonstração de submissão e humildade. Jesus conhece bem aqueles homens e suas personalidades, e os aceita sem julgamento: Simão, o zelote, com sua paixão pela política; o impulsivo Pedro; Tiago e João, os ardorosos “filhos do trovão”, como os descreve Jesus;^[72] o sisudo e muitas vezes taciturno Tomé; o otimista André; o oprimido Filipe; e os demais. O tempo que eles passaram juntos mudou a vida de todos os homens ali presentes. E enquanto Jesus lava com cuidado e afeto a poeira dos pés deles, a medida desse amor fica clara.

Durante a ceia, Jesus transforma esse clima agradável em desespero.
– Digo que certamente um de vocês me trairá – afirma ele.

Os discípulos não prestavam muita atenção em seu líder. A refeição tinha sido servida e eles estavam recostados, conversando entre si enquanto apanhavam comida dos pratos pequenos. Mas agora o horror e a tristeza tomam conta do recinto. Um por um, os discípulos vasculham a mente em busca de algum sinal de dúvida ou fraqueza que poderia fazer com que entregassem Jesus.

– Com certeza não sou eu, Senhor! – dizem eles.

O comentário circula pela mesa.

– É um dos Doze – garante-lhes Jesus –, alguém que come comigo do mesmo prato. O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito. Mas ai daquele que trai o Filho do homem! Melhor lhe seria não haver nascido.

Enquanto retomam a conversa, com cada homem perguntando àquele ao seu lado a respeito da identidade do traidor, Pedro encontra-se particularmente transtornado. Ele faz um sinal para João, que está recostado em uma almofada ao lado de Jesus.

– Pergunte-lhe a quem ele está se referindo – diz Pedro.

– Senhor, quem é? – pergunta João, inclinando-se para mais perto do Nazareno. Ele está sentado à direita de Jesus, enquanto Judas está sentado logo à esquerda dele.

– Com certeza não sou eu, Mestre! – apressa-se a dizer Judas.

– Sim, é você – responde Jesus em voz baixa. – O que você está para fazer, faça depressa.

Os homens conversam ruidosamente entre si, de modo que a maioria deles não ouve a última parte do diálogo entre Judas e Jesus, que estão sentados lado a lado. Quando Judas se levanta e vai embora às pressas, alguns supõem que ele foi apenas buscar mais comida e bebida.

O traidor sai em direção à noite. O Nazareno sabe muito bem para onde ele está indo. Houve um tempo em que Jesus confiava em Judas, chegando a nomeá-lo tesoureiro dos discípulos e chamando-o abertamente de amigo. Mas, quando há dinheiro envolvido, muitas vezes anos de amizade podem ir rapidamente pelos ares.

Agarrado à sua algibeira cheia de moedas, Judas atravessa as ruas e os becos estreitos da Cidade Baixa, subindo a colina íngreme para dar a boa notícia a Caifás.



É tarde da noite e Jesus já tomou seu rumo. Ele e seus discípulos cruzam o vale do Cédron até um jardim ao pé do Monte das Oliveiras. Embora saiba que eles devem estar cansados por conta do vinho e da comida, Jesus pede aos discípulos que vigiem o local enquanto ele sobe a encosta, pois quer encontrar um lugar sossegado para ficar sozinho.

– Sentem-se aqui enquanto vou orar – ordena ele aos homens antes de seguir pela encosta íngreme. – A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal – diz ele aos discípulos. – Fiquem aqui e vigiem.

A lua está quase cheia e oferece claridade de sobra. Jesus encontra um lugar na penumbra e se põe a orar.

– Pai, tudo te é possível. Afasta de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, mas sim o que tu queres.

É um momento de angústia e desespero. Jesus está convencido de que vai morrer. Será uma morte sangrenta, em uma cruz romana, com toda a dor e a humilhação pública que isso implica. As pessoas que ouviram suas palavras maravilhosas nos pátios do Templo vão presenciar sua desonra e não entenderão como um homem que afirma ser o Filho de Deus poderá se permitir sofrer tal morte.

Seria muito mais fácil se Jesus simplesmente fugisse. Ele poderia continuar a subir a colina e voltar direto para Betânia. Pela manhã, estaria a caminho de sua Galileia natal, onde poderia envelhecer sossegadamente e constituir família. Suas palavras conseguiram levar esperança às pessoas, mas ele nunca planejou liderá-las em uma rebelião. Jesus não acredita ser este o seu propósito na Terra, então aceita seu destino iminente e não faz esforço algum para fugir.

Após cerca de uma hora de orações, Jesus volta ao jardim do Getsêmani. Mas os discípulos dormem a sono solto.

– Não puderam vigiar nem por uma hora? – repreende o Nazareno.

Os discípulos não sabem o que responder. Mas Jesus torna a pedir que eles fiquem acordados enquanto ele volta a se retirar para mais orações.

Na solidão da noite, Jesus pede que Deus o console. Para ele, a fé é algo natural, e fazer esse pedido deveria ser simples. Mas não é. Então ele faz outro tipo de oração, em que pede força para suportar tudo o que está por vir.

– Meu Pai, se não for possível afastar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade^[73] – diz Jesus.

O Nazareno desce a encosta para fiscalizar seus discípulos. Eles estão dormindo outra vez e não demonstram qualquer preocupação ou angústia. Parecem ter ignorado completamente cada palavra que Jesus lhes disse sobre seu sofrimento e sua morte iminentes. É como se estivessem dispostos a acreditar em partes de seus ensinamentos e se maravilhar com seus feitos, mas não conseguissem aceitar o lado sombrio da sua mensagem.

Jesus sobe a colina para orar uma última vez. Em seu registro dos últimos dias do Nazareno, Lucas, que era médico, relata que nessa altura Jesus começou literalmente a suar sangue. Esse episódio clínico é conhecido como hematidrose e é causado por níveis extremos de ansiedade. Embora raro, ele é visto em condenados a caminho do local de sua execução.

Quando termina suas orações, Jesus volta para junto dos discípulos, exausto. Já passa da meia-noite e o ar começa a ficar mais frio. Jesus veste apenas seu manto e sua túnica simples, que mal protegem seu corpo magro contra as intempéries. O pânico que ele estava sentindo não diminuiu – Jesus sabe que seu fim pode chegar a qualquer momento –, mas quando volta ao Getsêmani ele sabe que é chegada a hora de aceitar seu destino.

– Levantem-se – diz ele aos discípulos. Sua voz é firme e ele vê claramente as tochas e fileiras de homens que se aproximam, atravessando o vale do Cédron. Em vez de fugir, Jesus de Nazaré espera.



O traidor Judas vem à frente do grupo de guardas do Templo que chega ao jardim. Cada homem carrega um porrete ou uma espada. Alguns também trazem tochas e lampiões que rasgam a escuridão. Mas as chamas não são fortes o suficiente para garantir que os guardas possam determinar quais dos homens barbados diante deles é Jesus. Judas já esperava que isso acontecesse, e se aproxima inocentemente do Nazareno.

– Salve, Mestre! – diz ele com frieza, beijando Jesus no rosto.

Este é o sinal acordado entre Judas e os guardas do Templo.

– Amigo, o que o traz? – pergunta Jesus.

Ele então se vira para encarar os guardas.

– Quem vocês estão procurando?

– Jesus de Nazaré – respondem eles.

– Sou eu – diz Jesus.

Os guardas do Templo não são soldados romanos gentios, mas funcionários judeus do Templo. Mesmo assim, são homens robustos, habituados a usar a força necessária para efetuar uma prisão. No entanto, antes que os punhos de Jesus possam ser atados, Pedro saca sua nova espada e decepa a orelha de Malco, o servo de Caifás.^[24]

– Guarde a espada! – ordena Jesus ao sempre impulsivo Pedro. – Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão.

Então Jesus se sujeita a ser amarrado e levado embora dali. Para Judas, tudo ocorreu conforme o planejado. Na calada da noite, poucos veem a comoção.

Jesus, seus captores e Judas marcham em direção à casa do sumo sacerdote na véspera da Páscoa. Os discípulos ficam para trás, temendo pela própria vida. Como estão no meio da noite, não se pode conduzir um julgamento. Se a lei religiosa for obedecida, Jesus deverá esperar até a manhã para se apresentar diante dos seus acusadores. E, além disso, se uma sentença de morte for emitida na manhã seguinte, a obrigatoriedade de um dia de espera antes da execução significa que Jesus ainda tem pelo menos um ou dois dias de vida.

Ele não espera que seus discípulos venham resgatá-lo. Mesmo que contasse com isso, essa esperança se revelaria vã, pois seus seguidores, aterrorizados, já lhe deram as costas e estão fugindo.

O ar noturno é puro e fresco. A maior parte de Jerusalém dorme enquanto o prisioneiro é levado para a casa do sumo sacerdote. O trajeto os faz passar pela casa em que poucas horas atrás Jesus e seus discípulos celebraram sua última ceia.

O Nazareno sabe que vai morrer sozinho. Embora esteja cercado de homens, Jesus não tem nenhum aliado no momento. Seus discípulos desapareceram na noite, e aqueles que o prenderam ficariam felizes em espancá-lo até ele perder a consciência caso tentasse fugir.

Entretanto, apesar de sua situação desesperadora, Jesus de Nazaré mantém a compostura. Ele será interrogado de forma implacável. Suas respostas ficarão registradas por escrito e entrarão para a História. Seus inquisidores serão os mesmos homens que ele humilhou verbalmente dois dias atrás nos pátios do Templo. Ele viu o ódio em seus olhares na ocasião.

O grupo passa pelas casas da Cidade Alta, que são maiores e mais luxuosas do que as outras moradias de Jerusalém. Jesus é imediatamente conduzido ao palácio do sumo sacerdote. Contudo, ele não é recebido por

José Caifás, mas pelo verdadeiro poder religioso da região. Jesus se vê diante do velho e majestoso líder de uma dinastia milenar de sacerdotes. O homem à sua frente é dono de grande riqueza e um político tão habilidoso que seus filhos e genros dão continuidade à sua linhagem familiar de sacerdócio e poder. Ele se chama Ananus, filho de Sete – ou Anás, como esse titânico ancião religioso é conhecido em toda a cidade de Jerusalém.

Não há sinal de movimento no tribunal. Em seu interior, começa o interrogatório de Jesus. Logo ele é surpreendido por um golpe repentino e violento no rosto.

É o começo do fim.

C A P Í T U L O D E Z E S S E T E

Jerusalém

Sexta-feira, 7 de abril de 30 d.C.

Madrugada

A agressão começa sem nenhum aviso. Um soco forte na cabeça desferido por um guarda do Templo de pavio curto.

– Isso é jeito de falar ao sumo sacerdote?

Jesus cambaleia, sem conseguir responder. O salão opulento do palácio rodopia ao seu redor. Suas mãos ainda estão atadas, e ele não pode se proteger nem revidar. Mesmo ainda atordoado pelo golpe, ele fala sem medo.

– Se eu disse algo de mal, denuncie o mal – responde enfim ao guarda. – Mas, se falei a verdade, por que me bateu?

Anás, sonolento, está diante de Jesus. Já se aproxima o raiar do dia. O sumo sacerdote tem 50 e poucos anos; é alguém que dedicou a vida a conquistar riqueza e poder. Normalmente, homens como Jesus se prostrariam diante dele, implorando misericórdia, em vez de tentar confundir sua mente com argumentos lógicos àquela hora da madrugada.

– Eu falei abertamente ao mundo – disse Jesus ainda há pouco. – Sempre ensinei nas sinagogas e no Templo, onde todos os judeus se reúnem. Nada disse em segredo. Por que me interrogas? Pergunta aos que me ouviram. Certamente eles sabem o que eu disse.

Foram essas palavras corajosas e articuladas que provocaram a ira do guarda. Elas agora ecoam na cabeça de Anás enquanto ele tenta decidir o que fazer em seguida.

O patriarca é um zadoquita, descendente de uma linhagem de sacerdotes que remonta ao rei Davi. Como seus filhos e seu genro Caifás, ele é também um saduceu, membro da abastada seita judaica que acredita apenas no Pentateuco, como são conhecidos os cinco livros de Moisés. Anás fez muitas concessões a Roma para chegar aonde chegou. Durante séculos, o cargo de sumo sacerdote foi passado de geração em geração entre os zadoquitas, mas quando Alexandre, o Grande conquistou a nação judaica três séculos atrás houve uma tentativa de helenizar a região. É por isso que Anás é fluente não só em hebraico, mas também em grego, pois há muito tempo sua família sabe a importância de agradar aos conquistadores. Um grupo de judeus conhecido como asmoneus pôs fim à helenização ostensiva em 142 a.C., o que também tirou dos zadoquitas o cargo de sumo sacerdote. Isso se tornou uma espécie de bênção quando os romanos conquistaram Jerusalém 80 anos mais tarde. Os sacerdotes não zadoquitas foram selecionados para serem massacrados quando Pompeu e suas tropas saquearam a cidade após três meses de cerco. Foi Herodes, o Grande quem finalmente devolveu aos zadoquitas a posição mais alta do sacerdócio.

Mas esse poder foi obtido à custa de concessões, pois Herodes se certificou de que esses novos sacerdotes defendessem os seus interesses – o que significava se curvar a Roma. Os sumos sacerdotes já não têm autonomia. Essa é uma lição que Anás aprendeu quando foi afastado do cargo por Grato, o antecessor de Pôncio Pilatos, por ter proferido e executado sentenças de morte. Isso havia sido proibido pelo governo imperial. Cometer o mesmo erro duas vezes – ou permitir que Caifás o cometa – seria catastrófico. Como patriarca, Anás percebe que o futuro de sua dinastia pode muito bem depender da maneira como ele conduzirá essa situação com Jesus.

Mas o título de sumo sacerdote é vitalício. Roma prefere que seja assim, pois isso garante que o fluxo de dinheiro continue de forma ininterrupta. Anás; seu filho Eleazar; seu genro Caifás; e seus filhos Jônatas, Teófilo, Matias e Anás, todos se revezarão no cargo de sumo sacerdote. Eles controlarão a venda de cordeiros no Templo durante a Páscoa e receberão uma porcentagem de todas as trocas de dinheiro realizadas pelos cambistas. Fora de Jerusalém, os sumos sacerdotes possuem grandes fazendas e propriedades agrícolas. Os lucros dessas atividades, somados aos impostos extorquidos do povo da Judeia, são divididos com Pilatos e, em última

instância, com o devasso imperador romano Tibério, que recebe uma quantia vultuosa de dinheiro na forma de “tributos”.

As linhagens de Jesus e Anás estão entrecruzadas há séculos e continuarão a se entrecruzar por décadas. Os antepassados de Anás foram sumos sacerdotes sob o comando de Davi e Salomão, ancestrais de Jesus. E assim como Anás agora julga Jesus, seu filho caçula de mesmo nome condenará outro homem devoto à morte três décadas depois.

Esse homem se chamará Tiago. Ele é irmão de Jesus e será apedrejado publicamente até a morte.

De fato, a lealdade de Anás e seus descendentes a Roma é tão forte que o último elo que os liga ao sacerdócio só se romperá dali a 30 anos, quando o Anás mais jovem morrerá em uma rebelião judaica por defender a continuidade do domínio romano.^[75]



Tudo o que diz respeito ao interrogatório de Jesus é ilegal: ele se dá à noite, Jesus é levado a se incriminar sem a presença de um advogado e Anás não tem autoridade para proferir uma sentença. É também muito incomum que um prisioneiro seja conduzido à residência do sumo sacerdote, e não às masmorras do quartel dos romanos.

Mas Jesus cometeu um crime grave: quando virou as mesas dos cambistas, ele interrompeu o fluxo de dinheiro entre o Templo e Roma, que é responsabilidade pessoal de Anás. Qualquer um que interfira com os lucros deve ser punido. Isso, naturalmente, inclui Jesus e cada um de seus discípulos. Anás está determinado a fazer deles um exemplo para todos que cogitem desafiar a autoridade dos tribunais do Templo.

Um homem como Anás está habituado a ver as pessoas se curvarem e se humilharem em sua presença, mas está claro que Jesus não dobrará os joelhos e, embora combalido, ainda é capaz de realizar proezas intelectuais.

Talvez um tempo sozinho com os guardas do Templo mude sua atitude.

Como ex-sumo sacerdote, Anás não tem poder jurisdicional. Não pode proferir sentenças, especialmente em questões que envolvam revoltas ou insurreições, pois esse poder é reservado apenas a Roma. Assim, Anás ordena secretamente que um grupo de guardas do Templo escolte Jesus até um local reservado do palácio, onde eles não serão incomodados.^[76]

Jesus, ainda de mãos atadas, é levado. Uma convocação urgente percorre toda a cidade de Jerusalém. O supremo tribunal religioso do Sinédrio deve se reunir imediatamente.



Jesus não consegue enxergar. A noite está escura e a venda que tapa seus olhos impede a entrada até mesmo da pouca luz das tochas.

Mas ele consegue ouvir muito bem, e as palavras direcionadas a ele têm a clara intenção de desmoralizá-lo.

– Profetize-nos, Cristo – zomba um dos guardas do Templo. Jesus perde o equilíbrio ao levar outro soco violento. – Quem foi que bateu em você? – pergunta o guarda.

Ele é castigado com uma saraivada de socos e pontapés. Não há escapatória ou descanso.

– Quem foi que bateu em você? – repetem os guardas sem parar, desferindo mais golpes. – Quem foi que bateu em você?

O espancamento dura horas, até os guardas do Templo estarem cansados demais para continuar com sua brincadeira cruel.

Quando Jesus é levado de volta à casa de Anás para confrontar o Sinédrio em um segundo julgamento ilegal, ele está coberto de sangue e hematomas. Seu rosto está inchado. Com o cansaço e a fraqueza causados pela perda de plasma fica difícil para ele se manter de pé, quanto mais articular argumentos coerentes que possam salvá-lo.

Não obstante, Jesus precisa se erguer novamente perante os seus acusadores, de mãos atadas e espancado, para defender a própria vida.



Jesus se apresenta diante do Sinédrio. Não está mais vendado. É impossível saber se todos os 71 membros do tribunal religioso estão reunidos ali, mas ele não foi levado aos pátios do Templo, conforme manda a lei. Em vez disso, os sacerdotes se juntam ao seu redor no conforto do

palácio que serve de residência a Anás, onde Jesus pode ver com clareza o piso de mosaico e as pinturas requintadas que enfeitam as paredes.

Hematomas cobrem o corpo e o rosto de Jesus, e ele não come nada desde a Última Ceia. Mas a surra e as zombarias não foram suficientes para esmorecer sua vontade. Mesmo na calada da noite, a notícia de sua prisão já se espalhou por Jerusalém. Uma pequena multidão se reúne no pátio, aquecendo-se diante dos braseiros. Um segundo grupo está diante dos portões do palácio, aguardando notícias. Dois dos discípulos^[77] pensaram melhor, decidiram não abandonar Jesus e foram até ali apesar do risco de serem presos. Eles estão em meio a vários homens leais a Caifás.

Jesus observa enquanto os bajuladores de Caifás vêm da noite fria para prestar falso testemunho contra ele. Eles se apresentam diante do Sinédrio e mentem descaradamente a respeito de Jesus, inventando histórias sobre o que ele teria dito e feito. Os membros do Sinédrio ouvem com atenção, esperando pela acusação que vai permitir que eles profiram a sentença de morte. Eles toleram a longa sucessão de mentiras, na esperança de que uma acusação passível de pena capital seja apresentada durante o julgamento – mesmo que leve a noite inteira. Tecnicamente, prestar falso testemunho é um crime punível com a morte, mas o Sinédrio está disposto a contornar este aspecto legal esta noite.

Jesus fica calado durante todo o processo.

Então o Sinédrio ouve a acusação que vinha esperando.

– Este homem disse: “Sou capaz de destruir o santuário de Deus e reconstruí-lo em três dias” – juram dois homens leais a Caifás.

Caifás, que estava sentando, se levanta de repente e avança em direção a Jesus, que não contesta essa alegação. Isso o deixa enfurecido. Basta olhar para o Nazareno para notar os sinais de que ele já deveria ter cedido horas atrás – o sangue seco, os restos de cuspe, os hematomas e inchaços em seu corpo. Mas Jesus exhibe a mesma serenidade e a insolência de sempre.

– Você não vai responder à acusação que estes fazem a você? – indaga Caifás, indignado.

Jesus continua quieto. Ele pode ver a pergunta se formando nos lábios de Caifás. É a resposta que todos os presentes esperam. Na verdade, centenas de milhares de pessoas em Jerusalém também anseiam por essa resposta. Mas, apesar de Jesus antecipar o que Caifás está prestes a perguntar em seguida, ele também percebe que não há resposta adequada. Sua morte é iminente, e nada do que ele disser mudará isso.

– Exijo que você jure pelo Deus vivo: se você é o Cristo, o Filho de Deus, diga-nos – vocifera Caifás.

Silêncio. Lá fora, os primeiros pássaros da manhã despertam. O som de conversas vem de fora do tribunal. Mas neste local público em que Caifás costuma reunir-se e conduzir assuntos oficiais do Templo ninguém diz uma só sílaba enquanto espera ansiosamente pela decisão de Jesus: ele enfim irá falar?

Jesus *responde* afinal:

– Se eu vos disser, não creereis em mim e, se eu vos perguntar, não me respondereis. Mas de agora em diante o Filho do homem estará assentado à direita do Deus todo-poderoso.

– Então, você é o Filho de Deus? – interrogam os sacerdotes.

– Sou – diz ele.

Jesus olha diretamente para Caifás:

– E *vereis* o Filho do homem assentado à direita do Poderoso vindo com as nuvens do céu.^[78]

Caifás agarra a própria túnica e puxa o tecido caro, rasgando-o de cima a baixo. Sob circunstâncias normais, o sumo sacerdote é proibido de exhibir sua raiva desta maneira. Mas esta não é uma circunstância normal, pois Jesus está sugerindo, nada mais, nada menos, que Caifás é um inimigo de Deus.

– Blasfemou! – exclama o sumo sacerdote, dirigindo-se ao Sinédrio. – Por que precisamos de mais testemunhas? Vocês acabaram de ouvir a blasfêmia. O que acham?

A lei religiosa diz que cada membro do Sinédrio deve votar antes que uma sentença seja proferida. Mas não há votação alguma. O veredito é dado por simples consenso. As únicas vozes discordantes são as de Nicodemos e de um saduceu rico chamado José de Arimateia.

O sol começa a raiar. Jesus foi acusado de blasfêmia e condenado à morte. O próximo passo pode ser fácil ou problemático: convencer Pôncio Pilatos a ordenar que seus carrascos romanos executem a sentença.



Do outro lado de Jerusalém, na Fortaleza Antônia, a dúzia de homens que compõe os esquadrões da morte de Roma se reúne para comer o *ientaculum*, a refeição mais substancial do dia. Eles provavelmente não poderão voltar

ao quartel para o *prandium*, a refeição leve do meio-dia, de modo que consumem uma porção generosa de mingau – geralmente servido com queijo e mel para encher ainda mais a barriga e fornecer energia adicional para o trabalho pesado que os aguarda. Pão, cerveja fraca e vinho tinto estão espalhados pela longa mesa coletiva.

Barrabás e seus comparsas, já condenados à morte, são mantidos não muito longe dali, nas masmorras de pedra da fortaleza. Em breve eles serão conduzidos ao pátio para a flagelação – ou *verberatio*, como é chamada pelos romanos. Postes baixos encontram-se permanentemente ali para esse fim. No topo de cada um deles há uma argola de metal. Cada condenado será levado até lá de mãos atadas. Os carrascos irão despi-lo e forçá-lo a se ajoelhar, para depois erguer suas mãos acima da cabeça e amarrá-las à argola. Seus punhos também serão acorrentados ali. Isso prende o corpo no lugar, evitando que o condenado se contorça ou tente de alguma forma se esquivar dos golpes do açoite. Mesmo antes de a primeira chicotada estalar contra as costas de um homem, é comum que a vítima tensione cada músculo do corpo e cerre os dentes em preparação para a terrível dor prestes a ser infligida.

O segredo da arte do carrasco não está na força com que ele açoita um homem, mas no esforço que ele aplica ao puxar de volta as tiras salpicadas de pedaços de metal e osso após cada golpe. É isso que causa os piores danos à carne.

Para demonstrarem superioridade, os assassinos profissionais – que agora desfrutam tranquilamente seu café da manhã – tentam agarrar o cabo de madeira de seus açoites com um pouco mais de firmeza do que seus companheiros e aplicam um pouco mais de força às suas chicotadas. Se fizerem seu trabalho excepcionalmente bem, talvez consigam até expor os órgãos internos de suas vítimas. Segundo a descrição feita pelo historiador Eusébio: “Os espectadores ficavam chocados ao verem até mesmo as veias e artérias mais internas das vítimas dilaceradas, a ponto de tanto suas vísceras quanto seus músculos ficarem expostos diante de seus olhos.”

Contudo, por mais terrível que fosse, o açoitamento era apenas o início da agonia. Pois o *verberatio* é um mero prelúdio à crucificação.

Os soldados acabam de tomar seu mingau e se levantam da mesa. É hora de ir ao trabalho.



Condenado, Jesus é conduzido ao palácio de Pôncio Pilatos. O barulho de suas sandálias junto com as dos sacerdotes e guardas do Templo que o cercam por todos os lados ecoa das pedras do calçamento. Ainda não são sete da manhã, e Jerusalém está despertando. O trajeto faz Jesus passar pelo pequeno *stratopedon* (“acampamento”), onde um destacamento de soldados do palácio assiste à procissão, e então atravessar o jardim opulento que Herodes, o Grande construiu tempos atrás, com lagoas, pomares e passeios silenciosos onde se podem ver pombas pousadas à beira de regatos. Os muros do palácio delimitam o jardim ao norte, e Jesus é agora levado ao longo deles até o portão da frente, vigiado por soldados que se revezam em turnos de quatro horas.

Caifás exige uma audiência imediata com Pilatos. Ele está diante do portão com Jesus, a guarda do Templo e todo o Sinédrio. Mas, como o sumo sacerdote não pode entrar na residência de um gentio tão perto da Páscoa, sob o risco de se tornar impuro e ser proibido de comer a refeição sagrada, ele solicita que Pilatos desça ao portão. Trata-se de uma violação flagrante da relação formal entre os dois líderes, mas Pilatos certamente irá entender.

O palácio é enorme, um quadrilátero fortificado que se estende por 140 metros de norte a sul. É composto de duas alas suntuosas, uma chamada Caesareum e outra chamada Agrippium. Torres se erguem espaçadamente ao longo dos muros, e pátios colunados fornecem espaço ao ar livre. Na extremidade sul, há um pátio especial, contíguo aos muros do palácio, conhecido como *praetorium*, onde podem ser realizados pronunciamentos, julgamentos e outras atividades públicas. Então é preciso esperar algum tempo até Pilatos ser informado, vestir-se e chegar ao portão. Ele certamente não gosta nada de deparar com os guardas do Templo, os sacerdotes exuberantes e um prisioneiro em um estado avançado de sofrimento físico.

– Que acusação vocês têm contra este homem? – pergunta Pilatos, irritado.

Este é o momento que Caifás mais temia. Embora ele queira convencer os romanos a matarem Jesus, a acusação é de blasfêmia, que é crime apenas segundo a lei judaica. Para Roma, esse delito é irrelevante. E Pilatos, intolerante com os judeus, dificilmente colocaria sua carreira em risco permitindo que a lei judaica ditasse quem ele deve executar ou não.

– Se ele não fosse criminoso, não o teríamos entregado a ti – responde Caifás, evitando a pergunta.

Pilatos não se deixa enganar tão facilmente.

- Levem-no e julguem-no conforme a lei de vocês.
- Mas nós não temos o direito de executar ninguém – insiste Caifás.
- Não encontro motivo para acusar este homem – responde Pilatos.

Outro sacerdote se pronuncia.

– Ele está subvertendo o povo em toda a Judeia com os seus ensinamentos. Começou na Galileia e chegou até aqui.

Pilatos então pergunta se Jesus é galileu. Nesta simples pergunta, ele vê uma maneira de escapar daquela confusão. O Sinédrio está claramente tentando atraí-lo para uma armadilha política. Mas, se Jesus é galileu, Herodes Antipas é a pessoa mais adequada para lidar com a questão. A Galileia faz parte da jurisdição do tetrarca, e Antipas está hospedado em um palácio a poucas quadras de distância dali.

Pilatos se recusa a aceitar a custódia do prisioneiro. Ele dispensa o grupo e ordena que o Nazareno seja levado a Antipas. Jesus é novamente conduzido pelas ruas da cidade de Jerusalém. Não há sinal dos camponeses galileus em peregrinação nem de qualquer outro judeu da classe baixa, pois eles não têm motivo para estarem andando por uma região tão nobre àquela hora da manhã. É possível ver escravos varrendo as varandas das casas de seus mestres enquanto, do lado de dentro, os ricos tomam o café da manhã.

Mas se Pilatos pensa que escapou da cilada de Caifás, ele está muito enganado. Pois logo em seguida todo o grupo do Templo está de volta, inclusive Jesus. Herodes Antipas ficou muito satisfeito em finalmente conhecer o Nazareno e até dedicou alguns instantes a apreciá-lo. O tetrarca chegou a pedir que Jesus fizesse um milagre para sua diversão.

Antipas não teme Caifás nem os sacerdotes, pois estes não têm poder sobre ele. Quando eles começaram a despejar sua ladainha de acusações contra Jesus, na esperança de convencer o tetrarca a ajudá-los, Antipas se recusou a ouvi-las. Deixar-se atrair para uma disputa de poder entre o Templo e Roma seria uma grande insensatez. Além disso, ele ainda é assombrado pela morte de João Batista e pelas diversas previsões de que ela acarretará o fim do seu reinado. A última coisa que o tetrarca precisa é do sangue de outro homem santo em suas mãos.

Embora Jesus tivesse se recusado a fazer um milagre, Antipas não viu motivo para condená-lo à morte. Ele deixou seus soldados se divertirem, permitindo que provocassem o Nazareno e o ridicularizassem, questionando sua realeza e então colocando uma velha capa militar sobre os ombros do prisioneiro. Ela era púrpura, a cor dos reis.



Mais uma vez Pilatos se vê diante dos portões de seu palácio, perguntando-se o que fazer a respeito de Jesus. Ele subestimou Antipas, esquecendo-se de que o tetrarca foi criado em uma família na qual deslealdades e trapaças eram tão rotineiras quanto respirar. Por mais estranho que pareça, Pilatos vê a decisão de Herodes como uma demonstração sutil de solidariedade em relação a ele, pois, mesmo sendo judeu, claramente escolheu apoiar Roma, e não os sacerdotes do Templo. Pilatos e Antipas eram inimigos até então, mas passarão a se considerar aliados deste dia em diante.

No entanto, Pilatos ainda precisa lidar com o ardiloso Caifás, que foi treinado em intrigas palacianas por Anás e agora está diante dele.

Pilatos está ficando sem opções. É claro que ele não pode ordenar que os judeus libertem Jesus, pois isso significaria interferir em sua lei religiosa – e o imperador Tibério deixou bem claro que os governadores romanos não podem fazer isso.

Por outro lado, tampouco precisa aceitar o prisioneiro. Poderia ordenar que Caifás enviasse Jesus para a Fortaleza Antônia, para que ele ficasse ali detido até depois da Páscoa – talvez até bem depois da Páscoa, quando Pilatos já tivesse deixado a cidade. Mas, acima de tudo, Pôncio Pilatos não quer problemas. Por fim, ele manda Caifás embora e aceita a contragosto a custódia do Nazareno.

O destino de Jesus agora está nas mãos de Roma.



Pôncio Pilatos está curioso.

– Você é o rei dos judeus? – pergunta ele a Jesus.

O governador está sentado em um trono, seus olhos baixados para um pátio a céu aberto calçado com lajotas. Uma pequena plateia assiste à cena.

Pilatos escolheu esse local por vários motivos. Ele é afastado do centro do palácio, próximo de onde sua pequena guarda pessoal está alojada. O pátio não é propriamente dentro do palácio, mas anexo a ele. Sua arquitetura singular permite que Pilatos se dirija aos seus súditos de uma posição

elevada, oferecendo-lhe ainda uma entrada particular para ir e vir, enquanto prisioneiros como Jesus podem ser levados até ali para serem julgados e então conduzidos de volta discretamente para as masmorras.

Outra vantagem de o local estar à beira do terreno do palácio, e não dentro da residência em si, é que judeus podem entrar ali mesmo às vésperas da Páscoa. Isso explica a presença dos sacerdotes do Templo e dos discípulos de Caifás, que monitoram atentamente os procedimentos conforme as ordens de seu líder. Eles estão ali para garantir que a sentença proferida por Caifás e pelos fariseus seja executada.

– Essa pergunta é tua ou outros te falaram a meu respeito? – retruca Jesus.

– Acaso sou judeu? – pergunta Pilatos. – Foram o seu povo e os chefes dos sacerdotes que o entregaram a mim. Que foi que você fez?

– O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui.

– Então você é rei! – diz Pilatos, divertindo-se com aquilo. Essa é uma boa notícia para o governador, pois, ao se declarar soberano, Jesus acaba de cometer um crime contra Roma e o imperador. Ele agora é uma grave ameaça à ordem pública. Tudo o que lhe acontecer em seguida poderá ser justificado.

– Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem – afirma Jesus.

– Que é a verdade? – pergunta Pilatos, agora fascinado pelo réu.

Mas se o romano estava esperando por uma resposta a essa pergunta, ele se decepciona, pois Jesus permanece calado.

Pilatos sabe que pregar não é crime – a não ser que uma rebelião contra Roma seja o tema da pregação. Mas qualquer tipo de discórdia com o poderoso Sinédrio será prejudicial para Pilatos junto a Tibério. Então ele afasta sua atenção de Jesus e se volta para os discípulos do Templo judeu que ocupam o pátio. De cima do seu pódio ele pode observar todo o grupo e avaliar sua reação.

É costume que o governador romano liberte um prisioneiro durante a Páscoa.^[79] Agora Pilatos encontra uma solução simples para resolver essa situação política delicada: ele delegará aos presentes a escolha entre libertar

o pacífico Jesus ou o terrível Barrabás, um terrorista e assassino cujos crimes de fato merecem ser punidos.

– Querem que eu solte o “rei dos judeus”? – pergunta Pilatos aos que ali estão.

A resposta o surpreende, pois Pilatos não sabe que as pessoas para as quais se dirige receberam ordens dos sacerdotes e anciões para garantir que Jesus fosse executado. Não são os peregrinos judeus que querem Jesus morto, tampouco a maioria dos habitantes de Jerusalém. Mas sim um punhado de homens que construíram fortuna graças ao Templo. Para eles, um homem que fala a verdade é muito mais perigoso do que um assassino.

– Não, ele não! Queremos Barrabás! – gritam eles.



Enquanto Jesus está sendo julgado, as atividades da Páscoa começam nos pátios do Templo. Apesar da noite sem dormir, Caifás e os demais sacerdotes não podem se dar ao luxo de uma manhã de descanso. Logo eles vão atravessar a ponte que liga a Cidade Alta ao Templo e se preparar para cuidar das obrigações do dia. Longas filas de peregrinos já se formam ali, o que intensifica os balidos incessantes dos cordeiros.

Os primeiros sacrifícios ocorrerão ao meio-dia, conforme manda a lei. Fileiras de sacerdotes começam a se reunir, alguns carregando tigelas de prata ou de ouro. Elas servem para apanhar o sangue dos cordeiros quando eles forem degolados. Depois serão carregadas até o altar e o sangue será derramado em sacrifício. Um coro de levitas também se reúne, juntamente com os homens que homenagearão esse grande dia com o toque de suas trombetas de prata.



Pôncio Pilatos pouco se importa com o que está acontecendo dentro do Templo. O foco de sua atenção é o problema que se apresenta diante dele. O governador imagina que executar uma figura popular como Jesus não seja uma boa ideia. Qualquer revolta resultante de uma execução desse tipo

certamente será relatada a Tibério, e Pilatos é quem irá sofrer as consequências.

Então, em vez de crucificar Jesus, Pilatos sentencia o Nazareno ao *verberatio*. Talvez isso satisfaça o Sinédrio. O governador romano convoca os sacerdotes e anciãos do Templo para anunciar sua decisão.

– Vocês me trouxeram este homem como alguém que estava incitando o povo à rebelião. Eu o examinei na presença de vocês e não achei nenhuma base para as acusações que fazem contra ele. Nem Herodes, pois ele o mandou de volta para nós. Como podem ver, ele nada fez que mereça a morte. Portanto, eu o castigarei e depois o soltarei.

Em questão de instantes, o Nazareno é despido e levado até o pátio do *praetorium*.

O poste em que ele será açoitado o aguarda.

C A P Í T U L O D E Z O I T O

Cidade Alta de Jerusalém

7 de abril de 30 d.C.

8 da manhã às 3 da tarde

Jesus suporta seu castigo. Como qualquer outro condenado, suas mãos estão presas à argola de metal no topo do poste, obrigando-o a ficar imóvel. Dois legionários estão atrás dele, um de cada lado. Ambos trazem nas mãos um *flagrum* com cabo de madeira, do qual pendem três tiras de couro de cerca de 90 centímetros de comprimento cada. Hoje, em vez de pedaços de metal ou ossos de carneiro, os carrascos afixaram às suas pontas pequenos pesos de chumbo conhecidos como *plumbatae*. A escolha é estratégica. Esses acessórios não rasgam a carne e o músculo tão rápido quanto suas versões pontiagudas, mais afiadas, conhecidas como *scorpiones*. Ainda não está na hora de Jesus morrer.

Um terceiro legionário ao lado deles segura um ábaco para contabilizar o número de golpes infligidos. O quarto membro do *quaternio* é o homem responsável por amarrar e acorrentar Jesus ao poste. Ele agora continua ali para substituir qualquer membro do esquadrão da morte que venha a se cansar da tarefa. Por último, há ainda a figura do *exacto mortis*, o homem responsável por supervisionar o grupo.

Jesus sente as chicotadas. Não há intervalo entre os golpes. No instante em que um carrasco puxa o açoite de volta, o outro estala seu chicote nas costas de Jesus. Mesmo quando as tiras de couro e os pesos de chumbo se embaraçam, os soldados não param de brandi-los. O número máximo de chicotadas que um homem pode receber de acordo com a lei de Moisés é de “quarenta menos um”, mas os romanos nem sempre dão importância aos

pormenores da lei judaica. Pilatos ordenou que aqueles homens açoitassem Jesus, de modo que eles o farão até o Nazareno estar fisicamente destruído, mas ainda vivo.

Esta é ordem: ele deve ser flagelado, mas sob hipótese nenhuma deve morrer.

Após o açoitamento, Jesus é libertado das correntes e colocado de pé. Ele gritou de dor durante o castigo, mas não vomitou nem teve convulsões, como costuma acontecer com muitos outros. Mesmo assim, ainda está perdendo muito sangue por causa de suas costas dilaceradas. As marcas dos açoites descem até suas panturrilhas. Além da desidratação que o atormentou durante toda a noite, Jesus começa a entrar em estado de choque.

O esquadrão da morte romano, sem dúvida, fez um excelente trabalho. Flagelando o Nazareno com precisão cirúrgica, eles o levaram à beira da morte. Pilatos havia deixado claro que isso seria tudo que eles fariam no dia de hoje. Mesmo assim, os soldados ficam de prontidão para qualquer eventualidade.

As mãos de Jesus ainda estão amarradas à sua frente. Ele é conduzido lentamente de volta para a prisão, onde os soldados romanos têm a chance de se divertir à sua maneira com aquele prisioneiro tão especial. Jesus não reage quando eles enrolam aquela capa púrpura imunda em volta do seu corpo nu, sabendo que ela logo ficará grudada em suas feridas. Os soldados então fazem de um caniço um cetro e o colocam nas mãos de Jesus, zombando mais uma vez de sua afirmação de que é um rei. Em vez de se apiedarem do homem que acabara de suportar uma flagelação, eles cospem no Nazareno.

Se eles tivessem parado por aí, isso teria sido apenas a grosseira diversão de um grupo de homens perversos. Mas o deboche logo se transforma em sadismo. Até este momento, seria possível dizer que eles eram apenas soldados fazendo o trabalho para o qual foram treinados. Certamente os esquadrões da morte nazistas da Segunda Guerra Mundial, cuja conduta se basearia em grande parte nas atitudes frias e desumanas do *quaternio* romano, usaram esse argumento para se defender. Os atos de Júlio César e de tantos outros guerreiros romanos demonstram com clareza que punições inimaginavelmente duras eram a forma-padrão de lidar com os inimigos de Roma. Havia inclusive uma espécie de criatividade patológica em seus métodos.

Mas os soldados que vigiam Jesus vão mais além. Não se trata de um único esquadrão da morte, mas de toda uma companhia de legionários escolhidos a dedo por Pilatos. Em mais uma exibição de crueldade, começam a cortar os ramos de um arbusto alto e branco. *A Rhamnus nabeca* possui folhas elípticas rígidas e pequenas flores verdes, mas sua principal característica são os espinhos afiados e curvos de 2,5 centímetros que brotam rente uns aos outros em seus caules. Os soldados estão dispostos a suportar as espetadas enquanto enrolam vários ramos para formar uma coroa. Quando terminam, essa grinalda é o complemento perfeito para o caniço e a capa púrpura. Viva o rei!

Jesus está fraco demais para protestar quando a coroa de espinhos é encaixada em sua cabeça e os espinhos se enterram em sua pele. Eles dilaceram quase imediatamente os vários nervos que cercam o crânio e então se chocam contra o osso. Escorre sangue pelo seu rosto. Jesus fica ali, humilhado, na pequena cela, enquanto os soldados dançam ao seu redor – alguns dando-lhe socos, cuspidando nele e se ajoelhando para louvar seu “rei”. Não satisfeitos, os soldados arrancam o caniço das mãos de Jesus e o usam para golpear sua cabeça com força, o que afunda ainda mais os espinhos em sua pele. A dor é imediata, irradiando pelo rosto de cima a baixo.

Para a alegria dos carcereiros, eles bolaram um dos mais terríveis métodos de tortura que já se imaginou.

Mas, quando parece que Jesus já não pode mais suportar o suplício, os soldados são informados de que Pilatos gostaria de ver o prisioneiro. Ele então é levado novamente à praça pública, onde o Sinédrio e seus fiéis seguidores o aguardam.

A visão de Jesus está turva. Fluidos se acumulam pouco a pouco em seus pulmões. Ele tem dificuldade para respirar. Mesmo tendo previsto sua morte desde o início, os pormenores de seu fim são apavorantes.

Os chefes dos sacerdotes e líderes religiosos observam-no dar um passo à frente, a coroa de espinhos ainda em sua cabeça. Sua presença é a memória do homem que os humilhou publicamente nos pátios do Templo há apenas três dias. Eles veem quanto ele sofre agora, mas não se compadecem. Jesus deve morrer – e quanto mais dolorosa for sua morte, melhor.

São 9 da manhã e Pilatos está novamente sentado no trono de juiz. Ele tenta mais uma vez libertar Jesus.

– Eis o rei de vocês – diz ele com irritação para o grupo de líderes religiosos e seus discípulos. Aqueles homens deveriam estar nos pátios do

Templo, pois o sacrifício dos cordeiros está prestes a começar.

– Mata! – respondem os líderes religiosos em coro. – Mata! Crucifica-o!

Pilatos está cansado de discutir. O governador romano não é conhecido por sua compaixão e acredita ter feito tudo ao seu alcance. O destino de Jesus simplesmente não vale tanto esforço.

– Devo crucificar o rei de vocês? – pergunta ele, querendo ouvir uma última confirmação.

– Não temos rei senão César – responde um dos chefes dos sacerdotes. Ao pé da letra, essas palavras são uma heresia, pois ao dizê-las o sacerdote está rejeitando o próprio Deus dos judeus em favor do deus dos romanos pagãos. Os seguidores do Sinédrio, no entanto, não percebem a ironia da situação.

– Que crime ele cometeu? – grita Pilatos.

– Crucifica-o! – respondem eles.

Pilatos ordena que uma pequena tigela de água seja trazida. Ele mergulha as mãos no recipiente e se põe a lavá-las, como num ritual.

– Estou inocente do sangue deste homem – diz ele aos líderes religiosos.

– A responsabilidade é de vocês.

Mas, na verdade, a responsabilidade é de Pilatos. Somente o governador romano possui o *ius gladii* – “o poder da espada”. Ou, em outras palavras, o direito de executar quem quer que seja.

Então Pilatos ordena a seus carrascos que se encarreguem de Jesus. Enquanto eles levam o Nazareno para ser crucificado, Pôncio Pilatos se prepara para almoçar cedo.



A capa púrpura é arrancada, mas a coroa de espinhos permanece. O esquadrão da morte deposita uma tora de madeira bruta sobre os ombros de Jesus. Ela pesa entre 22 e 31 quilos, tem pouco mais de 1,80 metro de comprimento e suas farpas entram com facilidade nas feridas abertas no corpo do Nazareno. A humilhação no palácio de Pilatos agora está concluída, e a procissão rumo ao local de execução tem início.

Na dianteira do grupo está o oficial conhecido como *exactor mortis*. Conforme manda a tradição, esse centurião carrega um letreiro com dizeres em grego, aramaico e latim. Normalmente, os crimes do condenado estão

listados no letreiro, que será pregado à cruz acima dele. Desta forma, qualquer um que passe saberá por que aquele homem foi crucificado. Portanto, se a acusação for de traição, é isto que deve constar no letreiro.

Pôncio Pilatos, entretanto, decide mudar a tradição. Em uma última tentativa de levar a melhor sobre Caifás, o governador escreve ele próprio a inscrição, usando um pedaço de carvão: Jesus de Nazaré, o rei dos judeus.

– Não escrevas “O Rei dos Judeus”, mas sim que esse homem se dizia rei dos judeus – exige Caifás antes de a procissão seguir caminho para o local da crucificação.

– O que escrevi, escrevi – responde Pilatos, arrogante.

O letreiro segue à frente enquanto Jesus e seus quatro carrascos fazem o lento e doloroso caminho até o Gólgota, a colina utilizada pelos romanos para suas execuções. O trajeto é de pouco menos de 800 metros, conduzindo Jesus pelas ruas pavimentadas da Cidade Alta de Jerusalém, atravessando a porta do Jardim e subindo até a colina baixa em que uma trave vertical o aguarda. Já é quase meio-dia. Uma plateia considerável se reuniu para assistir ao espetáculo, apesar do sol a pino.

Carpinteiro de profissão, o Nazareno sabe como se deve carregar uma tora de madeira, mas faltam-lhe forças. O *exacto mortis* fica preocupado ao notar que Jesus tropeça repetidas vezes. Se o condenado morrer antes de chegar ao local de execução, é ele quem será responsabilizado. Então um peregrino que assiste à cena, um judeu africano chamado Simão de Cirene, [80] é chamado para carregar a trave mestra para Jesus.

A procissão continua. Apesar da ajuda, o Nazareno está constantemente prestes a desmaiar. Cada tropeço enterra mais ainda os espinhos em seu crânio. Jesus está com tanta sede que mal consegue falar.

Enquanto isso, poucas centenas de metros à frente, nos pátios do Templo, a celebração da Páscoa já começou há tempos, desviando a atenção de muitos dos que reverenciam Jesus e que estariam se rebelando para salvar sua vida.

O local de execução, chamado Gólgota, não é uma colina extensa. Trata-se de uma pequena elevação que se ergue nas proximidades dos muros de Jerusalém. Na verdade, qualquer um que esteja em cima daqueles muros poderá assistir à crucificação de Jesus sem precisar sequer erguer os olhos e inclusive ouvir cada palavra que ele disser, se ele falar alto o suficiente.

Mas há horas Jesus não diz nada. Quando a procissão chega ao topo do Gólgota, os soldados mandam Simão embora e jogam a trave mestra no chão

de terra e calcário – que alguns chamam de “pedra de Jerusalém”. A partir de agora, o esquadrão da morte assume o controle. Eles deitam Jesus à força no chão, posicionando seu tronco sobre a trave superior, o *patibulum*. Em seguida, suas mãos são esticadas e dois soldados depositam todo o peso sobre seus braços estendidos, enquanto outro se aproxima com um martelo de madeira grosso e um prego de ferro de 15 centímetros com uma haste quadrangular que se afunila até ficar pontiaguda.

O soldado martela a ponta do prego na carne de Jesus, no exato local em que o rádio e a ulna, os dois ossos que compõem o esqueleto do antebraço, se encontram com os ossos do carpo no punho. Ele enfia o prego com força na pele para estabilizá-lo antes da martelada.

Jesus grita de dor quando o ferro perfura o local. Os romanos usam o punho porque assim o prego não atinge o osso, atravessando toda a carne e chegando à madeira com apenas uns dois golpes do martelo. Os ossos do punho, por sua vez, cercam o tecido mole, formando uma barreira. Então, quando a cruz é içada e aqueles pregos precisam sustentar o peso do corpo da vítima, os ossos evitam que a fina camada muscular se rompa, impedindo assim que o condenado caia no chão.

Com o primeiro punho já preso, o carrasco passa para o outro. Uma multidão assiste à cena do pé da colina. Entre ela estão a amiga devota de Jesus, Maria Madalena, e sua mãe, Maria. Ela veio a Jerusalém para a Páscoa, sem ter ideia da tragédia que se abateria sobre o filho. Agora já não pode fazer nada além de acompanhar sua agonia.

Depois que Jesus é pregado à trave mestra, os carrascos o colocam de pé. É preciso ficar atento ao equilíbrio, pois o peso da madeira está agora sobre suas costas, e não sobre seus ombros. Fragilizado como está, seria fácil ele cair para a frente. Os soldados seguram as duas extremidades da trave e um terceiro ajeita Jesus enquanto eles o recostam contra a trave vertical que completará a cruz.

O *staticulum*, como é chamada a trave que fica enterrada no chão, tem quase 2,5 metros de altura. Nos casos em que os romanos querem que a vítima sofra por dias a fio antes de morrer, um pequeno assento é acrescentado na metade de seu comprimento. Mas amanhã é sábado, e a lei judaica determina que qualquer homem deve ser baixado da cruz antes do início deste dia. Os romanos querem que Jesus morra depressa. Portanto, não há assento (*sedile*) em sua cruz.

Tampouco há um descanso para os pés. Em vez disso, quando chegar a hora de pregar seus pés à cruz, eles precisarão ser dobrados em um ângulo cruel.

Um dos soldados agarra Jesus pela cintura e ergue seu corpo enquanto os outros dois içam suas respectivas extremidades da trave mestra. O quarto carrasco está no topo de uma escada apoiada contra o *staticulum*, guiando a trave mestra até o pequeno encaixe talhado no topo da peça vertical. O peso do corpo do condenado mantém a trave encaixada.

E é assim que agora Jesus de Nazaré está pendurado na cruz. Há ainda outro momento de agonia quando os joelhos de Jesus são ligeiramente dobrados, seus pés colocados um sobre o outro e pregados à madeira. O prego ultrapassa os ossos finos do metatarso para chegar à madeira, mas, surpreendentemente, nenhum deles se quebra, o que é inusitado em uma crucificação.

Por fim, no espaço logo acima da cabeça de Jesus, o letreiro trazido pelo *exactor mortis* é também pregado à cruz. Terminada a parte mais dura do trabalho, o esquadrão da morte começa a zombar de Jesus, jogando dados para sortear sua túnica antes tão valiosa, gritando para ele:

– Se você é o rei dos judeus, salve-se a si mesmo.

Os carrascos romanos permanecerão no Gólgota até Jesus morrer. Eles beberão seu vinho avinagrado e até o oferecerão a Jesus. Se necessário, quebrarão suas pernas para acelerar o processo. A morte na cruz é uma forma lenta de sufocamento. Cada vez que a vítima inspira, ela precisa lutar contra o próprio peso do corpo e empurrar o tórax para cima usando as pernas, permitindo assim que os seus pulmões se dilatam. Com o passar do tempo, a vítima, exaurida, não consegue mais inspirar nem expirar.

Três horas se passam. A celebração da Páscoa continua nos pátios do Templo. Os sons de cantorias e trombetas percorrem toda a cidade e chegam até o local de execução. Jesus pode ver o Monte do Templo com clareza de seu lugar na cruz. Ele sabe que muitos ainda estão esperando por ele. A notícia de sua execução não chegou muito longe, para o alívio de Pilatos e Caifás, que ainda temem que os seguidores de Jesus iniciem uma rebelião ao saberem de seu assassinato.

– Tenho sede – diz finalmente Jesus, cedendo à desidratação que o aflige há mais de 12 horas. Sua voz não passa de um sussurro.

Um soldado encharca uma esponja com seu vinho avinagrado, erguendo-a até os lábios do Nazareno, sabendo que o líquido fará suas feridas

arderem.

Jesus suga o líquido ácido. Pouco depois, olha para Jerusalém pela última vez antes de o inevitável acontecer.

– Está consumado – diz.

Jesus baixa a cabeça. A coroa de espinhos se mantém firme. Ele perde a consciência. Seu pescoço relaxa. Todo o seu corpo cai para a frente, afastando seu pescoço e seus ombros da cruz. Somente os pregos em seus punhos o mantêm no lugar.

O homem que um dia pregou o Evangelho com tamanho destemor, que viajou longas distâncias para contar ao mundo sobre uma nova fé e cuja mensagem de amor e esperança alcançou milhares de pessoas ao longo de sua vida – e no futuro alcançará bilhões de outras – para de respirar.

Jesus de Nazaré está morto. Ele tem 36 anos.

C A P Í T U L O D E Z E N O V E

Cidade Alta de Jerusalém

7 de abril de 30 d.C.

3 da tarde às 6 da tarde

É preciso se apressar. O esquadrão da morte teve um dia duro, mas ainda há mais trabalho pela frente. Normalmente, eles deixam um homem na cruz por dias após a sua morte, às vezes permitindo que seu corpo se decomponha ou até seja devorado por animais selvagens. Mas a lei judaica determina que não é permitido deixar um corpo em um “madeiro”^[81] durante o sábado, que começa ao pôr do sol do dia de hoje e continua ao longo de todo o dia seguinte. Então o *quaternio* deve baixar Jesus da cruz e jogar seu corpo na vala comum reservada aos criminosos.

O *exactor mortis* se certifica da morte de Jesus perfurando seu peito com uma lança. Os fluidos pleural e pericárdico acumulados em volta do coração e dos pulmões de Jesus por horas jorram para fora, misturados a um jato de sangue. Após puxar a ponta da lança de volta, o capitão da guarda^[82] ordena que seus homens removam Jesus da cruz. É uma crucificação ao contrário, com os homens usando escadas e trabalhando em equipe para baixar Jesus e a trave mestra ao chão. Jesus é deitado de costas novamente, mas agora o esquadrão da morte precisa se empenhar em remover os pregos sem entortá-los. O ferro é caro, e os pregos são reutilizados o maior número de vezes possível.

Quase todos aqueles que testemunharam a crucificação de Jesus já foram embora. Maria, sua mãe, e Maria Madalena estão entre os que restaram. Mas, enquanto os soldados dão continuidade ao trabalho árduo de retirar o homem da cruz, um saduceu chamado José de Arimateia se aproxima. Este

rico membro do Sinédrio e discípulo secreto de Jesus foi uma das poucas vozes discordantes durante o julgamento ilegal. A outra foi a de Nicodemos, o fariseu, que agora se encontra ao lado de José no topo do Gólgota. Eles receberam permissão de Pilatos para levar o corpo, uma vez que o governador deseja abafar a execução o mais rápido possível.

De forma um tanto espantosa, José e Nicodemos estão declarando publicamente sua sujeição aos ensinamentos de Jesus. José leva o corpo de Jesus ao mausoléu particular de sua família, uma caverna recém-escavada no calcário maleável de uma encosta perto dali. Os judeus acreditam que a simples presença de um criminoso em um mausoléu é suficiente para profaná-lo. E o que é pior: o ato de tocar um cadáver na Páscoa torna qualquer membro do Sinédrio impuro e o desqualifica para participar do Sêder, o banquete cerimonial a ser realizado nesse dia. Pela lei, José e Nicodemos serão declarados impuros e deverão se submeter a um ritual de purificação de sete dias.^[83]

No entanto, esses dois membros corajosos do Sinédrio não dão importância a isso e demonstram sua lealdade a Jesus carregando seu corpo sem vida pelo Gólgota abaixo e até o mausoléu. Não há tempo para executar o ritual de limpeza e unção do cadáver com óleo. Mas eles realizam o gesto extravagante de cobrir o corpo com mirra e aloé, perfumes caros que servem para atenuar o cheiro de decomposição que está por vir. Então envolvem o corpo em um tecido de linho, fazendo questão de deixá-lo frouxo ao redor do seu rosto para o caso de Jesus não estar realmente morto, mas apenas inconsciente. Desta forma, ele não sufocará. A tradição judaica determina que todos os corpos devem ser examinados três dias depois da morte aparente.^[84] Assim, o sepulcro será reaberto e Jesus será examinado no domingo.

Mas tudo isso não passa de uma formalidade, pois Jesus está claramente morto. A perfuração causada pela lança em seu pericárdio não deixa dúvida.

Mesmo assim, o sepulcro será reaberto no domingo. Depois que a morte for oficialmente declarada, seu cadáver continuará ali por um ano inteiro. Então os ossos serão removidos de seu corpo decomposto e depositados em um pequeno jarro de pedra chamado de ossário, que por sua vez será armazenado em um nicho escavado na parede do mausoléu ou transferido para outro local.

O sepulcro de Jesus fica em um jardim do lado de fora da cidade. A pedra que cobrirá sua entrada pesa centenas de quilos. Ela já está

posicionada sobre um sulco que torna mais fácil rolá-la. O sulco, no entanto, foi aberto em um ângulo ligeiramente descendente. Isolar o sepulcro hoje será mais fácil do que afastar a pedra pesada para abri-lo no domingo.

José e Nicodemos carregam o corpo para dentro do mausoléu e o deitam sobre o leito de pedra lavrada. Poeira e um cheiro forte de perfume pairam no ar. Os homens se despedem formalmente de Jesus e então saem do mausoléu.

Maria, mãe de Jesus, observa os dois homens fazerem força para rolar a pedra que vedará a entrada do sepulcro. Maria Madalena também assiste à cena. O feixe de luz do sol que invade a cripta fica cada vez menor à medida que a pedra ocupa o seu lugar.

Jesus de Nazaré previu sua morte e até pediu a Deus que afastasse o cálice da amargura de seus lábios. Mas agora está feito. O silêncio no túmulo é completo. Sozinho na escuridão do mausoléu, Jesus de Nazaré finalmente descansa em paz.

C A P Í T U L O V I N T E

Palácio de Pilatos, Jerusalém

Sábado, 8 de abril de 30 d.C.

Dia

Pôncio Pilatos tem visitas. Novamente, Caifás e os fariseus se encontram diante dele. Mas agora eles estão dentro do palácio, pois já não temem que a presença do governador os torne impuros, uma vez que a Páscoa chegou ao fim.

Pela primeira vez, Pilatos nota que Caifás está aterrorizado com o poder de Jesus. O que não era tão óbvio enquanto o Nazareno estava vivo é bastante claro depois da sua morte, pois o sumo sacerdote está fazendo um pedido muito incomum. Caifás diz a Pilatos, sem rodeios:

– Aquele impostor disse: “Depois de três dias ressuscitarei.” Ordena, pois, que o sepulcro dele seja guardado até o terceiro dia, para que não venham seus discípulos e, roubando o corpo, digam ao povo que ele ressuscitou dentre os mortos.

Há certa lógica em seu pedido. O desaparecimento do corpo de Jesus poderia levar a uma revolta contra os sacerdotes do Templo caso seus seguidores convencessem o povo de que aquele homem que afirmava ser o Cristo provou ser imortal. A presença da guarda romana frustraria qualquer tentativa de violar o sepulcro e roubar o cadáver.

Pilatos atende ao pedido de Caifás.

– Levem um destacamento – ordena ele. – Podem ir, e mantenham o sepulcro em segurança como acharem melhor.

Assim, guardas romanos passam a vigiar o sepulcro de Jesus, para o caso de o defunto tentar escapar.



Esse deveria ter sido o fim da história. O agitador blasfemador está morto. O Sinédrio e Roma não têm mais motivos para se preocuparem. Se os seguidores do Nazareno pretendiam causar problemas, não há qualquer sinal disso. Os discípulos parecem acovardados, ainda perplexos com a morte de seu messias. Eles estão foragidos e não representam ameaça para Roma.

Pilatos se sente aliviado. Logo estará a caminho de Cesareia, onde poderá voltar a governar sem a interferência constante dos sacerdotes do Templo.

Mas Caifás se recusa a ir embora. Trajando suas vestes caras de linho, ele continua diante de Pilatos, sem saber o que o governador dirá a Roma. Ele tem muito a perder, e o fato de Pilatos ter “lavado suas mãos” o preocupa, pois deixa claro que o governador está tentando se distanciar daquele processo todo. Ele perderá tudo se o imperador Tibério o culpar pela morte de Jesus. Então Caifás se mantém firme, buscando qualquer sinal de aprovação por parte de Pilatos, mas o governador romano está farto da arrogância daquele sacerdote. Sem dizer mais nada, ele se levanta e vai embora.

C A P Í T U L O V I N T E E U M

Sepulcro de Jesus

Domingo, 9 de abril de 30 d.C.

Alvorada

O dia ainda não raiou. Logo a aurora brilhará sobre Jerusalém, marcando o terceiro dia desde a morte de Jesus. Maria Madalena toma para si a responsabilidade da tradicional tarefa de examinar o corpo do morto. Ela vai ao local com outra mulher chamada Maria, embora esta não seja a mãe de Jesus. Como no dia em que o Nazareno foi executado, as ruas da Cidade Alta estão silenciosas. Elas atravessam os muros da cidade pela porta do Jardim e agora refazem os últimos passos do Nazareno, seguindo em direção ao Gólgota.

A trave vertical em que Jesus foi crucificado continua erguida no topo da colina, aguardando a próxima crucificação. As duas Marias afastam os olhos dessa visão abominável e contornam a colina até o sepulcro de Jesus.

Seus pensamentos estão voltados para questões práticas. Maria Madalena nunca se esqueceu das tantas vezes em que Jesus foi bom para ela. E, da mesma forma que o havia ungido com perfume e lavado seus pés com suas lágrimas, ela agora pretende ungir seu corpo com óleos aromáticos. É inconcebível para ela que o cadáver de Jesus possa apodrecer e exalar mau cheiro. Talvez dali a um ano, quando ela voltar para a Páscoa e estiver entre aqueles que rolarão a pedra que tapa o sepulcro de Jesus para reunir seus ossos, o aroma adocicado dos perfumes possa emanar da entrada da caverna em vez do cheiro da morte.

Esse, por sinal, é outro desafio que ela precisa enfrentar no momento: Maria é fisicamente incapaz de afastar a pedra que sela o mausoléu; ela

precisará de ajuda. Porém a maioria dos discípulos de Jesus continua foragida. Como o dia anterior foi sábado e Maria seguiu o mandamento que ordena descanso absoluto, ela não sabe do soldado romano enviado para vigiar a tumba.

Mas não há guarda algum ali. Ao se aproximarem da tumba, as duas Marias ficam chocadas. A pedra que bloqueia a entrada do sepulcro foi afastada. A cripta está vazia.

Maria Madalena dá um passo cauteloso à frente e espia o seu interior. Ela sente o aroma de mirra e aloé, usados para ungir o corpo de Jesus. Vê claramente a mortalha de linho em que o corpo estivera envolvido. Mas não há mais nada ali.

Até hoje, o corpo de Jesus de Nazaré nunca foi encontrado.

E P Í L O G O

A continuação desta história marca a origem da fé cristã. Os Evangelhos afirmam que o corpo de Jesus não foi roubado. Em vez disso, Jesus ressuscitou e subiu aos céus. Os Evangelhos sustentam que, depois que seu corpo desapareceu, Jesus surgiu 12 vezes na Terra durante um período de 40 dias. Essas aparições se deram tanto para um só indivíduo quanto para grupos de mais de 500 pessoas em uma montanha na Galileia. Algumas testemunhas desses acontecimentos os relatariam vividamente por anos e anos. Um quarto de século depois, o discípulo Paulo mencionaria a aparição na montanha em uma carta aos coríntios.

Quer se acredite ou não que Jesus renasceu dos mortos, sua história de vida e sua mensagem alcançaram um grau mais elevado de importância após sua crucificação. Ele entraria para a História não só como Jesus, ou Jesus de Nazaré, mas como Jesus Cristo, o Messias. Historiadores romanos do período geralmente preferiam chamá-lo de *Christus*, a versão latinizada de Cristo. Ao contrário de todas as demais figuras que se autoproclamavam messiânicas, Jesus se tornou um personagem ilustre na história de Jerusalém e do mundo. Teudas, um profeta egípcio, e outros como Judas de Gamala foram quase imediatamente esquecidos. Apenas Simão bar Kokhba (c. 132-35 d.C.) manteve uma relevância comparável na comunidade judaica. Há registros da existência de seguidores de Jesus dentro do judaísmo desde bem antes do século primeiro da era cristã; a elite não os via com bons olhos, mas evidências arqueológicas e fontes externas demonstram que eles persistiram.

Os historiadores romanos Plínio, o Jovem, Cornélio Tácito e Suetônio mencionam Jesus em seus escritos. Os historiadores seculares Talo e Flégon, o satírico Luciano de Samósata e o proeminente historiador judeu Flávio Josefo também mencionam Jesus. Nem todos esses autores tinham boas coisas a dizer. Luciano, por exemplo, faz pouco dos primeiros cristãos por depositarem sua fé em um homem que foi sujeitado a uma morte tão reles. Na

realidade, durante séculos a cruz foi motivo de vergonha para os cristãos, pois ela era considerada uma punição mais adequada para escravos, assassinos e membros das classes mais baixas. Aqueles que se opunham à nova fé cristã zombavam dos seus seguidores dizendo que eles adoravam “um criminoso e sua cruz”,^[85] parodiando o cristianismo como uma forma de loucura. Entretanto, os cristãos começaram a cruzar o dedo polegar sobre a testa e o peito (“o sinal da cruz”) como forma de afastar demônios. No século IV, já era mais comum que a cruz fosse vista com orgulho, como um símbolo de que Jesus sofreu essa morte ignóbil pelo bem de toda a humanidade. O crucifixo, a imagem emblemática que mostra o corpo de Cristo preso a uma cruz, só passaria a fazer parte da cultura cristã seis séculos após sua morte. A ausência da representação da cruz talvez se tenha devido à crença da Igreja na ressurreição.



Após a crucificação, os discípulos de Jesus passaram por uma mudança radical de comportamento. Convencidos de que haviam visto Jesus ressuscitado, eles se lançaram ao mundo destemidos e pregaram sua mensagem. Conhecidos como apóstolos, esses homens pagaram um preço muito alto por sua fé.

Em 44 d.C., o neto de Herodes, o Grande, Herodes Agripa, que governava a Judeia na época, ordenou que **Tiago**, um dos filhos do trovão,^[86] fosse executado. A decapitação de Tiago fez dele o primeiro discípulo a ser martirizado. Agripa se opunha violentamente ao cristianismo e usou seu poder para sufocar de forma implacável a nova teologia de Jesus. Chegou a aprisionar Pedro por algum tempo, mas não ordenou sua execução.

O trabalho missionário de **Pedro** acabaria por levá-lo a Roma, onde o apóstolo formalizaria a incipiente Igreja Cristã. Os romanos não gostaram nada disso, condenando-o à morte por crucificação. Quando ele protestou, alegando que não era digno de morrer da mesma forma que Jesus, os romanos concordaram – e o pregaram à cruz de cabeça para baixo. Acredita-se que isso tenha ocorrido entre os anos 64 e 67 d.C. Há evidências concretas de que Pedro esteja enterrado no subsolo da Basílica de São Pedro, na cidade do Vaticano.

A morte da maior parte dos outros discípulos é referida em algumas lendas. **André**, o apóstolo conhecido por seu otimismo e seu empreendedorismo, pregou a mensagem nas regiões que hoje fazem parte da Ucrânia, da Rússia e da Grécia.

Acredita-se que ele tenha sido finalmente crucificado em Patras, uma região da Grécia controlada pelos romanos. Reza a lenda que André foi pregado a uma cruz em formato de X, o que deu origem à cruz de Santo André que atualmente compõe a bandeira da Escócia.

Diz-se que o pessimista **Tomé** foi morto ao ser transpassado por lanças nos arredores de Madras, na Índia. **Bartolomeu** pregou no Egito, na Arábia e onde hoje é o Irã antes de ser esfolado vivo e então decapitado na Índia. **Simão, o Zelote** terá sido serrado ao meio por suas pregações na Pérsia. **Filipe** evangelizou no que hoje é o oeste da Turquia. Afirma-se que seu martírio consistiu em ter ganchos presos aos tornozelos para então ser pendurado de cabeça para baixo na cidade greco-romana de Hierápole. O sociável ex-coletor de impostos **Mateus** provavelmente morreu na Etiópia, executado, como todos os demais, por sua pregação fervorosa.

Pouco se sabe a respeito do que aconteceu com os outros além de que todos os apóstolos dedicaram o resto da vida a pregar a mensagem de Jesus e foram assassinados por isso. É fato que os discípulos de Jesus viajaram a lugares tão distantes quanto a Índia e a África em seu empenho por espalhar a fé cristã, o que configura uma mudança radical em relação a seu acanhamento durante a vida de Jesus e nas horas que se seguiram à sua morte.

O último a morrer foi **João**, o outro filho do trovão, que foi detido pelos romanos por pregar o cristianismo e exilado para a ilha grega de Patmos. Foi ali que ele escreveu seu Evangelho e aquelas que se tornariam as últimas páginas do Novo Testamento, o livro das Revelações, ou Apocalipse. João morreu no ano 100 d.C., em Éfeso, onde atualmente fica a Turquia. Ele tinha 94 anos e foi o único apóstolo a não ser martirizado.

O Evangelho de Mateus e o primeiro livro dos Atos atribuem a morte de **Judas Iscariotes** a suicídio. Mateus escreve que, ao descobrir que seu plano de forçar Jesus a tomar uma atitude resultou em sua execução, Judas teria jogado suas 30 moedas de prata contra o Templo e se enforcado em uma árvore. Reza a lenda que ele usou um cabresto para quebrar o próprio pescoço. Quer isso seja verdade ou não, Judas Iscariotes nunca mais foi visto.

O mesmo se aplica a **Maria Madalena**, que, após sua ida ao sepulcro de Jesus, desaparece da história. Ela muito provavelmente está incluída entre as “mulheres” mencionadas em Atos 1:14, as quais recebem o Espírito Santo durante o Pentecostes.

Maria, mãe de Jesus, é mencionada no livro dos Atos e aludida no livro do Apocalipse como “uma mulher vestida do sol”, mas não há registro de seu destino. Em 1º de novembro de 1950, a Igreja Católica Romana decretou sua “ascensão aos céus”. O papa Pio XII observou que Maria, “tendo concluído sua trajetória na vida terrena, ascendeu de corpo e alma à glória celestial”.[\[87\]](#)



Seis anos depois de lavar as mãos em relação à execução do Nazareno, Pôncio Pilatos interveio em outro caso envolvendo um messias – e dessa vez isso lhe custou sua posição de governador. O pregador era um samaritano que havia se isolado em um santuário no topo do monte Gerizim. Preocupado com a legião crescente de seguidores do homem, Pilatos esmagou o movimento com soldados romanos fortemente armados. Isso resultou em muitas mortes e fez com que Pilatos fosse chamado a Roma para explicar sua atitude. Ele acreditava que seu apelo seria ouvido pelo **imperador Tibério**, seu amigo. Mas, quando Pilatos chegou a Roma, Tibério havia falecido em decorrência de uma doença ou de estrangulamento – os historiadores romanos não são unânimes quanto ao assunto. Seja como for, o devasso imperador de 77 anos estava morto. O historiador Eusébio, do século IV, afirma que Pilatos foi posteriormente obrigado a cometer suicídio, tornando-se “seu próprio carrasco”. Onde e como Pilatos morreu ainda é alvo de controvérsias. Há relatos de que ele se afogou no rio Rhône, nos arredores da atual cidade francesa de Vienne. Ainda existe um monumento romano no coração dessa cidade, que é geralmente chamado de “Túmulo de Pilatos”. Outra versão é que ele teria se jogado em um lago próximo de Lausanne, no que hoje é a Suíça, onde acredita-se que o monte Pilatus tenha sido batizado com esse nome em sua homenagem. Existem também boatos de que Pilatos e sua esposa, Cláudia, teriam se convertido ao cristianismo e sido assassinados por sua fé. Quer isso seja verdade ou não, a Igreja Católica Copta e a Etíope o veneram como mártir.



Tibério foi substituído por **Calígula**, de 24 anos, filho do filho adotivo e já falecido de Tibério, Germânico. Calígula esbanjou rapidamente quase toda a fortuna que herdou de Tibério – em parte extorquida dos camponeses da Galileia. Governou por apenas quatro anos antes de ser assassinado a punhaladas de forma assustadoramente semelhante ao grande Júlio César. Ele foi sucedido pelos imperadores Cláudio e Nero, que deram continuidade às políticas nocivas que acabariam por levar à queda de Roma. Isso ocorreu 400 anos depois, em 476 d.C., quando o Império Romano foi derrubado pelas tribos germânicas. Contudo, muito antes do colapso do império, Roma já tinha dado as costas aos seus deuses pagãos e começado a adorar Jesus Cristo. O cristianismo foi oficialmente legalizado em todo o Império Romano em 313, com o Édito de Milão.



Com a morte de Pilatos, **Caifás** perdeu seu único aliado político romano. Ele possuía muitos inimigos em Jerusalém, e logo foi substituído como sumo sacerdote do Templo. Então saiu de cena e desapareceu nos vãos da História. Suas datas de nascimento e morte são desconhecidas. No entanto, em 1990, um ossário contendo seus restos mortais foi descoberto em Jerusalém. Eles estão atualmente expostos no Museu de Israel.



Herodes Antipas sempre foi bem versado em intrigas palacianas, mas isso acabaria por causar sua ruína. Seu sobrinho Agripa era conhecido por ser amigo próximo do imperador romano Calígula. O historiador judeu Josefo relata que, quando Antipas cometeu a tolice de pedir a Calígula que o nomeasse rei em vez de tetrarca (uma sugestão de sua esposa, Herodias, que continuava a envolvê-lo em problemas), foi Agripa quem apresentou a denúncia de que seu tio estava tramando executar Calígula. Como prova, Agripa indicou o enorme arsenal à disposição do exército do suposto

golpista. Assim, Calígula ordenou que Antipas passasse o resto da vida exilado na Gália. Sua fortuna e seus territórios foram entregues a Agripa. Herodias acompanhou o antigo tetrarca até a região que atualmente pertence à França. Os dois viveram seus últimos anos em Lugdunum, que muitos acreditam ser o local onde fica a Lyon dos dias modernos.



A tensão entre Roma e o povo judeu não diminuiu após a crucificação injusta de Jesus. Em 66 d.C. os judeus entraram em conflito com o exército de ocupação romano e assumiram o controle de Jerusalém. O regime tributário foi um componente fundamental dessa rebelião. Contudo, os romanos não aceitaram a derrota. Já no ano de 70 d.C. eles haviam cercado a cidade com quatro legiões romanas (que incluíam a lendária Legio X Fretensis, cujas forças se encontravam reunidas no Monte das Oliveiras), deixando-a em estado de sítio. Peregrinos que chegavam para celebrar a Páscoa recebiam permissão para entrar na cidade – e então eram proibidos de sair, o que aumentou consideravelmente a pressão sobre os suprimentos de água e alimentos limitados de Jerusalém. Algo em torno de 600 mil a 1 milhão de homens, mulheres e crianças ficaram presos entre os muros da cidade. Os que tentavam escapar eram prontamente crucificados, e suas cruzes, erguidas nas colinas próximas para que os moradores de Jerusalém testemunhassem o destino que os aguardava. Milhares foram pregados à cruz durante o cerco. Os romanos chegaram a ficar sem madeira. Árvores tiveram que ser derrubadas e transportadas por longas distâncias até Jerusalém para dar vazão ao número excessivo de crucificações. Alguns dos que tentavam fugir não eram crucificados, mas tinham o corpo aberto para que os romanos pudessem vasculhar suas vísceras, pois acreditava-se que muitos dos habitantes de Jerusalém haviam engolido seu ouro antes de escapar.

Quando os romanos finalmente invadiram a cidade, a destruição foi completa. Os judeus remanescentes foram executados ou escravizados. O Templo foi incendiado e grande parte da cidade foi demolida. Ela nunca mais seria reconstruída.

Escavações recentes localizaram algumas das ruas e casas da época de Jesus sob as ruínas, permitindo que visitantes refaçam seus passos e examinem como era a vida em Jerusalém naquele período. Vale notar que a

Via Dolorosa^[88] só seria estabelecida séculos mais tarde, e não existia quando Jesus era vivo.

O verdadeiro trajeto de Jesus teve início no palácio de Herodes, próximo de onde fica atualmente o Portão de Jaffa. Ele termina na Basílica do Santo Sepulcro, que supostamente foi construída sobre o Gólgota e próximo da tumba de Jesus. Nos dias de hoje, turistas podem não só visitar o local, mas também tocar o ponto em que se acredita que a cruz de Jesus tenha estado.



Em 132 d.C., com a cidade de Jerusalém ainda não completamente reconstruída, houve uma segunda insurreição contra os romanos conhecida como a Revolta de Bar Kokhba. A princípio, o imperador Adriano havia se mostrado favorável aos judeus, permitindo que eles voltassem a Jerusalém e reconstruíssem o Templo. Mas ele logo mudou de ideia, preferindo reinventar o local de adoração como um magnífico complexo pagão dedicado a ele próprio e ao deus romano Júpiter. Adriano não só proibiu que judeus participassem da reconstrução, como também começou a deportá-los para o Egito e o norte da África. A rebelião judaica atingiu uma proporção tal que a Judeia se tornou o principal foco das atividades militares romanas, com legiões inteiras sendo enviadas à região para sufocar a revolta. Quando o conflito chegou ao fim, além de quase 600 mil judeus terem sido massacrados e cerca de mil vilarejos destruídos, práticas religiosas como a leitura da Torá, a realização de circuncisões e o costume de guardar o sábado foram tornadas ilegais.

Durante vários séculos, os judeus da Judeia foram rotineiramente perseguidos, mesmo depois que o Império Romano se tornou cristão no século IV. Em 637 d.C., forças muçulmanas derrotaram o exército bizantino e majoritariamente cristão que ocupava Jerusalém. Os muçulmanos então construíram uma mesquita no lugar do antigo Templo judeu. Enquanto ela estiver ali, as esperanças dos judeus de reconstruírem o Templo em seu local de origem não poderão ser concretizadas. A mesquita de Al-Aqsa e o templo próximo dela conhecido como o Domo da Rocha datam de 705 e 691 d.C., respectivamente.

Após a destruição pelos romanos, Jerusalém se tornou uma cidade devastada. Mesmo assim, ao longo dos séculos, os judeus têm voltado a ela, apesar das várias tentativas de rechaçá-los dali. No recente ano de 1948, o exército da Jordânia expulsou até o último judeu da cidade milenar, matando todos os que se recusaram a ir embora. Finalmente, uma vez terminada a Guerra dos Seis Dias, em 10 de junho de 1967, mais de 2 mil anos depois de os romanos a terem destruído, toda a cidade de Jerusalém estava outra vez nas mãos dos judeus.

É interessante notar que, em muitas de suas parábolas, Jesus de Nazaré fez previsões duras para a cidade de Jerusalém. É inquestionável que elas se tornaram realidade.

P O S F Á C I O

Tanto Martin Dugard quanto eu aprendemos muito enquanto pesquisávamos para este livro e o escrevíamos. Mas uma pergunta intrigante e um fato inescapável se destacam. Primeiro, a pergunta: por que milhares de pessoas comuns foram em busca de Jesus de Nazaré? A maioria delas não podia sequer ouvir sua pregação, uma vez que as grandes multidões que cercavam Jesus eram cerradas demais para permitir uma interação pessoal. Então por que elas continuavam vindo? Qual era o segredo de Jesus para levar tantas pessoas a deixar de lado suas tarefas cotidianas para estarem perto dele?

Cristãos atribuem a popularidade de Jesus à sua mensagem de amor, esperança e verdade, mas também às suas curas milagrosas. Mas até mesmo os céticos se veem forçados a admitir que algo extraordinário estava acontecendo na Galileia.

Em segundo lugar, não há dúvida de que Jesus de Nazaré é o ser humano mais famoso que já existiu. Mas ele não tinha nenhuma infraestrutura. Não contava com o apoio de nenhum governo. Não era patrocinado por nenhuma corporação. Ele e seus discípulos dependiam apenas da caridade de estranhos para obter comida e abrigo, e sua organização não passava de uma dúzia de seguidores fiéis. Na história da humanidade, ninguém jamais obteve fama mundial sem nenhum tipo de recursos externos.



Desde sua morte, Jesus vem exercendo uma influência contínua ao longo da História. A legalização do cristianismo pelo Império Romano, em 313 d.C., logo acarretou sua expansão por todo o mundo ocidental. Somente quando o profeta Maomé fundou a religião islâmica em 610 o cristianismo passou a ter uma concorrência significativa em termos de números de fiéis. Maomé considerava Jesus um profeta, conforme suas palavras citadas no

Alcorão: “E quando Jesus lhes apresentou as evidências, disse: ‘Trago-vos a sabedoria, para elucidar-vos sobre algo que é objeto das vossas divergências. Temei, pois, a Deus, e obedeei-me!’”

Nos Estados Unidos, George Washington usou o cristianismo como forma de unir seu exército colonial, afirmando em sua Primeira Ordem Geral às tropas: “Cada oficial ou homem deve buscar viver e agir de maneira condizente com um soldado cristão, defendendo os direitos e liberdades mais preciosos do seu país.”

Abraham Lincoln também se referiu a Jesus em um contexto de guerra: “Quando fui a Gettysburg e vi as covas de nossos cavalos mortos, que caíram em defesa deste país, nesse mesmo instante eu me consagrei a Jesus Cristo.”

O Dr. Martin Luther King Jr. naturalmente baseou todo o seu ministério e sua luta pelos direitos civis nos ensinamentos de Jesus. Além disso, sua filosofia de não violência foi inspirada, em parte, no martírio de Jesus. Sobre seus inimigos, Dr. King disse o seguinte: “Simplesmente continue a amá-los. E, pelo poder de seu amor, eles sucumbirão. Pois assim é o amor. Ele é redentor, e é por isso que Jesus o escolheu como mensagem. O amor é fecundo, construtivo. O ódio é infértil, destrutivo. Então, ame os seus inimigos.”^[89]

O presidente Ronald Reagan versou sobre o mesmo tema: “Ele previu a chegada de uma noite escura, interminável. E, ao morrer por nós, Jesus nos mostrou até onde o nosso amor deve estar preparado para ir – até o fim.”^[90]



Após concluirmos *Killing Lincoln* e *Os últimos dias de John F. Kennedy*, Martin Dugard e eu ficamos entusiasmados com a ideia de embarcar neste projeto. Mas escrever *Os últimos passos de Jesus* foi muito difícil. Nós tivemos que separar os fatos dos mitos, baseando-nos em uma série de fontes – e algumas delas não eram exatamente imparciais. Mas acredito que conseguimos trazer a você, leitor, um relato preciso não só de como Jesus morreu, mas também da maneira como viveu sua vida e como sua mensagem afetou o mundo.

Obrigado novamente por ler nosso livro.

F O N T E S

*Pesquisar e escrever um livro sobre a vida e a morte de Jesus foi muito mais intimidador do que qualquer um de nossos dois projetos anteriores. Não tínhamos como recorrer ao YouTube, que, no caso de *Os últimos dias de John F. Kennedy*, nos possibilitou assistir aos discursos do presidente Kennedy e a várias aparições públicas para então descrevê-los detalhadamente. Tampouco havia cobertura da mídia, como no tempo de Abraham Lincoln, o que nos permitiu extrair fatos de descrições jornalísticas dos eventos relatados em *Killing Lincoln*. E, embora a internet seja rica em informações sobre a vida e a época de Jesus, essas informações são muitas vezes contraditórias, pois dependem da teologia de quem as veicula; boatos são frequentemente citados como verdades; ou uma determinada informação acaba por se mostrar totalmente equivocada quando consultamos outras fontes para confirmá-la.*

Portanto, a pesquisa para *Os últimos passos de Jesus* nos obrigou a mergulhar em obras clássicas como os quatro Evangelhos e os escritos do historiador judeu Josefo. Essas fontes nos ofereceram um ponto de partida, dando-nos a base de que necessitávamos, mas então tivemos que recorrer a níveis mais profundos de pesquisa para que pudéssemos contar a história da forma mais detalhada possível.

A crucificação, por exemplo, foi amplamente registrada. Mas, para contar como era morrer na cruz, foi preciso apurar que tipo de madeira era usado para construir os crucifixos; quem eram os homens encarregados de pregar o condenado à cruz; quais eram os efeitos fisiológicos da crucificação sobre o corpo; e as origens desta forma terrível de execução – além de muitos outros detalhes que acabariam por ser arquivados como pormenores desnecessários ou incluídos no texto final.

Os registros históricos podem ser tão imediatamente acessíveis quanto os de tempos mais recentes, entretanto, os homens que escreveram a história desse período preocuparam-se em ser fiéis aos fatos e em relatar os

acontecimentos da forma mais completa possível. Os romanos tinham grande interesse em registrar sua época, chegando até a publicar uma gazeta diária conhecida como *acta diurna*, que era escrita à mão em Roma para ser afixada pela cidade afora e distribuída pelas várias províncias romanas. Ela incluía informações sobre acontecimentos de interesse geral, como crimes, casamentos e divórcios e a programação das próximas batalhas de gladiadores. Infelizmente, nem um só exemplar sobreviveu até os dias de hoje, mas a informação de que algo como a *acta diurna* existiu revela o compromisso dos romanos com os registros históricos.

Este é um livro que busca contextualizar a vida de Jesus, de modo que também foi necessário examinar a fundo uma série de outros dados paralelos para que pudéssemos descrever todo o entorno, desde o formato de um barco de pesca galileu até o tipo de telhado usado nas casas de Nazaré. No caso dessas informações, e de tantos outros detalhes sobre o período, temos uma enorme dívida com os homens e mulheres que dedicam a vida a pesquisar a historicidade dos tempos bíblicos.

E, como sempre, as viagens que fizemos desempenharam um papel fundamental em nossa pesquisa. Ver as mesmas coisas que Jesus viu, andar pelas mesmas ruas que ele percorreu (agora enterradas nos subterrâneos de Jerusalém, mas ainda acessíveis graças a escavações recentes), inclusive subir ao topo do Monte das Oliveiras e ter o privilégio de ver os muros do Templo dali – tudo isso contribuiu de forma imensurável para as descrições presentes neste livro. O impacto de ler uma versão dos acontecimentos como aquela presente nos Evangelhos e então estar em um dos exatos locais ali descritos para ganhar uma nova perspectiva sobre esse momento crucial da história do mundo é indescritível.

Há diversas versões e traduções diferentes da Bíblia disponíveis, desde a tradicional King James Version até a New Jerusalem Bible. Por uma questão de consistência, usamos apenas uma dessas versões, a Nova Versão Internacional, que oferece não só as palavras e descrições da vida de Jesus, mas também informações complementares que vão desde a altura do Templo até uma cronologia do ministério de Jesus.

Além dos autores judeus, gregos e romanos que já foram creditados no corpo do texto de *Os últimos passos de Jesus*, segue uma lista detalhada das várias fontes que consultamos. Embora extensa, esta lista não está de forma alguma completa e encontra-se agrupada por assunto.

Roma: *Rome and Jerusalem*, de Martin Goodman, é um livro fácil de ler e altamente recomendável, assim como *Rubicão: o triunfo e a tragédia da república romana*, de Tom Holland. Vários outros livros foram consultados para informações detalhadas sobre a vida na república romana e o cotidiano dos legionários. Dentre os principais estão *The Complete Roman Legions*, de Nigel Pollard e Joanne Berry, e *The Roman Army*, editado por Chris McNab, que oferecem um olhar fascinante não só sobre as vidas dos soldados e líderes romanos, mas também sobre a evolução de Roma de uma pequena cidade para um vasto império. *Roman Society and Roman Law in the New Testament*, uma coletânea de uma série de palestras de A. N. Sherwin-White, fornece uma visão mais acadêmica sobre o período, enquanto *Jerusalém – A biografia*, de Simon Sebag Montefiore, fornece um excelente panorama da relação conturbada entre Roma e a Judeia. *The Joy of Sexus*, de Vicki Leon, explora o desejo e o sexo no mundo romano. *Religions of Rome*, de Mary Beard, John North e Simon Price, analisa o tema da divindade de Júlio César. *Caesar*, de Theodore Dodge, descreve o massacre das tribos germânicas que tornou necessário o episódio do Rubicão. *Cleopatra to Christ*, de Ralph Ellis, e *Cleopatra the Great*, de Joann Fletcher, trazem diversas informações sobre Cleópatra.

E não há melhor maneira de gastar o tempo em uma viagem de avião transatlântica do que na companhia de *Crucifixion*, de Martin Hengel, e suas descrições incrivelmente detalhadas das maneiras como os romanos usavam a cruz para flagelar seus inimigos.

Líderes políticos da Judeia: Não estaríamos exagerando se disséssemos que Helen K. Bond é a maior autoridade no assunto, tendo analisado a fundo a vida de Pilatos e a de Caifás em seus livros *Pontius Pilate in History and Interpretation* e *Caiaphas: Friend of Rome and Judge of Jesus?* Sua erudição é cativante e as interpretações e informações que oferece são inestimáveis. *Herod*, de Peter Richardson, é simplesmente monumental, preenchendo as lacunas da vida de uma das figuras mais implacáveis da História. *The Army of Herod the Great*, de Samuel Rocca, oferece não só uma visão detalhada do exército de Herodes, como também ilustrações que representam desde as túnicas usadas pelos sacerdotes do Templo até os cortes de cabelo e armas dos soldados. *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*, de Anthony Saldarini, lança um olhar acadêmico

minucioso não só sobre esses complexos grupos de indivíduos, como também sobre a vida na Judeia e na Galileia.

Jesus histórico: Existe todo um campo de estudos dedicado a essa interpretação do Nazareno, que busca contextualizar os Evangelhos para melhor compreender a vida de Jesus. Este viés possibilitou uma série de avanços na era moderna no que diz respeito à historicidade de Jesus e um maior entendimento dos Evangelhos e de sua estrutura narrativa. Algumas recomendações de leitura: *Jesus Under Fire: Modern Scholarship Reinvents the Historical Jesus*, editado por Michael J. Wilkins e J. P. Moreland; *Studying the Historical Jesus: A Guide to Sources and Methods*, de Darrell L. Bock; *O Jesus dos Evangelhos: mito ou realidade?*, editado por Paul Copan; e *The Historical Jesus of the Gospels*, de Craig S. Keener, também autor da obra em dois volumes *Miracles*. Outro estudo em dois volumes que vale a leitura é *A morte do messias*, de Raymond E. Brown. Assim como *Jesus of Nazareth, King of the Jews*, de Paula Fredriksen, e *The Resurrection of Jesus: A New Historiographical Approach*, de Michael R. Licona. *The Sage of Galilee*, de David Flusser e R. Steven Notley, é também altamente recomendável. Uma visão mais teológica de Jesus pode ser encontrada no penetrante e denso *Cristianismo puro e simples*, de C. S. Lewis.

A crucificação e os últimos dias de Jesus: Além das versões detalhadas e arrepiantes dos acontecimentos registradas nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, recomendamos a leitura dos seguintes livros: *The Trial of Jesus*, editado por Ernst Bammel; *Jesus, The Final Days*, de Craig Evans e N. T. Wright; e *Os últimos dias de Jesus*, de Shimon Gibson. Todas essas obras são repletas de nuances, detalhes e pontos de vista singulares. E, para uma descrição mais explícita da morte na cruz, o leitor talvez queira consultar *The Crucifixion of Jesus: A Forensic Inquiry*. Entre outros detalhes clínicos, o texto inclui fotografias da reconstituição de uma crucificação. Obviamente, não é para leitores de estômago fraco.

A G R A D E C I M E N T O S

Sempre é preciso muita ajuda quando se escreve um livro tão complexo. Neste caso, Makeda Wubneh, Eric Simonoff, Stephen Rubin e Gillian Blake ofereceram uma enorme colaboração, pela qual sou imensamente grato.

– Bill O’Reilly

Meus sinceros agradecimentos a Eric Simonoff por seu aconselhamento sutil e por seu gênio literário. A Stephen Rubin e Gillian Blake, na Holt. A Denny Bellessi, por todo o incentivo. A Bill O’Reilly, o melhor coautor do mundo. E, como sempre, a Callie.

– Martin Dugard

C R É D I T O S D A S I L U S T R A Ç Õ E S

Mapas de Gene Thorp

[1ª imagem Capítulo 1](#): Coleção particular de Bill O'Reilly

[2ª imagem Capítulo 1](#): Snark/Art Resource, NY

[1ª imagem Capítulo 2](#): © Image Asset Management/age fotostock

[2ª imagem Capítulo 2](#): akg-images

[3ª imagem Capítulo 2](#): Bettmann/Corbis

[4ª imagem Capítulo 2](#): bpk, Berlim/Niedersaechsisches Landesmuseum,
Hannover, Alemanha/Hermann Buresch/Art Resource, Nova York

[1ª imagem Capítulo 3](#): © Universal Images Group/SuperStock

[1ª imagem Capítulo 5](#): Coleção particular de Bill O'Reilly

[2ª imagem Capítulo 5](#): Ilustração de Shalum Shalumov

[3ª imagem Capítulo 5](#): DeAgostini/Getty Images

[1ª imagem Capítulo 7](#): © H-D Falkenstein/imagebroker/age fotostock

[1ª imagem Capítulo 9](#): Interfoto/Sammlung Rauch/Mary Evans

[2ª imagem Capítulo 9](#) © SuperStock

[1ª imagem Capítulo 16](#): Ilustração de Shalum Shalumov

[2ª imagem Capítulo 16](#): FPG/Archive Photos/Getty Images

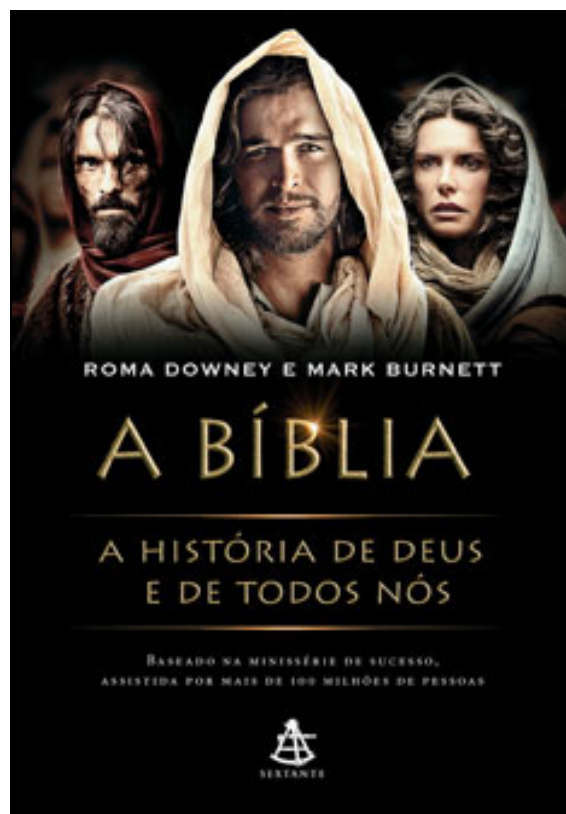
Pesquisa das ilustrações, Laura Wyss e Wyssphoto, Inc.

SOBRE OS AUTORES

BILL O'REILLY é apresentador de um dos programas mais assistidos da TV a cabo americana, o *The O'Reilly Factor*, transmitido no Brasil pela Fox News. Também escreve colunas jornalísticas e é autor de sucessos como *Killing Lincoln* e *Os últimos dias de John F. Kennedy* (publicado pela L&PM Editores). Bill O'Reilly é um dos comentaristas políticos mais famosos dos Estados Unidos.

MARTIN DUGARD é historiador e autor de vários livros sobre acontecimentos históricos. É coautor de *Killing Lincoln* e *Os últimos dias de John F. Kennedy*. Atualmente mora no sul da Califórnia com a mulher e três filhos.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA SEXTANTE



A Bíblia – A história de Deus e de todos nós

ROMA DOWNEY E MARK BURNETT

Desde crianças, estamos acostumados a ouvir as histórias da Bíblia. Mesmo que nunca tenhamos parado para ler o livro sagrado, a saga de homens como Noé, Sansão, Moisés e Jesus sempre povoou nosso imaginário. São relatos incríveis, repletos de guerras, traições, dramas e romances.

A leitura da Bíblia, no entanto, pode parecer cansativa, pois ela foi escrita há muitos séculos, numa linguagem rebuscada e cheia de parábolas. Assim, essas histórias extraordinárias acabam afastando aqueles que têm interesse em conhecê-las mais a fundo.

Foi pensando em resgatar essas passagens mais emocionantes que Roma Downey e Mark Burnett escreveram o roteiro para uma série de televisão. Ao mostrá-lo para algumas pessoas, todas ficaram fascinadas e disseram coisas como “Eu nunca tinha conseguido imaginar as histórias da Bíblia com tanta clareza” e “Vocês deveriam publicar este roteiro”.

Os autores resolveram aceitar o desafio e transformaram o roteiro da minissérie em um romance. E assim nasceu *A Bíblia: A história de Deus e de todos nós*.

Este livro conta a trajetória bíblica de uma forma que você nunca viu. A partir da vida de alguns dos personagens mais importantes do Antigo e do Novo Testamento, ele traz detalhes da busca do povo judeu pela Terra Prometida, das dez pragas do Egito e a travessia pelo Mar Vermelho, das profecias de Samuel, da traição de Davi e seu romance com Bate-Seba, do ministério de Jesus e da perseguição que ele enfrentou até o dia de sua morte.

Com uma narrativa ágil e emocionante, este livro vai fazer você olhar a Bíblia com outros olhos – não apenas como a história da criação da humanidade, mas como um romance que você não consegue largar.



A História – A Bíblia contada como uma só história do começo ao fim

THE ZONDERVAN CORPORATION

A Bíblia é o livro mais vendido de todos os tempos. Acredita-se que já foram comercializados mais de 5 bilhões de exemplares. Mas são poucas as pessoas que já a leram inteira, do começo ao fim.

Isso acontece porque, além de usar uma linguagem metafórica e complexa, os textos que a compõem não foram escritos por um único autor nem de forma linear, e foram produzidos em momentos históricos completamente diferentes, ao longo de mais de mil anos.

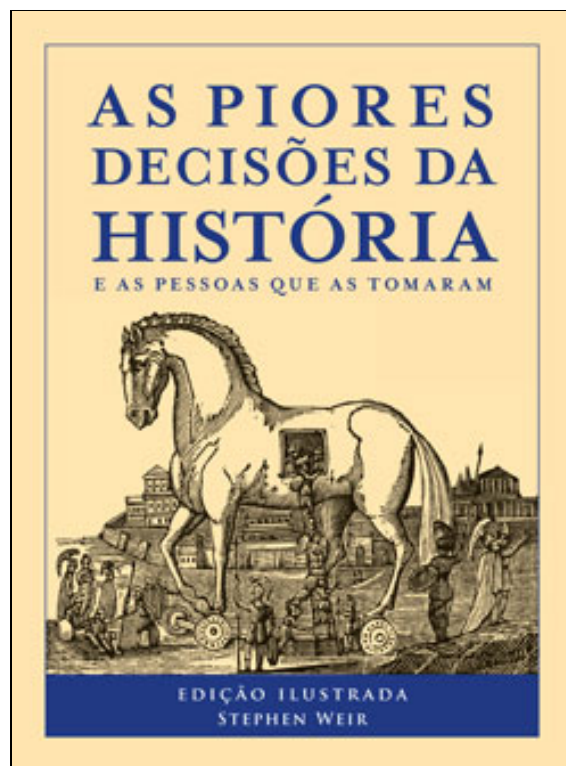
Por todos esses motivos, muita gente que tem vontade de ler os textos sagrados não o faz, sem saber por onde começar. Se você é uma dessas pessoas, finalmente vai ter a chance de conhecer as Escrituras e

compreender a sequência dos acontecimentos e o contexto em que estão inseridos.

Compilando toda a história bíblica em capítulos curtos e organizando-os em ordem cronológica, este livro utiliza trechos retirados da própria Bíblia, o que significa que não se trata de uma interpretação ou de uma releitura. O que você vai encontrar nestas páginas é a Bíblia, porém estruturada de forma mais simples e direta.

Trazendo notas explicativas, uma lista dos personagens com suas biografias, comentários e perguntas para reflexão, este livro é um valioso instrumento para todos aqueles que sempre quiseram estreitar seu relacionamento com Deus mas não conseguiam compreender a sua palavra.

Repleto de amor, ódio, guerra, dramas e milagres, *A História* conta a nossa história – a mais bela e transformadora de todos os tempos.



As piores decisões da história

STEPHEN WEIR

Você certamente conhece muitas das histórias presentes neste livro. Afinal, a Primeira Guerra Mundial, a disseminação da aids, a partilha da África, a queda do Império Britânico e o bug do milênio são assuntos dos quais todos já ouviram falar.

Mas o que talvez você não saiba é que esses e outros acontecimentos que marcaram a história da humanidade foram fruto de grandes erros. Não apenas de decisões equivocadas, mas de falhas monumentais a ponto de gerar resultados realmente graves, muitas vezes destruindo vidas, dinastias ou cidades inteiras.

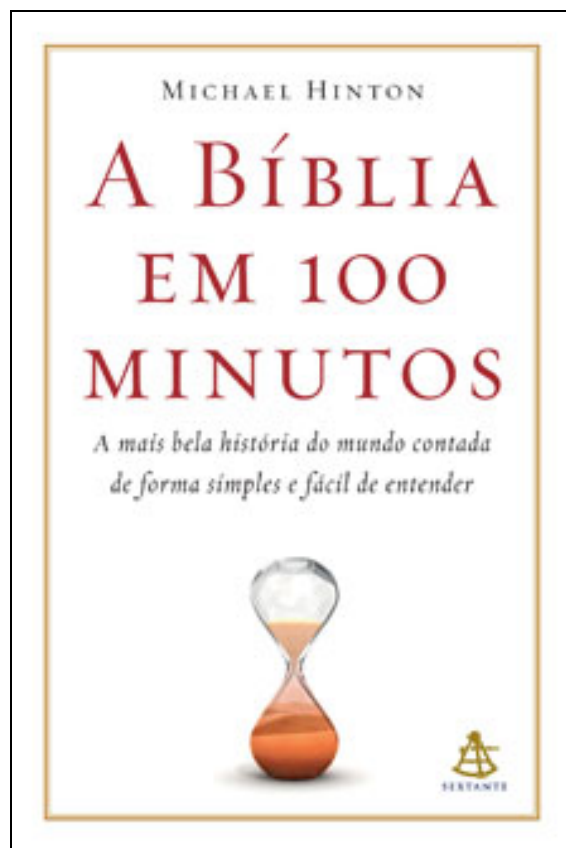
Neste livro, Stephen Weir apresenta alguns desses erros grotescos, explicando as motivações por trás deles e as consequências de cada um. De famosas figuras do passado, como Cleópatra e Nero, a personagens recentes,

como Winston Churchill e Robert Mugabe, você vai conhecer os autores das piores decisões da história.

Escolhas erradas às vezes são feitas com boas intenções. E você verá neste livro que até a fé, a caridade e a esperança podem resultar em situações catastróficas. Mas ficará óbvio que grandes erros aliados a motivações duvidosas só podem terminar mal.

Em *As piores decisões da história*, você vai descobrir:

- Por que os governos asiáticos concluíram que os tsunamis não justificavam as despesas com sensores de alarmes.
- Por que os cruzados percorreram milhares de quilômetros para se juntar ao exército de um líder cristão que, na verdade, não existia.
- Como o empresário Gerald Ratner destruiu todo o seu império com apenas um comentário impensado.
- Como um caminho errado e um sanduíche contribuíram para o estopim da Primeira Guerra Mundial.
- De que forma a falta de um hífen quase pôs fim ao programa espacial americano.



A Bíblia em 100 minutos

MICHAEL HINTON

A Bíblia é o livro mais conhecido do mundo, mas a complexidade de sua linguagem faz com que poucas pessoas consigam lê-la do começo ao fim e compreendê-la por completo.

Para nos ajudar a entender melhor a história do cristianismo, o reverendo Michael Hinton nos apresenta um livro claro e acessível, que resume as passagens mais importantes das Escrituras Sagradas, desde o Gênesis até o Apocalipse.

Estruturado em 50 capítulos curtos, *A Bíblia em 100 minutos* relata as narrativas bíblicas essenciais de forma tão simples que a maioria das pessoas consegue ler em menos de duas horas.

Com uma linguagem moderna e objetiva, este livro é útil tanto para os cristãos que nunca conseguiram compreender a Bíblia quanto para aqueles que querem conhecer um pouco mais sobre a trajetória de Jesus e o impacto que ele teve sobre a humanidade.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA SEXTANTE

1.000 lugares para conhecer antes de morrer, de Patricia Schultz

A última grande lição, de Mitch Albom

As 25 leis bíblicas do sucesso, de William Douglas e Rubens Teixeira

Conversando com os espíritos e Espíritos entre nós, de James Van Praagh

Desvendando os segredos da linguagem corporal e Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?, de Allan e Barbara Pease

Enquanto o amor não vem, de Iyanla Vanzant

Faça o que tem de ser feito, de Bob Nelson

Fora de série – Outliers, de Malcolm Gladwell

Jesus, o maior psicólogo que já existiu, de Mark W. Baker

Mantenha o seu cérebro vivo, de Laurence Katz e Manning Rubin

Mil dias em Veneza, de Marlena de Blasi

Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss

Não tenha medo de ser chefe, de Bruce Tulgan

Nunca desista de seus sonhos e Pais brilhantes, professores fascinantes, de Augusto Cury

O monge e o executivo, de James C. Hunter

O poder do Agora, de Eckhart Tolle

O que toda mulher inteligente deve saber, de Steven Carter e Julia Sokol

Os segredos da mente milionária, de T. Harv Eker

Por que os homens amam as mulheres poderosas?, de Sherry Argov

Salomão, o homem mais rico que já existiu, de Steven K. Scott

Transformando suor em ouro, de Bernardinho

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.



www.sextante.com.br



facebook.com/esextante



twitter.com/sextante



instagram.com/edorasextante



skoob.com.br/sextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@esextante.com.br

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br

- 1 Na realidade, existem duas cidades chamadas Belém, e as duas podem ser o verdadeiro local da Natividade. A cidade natal do rei Davi está localizada a poucos quilômetros de Jerusalém. Investigações arqueológicas revelaram que ela era um vilarejo muito pequeno ou um local praticamente desabitado na época em que Jesus nasceu. A segunda localidade fica na Galileia, a cerca de 6,5 quilômetros de Nazaré. Os defensores desta última acreditam que Maria, com a gravidez avançada, teria tido muita dificuldade para caminhar os 150 quilômetros de Nazaré até o primeiro local. Defensores da localidade tradicional indicam a profecia bíblica de que Jesus nasceria na Cidade de Davi, que é a Belém mais próxima de Jerusalém. O fato de Maria e José terem levado Jesus ao templo em Jerusalém oito dias depois do nascimento e novamente no quadragésimo dia também pesaria a favor do local tradicional.
- 2 Genocídios eram comuns no Mundo Antigo. “Ele rasga o ventre de mulheres grávidas; ele cega as crianças”, diz um poema assírio milenar. Com frequência, eles eram considerados eticamente justificáveis se a matança fosse por vingança ou para frustrar os planos de um adversário hostil.
- 3 A terra natal dos judeus se chamava Israel, uma “terra prometida” que Deus ofereceu aos seus fiéis. A região norte desse reino foi tomada em 722 a.C. pelos filisteus, e os babilônios conquistariam a região sul mais tarde. Depois da conquista romana em 63 a.C., a área ao redor de Jerusalém passou a ser chamada de Judeia. Toda a região, inclusive a Galileia, era parte administrativa da província romana da Síria, e os termos *Israel* e *Palestina* não eram usados na época de Jesus. O nome *Israel* voltou a ser usado somente quando o Estado judeu independente foi fundado em 14 de maio de 1948 – quase 4 mil anos depois de os primeiros judeus chegarem à Terra Prometida.
- 4 Em ordem, as profecias estão em Números 24:17, Miqueias 5:2-5, Jeremias 23:5 e Isaías 9:7, Salmos 72:10-11 e Isaías 7:13-14.
- 5 São três os textos principais da tradição judaica: o Tanakh, a Torá e o Talmude. O Tanakh é a compilação canônica das Escrituras judaicas e aparentemente foi reunido 500 anos antes do nascimento de Cristo. Também conhecido como a Bíblia Judaica, os cristãos se referem a ele como o Velho Testamento. A Torá é composta pelos primeiros cinco livros do Tanakh: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. O Talmude foi escrito cerca de 600 anos depois, após a queda do Templo em 70 d.C. Os ensinamentos, as filosofias e os comentários rabínicos foram compilados de modo que pudessem ser transmitidos na forma escrita, em vez de oral.
- 6 Em 1991, *The Quarterly Journal of the Royal Astronomical Society* (volume 32, páginas 389-407) apontou que astrônomos chineses haviam observado um cometa de cauda longa que se movia devagar pelo céu durante o mês de março do ano 5 a.C. Essa *sui-hsing*, ou “estrela”, passou mais de 70 dias na constelação de Capricórnio. Esse mesmo cometa teria sido visível nos céus da Pérsia, de onde vinham os Magos, nas horas anteriores ao amanhecer. Graças ao movimento orbital da Terra, a luz do cometa teria estado bem em frente aos Magos durante sua jornada – portanto, eles teriam realmente seguido a estrela.
- 7 O mês de março coincide com as descrições presentes no Evangelho de pastores cuidando de seus rebanhos nas colinas, já que essa também é a época em que as ovelhas estão dando cria. O dia 25 de dezembro, que atualmente celebramos como a data de nascimento de Jesus, foi escolhido pelos romanos depois que o império se tornou cristão no século IV. A nomenclatura em inglês, *Christmas*, vem de *Christes maesse*, ou missa em homenagem ao nascimento de Cristo. Para os romanos, essa data marcava o fim de um feriado pagão orgiaco conhecido como Saturnália. Uma

vez deixados de lado seus costumes mais libidinosos, fazia sentido substituir essa celebração pela comemoração do nascimento de seu novo salvador.

- 8 Ana é referida como “profetisa” no Evangelho de Lucas, o que faz dela a única mulher no Novo Testamento a ser digna de tal honra. Isso significa que ela via coisas que pessoas comuns não eram capazes de enxergar, além de também indicar que Ana estava acima de Simeão, que é tratado pelo mesmo autor apenas como “justo e piedoso”. Lucas também menciona o nome da tribo de Ana, a tribo de Aser, o que a torna uma raridade entre os personagens do Novo Testamento.
- 9 A idade exata de Jesus quando morreu é foco de grande controvérsia, mas a conclusão de que ele nasceu em algum momento da primavera do ano 6 ou 5 a.C. se baseia em claras evidências históricas, uma vez que Herodes, o Grande morreu em 4 a.C. Jesus morreu no 14º dia de nisã, o sétimo mês do calendário judaico. O início anual da Páscoa depende do calendário lunar, de modo que é possível determinar que sua morte tenha ocorrido em uma sexta-feira entre os anos 27 e 30 d.C. A História demonstra que Jesus foi executado quando Pilatos e Caifás governavam a Judeia, o que ocorreu entre 26 e 37 d.C.; isso torna o ano de 30 d.C. e sua idade no momento da morte logicamente aceitáveis, embora esses dados ainda sejam alvo de muitos debates.
- 10 Os fatos, citações e histórias mais reveladores acerca de Jesus que conhecemos vêm dos quatro Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Atualmente muitos contestam esses textos, mas, graças aos estudos acadêmicos e à arqueologia, há uma aceitação cada vez maior de seu valor histórico e de sua autenticidade em linhas gerais. Muitos estudiosos acreditam que o Evangelho de Mateus foi escrito em grego pelo apóstolo e ex-cobrador de impostos em algum momento entre os anos 50 e 70 d.C. O Evangelho de Marcos foi escrito por João Marcos, que era próximo de Pedro e muito provavelmente aprendeu sobre Jesus ouvindo as pregações do amigo. Os Evangelhos de Mateus e Marcos são incrivelmente semelhantes, o que gerou diversas especulações sobre quem usou o outro como referência. Lucas era amigo de Paulo, o fariseu que se converteu ao cristianismo e pregava com mais ardor do que os próprios apóstolos. O Evangelho de Lucas foi escrito para os gentios e tinha a salvação como tema central. O Evangelho de João foi escrito pelo próprio discípulo, com foco no evangelismo. Acredita-se que esse tenha sido o último Evangelho escrito em grego. Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são conhecidos como os Evangelhos Sinóticos, porque têm muitos pontos em comum. Os quatro Evangelhos juntos são conhecidos como os Evangelhos Canônicos, pois formam o cânone fundamental da fé cristã. João escreveu de forma independente em relação aos outros evangelistas, usando seu testemunho pessoal da mesma maneira que Mateus. Caso ele tenha de fato escrito seu Evangelho por último, então terá tido a última palavra sobre a vida de Jesus – não só confirmando o que os outros escreveram antes, mas instituindo a cronologia definitiva dos acontecimentos. O fato de João não só ter estado presente em cada um dos momentos cruciais do ministério de Jesus – sendo capaz de descrever as cenas com um rico repertório de imagens testemunhadas em primeira mão – como ter sido um dos maiores confidentes de Jesus entre os apóstolos (“aquele a quem Jesus amava”, vangloria-se ele em João 20:02, em mais um exemplo de como os discípulos disputavam prestígio e poder aos olhos de seu líder) só vem acrescentar força à sua narrativa.

¹¹ Após derrotar o rei Fárnaces II do Ponto em Munda, César proclamaria sua célebre frase: “*Veni, vidi, vici*” – “Vim, vi e venci”.

¹² Noroeste da Turquia, nos dias atuais.

- ¹³ Otaviano (posteriormente conhecido como César Augusto) usou durante a maior parte da vida o termo *divi filius* como forma de se autopromover. Dezenas de milhares de moedas foram cunhadas trazendo a sua imagem e esse título. Um dinar de prata cunhado em 38 a.C. chegava a retratar Júlio César de perfil, encarando o perfil de Otaviano. Ao lado de César está estampado o nome DIVINO JÚLIO e, ao lado de Otaviano, DIVINO FILHO.
- ¹⁴ Outro famoso lembrete para não se deixar capturar com vida viria anos depois, quando as legiões romanas perderam um combate decisivo para as tribos germânicas na Batalha da Floresta de Teutoburgo. Alguns dos soldados romanos foram forçados a entrar em cestos de vime e queimados vivos, enquanto outros foram colocados em altares e sacrificados aos deuses germânicos. O som de seus gritos levou o general romano Públio Quintílio Varo a cometer suicídio. Mais tarde os germânicos o decapitaram e enviaram sua cabeça a Roma para que ela fosse enterrada. Por ironia, o pai de Varo era um aliado dos conspiradores no golpe contra Júlio César e também se matou no campo de batalha em Filipos para não ser capturado com vida. O próprio Varo era infame por ter crucificado 2 mil judeus nas cercanias de Jerusalém para sufocar as rebeliões após a morte de Herodes, o Grande.
- ¹⁵ Uma casa típica em Nazaré era uma estrutura de um ou dois andares para uma só família, construída na encosta de uma colina de calcário. O chão era de terra nivelada com cinzas e barro, enquanto as paredes eram compostas de pedras empilhadas umas sobre as outras. Barro era usado para tapar as frestas e proporcionar isolamento. O telhado era plano e feito de madeira, palha, barro e cal. O piso inferior era usado como despensa, abrigo noturno para animais e para cozinhar, enquanto, no andar superior, a família dormia em colchões finos recheados de lã. Uma escada comunicava os dois pisos. Não havia banheiro nem encanamento dentro de casa.
- ¹⁶ A região de Áccio está localizada onde atualmente se encontra a cidade de Preveza, na Grécia ocidental, à beira do Mar Jônico. Há quem defenda que Marco Antônio foi persuadido a desistir do Império Romano após 10 longos anos de luta e recuar para o Egito para ficar com Cleópatra. Suas forças tinham sido dizimadas pela malária, e o moral do que restava de suas tropas nunca havia estado tão baixo. Essa teoria sugere que o objetivo da Batalha de Áccio era ocultar sua fuga. Caso isso seja verdade, Marco Antônio realizou uma das maiores farsas da História, em um estratagema que envolveu cerca 230 galés de guerra, vários milhares de arqueiros e 20 mil soldados. Toda a batalha foi travada no mar, terminando antes que a infantaria de Antônio pudesse enfrentar a de Otaviano em terra firme. Cleópatra, ainda agarrada à sua esperança de dominar Roma, estava presente, mas em outro navio, não o de Marco Antônio. Antes das fuga dos dois amantes, mais de 5 mil dos homens de Marco Antônio morreram e quase 200 galés foram capturadas ou afundadas.
- ¹⁷ A história de que Cleópatra se matou deixando que uma víbora (ou, segundo alguns, uma naja) picasse seu seio nu é apenas uma lenda. A mistura de ópio e cicuta também foi usada pelo filósofo Sócrates para dar fim à própria vida.

- ¹⁸ Deuteronômio 21:22-23: “Se um homem culpado de um crime que merece a morte for morto e pendurado num madeiro, não deixem o corpo no madeiro durante a noite. Enterrem-no naquele mesmo dia, porque qualquer que for pendurado num madeiro está debaixo da maldição de Deus.”
- ¹⁹ Em hebraico, “judeu” escreve-se Yehudi (יְהוּדִי), que originalmente significava habitante da *Yehuda* (Judaea), região que abrigava Jerusalém e o Templo. Mais tarde, passou a significar membro da religião de Yehuda, conforme mencionado por alguns dos últimos profetas, assim como em todo o livro de Ester. Os judeus então passaram a ser chamados de hebreus (עִבְרִיִּים), ou Filhos de Israel. Em grego e latim, eles eram chamados de *Ioudaioi* e *Iudaei*, respectivamente. Em hebraico, podiam ser chamados de *Israel*, ou Filhos de Israel, ou *Yehudim*.

- ²⁰ Claramente ninguém entendeu o que ele queria dizer naquele momento, mas é a partir dessa passagem de Lucas 2:49 que Jesus começa a desvendar o verdadeiro significado da expressão “Filho de Deus”. Uma observação importante, no entanto, é que a passagem inclui um recurso literário grego grafado como δεῖ, que significa “é necessário”. Lucas usa essa expressão oito vezes, de forma estratégica, no que diz respeito a Jesus. Ele faz alusão a uma relação “necessária” com o Pai, embora isso não venha acompanhado de nenhuma reação ou explicação. Com o desenrolar dos Evangelhos, o título passa a ganhar maior sentido à medida que as afirmações e os atos de divindade de Jesus ficam mais evidentes – mas, apesar dessas referências, os discípulos e as demais pessoas não compreendem a magnitude do que ele está dizendo.
- ²¹ Os Evangelhos afirmam claramente que Jesus tinha quatro irmãos: Tiago, José, Judas e Simão. Eles também mencionam a existência de irmãs, mas não especificam quantas. A Igreja Católica Romana acredita que Maria permaneceu virgem durante toda a sua vida. Esse dogma foi apresentado pela primeira vez por Simeão, um dos mais antigos líderes da Igreja, quatro séculos depois de Jesus. A Igreja considera que os irmãos mencionados pelos Evangelhos são na verdade primos de Jesus. Os cristãos ortodoxos do leste acreditam que eles eram meios-irmãos trazidos para o casamento por José, que era viúvo antes de se casar com Maria. A maioria das demais vertentes cristãs acredita que Maria não permaneceu virgem pelo resto da vida e que Jesus teve de fato irmãos e irmãs.
- ²² Números 15:38. Ver também Deuteronômio 22:12: “Faça borlas nas quatro pontas do manto que você usa para cobrir-se.”
- ²³ Judas de Gamala, um galileu, não deve ser confundido com Judas da Galileia, que fomentou uma rebelião após a morte de Herodes no ano 4 a.C. Trata-se de indivíduos diferentes, mas alguns registros históricos confundem os dois. Ambos sofreram mortes terríveis por conta de suas insurreições. Ninguém sabe exatamente como Judas de Gamala foi executado, mas o mais provável é que tenha sido crucificado. E, embora Roma praticasse quase exclusivamente esse estilo de execução nessa época, a crucificação certamente já fazia parte da tradição judaica. Em um exemplo notório, Josefo escreve que o governante judeu Alexandre Janeu teria crucificado cerca de 800 fariseus no ano 88 a.C. (Note-se que os registros históricos confirmam que os dois filhos de Judas de Gamala foram crucificados.)

- ²⁴ Esses são os principais grupos religiosos da época. Os fariseus são rígidos quanto à lei religiosa; os saduceus são igualmente devotos, porém mais ricos e de pensamento mais liberal, enquanto os levitas são uma tribo de sacerdotes e guardas do Templo que descendem diretamente de Levi, um dos filhos do patriarca Jacó.
- ²⁵ Isso é uma referência à prática habitual de melhorar as estradas antes da viagem de um rei de uma região a outra. Os vales são aterrados e caminhos tortuosos são retificados para que a jornada do rei seja o menos acidentada possível.
- ²⁶ O estandarte romano era a estátua de uma águia, ou *aquila*, situada sobre um poste de metal. No caso da controvérsia com Pilatos, um emblema com a imagem de Tibério era afixado logo abaixo do pássaro. O estandarte era o símbolo de uma legião e era carregado todo o tempo por um porta-estandarte (de onde vem o significado moderno de alguém que representa um ideal ou valor). Ser derrotado numa batalha era considerado uma forma terrível de humilhação. Quando antes de morrerem os legionários da Batalha da Floresta de Teutoburgo no ano 9 d.C. entregaram ao inimigo três estandartes (das legiões XVII, XVIII e XIX), o Império Romano varreu as regiões germânicas para tentar recuperá-los. No fim, tiveram sucesso. Vale notar que uma imagem de Jesus passaria a adornar os estandartes romanos a partir do século IV.
- ²⁷ O aparecimento dessa pomba é narrado nos quatro Evangelhos do Novo Testamento e pode ser visto como uma tentativa de acrescentar um claro simbolismo espiritual à narrativa. Mas, na verdade, todas as vezes que a palavra *pomba* é usada nos Evangelhos Canônicos e no Velho Testamento, ela faz referência ao pássaro em si – não à divindade. Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas (conhecidos como os Evangelhos Sinópticos) relatam que a pomba surgiu *após* o batismo de Jesus. Já segundo João, o pássaro teria pousado em Jesus antes. Os Evangelhos são uma combinação de tradição oral, fragmentos de registros por escrito da vida de Jesus e relatos de testemunhas oculares. Isso poderia explicar a discrepância. A aparição da pomba provavelmente coincidiu com o batismo de Jesus. No entanto, os Evangelhos foram escritos até 70 anos após a sua morte (Marcos no começo dos anos 50 d.C.; Lucas entre 59 e 63 d.C.; Mateus nos anos 70 d.C.; e João entre 50 e 85 d.C.). O fato de a pomba ter continuado a fazer parte da tradição oral de Jesus por tanto tempo indica que o surgimento do pássaro deve ter sido lembrado com muita clareza por todos os presentes.
- ²⁸ Este é um momento seminal para o ministério de Jesus por dois motivos. Em primeiro lugar, essas alusões remontam a Salmos 2:7 e Isaías 42:1, e possivelmente a Isaías 41:8. O Salmo 2 é um salmo régio e seu versículo 7 se refere essencialmente ao Messias, conforme validado pelos comentários de João Batista em Lucas 3:16. As referências a Isaías, especialmente em 42:1, são voltadas para o servo, que possui atributos proféticos e libertadores. Assim, o batismo une essas duas representações na figura do Messias/servo. Em segundo lugar, o batismo em si marca a confirmação divina do início do ministério de Jesus. Essa confirmação se dá tanto através da palavra divina dos céus quanto através da unção pelo Espírito.
- ²⁹ Para Antipas, trata-se de uma questão não apenas moral como também política. Segundo Josefo, a mulher da qual Antipas planejava se divorciar para se casar com Herodias era filha do rei Aretas IV da Nabateia. Esse acordo gerou grande tensão entre os reinos. Muitos dos súditos de Antipas na Pereia eram da etnia dos nabateus, portanto, mais leais a Aretas do que a ele. A captura de João Batista naturalmente agrava a situação – quando, mais tarde, Aretas derrotou Antipas em batalha, foi dito que Deus o havia castigado pelo que ele fizera ao profeta.

- ³⁰ Germânico morreu de uma doença misteriosa. Ele era um general popular, especialmente entre as legiões romanas. Foi responsável por vingar a derrota na Batalha da Floresta de Teutoburgo e por recuperar os estandartes capturados das legiões XVII, XVIII e XIX. Muitos julgavam que ele tentaria reclamar o trono após a morte de Augusto, mas ele se submeteu a Tibério. Circulavam boatos de que Tibério havia ordenado sua morte por ele ser uma ameaça à eventual ascensão de Druso ao trono. O rumor ganhou mais credibilidade quando Cneu Calpúrnio Pisão, o governador da Síria que seria julgado pela morte de Germânico, cometeu suicídio em vez de testemunhar perante a justiça. E, embora Germânico nunca tenha chegado a ser proclamado imperador, seu filho Calígula sucedeu Tibério no trono, tornando-se infame graças à sua devassidão, que excedia até mesmo a de seu antecessor.
- ³¹ Druso foi envenenado por sua esposa, Lívila, e o amante dela, Lúcio Élio Sejano. O plano foi executado de forma tão engenhosa que levaria oito anos para ser descoberto. Quando a verdade foi revelada, Lívila foi forçada a cometer suicídio por inanição. A morte de Sejano foi ainda mais horripilante. Ele havia conquistado grande poder em Roma graças ao exílio autoimposto do imperador em Capri. Em 18 de outubro de 31 d.C., após descobrir que Sejano havia assassinado Druso envenenando seu vinho, Tibério ordenou a prisão dele. Sejano foi estrangulado naquela mesma noite e seu corpo, atirado para uma multidão de observadores, que despedaçaram seu cadáver. Em seguida, todos os seus amigos e parentes foram caçados e também mortos. O filho e a filha de Sejano foram detidos em dezembro daquele ano e estrangulados. Quando Tibério foi informado de que a menina era virgem, o que, pela lei, impedia que ela fosse punida com pena de morte, ordenou que o carrasco amarrasse a corda em volta do pescoço dela, estuprasse a jovem Junila e somente depois que a menina fosse deflorada puxasse o laço para executá-la.

- ³² Não há consenso entre os estudiosos quanto à natureza exata do *karet*. Segundo Josefo, seria uma punição física, aplicada pelos homens. Outros consideravam que significava morrer bem antes da hora, provavelmente entre os 50 e os 60 anos, “por intervenção divina”. Existe, no entanto, a possibilidade de arrependimento sincero, que anula o *karet*.
- ³³ Uma recitação dos salmos 113 a 118. Como os versos são grandes demais para serem incluídos neste espaço reduzido, seus temas são, respectivamente: uma celebração da majestade e da misericórdia de Deus; um lembrete de que a Judeia é o santuário de Deus; um louvor ao Senhor como o único e verdadeiro Deus; uma prece de agradecimento a Deus pelo livramento da morte; um lembrete da lealdade eterna de Deus; e uma prece de agradecimento por se livrar dos inimigos. O termo *salmo* é de origem grega. Tradicionalmente, as palavras equivalentes em hebraico são *tehillim* (“louvores”) ou *tephillot* (“orações”). Existem 150 salmos ao todo, sendo o salmo 117 o mais curto, com apenas três versos.
- ³⁴ Até os dias de hoje, a unidade monetária israelense é chamada de shekel. Acredita-se que ela fosse feita de metais mais puros do que a moeda corrente no Império Romano, o denário. Um denário valia algo entre 10 e 16 *asses*, a menor unidade monetária em circulação na época. Denários eram geralmente de prata, estampados com a imagem do imperador que estivesse no poder. A taxa de conversão do denário para o shekel era normalmente de quatro para um.
- ³⁵ Antes de serem escritos, os Evangelhos eram histórias orais. Isso talvez explique algumas das discrepâncias entre eles. A história de Jesus e os cambistas é colocada no início do ministério de Jesus em João (2:14-22), enquanto Mateus (21:12-17), Marcos (11:15) e Lucas (19:45) a apresentam no final. Isso gerou especulações de que Jesus teria feito essa “limpeza” duas vezes, já que os detalhes desse relato diferem nos Evangelhos.
- ³⁶ Não há muita informação sobre Nicodemos, além do fato de ele ser um fariseu muito rico e membro do Sinédrio. O historiador Josefo faz menção a um certo Nicodemos ben Gurion, que se opôs à rebelião judaica contra Roma no século I da era cristã. Trata-se muito provavelmente do mesmo homem, uma vez que Nicodemos não era um nome comum. O Talmude menciona um homem chamado Nakdimon ben Gurion, que também imagina-se ser o mesmo homem (“Nicodemos” sendo a versão grega do nome). Nakdimon era originário da Galileia, o que talvez pudesse explicar sua afinidade com Jesus. É dito que ele perdeu sua fortuna no fim da vida e acabou por ser martirizado.
- ³⁷ João 7:5: “Pois nem os seus irmãos criam nele.”
- ³⁸ Para Elias, ver 1 Reis 17-18 e, para Eliseu, ver 2 Reis 5.
- ³⁹ O confronto em Nazaré é retirado de Lucas 4:30.

- ⁴⁰ Segundo a lei judaica, conforme determinado em Levítico 11:9-12, peixes que possuem escamas e barbatanas são considerados puros e adequados para o consumo. Enguias e peixes-gatos, por outro lado, são considerados impuros.
- ⁴¹ Esse método de carpintaria, que consiste em encaixar as peças de madeira por meio de ranhuras e entalhes, era também normalmente usado para fixar as duas partes do crucifixo.
- ⁴² As palavras *apóstolo* e *discípulo* são usadas para descrever os 12 membros do círculo íntimo de Jesus. Um discípulo é um seguidor, enquanto um apóstolo (derivado do grego *apostello*, “colocar à frente”) é alguém que exercita sua fé saindo pelo mundo para compartilhar esses ensinamentos. Como já foi observado muitas vezes, todos os apóstolos são discípulos, mas nem todos os discípulos são apóstolos. Os 12 seguidores de Jesus não saem sozinhos pelo mundo até o inverno do ano 28, quase um ano depois de Jesus chamá-los para serem discípulos. A transformação dos discípulos em apóstolos se tornará mais evidente após a morte de Jesus, quando eles viajarão muito além das fronteiras da Judeia para espalhar a mensagem de seu mestre.
- ⁴³ Há uma distinção fundamental entre as “estradas romanas” e as demais estradas de terra batida que se espalham pela Judeia. Os romanos calçavam suas estradas com pedras, com um sulco no meio para facilitar o escoamento da água. Eles começavam cavando uma vala de 90 centímetros de profundidade e até 6 metros de largura. Sobre um leito de pedras grandes, assentadas de forma a ficarem rentes umas às outras, era depositada uma camada de cascalho e concreto. Mais cascalho era aplicado sobre o conjunto, que então era aplainado antes de paralelepípedos serem acrescentados para compor a superfície visível da estrada. Estradas romanas contavam com valetas e meios-fios, e cada quilômetro era demarcado com clareza, indicando a distância até Roma.
- ⁴⁴ Embora o nome de Maria Madalena não seja mencionado nessa história (Lucas 7:36-50), a tradição cristã defende há tempos que se tratava dela. O mais provável é que Lucas tenha ocultado sua verdadeira identidade porque ela ainda era viva na época em que ele escreveu seu Evangelho. Ele fez o mesmo com Mateus, o coletor de impostos e evangelista a quem se refere como Levi (Lucas 5:27).
- ⁴⁵ Mulheres muitas vezes desempenhavam papéis fundamentais na sociedade judaica, de modo que não teria causado estranheza que ela seguisse Jesus e seus discípulos. As páginas da história judaica estão repletas de matriarcas heroicas, como Raquel, Sara, Lia e Rebeca. Miriã comandou junto com seus irmãos, Moisés e Arão, o êxodo do Egito. Há também, é claro, a prostituta Raabe, que ajudou a concretizar a vitória israelita sobre Jericó. As mulheres nos tempos de Jesus eram consideradas iguais aos homens, embora tivessem responsabilidades distintas na sociedade. Era-lhes permitido escolher seus maridos, firmar contratos, comprar e vender propriedades e fazer discursos durante os casamentos. Homens eram proibidos de bater em mulheres ou maltratá-las, e em caso de estupro entendia-se que o ato havia ocorrido sem o consentimento da mulher, presumindo-se que o homem era culpado. Na verdade, as mulheres eram mais bem tratadas nos tempos de Jesus do que em muitas partes do mundo moderno.
- ⁴⁶ Mateus 11:6.
- ⁴⁷ Um caniço era o emblema pessoal de Herodes Antipas durante seu reinado.
- ⁴⁸ Em algumas versões está escrito em uma “bandeja de prata”, o que desde então se tornou um clichê no mundo moderno.

- [49](#) O sábado era um dia de descanso absoluto, começando no pôr do sol de sexta-feira e continuando até três estrelas despontarem no céu ao cair da noite de sábado. Trabalhos pesados eram proibidos, assim como muitas outras atividades, numa tentativa de reproduzir o dia de descanso de Deus após a criação do Universo.
- [50](#) Em algum momento do século XII, esses acontecimentos sobrenaturais passarão a ser conhecidos como milagres.
- [51](#) Zedequias foi o último rei de Israel. As datas são imprecisas, mas seu reinado provavelmente durou de 597 a 586 a.C. Zedequias foi coroado aos 21 anos por Nabucodonosor II, o rei da Babilônia. Quando ele se recusou a continuar pagando tributos alguns anos depois, o rei enviou seu exército a Jerusalém e cercou a cidade, que acabou sendo tomada. Seu povo foi levado para a Babilônia e sujeitado a uma vida inteira de escravidão. O Templo foi destruído na época e só voltaria a ser construído depois de Ciro permitir ao povo judeu retornar à sua terra natal e reerguê-lo. As obras começaram por volta de 536 a.C. e foram concluídas em 516 a.C. O Segundo Templo foi completamente renovado no reinado de Herodes, o Grande. Zedequias, que havia ignorado o conselho do profeta Jeremias quanto a ser mais diligente em sua adoração a Deus, foi capturado enquanto tentava fugir de sua capital conquistada. Por ordens de Nabucodonosor, os jovens filhos do rei foram executados diante dos seus olhos. Essa seria a última coisa que Zedequias veria, pois ele foi imediatamente cegado (a técnica preferida para isso era pressionar os polegares contra as órbitas da vítima), acorrentado e despachado rumo à Babilônia como escravo.
- [52](#) A fonte de parte da renda de Jesus pode ser encontrada em Lucas 8:2-3, onde é especificado que muitos davam dinheiro do próprio bolso para sustentar financeiramente Jesus e seu ministério.
- [53](#) João 12:6.

- [54](#) Os três principais festivais de peregrinação judaicos eram Páscoa, Tabernáculos e Pentecostes – em hebraico, Pesach, Sukkot e Shavuot. Os judeus eram obrigados a participar dos três, mas muitos preferiam participar apenas da Páscoa, que às vezes se dava em conjunto com a Festa do Pão Ázimo. Desde a destruição do Templo em 70 d.C., já não é obrigatório que os judeus façam peregrinações até Jerusalém. Em vez disso, eles vão aos festivais que ocorrem nas sinagogas de suas respectivas regiões. Note-se que o feriado mais sagrado do calendário judaico é o Yom Kippur, o Dia do Perdão.
- [55](#) O Sukkot, como o festival é chamado em hebraico, comemora os anos de nomadismo na busca de Moisés pela Terra Prometida.
- [56](#) O autor dessa descrição é o filósofo Filo, um judeu que vive no Egito.
- [57](#) “Exuberantes” mal faz justiça às vestes usadas pelo sumo sacerdote do Templo. Caifás usa uma túnica azul decorada com franjas e borlas longas. Ele a prende firmemente em volta dos quadris com um cinturão, vestindo por cima dela um colete de cores fortes bordado em ouro, com as 12 tribos de Israel listadas sobre os ombros e um peitoral coberto de pedras preciosas que refletem a luz do sol. Em sua cabeça ele traz um turbante sobre o qual é depositada uma coroa de ouro de três níveis ostentando o nome de Deus.
- [58](#) A classe equestre estava um degrau abaixo da aristocracia senatorial na sociedade romana. Esse degrau, no entanto, era significativamente alto. Para um homem ascender de classe, ele precisava se destacar na política e no campo de batalha e também juntar uma enorme fortuna. O cargo de governador era a maneira ideal de acumular riquezas, especialmente se você tomasse para si uma porcentagem de todas as licenças de mineração, monopólios e impostos. Tudo indica que Pilatos não havia tido nenhuma experiência diplomática antes de ser destacado para a Judeia, de modo que é provável que tenha tido a ajuda de algum amigo no alto escalão para obter o cargo. Alguns acreditam que esse amigo terá sido Lúcio Élio Sejano, o malfadado administrador que supervisionava grande parte do Império Romano durante as temporadas de Tibério na ilha de Capri.
- [59](#) João 7:4.
- [60](#) Deus instruiu Moisés a construir um altar de pedras não lavradas, e portanto sagrado. “Se me fizerem um altar de pedras, não o façam com pedras lavradas, porque o uso de ferramentas o profanaria” (Êxodo 20:25). Um recinto inteiro feito de tal maneira seria um local sagrado como nenhum outro.
- [61](#) Não confundir com a cidade continental distante chamada Cesareia de Filipe.
- [62](#) Em ordem, essas profecias estão em Salmos 27:12 e 35:11; Miqueias 5:1; Isaías 50:6; Salmos 22:18; Salmos 22:16, Zacarias 12:10 e Deuteronômio 21:23; Números 9:12, Salmos 34:20 e Êxodo 12:46; e Zacarias 12:10.

[63](#) Levítico 22:4-7.

[64](#) A nomenclatura dos dias da semana reflete a fixação romana pelo céu. Em ordem, os nomes baseiam-se no Sol, na Lua, em Marte, em Mercúrio, em Júpiter, em Vênus e em Saturno.

⁶⁵ Quando Jesus ben Ananias continuou a proclamar abertamente por mais sete anos que o Templo seria destruído, um soldado romano o silenciou para sempre esmagando sua cabeça com uma pedra lançada por uma catapulta. Quatro meses depois, os romanos destruíram o Templo como punição por uma revolta judaica.

- [66](#) Não confundir com a mãe de Jesus ou com Maria Madalena. Maria e Marta eram nomes muito comuns nessa época – assim como Jesus.
- [67](#) Elas são cuidadosas ao lavar a túnica, pois esta é uma peça de roupa especial e cara. Todos os homens, mulheres e crianças usam uma túnica como roupa de baixo, junto à pele. Os fariseus e outros grupos mais abastados usam túnicas que vão até os tornozelos, enquanto os pobres só podem arcar com a versão que vai até os joelhos. Quer sejam feitas de linho ou de lã, a maioria é confeccionada a partir de retângulos de tecido, o que faz com que haja emendas em três partes diferentes. A túnica de Jesus, entretanto, foi feita em um tear vertical, o que permitiu ao tecelão criar uma bela peça cilíndrica de tecido. Assim sendo, a túnica é inteiriça, sem uma só emenda. Uma lenda medieval dirá que ela foi dada a Jesus por sua mãe, Maria. Outros afirmarão que ela foi um presente de um dos muitos patrocinadores de seu ministério. Seja como for, ela é única na Judeia, o que desperta a cobiça de ladrões e assaltantes interessados em emboscar Jesus e os discípulos.
- [68](#) A lenda de Jesus trazendo Lázaro de volta dos mortos se espalhou de tal forma que é um dos principais componentes do plano que os sacerdotes do Templo estão tramando contra Jesus.
- [69](#) Retirado de Deuteronômio 6:5, que se segue imediatamente a Deuteronômio 6:4, o Shemá, que é o pilar de todo o judaísmo.
- [70](#) Acreditava-se na época que as víboras eram geradas dentro da mãe e que, para nascer, devoravam a pele dela de dentro para fora, matando-a no processo. Chamar os fariseus de “raça de víboras” era o mesmo que chamá-los de matricidas, o que é um insulto terrível em qualquer cultura, mas especialmente em uma fé como o judaísmo, que tanto reverencia a família.

⁷¹ Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas deixam claro que Jesus celebrou o banquete da Páscoa um dia antes do habitual. Isso gerou certa especulação quanto a Jesus ter servido ou não o menu tradicional de cordeiro assado. O Papa Bento XVI buscou solucionar o debate que já durava 2 mil anos sugerindo que Jesus teria celebrado a Páscoa mais cedo usando a data do calendário solar encontrada nos Manuscritos do Mar Morto, em vez da do calendário lunar, e portanto não teria servido cordeiro para celebrá-la. Outros estudiosos argumentam que os sinópticos basearam suas datas no método da Galileia (usado por Jesus, seus discípulos e os fariseus), que utiliza como referência o nascer do sol; enquanto João baseou suas datas no método da Judeia (usado pelos saduceus), em que o início do dia é marcado pelo sol poente e não pelo nascente. Isso resolve a discrepância, uma vez que calendários diferentes apresentarão datas diferentes para o banquete da Páscoa.

⁷² Marcos 3:16-17.

⁷³ Embora nenhum dos autores dos Evangelhos tenha testemunhado as orações de Jesus, acredita-se que ele tenha dividido suas palavras e emoções com os que estavam presentes no jardim naquela noite.

⁷⁴ A cena foi testemunhada por João, que a transformou em um ponto importante do seu Evangelho.

- [75](#) Anás será morto por rebeldes judeus pobres que travarão uma luta de classe contra os sumos sacerdotes ricos. O historiador Josefo escreveu que o jovem Anás foi “massacrado no coração de Jerusalém”. Ele então afirma que esse acontecimento foi um dos principais catalisadores da eventual destruição do Templo pelos romanos.
- [76](#) Os guardas em serviço esta noite são os levitas que servem como a força policial do Templo. Sob circunstâncias normais, eles cumprem as funções de vigiar as entradas e patrulhar o perímetro do Templo noite e dia, assim como montar guarda em um dos 21 postos espalhados pelo Pátio dos Gentios. Também estão à disposição do Sinédrio, efetuando prisões e aplicando castigos, de modo que estão habituados a usar a força bruta a pedido dos chefes dos sacerdotes. Ações desse tipo são tão comuns que muitos grupos judaicos se queixam dos constantes abusos de poder por parte da aristocracia sacerdotal e seus guardas. Os Manuscritos do Mar Morto, Josefo e futuros textos rabínicos registrarão esses abusos.
- [77](#) Pedro é mencionado nominalmente em João 18:15. A passagem faz referência a “outro discípulo”, sem revelar sua identidade. Levando em conta sua descrição detalhada dos acontecimentos desta noite, a ideia de que esse discípulo era João é aceita de forma quase unânime.
- [78](#) Uma combinação de Daniel 7:13 e Salmos 110:1.
- [79](#) Mateus 27:15, Marcos 15:6, Lucas 23:17 e João 18:39.

[80](#) Pouco se sabe a respeito de Simão de Cirene, exceto o fato de ele vir da cidade de Cirene, na Líbia, e ter viajado cerca de 1.600 quilômetros para estar em Jerusalém na época da Páscoa. Marcos se refere a ele como “pai de Alexandre e de Rufo”, e o lendário missionário Paulo é posteriormente visto saudando um homem chamado Rufo (Romanos 16:13), o que sugere que talvez os filhos de Simão fossem tão conhecidos nos primórdios da comunidade cristã que os leitores reconheceriam de imediato seus nomes.

[81](#) Deuteronômio 21:23.

[82](#) O *exactor mortis* de Jesus não é nomeado nos Evangelhos, mas reza a lenda que seu nome era Longino. Ele é considerado um santo pela Igreja Católica Romana e pelas igrejas ortodoxas do Oriente, pois muitos acreditam que ele se converteu ao cristianismo após a execução de Jesus, que teria sido causa de grande remorso para o soldado. Sua lança é geralmente chamada de “Lança Sagrada” e foi cobiçada ao longo dos séculos por homens poderosos graças aos seus supostos poderes sobrenaturais. Dentre esses, o mais recente foi Adolf Hitler, que teria obtido a lança antes da Segunda Guerra Mundial, durante a Anschluss. Essas mesmas teorias sustentam que o general George S. Patton recuperou a lança no fim da guerra e a devolveu ao palácio de Hofburg, em Viena, onde ela se encontra até hoje no Tesouro Imperial Austríaco. Atualmente, outras supostas Lanças Sagradas encontram-se expostas na Armênia, na Antioquia e na Polônia.

[83](#) Números 19:11.

[84](#) Essa mesma tradição oferece desde os tempos mais remotos a opção de que os mortos sejam enterrados ou sepultados em um mausoléu. Os ricos tinham mais possibilidade de obter uma cripta para sua família. Quer estivesse em um mausoléu ou enterrado no solo, o sepulcro era considerado um local de adoração. Profanar um lugar como esse era considerado um pecado grave.

- [85](#) De acordo com o retórico romano Marco Cornélio Frontão, conforme citado por Minúcio Félix em seu diálogo *Octavius*.
- [86](#) O único outro discípulo a receber um apelido foi Simão, a quem Jesus chamava de Pedro (“Rocha”), talvez numa referência bem-humorada a sua personalidade impulsiva e explosiva. Tanto em latim quanto em grego, o substantivo feminino *petra* significa “rocha”; no masculino é *petrus*. Com o passar do tempo, no entanto, Pedro passou a fazer jus ao apelido, tornando-se firme como a pedra de que Jesus fala em Mateus 16:18, quando teria dito: “Você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.”
- [87](#) Em 18 de julho de 1870, o Vaticano promulgou uma nova doutrina que afirmava a infalibilidade papal. Em 1854, o papa Pio IX havia promulgado uma encíclica anterior afirmando que Maria era pura e livre de pecado desde o momento de sua concepção no útero. A constituição apostólica *Munificentissimus Deus* de Pio XII em 1950 decretou que os últimos momentos da sua vida não foram maculados pelo túmulo. Essa foi uma afirmação infalível, um pronunciamento “ex cathedra”, o primeiro desde que o dogma foi promulgado 80 anos antes.
- [88](#) Ela é até hoje apresentada pelas agências de turismo e vendedores de souvenirs como a rota até o local da crucificação.

- [89](#) Discurso feito na Dexter Avenue Baptist Church, Montgomery, Alabama, em 17 de novembro de 1957.
- [90](#) Convenção Anual da National Religious Broadcasters, 30 de janeiro de 1984. A palestra teve lugar no Grande Salão do hotel Sheraton, em Washington. O redator de seus discursos à época, Ben Elliott, afirmaria posteriormente que Reagan tinha o hábito de improvisar e inseria observações próprias como esta, para deixar claro que ele acreditava na divindade de Cristo.

Sumário

Créditos

Nota ao leitor

Livro I: O mundo de Jesus

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Livro II: Eis o homem

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Livro III: Desça da cruz se é Filho de Deus

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e um](#)

[Epílogo](#)

[Posfácio](#)

[Fontes](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos das ilustrações](#)

[Sobre os autores](#)

[Conheça outros títulos da Editora Sextante](#)

[Conheça os clássicos da Editora Sextante](#)

[Informações sobre a Sextante](#)